



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**  
**TESE DE DOUTORADO.**

**FERNANDA CARNEIRO CAVALCANTI**

**A ANÁLISE DA EXPRESSÃO CONVENCIONAL *CABRA* SOB A**  
**PERSPECTIVA DA TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS**  
**IDEALIZADOS**

**FORTALEZA-CE**

**2014**

FERNANDA CARNEIRO CAVALCANTI

A ANÁLISE DA EXPRESSÃO CONVENCIONAL *CABRA* SOB A  
PERSPECTIVA DA TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS.

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da Linguagem.

Orientador: Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi

FORTALEZA-CE

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

- 
- C365a Cavalcanti, Fernanda Carneiro.  
Análise da expressão convencional cabra sobra a perspectiva da teoria dos modelos cognitivos idealizados. / Fernanda Carneiro Cavalcanti. – 2014.  
243 f.; 30 cm.
- Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.  
Área de Concentração: Linguística  
Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina Pelosi
1. Língua portuguesa – Semântica. 2. Língua portuguesa – Palavras e expressões. 3. Análise linguística. 4. Semântica – Polissemia. 5. Língua portuguesa – Regionalismo. I. Título.

---

CDD 401.43

Para minha mãe Dóia e minha irmã Andréa.

## AGRADECIMENTOS

É sempre dito e nunca poderá ser negado que nada se faz sozinho, especialmente uma tese. Quatro anos de muita dedicação e ausência do mundo e do ambiente de seus afetos mais estruturais e estruturantes. Assim, os meus primeiros agradecimentos vão para minha mãe Doía, meu pai Fernando, meus irmãos Andréa e Fernando, meus cunhados Augusto e Raquel, meus queridos sobrinhos Guto e Fernando Neto e minha linda avó Maria. Por outro lado, não poderia nunca ter feito esse trabalho sem a confiança, a competência, o brilhantismo, a abertura mental, o fiel e apurado apoio de minha dileta professora e orientadora Ana Cristina Pelosi. Nesse esteio, o trabalho não teria alçado o nível desejado se não tivesse tido o acolhimento respeitoso, generoso e iluminado do professor Raymond Gibbs, da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, EUA. Ainda na conexão Santa Cruz, CA, agradeço ao meu senhorio David Meyberg que, como dessas pessoas desconhecidas, que passam a ser, por nós, consideradas quase que na condição de um ente da família ou de um amigo muito caro. Porque com sua generosidade, nós nos estruturamos em termos de tempo e espaço em uma cultura que desconhecemos. Ainda para completar o círculo Califórnia, agradeço efusivamente ao governo brasileiro, especialmente a agência de fomento CAPES por ter apoiado a minha permanência de sete meses junto à Universidade da Califórnia, Santa Cruz.

Na conexão Brasil – Ceará – Fortaleza, o *cabra* não teria ganho seus plenos aspectos de um dos primeiros representantes do povo brasileiro, especialmente nordestino, se não tivesse sido acolhida pelo Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Assim, agradeço especialmente a pronta e disponível co-orientação da professora Lívía Baptista Radis; o apoio institucional contundente da professora Eulália Leuquin e Maria Margarete de Sousa; as relevantes contribuições acadêmicas do professor Júlio Araujo e da professora Emília Maria Farias; o apoio fraterno dos colegas Carolina Aquino, Emerson dos Santos, Ana Cristina Cunha e Meire Gondim e as orientações necessárias e fundamentais dos secretários Eduardo e Antônia. Agradeço, ainda, a professora do departamento de Filosofia da UFC, Maria Aparecida de Paiva Montenegro, por servir de bússola nas relações institucionais e do primeiro voto de confiança a que nos foi dado pela professora de Linguística Aplicada da UFMG, Luciane Corrêa, bem como o fraterno apoio, em termos

de importante contribuição bibliográfica, da professora Claudiana Nogueira do departamento de Letras da Universidade Estadual do Ceará.

Agradeço, igualmente, o apoio da agência de fomento estadual FUNCAP e dos demais professores e fieis amigos da Universidade Federal do Ceará, o professor Homero Lima, do Departamento de Educação; a professora Karla Patrícia Holanda Martins, do Departamento de Psicologia; os professores Rosa Primo e Leonel Blum, do Departamento de Dança, bem como o professor Márcio Acserald, do Departamento de Comunicação da UNIFOR, por ter aberto as portas de suas salas de aula para que pudesse aplicar junto a seus respectivos alunos, os cinco questionários que compõem os *corpora* desta pesquisa.

Por fim e não menos importante, gostaria de agradecer a todas as demais pessoas amigas e desconhecidos que contribuíram direta e indiretamente para que esta pesquisa fosse realizada, especialmente, os amigos Ernesto e Priscila Gadelha, Fernanda do Val, Angeliqne Abreu, Helano Araripe, Leonardo Pinto, Rafaela Macêdo, Valdo Aderaldo, Fran Viana, Kiko Bloc-Boris, Simeão Veras, João Guilherme e minha prima Juliana Carneiro.

“Se as portas da percepção estivessem limpas, tudo apareceria para o homem tal como é: infinito”. (Aldous Huxley)

## RESUMO

A expressão convencional *cabra* é uma expressão polissêmica tanto do ponto de vista da Semântica Lexical como do ponto de vista da Semântica Cognitiva. Com efeito, tanto os dicionários gerais como todos os demais dados por nós analisados, oriundos de fontes documentais – romances regionais, cordeis, dicionário de cearês e dicionário geral – e, de dados de campo - coletados a partir da aplicação de cinco questionários junto a 153 participantes - apontaram para uma compreensão de *cabra* ora como *homem*, *sujeito*, ora como *homem de origem rural e mestiça*, *viril*, *valente*, *bom caráter* e até mesmo *violento*. Dessa forma, investigamos a polissemia da expressão convencional *cabra* à luz dos postulados da Semântica Cognitiva, especialmente, à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, formulada por Lakoff e Johnson (1980) e da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, formulada por Lakoff (1987), de acordo com os quais a polissemia pode ser abordada com base no MCI Proposicional do tipo Categoria Radial. Nessa perspectiva e a partir da análise empreendida em consonância com nosso objetivo principal em examinar as correspondências entre pensamento metafórico/conceitual, linguagem e cultura a partir da polissemia da mencionada expressão, verificamos que o MCI Proposicional HOMEM forma, por meio de mapeamentos metonímicos e metafóricos, um *agrupamento de modelos* (ou agrupamento radial) com os demais MCIs CABRA e HOMEM CABRA, estruturando, assim, a relação polissêmica entre o significado não metafórico *animal* e os significados metafóricos *homem*, *cabra da peste*, *cabra macho*, *morador de zona rural*, *mestiço* e *cangaceiro* a partir de dois esquemas. Ou seja, de acordo com o resultado de nossa pesquisa, o MCI Proposicional HOMEM estrutura a polissemia da expressão convencional *cabra* ao organizar: de um lado, os entendimentos compartilhados por parte dos falantes fortalezenses na contemporaneidade com base nos quais o significado prototípico *animal* estabelece extensões metafóricas com os significados mais representativos *homem (sujeito)*, *cabra macho* e *cabra da peste* e extensões metafóricas com os significados menos representativos *mestiço*, *morador de zona rural*, *capanga* e *cangaceiro*; de outro lado, os entendimentos compartilhados por parte dos membros da comunidade nordestina rural em dado momento com base nos quais o significado prototípico *animal* estabelece extensões metafóricas com os significados mais representativos *morador da zona rural*, *mestiço* e *cangaceiro* e extensões metafóricas com os significados menos representativos *cabra da peste*, *cabra macho* e *cabra bom*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modelo Cognitivo Idealizado, Expressão Convencional, *Cabra*, Polissemia.

## ABSTRACT

The conventional expression *cabra* (goat) is a polysemic expression both from the point of view of Lexical Semantics and from the point of view of Cognitive Semantics. This is so because as well as dictionaries and all data we analyzed originated from documentary sources - novels regional, *cordel* literature, urban dictionaries and specialized publications - and field data collected from the application of five surveys, pointed to an understanding of a *cabra* (goat) as *an ordinary man, a manly and courageous man*; as a *good character man*, and even as *violent man*. Thus, our research investigated the polysemic aspect of the conventional expression *cabra* (goat) based on the tenets of Cognitive Semantics, especially based on the Theory of Conceptual Metaphor formulated by Lakoff and Johnson (1980) and the Theory of Idealized Cognitive Models (ICM theory), formulated by Lakoff (1987), according to these postulates, polysemy can be addressed with basis on the Propositional ICM of Radial Category. In this perspective and from the analyzes undertaken with our main objective to examine the correspondences between metaphorical / conceptual thinking, language and culture of the polysemy of that expression, we found that based on metonymic and metaphorical mappings the Propositional ICM MAN forms a cluster of models (or radial cluster) with other ICMs CABRA (GOAT) and HOMEM CABRA (GOAT MAN), structuring the relationship between the non metaphorical meaning *animal* and metaphorical meanings, *cabra macho* (male goat), *cabra da peste* (plague goat), *resident of rural area*, *mestizo and cangaceiro* (bandit) from two schemes. In the others words, according to the results of our research, the Propositional ICM MAN structures a polysemy of the conventional expression *cabra* (goat) to organize: on one hand, understandings shared by the speakers from Fortaleza in contemporary society, based on which the prototypical meaning *animal* establishing metaphorical extensions to the meanings more representatives *man* (subject), *cabra macho* (male goat) and *cabra da peste* (goat plague) and metaphorical extensions to the meanings less representatives *mestizo, a resident of rural area, hired killer, cangaceiro* (bandit) ; on the other hand, understandings shared by members of the rural community in northeastern of Brazil in a given time based in which the prototypical meaning *animal* establishing metaphorical extensions to the meanings more representatives *resident of rural area, mestizo, and cangaceiro* (bandit) and metaphorical extensions to the meanings less representatives *cabra da peste* (goat plague), *cabra macho* (goat male) and *cabra bom* (good goat).

**KEY WORDS:** Idealized Cognitive Models, Conventional Expression, *Cabra* (Goat), Polysemy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Sistema Dyirbal de Classificação.....	67
Figura 2 – Significados das Sete Definições.....	157
Quadro 1 – Ocorrências Suassuna.....	160
Quadro 2 - Ocorrências Castro.....	162
Quadro 3 - Ocorrências Caboclo.....	162
Quadro 4 – Ocorrências Rêgo.....	169
Quadro 5 – Ocorrências Olímpio.....	173
Quadro 6 – Questionário Instrumento.....	176
Quadro 7 – Questionário 1.....	176
Quadro 8 – Questionário 2.....	178
Quadro 9 – Questionário 3.....	179
Quadro 10 – Questionário 4.....	181

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABNT</b>	Associação Brasileira de Normas Técnicas
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>GELP</b>	Grupo de Estudos sobre Linguagem e Pensamento
<b>GELP- COLIN</b>	Grupo de Estudos sobre Linguagem e Pensamento – Cognição e Linguística
<b>ISBN</b>	International Standard Book Number
<b>LC</b>	Linguística Cognitiva
<b>MCI</b>	Modelo Cognitivo Idealizado
<b>PIM</b>	Procedimento de Identificação de Metáforas
<b>PPGL</b>	Programa de Pós-Graduação em Linguística
<b>Q</b>	Questionário
<b>SC</b>	Semântica Cognitiva
<b>TF</b>	Teoria Fundamentada
<b>TMC</b>	Teoria da Metáfora Conceitual
<b>TMCI</b>	Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados
<b>UFC</b>	Universidade Federal do Ceará
<b>UNIFOR</b>	Universidade de Fortaleza
<b>V</b>	Variável

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>2. Correspondência entre experiência corpórea, pensamento metafórico e linguagem: Considerações Filosóficas e Teóricas.....</b>	<b>27</b>
2.1. Os Postulados da Semântica Cognitiva e suas Implicações Filosóficas.....	27
2.2. A Teoria da Metáfora Conceptual.....	42
2.3. A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados.....	54
<b>3. Correspondência entre experiência corpórea, pensamento metafórico e linguagem: A Polissemia.....</b>	<b>72</b>
3.1. A Polissemia segundo Algumas Abordagens Teóricas.....	72
3.2. A Polissemia segundo a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados.....	85
<b>4. Correspondência entre experiência corpórea, pensamento metafórico e linguagem: A Cultura.....</b>	<b>94</b>
4.1. Os Modelos Culturais.....	95
4.2. As Metáforas Universais.....	108
4.3. As Metáforas e a Variação Cultural.....	112
<b>5. Correspondência entre experiência corpórea, pensamento metafórico e linguagem: Metodologia.....</b>	<b>124</b>
5.1. Problemas e Hipóteses.....	124
5.2. O Tipo de Pesquisa.....	125
5.3. As Definições, Os Documentos Literárias, Os Questionários e Os Procedimentos de Coleta de Dados.....	132
5.4. Os Procedimentos de Análise dos Dados.....	140
<b>6. Correspondência entre experiência corpórea, pensamento metafórico e linguagem: Análise dos Dados Coletados.....</b>	<b>142</b>

6.1. A Polissemia da Expressão Convencional <i>Cabra</i> segundo os Dados Coletados.....	143
6.1.1. A Polissemia da Expressão Convencional <i>Cabra</i> segundo as Definições.....	143
6.1.2. A Polissemia da Expressão Convencional <i>Cabra</i> segundo os Documentos Literários.....	158
6.1.3.A Polissemia da Expressão Convencional <i>Cabra</i> segundo os Questionários.....	175
6.1.4. A Triangulação dos Dados Coletados.....	196
6.1.4.1. A Questão dos Significados Prototípicos e Não Prototípicos.....	196
6.1.4.2. A Questão da Relação de Motivação das Normas Culturais na Emergência do Conceito CABRA.....	199
6.1.4.3. A Estruturação dos Significados da Expressão Polissêmica Convencional <i>Cabra</i> .....	202
6.2. O Modelo Cognitivo Idealizado Proposicional HOMEM.....	203
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>209</b>
<b>Referências.....</b>	<b>214</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>219</b>

## 1. Introdução

O tema de nossa pesquisa abrange os campos da cognição, da linguagem e da cultura a partir dos postulados da Linguística Cognitiva. A linguagem, para a Linguística Cognitiva, doravante LC, é vista como uma forma pela qual os indivíduos conhecem o mundo. Ou seja, por meio da linguagem, o ser humano interpretaria e construiria conhecimentos acerca do mundo, na condição de meio físico e socioculturalmente situado, de modo que esses conhecimentos refletiriam tanto as necessidades, os interesses como as experiências culturais humanas.

Em consonância com essa visão, Fauconnier (1999) afirma que a LC advoga uma visão não autônoma da linguagem e recupera, assim, a tradição segundo a qual a tarefa da linguagem é a de construir e comunicar significados. Fauconnier (1999) afirma ainda que a linguagem seria para o linguísta cognitivo como uma janela para mente; e que para o linguísta cognitivo ver através dessa janela, seria necessário trazer e correlacionar traços profundos de nosso pensamento, de nossos processos cognitivos e de nossa comunicação social associando-os, ao mesmo tempo, com as manifestações linguísticas.

Por outro lado, de acordo com Lakoff e Johnson ([1980] 2002), autores precursores de uma abordagem cognitivista da linguagem - baseada na visão de que as metáforas são figuras de pensamento - não seria possível conceber uma mente operando, produzindo conhecimento (i.e a cognição humana) sem embasamento corpóreo, sem entornos, sejam eles de ordem físico-motora, sejam eles de ordem sócio-cultural e ambiental. Em outras palavras, para esses autores, a cognição humana é corpórea e norteadada por princípios que caracterizam o Paradigma Experiencialista ou Realismo Experiencial ou ainda em versão mais recente, o Realismo Corporal.

Segundo Rakova (2003), a essência da explanação experiencialista em Lakoff e Johnson ([1980] 2002) consiste em responder à velha questão de como a experiência se relaciona com a gênese dos conceitos e da organização da estrutura conceptual. Ou seja, ainda segundo a mesma autora, uma das noções centrais do Paradigma Experiencialista é a noção do corpóreo, de acordo com a qual o pensamento e a compreensão são caracterizados em termos tanto das configurações próprias do corpo humano (sensório-motora) como de seu funcionamento e ação no mundo.

Em assim sendo e com base na orientação de Fauconnier (1999) e nas postulações de Lakoff e Johnson ([1980] 2002) a respeito da natureza da mente humana, é plausível afirmar que para um linguísta cognitivo ver a mente operando através da janela da linguagem, faz-se necessário estabelecer correlações entre a linguagem, o pensamento, os processos cognitivos e a experiência corpórea humana tanto física como socioculturalmente situada. Além disso, de acordo com as ponderações feitas por Gibbs (2010) acerca do estado da arte dos estudos realizados no âmbito da Metáfora Conceptual, importantes avanços analíticos vêm sendo realizados por pesquisadores que procuram investigar a ancoragem corpórea do pensamento e da linguagem metafóricas, para tentar, a partir daí, inferir as contribuições das normas e conhecimentos culturais na criação e no uso da linguagem metafórica.

Com efeito, sabemos que a definição de cultura traz sempre polêmicas devido à abrangência desse campo de conhecimento. Contudo, para nossa investigação, adotamos a definição usada por Kövecses (2005), que é, por sua vez, aquela empregada em estudos desenvolvidos no âmbito da Antropologia Cognitiva por autores como D'Andrade, Quinn e Shore, qual seja: cultura é o compartilhamento de um conjunto de entendimentos por parte de membros de uma determinada comunidade.

Ainda de acordo com Kövecses (2005), essa não seria uma definição exaustiva, já que ela não contemplaria o compartilhamento de objetos reais e artefatos bem como a realização de determinadas práticas e ações por parte de membros de uma determinada comunidade. No entanto, ainda para o mesmo autor, tal definição abarcaria a ideia de que membros de uma determinada comunidade compartilham entendimentos a respeito das coisas, inclusive a respeito dos objetos, artefatos, etc. Ademais, essa definição se afina com os postulados das teorias que são basilares para discussão de nosso objeto de pesquisa, quais sejam: a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, doravante TMCI, formulada por Lakoff (1987); e a Teoria da Metáfora Conceptual, doravante TMC, cujo nível de análise é o do pensamento metafórico e dos entendimentos.

Nessa perspectiva, se, por um lado, o nosso tema de pesquisa nos situa nos campos de conhecimento a serem investigados por um linguista cognitivo, isto é, nos campos da linguagem, do pensamento e da cultura, por outro lado, o nosso

recorte temático nos instala no âmbito da Semântica Cognitiva, doravante SC, ou melhor, no âmbito do estudo dos sistemas conceptuais, do significado e das inferências humanas e, especialmente da TMCI. Isso porque o objeto de nossa pesquisa compreende uma discussão a respeito de um fenômeno de natureza semântico-conceitual, a polissemia, no caso, a polissemia da expressão convencional *cabra*.

É importante destacar que a visão de convencionalidade, com base na qual definimos a expressão *cabra*, não se refere ao conceito de convencionalidade com o qual os campos da Linguística, da Semiótica e da Filosofia da Linguagem tradicionalmente trabalham em suas análises. Ou seja, nos campos elencados, o conceito de convencionalidade se reporta à natureza arbitrária da relação entre forma e significado do signo linguístico. No entanto, a visão de convencionalidade no âmbito da TMC, tal como define Kövecses (2010), se refere ao grau de estabilização e internalização da metáfora conceptual e de suas manifestações linguísticas correspondentes.

Em outras palavras, em conformidade com o grau de convencionalidade da metáfora conceptual e das expressões linguísticas correspondentes, classificamos quanto internalizadas e estabilizadas as metáforas e suas expressões linguísticas correspondentes se encontram. Dessa forma, tal classificação abrange graus que vão desde as metáforas novas às convencionais. Assim, quanto mais o usuário se utiliza, de forma automática e sem esforço, de procedimentos conceptuais metafóricos em seus propósitos comunicacionais, mais estabilizados e internalizados se encontram esses procedimentos conceptuais metafóricos e suas manifestações linguísticas correlatas.

De acordo com Freyre (2004), a figura do *cabra* teria relação com o nascimento do que chama de *civilização da cana-de-açúcar*, particularmente aquela que floresceu no Nordeste do Brasil no século XVI. Dessa forma, consideramos que as metáforas conceptuais que licenciariam a expressão *cabra* vêm sendo utilizadas em tempo suficiente para terem sido internalizadas e, conseqüentemente, já se encontrariam devidamente estabilizadas. Ou seja, é possível inferir que os usuários circunscritos à região em questão utilizam a expressão em foco de maneira automática e sem fazer esforço. Por tais razões, tratamos *cabra* como uma expressão convencional.

Quanto à visão de polissemia com base na qual discutimos nosso objeto de investigação, ela se remete à definição de polissemia proposta por Lakoff (1987), segundo a qual: trata-se de uma relação entre conceitos disjuntos, de natureza primordialmente conceptual, sistemática e aberta. Ou seja, ainda segundo o mesmo autor, a polissemia seria explicada a partir do funcionamento do sistema conceptual humano que, por sua vez, seria discutido com base nos postulados da TMCI, especialmente com base no Modelo Proposicional de tipo Categoria radial. Em outros termos, para Geeraerts (2009), a polissemia se constituiria em uma relação entre conceitos disjuntos de natureza estruturada, sendo essa estrutura do tipo de agrupamento radial.

No que tange ao entendimento do que seria o sistema conceptual humano, Lakoff (1987) o define como tendo base corpórea, cujo funcionamento se dá de forma independente da linguagem e por meio de diversos procedimentos cognitivos de natureza fundamentalmente corpórea e imaginativa (esquemas imagéticos, conceitos de nível básico, metáforas, metonímias). Tal visão a respeito do sistema conceptual humano permitiu o aparecimento do termo pensamento conceptual ou metafórico no âmbito dos estudos da TMC e da TMCI. Ademais, assim como assinalam Lakoff e Johnson ([1980] 2002), apesar de o sistema conceptual funcionar de forma independente da linguagem, esse sistema seria responsável pela emergência das metáforas linguísticas ou metáforas verbais na linguagem por meio dos já citados procedimentos cognitivos corpóreos e imaginativos, que constituem o pensamento conceptual.

Por outro lado, Lakoff (1987) postula que os Modelos Cognitivos Idealizados, doravante MCIs, na condição de estrutura complexa de significados, são os responsáveis pela organização do conhecimento humano. Ou seja, tais construtos cognitivos seriam responsáveis pela organização do sistema conceptual humano, tendo, igualmente, base experiencial e imaginativa de maneira que não se adequariam necessariamente à realidade. Por tal razão, eles seriam considerados idealizados e o que constaria num MCI seria determinado por necessidade, valores e crenças humanos. Assim, para Feltes (2007), “os MCIs seriam utilizados para organizar diferentes domínios da experiência humana, para entender o mundo e para dele construir sentido”. (p. 127).

Nesse sentido, Lakoff (1987) pleiteia a existência de cinco tipos básicos de MCI: (i) os proposicionais; (ii) os de esquemas imagéticos; (iii) os metafóricos; (iv) os metonímicos e, (v) os simbólicos. Os MCIs simbólicos, apesar de elencados como um MCI, não ganharam ênfase na TMCI. Em relação aos demais modelos, os MCIs proposicionais e os MCIs de esquemas imagéticos seriam considerados, a rigor, responsáveis pela estruturação dos significados que emergiriam diretamente da interação entre o aparato sensorio motor humano e o meio físico e socioculturalmente situado; ao passo que os MCIs metafóricos e metonímicos seriam responsáveis pela estruturação dos significados indiretos (ou de natureza mais abstrata), ao realizarem mapeamentos entre os MCIs (ou domínios) mais experienciais e os MCIs (ou domínios) mais abstratos. Além disso, os MCIs proposicionais seriam abordados a partir de cinco diferentes tipos, dentre os quais o de Categoria Radial.

A Categoria Radial é, em linhas gerais, definida por Lakoff (1987), como uma estrutura de centro periferia que não possui apenas uma única representação. Tal estrutura seria, assim, produto de princípios gerais construídos a partir da experiência corpórea humana física e socioculturalmente situada e, portanto, não teria estrutura previsível. Ainda segundo o mesmo autor, a Categoria Radial seria o tipo de estrutura conceptual que mais se distância dos modelos postulados pelas teorias semânticas clássicas. Isso se deve ao fato de que, segundo a visão hegemônica apresentada por essas teorias, especialmente a Teoria da Mononímia, a polissemia diria respeito a uma relação entre significados com base em um conceito abstrato maior. Contudo, a natureza dessa relação não é explicitada, de modo que, muitas vezes, ela é entendida ora como uma coleção pouco criteriosa de significados organizados de forma arbitrária, ora como intratável ou como inabordável.

Diante de tal constatação, para vários especialistas no assunto, a exemplo de Feltes (2007), o MCI Proposicional do tipo Categoria Radial representaria um grande trunfo de Lakoff na defesa de uma semântica de base cognitiva. Assim, como nossa questão de pesquisa diz respeito à polissemia da expressão *cabra* a partir da correspondência entre a experiência corpórea, pensamento metafórico e linguagem, pretendemos trazer contribuições para as discussões relativas à Semântica, e mais especialmente para aquelas relativas à SC.

Desse modo, os seguintes motivos nos levaram a investigar a polissemia da expressão convencional *cabra* no âmbito da LC:

1. Por acreditarmos que a SC oferece uma teoria elegante como a TMCI para tratar do intratável fenômeno da polissemia, de acordo com Geeraerts (2009).
2. Por suspeitarmos que tal expressão aponta para um importante caso de metaforização de caráter quase universal - a de homem em termos de animal - possibilitando inferências das contribuições das normas e conhecimentos culturais na criação e no uso da expressão convencional *cabra*, como nos sugere Gibbs (2010).
3. Por julgarmos, em consonância com Geeraerts (2009), problemática a definição que encontramos em dicionários gerais, como no caso de Ferreira (2004), no qual, na entrada *cabra*, o consulente se depara com a seguinte hierarquização de sentidos: 1. Mamífero ruminante, a fêmea do bode. 2. Cábrea. 3. Pop. Mulher devassa. 4. fig Mulher de mau gênio, irritadiça, escandalosa. 5. Astr. Capricórnio. S.m 6. Bras. Mestiço de mulato e negro; 7. Capanga; 8. Cangaceiro; 9. Morador de propriedade rural; 10. Indivíduo, sujeito. 11. No jogo do bicho (q.v.), o 6º. grupo (14) que abrange as dezenas 21,22,23,24, e corresponde ao número seis; além da subentrada *Cabra da Peste, Bras. N.E*, definida como indivíduo valente, disposto ou digno de admiração por outro motivo.

Em relação ao nosso último motivo, há que se esclarecer que, a partir da definição acima reproduzida, percebemos que o tratamento lexicográfico dispensado aos significados repertoriados na entrada *cabra* não é consistente. Porque, se, por um lado, consoante os preceitos da prática lexicográfica tradicional, a definição de uma entrada teria que ser o mais geral possível; por outro lado, embora a definição em questão tenha como base os significados elencados a partir de uma escala de representatividades de 1 a 11, parecendo, com isso, adotar um modelo categorial não tradicional e mais flexível, tal perspectiva não se sustenta. Ou seja, como os significados foram organizados de forma linear, esse tipo de organização não condiziria com o pretense caráter multidimensional dos sentidos polissêmicos aí apresentados.

Diante desse fato, consideramos que a teoria semântica que norteia os trabalhos lexicográficos dos dicionários gerais brasileiros, visto que o dicionário aqui mencionado é uma das referências desse gênero no Brasil, não oferece instrumental plausível para tratar da polissemia de expressões convencionais como expressões do tipo *cabra*.

Nessa perspectiva, passamos a nos indagar se e como MCIs Proposicionais do tipo Categoria Radial estruturariam a polissemia da expressão convencional *cabra*. Ressaltamos que tal indagação teve como nascedouro, sobretudo nossas reflexões, na condição de lingüista, a respeito da relação entre linguagem, cultura e pensamento. Sempre nos intrigou porque determinadas expressões linguísticas se constroem e se instalam no âmbito de determinadas culturas. Ou seja, sempre estiveram presentes em nossas reflexões questões do tipo: O que levaria determinada comunidade a compartilhar entendimentos particulares acerca de determinado aspecto em relação aos seres, às coisas, ao mundo e às suas experiências; e de que forma tais entendimentos se relacionariam com a linguagem, especialmente com as expressões linguísticas marcadamente regionais ou culturais?

Na condição de egressa da cultura nordestina, particularmente da cultura fortalezense, o uso da expressão convencional *cabra*, especialmente quando tal expressão se refere a homem, passou a nos chamar atenção tanto por acreditarmos que se trata de uma dessas expressões resultantes das relações entre linguagem, pensamento e cultura; como, por observarmos, de maneira impressionista, o seu largo alcance e amplo uso por parte de falantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza. Ou seja, embora o senso comum avalie que o uso de tal expressão seja primordialmente feito por segmentos sociais, geralmente não letrados, circunscritos à zona rural do Nordeste, começamos a observar que jovens do perímetro urbano de Fortaleza, inclusive universitários, fazem uso de tal expressão bem como o fazem algumas autoridades políticas, conforme artigos e reportagens publicados e veiculados na grande imprensa, e artistas, a exemplo de compositores de canções do gênero forró.

Nesse sentido, avaliamos que nosso objeto de estudo insinua que, no âmbito da cultura nordestina, especialmente da cultura fortalezense, o conceito **HOMEM** se relaciona de forma importante com o conceito **CABRA**, seja com base na conceptualização da figura masculina *per se* em termos do animal cabra, seja na

conceptualização de diversos tipos de figura masculina - resistente, viril, valente, violento, rude, generoso e amigo - em termos do animal cabra. Diante dessas observações, passamos a investigar efetivamente o nosso objeto de pesquisa e, com isso, a realizar levantamentos de dados relativos à definição, ao uso e a julgamentos por parte dos usuários acerca da expressão convencional *cabra*.

Com base nos dados coletados, percebemos que a expressão convencional *cabra* é efetivamente polissêmica e que há aí uma relação entre o caráter rural atribuído ao *cabra* por Cascudo (2009), Ferreira (2004), Freyre (2004) e a função sociocultural exercida pelo animal *cabra* na cultura nordestina; e que teria havido uma expansão dessa expressão no universo urbano e sua provável consagração nos diversos setores sociais da cidade de Fortaleza. Ainda com base nos dados coletados, observamos que a relação polissêmica entre os significados da expressão convencional *cabra*, isto é, a relação entre os significados disjuntos *homem comum*, *mestiço*, *morador ou originário de zona rural*, *sujeito valente e viril (cabra macho)*, *sujeito violento (capanga e cangaceiro)*, *companheiro e amigo (cabra bom)* teria como base experiencial a metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO e metáforas animais congruentes de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL e as de nível específicos PESSOAS SÃO ANIMAIS e PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS. Ressaltamos que, consoante Kövecses (2010), as metáforas conceituais animais seriam congruentes tanto por se constituírem em metáforas de nível genérico de caráter mais universal como por se constituiriam, igualmente, em metáforas de nível específico, variando, assim, os mapeamentos de experiências positivas e negativas entre ser humano e animais em função de determinados entendimentos compartilhados por membros de determinada comunidade.

Dessa forma, constitui-se objetivo principal de nossa pesquisa: Examinar as correspondências entre pensamento metafórico/conceitual, linguagem e cultura com base na polissemia da expressão convencional *cabra* que, por sua vez, se desdobra em três objetivos secundários:

1. Analisar o tratamento polissêmico dado à expressão convencional *cabra* em definições elaboradas por equipe de dicionário geral, por autores dos dicionários de cearês e por especialistas.
2. Analisar os usos e ocorrências da expressão convencional *cabra* em documentos literários (romances regionais, cordéis e peças de teatro.)

3. Analisar de que maneira os falantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza e com base em suas experiências corpóreas, tanto física e socioculturalmente situadas, fazem emergir conceitos relativos à figura masculina, especialmente aqueles que licenciam a expressão convencional *cabra*.

Para nortear tais objetivos, levantamos a seguinte questão de pesquisa: em que medida a articulação entre expressão convencional *cabra* e o compartilhamento de entendimentos entre os membros da cultura fortalezense nos levaria a compreender quais são os procedimentos cognitivos atuantes na emergência do conceito de um HOMEM CABRA? A partir dessa questão, levantamos as demais questões secundárias: (i) O conceito HOMEM ganharia extensões metafóricas por meio dos significados da expressão convencional *cabra* associados à persistência e à resistência atribuídos ao animal *cabra*? (ii) Os processos de natureza corpórea, socioculturalmente motivados que se encontram na base das conceptualizações de membros da comunidade de Fortaleza estariam sendo ativados na construção de uma figura masculina compreendida por meio da expressão convencional *cabra* e de seus usos?

Quanto à metodologia adotada para investigação de nosso objeto de estudo, adotamos o tipo de pesquisa qualiquantitativa, com *corpora* constituídos por fontes bibliográficas de natureza diversa – dicionário geral, dicionários de cearenses, romances regionais, peças de teatro e cordel – e de cinco questionários compostos de três, treze, dezesseis, nove e dez, perguntas respectivamente, que foram aplicados junto a 153 respondentes residentes na cidade de Fortaleza. Além disso, foi realizado tratamento percentual dos dados coletados por meio da aplicação de cinco questionários, particularmente dos dados levantados por meio de 44 perguntas dentre as 51 questões constantes nos cinco questionários.

Convém lembrar que, segundo Dezin e Lincoln:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevistas; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida do indivíduo. (2006, p. 17).

Mais adiante, além de afirmarem que tal tipo de pesquisa não possui um paradigma próprio, visto que pesquisas desse tipo são multiparadigmáticas e não

pertencem a nenhuma disciplina em especial, tais autores apontam para as diferenças entre pesquisa qualitativa e quantitativa:

A palavra qualitativa implica uma ênfase sobre a qualidade das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (...) em termos de quantidade, volume e intensidade ou frequência. (2006, p. 23)

Nesse sentido, no que pese nossa pesquisa ser de tipo quali-quantitativo, adotamos, de um lado, uma abordagem primordialmente qualitativa, visto que constituímos *corpora* com base no qual enfatizamos a qualidade dos processos que compreendem a polissemia da expressão convencional *cabra* à luz da TMC e da TMCI; e, por outro lado, adotamos procedimentos de caráter quantitativo, já que foi feito tratamento percentual dos dados coletados, especialmente dos dados coletados a partir de 44 perguntas dentre as 51 perguntas constantes nos cinco questionários. Convém, ainda, destacar que ao assumirmos uma abordagem descritiva no tratamento dos dados coletados, incorporamos, de forma flexibilizada, alguns dos princípios norteadores da Teoria Fundamentada, doravante TF.

Com efeito, para a TF, a teoria deve emergir dos dados a partir da sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridade e dissimilaridades apresentadas pelos dados. Dessa forma o pesquisador deverá ir a campo sem orientação prévia, desprovido de suas hipóteses e conceitos. Todavia, conforme afirmamos anteriormente, adotamos os postulados da TF de forma flexibilizada, uma vez que dispúnhamos de questão de pesquisa e embasamento teórico quando da coleta de dados e de sua análise. Ademais, tal postura flexibilizada se encontra em consonância com as ponderações de Fragoso (2011), segundo as quais: “há análise [do objeto] antes do início da coleta de dados já que os objetivos do trabalho já são claramente delimitados antes da imersão do pesquisador” (p. 91). Fragoso (2011) ainda afirma que “não concebe o fato de o pesquisador se liberar completamente de suas pré-noções”. (p. 93).

Desse modo, com base em abordagem descritiva à luz dos postulados da TF, coletamos e analisamos os dados de nossas questões e conceitos, empreendendo sérios esforços em manter nossos olhos livres. Além de tal esforço, realizamos os demais procedimentos preconizados por essa teoria, como o de ir a campo em várias etapas de nosso estudo de modo a ir alimentando as análises previamente realizadas a partir de dados previamente coletados. Ou seja, realizamos nossa coleta de dados

com base em diferentes gêneros e em momentos distintos, a saber: em 2010, selecionamos as sete definições; em 2010/2011, realizamos o levantamento das três diferentes fontes literárias (cordel, peça de teatro e romance); e em 2010/2012/2013 elaboramos e aplicamos cinco questionários junto a 153 participantes residentes em Fortaleza.

Ademais, para o desenvolvimento de nossa pesquisa do tipo qualiquantitativa, nós nos pautamos em considerações e desafios preconizados por Gibbs (2009). Apesar de considerar valiosos os *insights* fornecidos pelas intuições de linguistas experientes, Gibbs (2009), na condição de psicolinguista experimental, pondera sobre a fragilidade de pesquisas do tipo qualitativo em LC por estarem, de um lado, baseadas em exemplos não autênticos, elaborados pelo próprio linguista; e, por outro lado, por estarem baseadas em processos precários, a exemplo dos processos de introspecção. Dessa forma, Gibbs (2009) propõe vários desafios metodológicos a nós, linguistas cognitivos, dentre os quais o de detalhar de maneira mais rigorosa os nossos procedimentos investigativos para que eles possam ser mais adequados a testes experimentais.

Na tentativa de acatar tais ponderações, decidimos constituir *corpora* com base em exemplos de uso real da expressão convencional *cabra* em diferentes gêneros textuais (i.e contextos) – questionários, romances, peças de teatro e definições de vários tipos – bem como formulamos perguntas nos cinco de questionários em torno de temas investigados por Gibbs (2009), quais sejam: (i) o exame das imagens mentais dos respondentes a respeito das expressões convencionais; (ii) a avaliação dos julgamentos por parte dos respondentes acerca do significado metafórico da expressão convencional *cabra* em diferentes gêneros textuais.

Finalmente, para o desenho de nosso tipo de pesquisa, levamos, igualmente, em consideração a orientação de Lakoff (1987) segundo a qual: “uma das coisas mais importantes que a LC tem a oferecer a outras vertentes das ciências cognitivas é a metodologia de como estudar tanto a linguística como a estrutura conceptual” (p. 379). Nessa perspectiva, desenvolvemos o nosso estudo de forma detalhada para que ele possa ser abordado por outras técnicas. Dessa forma, nossa tese estrutura-se em seis capítulos, além das considerações finais, cuja sumária descrição é a seguinte:

No presente capítulo, assim como requer o capítulo introdutório de uma tese, tecemos considerações a respeito do tema de nossa pesquisa e de sua delimitação; bem como apresentamos o nosso objeto com base em discussão acerca do nosso aporte teórico e metodológico, devidamente acompanhada da justificativa, dos objetivos e das questões que norteiam a nossa investigação.

No capítulo 2, abordamos, em um primeiro momento, os postulados da SC e suas implicações filosóficas, por se constituir no domínio no qual nossa pesquisa se inscreve; em seguida, discutimos os aportes teóricos relativos à TMC em Lakoff e Johnson ([1980] 2002) e à TMCI em Lakoff (1987), tendo em vista o caráter basilar dessas teorias para nosso objeto de investigação.

No capítulo 3, apresentamos diferentes abordagens sobre o fenômeno da polissemia, visando, com isso, justificar o enfoque adotado no tratamento de nosso objeto de investigação. As abordagens consideradas se reportam aos experimentos psicolinguísticos conduzidos por Klein e Murphy (2001); à visão não polissêmica em Rakova (2003); à discussão feita por Geeraerts (2009) a respeito da prática definitória dos dicionários e da concepção semântico-cognitiva da polissemia; e finalmente, aos postulados da TMCI.

Considerando o fato de que nossa questão de pesquisa estar voltada para compreensão de quais são os procedimentos cognitivos e culturais atuantes na emergência do conceito de um *HOMEM CABRA*, discutimos, no capítulo 4, na primeira seção, o papel dos modelos culturais na categorização humana, com particular ênfase no modelo cultural da *Grande Cadeia do Ser*, lançando mão de Kövecses (2010), Lakoff (1987), Lakoff e Turner (1989) e Ungerer e Schmid (1996); na segunda seção, tratamos acerca da questão da universalidade a partir de Kövecses (2005; 2009); e, na terceira e última seção, abordamos a variação cultural nas metáforas, com o apoio de Kövecses (2005; 2010), de Rodriguez (2009) e de Yu (2008).

A metodologia está descrita no capítulo 5 da tese. Neste capítulo, se encontram delineados, além das questões que norteiam este estudo, o tipo de pesquisa, os métodos realizados para a coleta dos dados; bem como os procedimentos conduzidos e escolhidos para análise dos dados. Além disso, por considerarmos que as questões metodológicas são motivos de grande debate e interesse no âmbito da TMC e da

TMCI, apresentamos, ainda nesse capítulo, as razões que nos levaram a adotar um tipo de pesquisa de caráter qualiquantitativa.

O capítulo 6 se concentra na discussão e análise dos dados coletados. Dessa forma, em um primeiro momento, discutimos e analisamos em separado os dados relativos aos três diferentes gêneros que constituem os nossos *corpora* para, em um segundo momento, realizarmos a triangulação desses dados, apresentando, assim, ao final, os resultados da análise empreendida em consonância com os objetivos desta pesquisa.

Por fim, as considerações finais encerram a tese revisando os objetivos, as questões de pesquisa e as conclusões obtidas a partir da análise dos dados. Espera-se com esta investigação contribuir para o desenvolvimento das questões postuladas pela SC, especialmente pela TMCI.

## CAPÍTULO 2

### **Correspondência entre Experiência Corpórea, Pensamento Metafórico e Linguagem: Considerações Filosóficas e Teóricas.**

Este capítulo se encontra organizado em três seções. Na primeira seção, abordamos os postulados da SC e suas implicações filosóficas. Porque, além de ser a SC o campo no qual nossa pesquisa se inscreve, seus postulados contrariaram e contrariam teorias e visões tradicionais e hegemônicas a respeito da relação entre homem e conhecimento e, conseqüentemente, as visões correlatas ao significado, à língua, à verdade, à mente e ao mundo. Para tanto, lançamos mão das obras de Jonhson (2008), Gibbs (2006), Lakoff e Jonhson ([1980] 2002), Lakoff (1987) e Lakoff (1988) e Feltes (2007).

Na segunda seção, discutimos a TMC, formulada em obra seminal de Lakoff e Jonhson ([1980] 2002), tendo em vista que tal aporte teórico se constitui em referência basilar para a TMCI. Ou seja, para o tratamento da polissemia da expressão convencional *cabra*, faz-se necessário que discutamos, além dos postulados da TMCI, os postulados da TMC, especialmente as Metáforas Conceptuais animais. Assim, lançamos mão de Gibbs (2008; 2008a), Gibbs (2010) e Gibbs (2011), de Grady (1997), de Kövecses (2010), de Lakoff (2008), de Lakoff e Turner (1989) e evidentemente de Lakoff e Johnson ([1980] 2002).

Na terceira e última seção, debatemos a TMCI com base em Kövecses (2010), Feltes (2007) e evidentemente Lakoff (1987). É importante assinalar que como se trata de uma teoria robusta e complexa, trabalhamos suas contribuições voltadas, sobretudo para o enfoque da polissemia. Dessa forma, como Lakoff (1987) aborda a categorização humana a partir de cinco tipos de MCIs, discutimos, na seção em questão, particularmente, o MCI proposicional do tipo Categoria Radial, já que, conforme assinalado na Introdução desta tese, Lakoff define sua visão de polissemia com base nesse modelo.

#### **2.1. Os postulados da Semântica Cognitiva Experiencialista e suas Implicações Filosóficas.**

Em sua obra *Women, Fire, and Dangerous Things*, Lakoff formula quatro questões a respeito da relação entre homem e conhecimento, tais quais: “Como é possível para alguém conhecer algo? Em que consiste a forma correta de raciocinar? O que é verdade? O que é o significado?”. (p. 162). (Tradução nossa). Um pouco antes da passagem acima mencionada Lakoff (1987) formulara as seguintes perguntas: “São os conceitos e a razão transcendentais e independentes da natureza e dos seres racionais? Seria a razão apenas manipulação mecânica de símbolos abstratos e vazios de significados, e que ganham significados por meio da correspondência convencional com as coisas no mundo? Seria a mente, o espelho da natureza?”. (p. 154). (Tradução nossa).

Com efeito, tais questões acerca da relação entre homem e conhecimento, isto é acerca das visões de mundo, verdade, razão, língua e significado, levaram Lakoff tanto a revisar certos postulados caros à linguística e à filosofia ocidental como a formular o que chamou de Paradigma Experiencialista - Realismo Experiencial, de acordo com alguns especialistas - em colaboração com Johnson, em sua obra *Metaphors We live By* (*Metáforas da Vida Cotidiana*), cuja publicação se deu antes de *Women, Fire, and Dangerous Things*. A partir dos postulados desse novo paradigma, Lakoff (1987) levanta as questões supracitadas para lançar as bases da SC, ou, para alguns especialistas, da SC Experiencialista Prototípica. Nesse sentido, no prefácio de *Metaphors We Live By* (*Metáforas da Vida Cotidiana*), Lakoff e Johnson explicam a seus leitores que a discussão a respeito do papel cognitivo da metáfora, assunto sobre o qual tal obra trata, nasceu da percepção que ambos os autores compartilhavam acerca de “as teorias do sentido dominantes até então na filosofia e na linguística ocidentais [serem] inadequadas e que o termo ‘sentido’ nessa tradição [ter] muito pouco a ver com o que as pessoas consideram *significativo* em suas vidas”. (p. 43).

Mais adiante, ainda no mesmo prefácio, ambos os autores afirmam que, em menos de uma semana de encontro para produção do que inicialmente seria um artigo, eles descobriram que “certas proposições da linguística e da filosofia contemporâneas, que têm sido aceitas como verdadeiras na tradição ocidental desde os gregos, [os] impediam até mesmo de [levantar] as questões às quais queriam responder”. (p. 44). Nessa perspectiva, os dois autores ([1980] 2002) consideraram imperativo trabalhar em duas direções: promover, de um lado, uma revisão dos postulados que chamam ser os Paradigmas Objetivista e Subjetivista, por eles estimados como essenciais à tradição

filosófica e da linguística ocidental; e, de outro lado, formular, com base na visão de uma mente corpórea, uma teoria do sentido alternativa, na qual a experiência e a compreensão humanas, e não a verdade objetiva, desempenhem um papel central no processo de conceptualização humana.

Assim, a partir da revisão dos postulados de ambos os paradigmas, os dois autores ([1980] 2002) concebem o que chamaram de um paradigma alternativo, o Paradigma Experiencialista, por meio do qual elaboraram novas visões acerca do mundo, da verdade, da razão, da língua e do significado. Com base nessas novas visões, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) desenvolveram o que viria a ser a TMC, isto é, uma teoria do sentido que contempla o que as pessoas consideram *significativo* em suas vidas. Assinalamos que antes de abordamos as novas visões concebidas por Lakoff e Johnson ([1980] 2002) a partir do Paradigma Experiencialista, apresentaremos de forma sumária os postulados dos Paradigmas Objetivista e Subjetivista.

De acordo com Lakoff e Johnson ([1980] 2002), o Paradigma Objetivista, isto é, as visões filosóficas concebidas pelo Racionalismo Cartesiano, pelo Empirismo de Hobbes e Locke, pela Filosofia Kantiana e pelo Positivismo Lógico na tradição de Frege e Husserl, define o mundo como constituído por objetos (entidades), cujas categorias se encontram estruturadas com base em um conjunto de propriedades que independem da interação com qualquer ser humano ou demais seres. Por conseguinte, segundo tal paradigma, para que o ser humano possa conhecer o mundo, ele deve descobrir, com base em suas experiências, quais são as propriedades inerentes a cada categoria das entidades no mundo bem como a relação que essas propriedades mantêm entre si.

A relação entre homem e conhecimento se daria, então, a partir da correspondência entre palavras/símbolos, de um lado, e as propriedades inerentes a cada categoria das entidades no mundo e as relações que essas propriedades mantêm entre si, de outro lado. Desse modo, o sistema conceptual humano seria abordado por meio de uma razão, de natureza transcendental, dotada de palavras, segundo os pensadores de tradição não mentalista, ou de símbolos, segundo os pensadores de tradição mentalista, formados, por sua vez, por um conjunto de propriedades suficientes e necessárias. A ativação, isto é, o processo de significação dessas palavras/símbolos se daria por meio

da correspondência com as categorias das entidades no mundo. Em suma, de acordo com tal paradigma, o mundo é abordado como realidade objetiva e inexorável e a cognição humana é definida com base na visão de que as pessoas raciocinam em termos de símbolos vazios de significados, os quais ganham significados via correspondência com as categorias das entidades no mundo.

A linguagem seria compreendida, ainda consoante o mesmo paradigma, como dotada de expressões linguísticas, cujos significados são considerados “como sendo, objetivamente, entidades reais que possuem existência independente de como são usadas por uma dada pessoa em uma dada situação”. (LAKOFF, 1987, p. 171). (Tradução Nossa). Assim, apesar de a linguagem ser considerada, segundo essa tradição, como precária e imperfeita, devido à presença de elementos retóricos e poéticos, a exemplo da metáfora, ela é igualmente considerada como meio pelo qual nós expressamos conceitos/palavras de nosso pensamento em correspondências com as categorias das entidades no mundo.

Por conseguinte, o significado linguístico é aí abordado como independente do uso que o sujeito faz dele; é tratado a partir de uma perspectiva não corpórea, como resultado de uma razão transcendental. Em outras palavras, quando tal paradigma postula a possibilidade do símbolo não ser significativo para alguém, privilegia a visão de que o processo de significação se dê a partir da correspondência entre palavras/símbolos e as categorias das entidades no mundo, o chamado *Olho de Deus*. Portanto, os significados das palavras de uma língua que interessam a esse paradigma são aqueles dotados de significado objetivo, cujos usos se encontram majoritariamente em frases de natureza declarativa, não sendo, assim, supostamente, afetados pelo que o sujeito faz ou diz.

Nessa perspectiva, para o paradigma objetivista, há uma distinção entre literalidade e figuratividade. Ou seja, os significados realizados pelo falante, isto é, os significados contingenciais e figurados, que se referem ao conhecimento enciclopédico, devem ser tratados pela Pragmática, já que têm caráter subjetivo e circunstancial; ao passo que os significados da sentença que se referem ao conhecimento definicional (dicionarizável), isto é, ao conhecimento das propriedades essenciais de cada categoria das entidades, devem ser tratados pela Semântica. Dá-se, assim, a oposição entre uma

linguagem literal de cunho, declarativo, preciso, fixo e independente dos usuários da língua e a linguagem figurada, de cunho retórico e pouco claro e de natureza subjetiva e circunstancial. Tal oposição instala outra oposição, a oposição entre Pragmática e Semântica, já que essa última trata dos significados de sentença e suas condições de verdade; ao passo que a primeira, por não se interessar, supostamente, pela realidade objetiva, trata dos significados do falante e da comunicação humana.

Com base nessa oposição, os campos referidos gozam de prestígios filosóficos distintos. Ou seja, a Semântica - no caso, a Semântica das Condições de Verdade ou a Semântica Formal ou ainda, como chama Lakoff (1987), a Semântica Objetivista - é considerada filosoficamente relevante, tendo em vista que trata de questões de ontologia e de verdade; enquanto que a Pragmática ocupa posição secundária por se voltar para questões simples relativas à psicologia humana. Nessa perspectiva, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) apontam para o posicionamento assumido por Montague ao defender que as teorias do sentido e da verdade sejam empreendimentos puramente matemáticos, objetivando, assim, para o desenvolvimento de seu projeto semântico, manter uma interpretação arbitrária sem nenhuma interferência humana, de ordem psíquica ou de ordem cognitiva.

Desse modo, segundo os postulados do Paradigma Objetivista, duas atitudes em relação à compreensão e à categorização do conhecimento acerca do mundo devem ser evitadas: a primeira diz respeito a não adoção de comportamentos subjetivos em relação ao conhecimento adquirido, visto que tais comportamentos promovem a perda de contato com a realidade, exagerando a importância do indivíduo e aumentando consideravelmente a probabilidade de produção de julgamentos injustos, inadequados e preconceituosos a respeito da verdade do mundo; a última se refere a não buscar os significados das entidades no mundo por meio da metáfora e de outros tipos de linguagem figurada, poética e imaginativa, já que os significados que tais formas veiculam são ambíguos, estabelecendo, assim, uma relação com a realidade objetiva de forma pouco clara e precisa.

Apesar de Lakoff e Johnson ([1980] 2002) estimarem que desde a antiguidade grega já existisse, na cultura ocidental, uma tensão entre, de um lado, a verdade e, de outro, a arte, tão bem representada na visão platônica em *Alegoria da Caverna* e na

visão aristotélica da metáfora em *Poética*, respectivamente, tais autores consideram que o Paradigma Subjetivista, especialmente as tradições filosóficas da Fenomenologia e do Existencialismo, se tenha estruturado a partir de um tipo de oposição ao Paradigma Objetivista. Ou seja, haveria uma espécie de relação entre os dois paradigmas que:

Cada um se define por oposição ao outro e vê o outro como inimigo. O Objetivismo tem por aliadas a verdade científica, a racionalidade, a precisão, a justiça e a imparcialidade. O Subjetivismo tem por aliados as emoções, o conhecimento intuitivo, a imaginação, os sentimentos humanos, a arte, bem como uma verdade mais 'alta'. (LAKOFF; JOHNSON [1980], 2002, p. 298).

Nessa perspectiva, o Paradigma Subjetivista se constituiu como reação à crescente e hegemônica influência do Paradigma Objetivista, sobretudo com o advento da Revolução Industrial e o forte desenvolvimento tecnológico que se sucedeu. Ao contrariar a visão de que a relação entre homem e conhecimento seja pautada por condições de verdade e protegida dos efeitos das emoções humanas, de seus aspectos corpóreos e de suas cores culturais, tal paradigma defende que a relação entre homem e conhecimento tenha como base os ideais românticos.

Dessa forma, para o Paradigma Subjetivista, o conjunto de conhecimentos mais significativos e constitutivos dos seres humanos se pauta, de um lado, nas intuições que advêm das interações dos indivíduos com sua biografia, sua cultura e o mundo; e por outro lado, na sensibilidade estética, nas práticas morais e na consciência espiritual, visto que tais construtos sociais são conhecimentos que ultrapassam a desumanizada lógica racionalista e nos afirmam como humanos. Em outras palavras, o que conta no processo de produção de conhecimentos e conceitos, para o Paradigma Subjetivista, são as experiências individuais que se realizam por meio da imaginação e se utilizam da linguagem figurada, especialmente da metáfora, na condição de recurso retórico.

Quanto ao Paradigma Experiencialista, salientamos que Lakoff e Johnson ([1980] 2002) não adotam uma posição de rompimento radical em relação aos postulados dos demais paradigmas. No entanto, não aceitam como plausível uma teoria do sentido cujas bases se assentem no realismo objetivista que postula a verdade como absoluta; tampouco no relativismo radical segundo o qual a experiência humana não se apresenta de forma estruturada, não sofrendo, assim, nenhum tipo de restrição sobre o sentido e a verdade.

Na verdade, eles declaram que objetivam com a formulação do Paradigma Experiencialista propor um paradigma alternativo e de caráter híbrido. Assim, com base em tal paradigma, os autores concebem uma teoria do sentido baseada em uma razão imaginativa, isto é, baseada no chamado pensamento metafórico/conceptual. Em outras palavras, o que está em jogo, para esse paradigma é um pensamento que por ser pensamento abrange processos racionais como a categorização, a implicação e a inferência; e por ser pensamento metafórico/conceptual, isto é, constituído por procedimentos cognitivos que mapeiam domínios conceptuais de base corpórea para domínios conceptuais abstratos, como a metáfora e metonímia, sua natureza é imaginativa.

Assim sendo, de acordo com o paradigma Experiencialista, a oposição entre razão e imaginação não se sustenta, nem a oposição entre corpo e mente, tampouco entre linguagem figurada e linguagem literal. Ou seja, tal paradigma propõe uma terceira perspectiva de compreensão a partir da qual os conceitos abstratos relativos às emoções, às ideias, ao tempo, entre outros, cujos delineamentos não são claros, sejam compreendidos e conceptualizados por meio de outros conceitos de base corpórea que nós, seres humanos, entendemos de forma concreta (as orientações espaciais, as entidades e os objetos no mundo, as sensações e percepções corpóreas, etc). Esses conceitos emergiriam, na língua, por meio da linguagem figurada, que, por sua vez, possibilitaria e viabilizaria nossos diversos propósitos comunicacionais. Dessa forma, a linguagem figurada, assim como a linguagem literal, ao se constituir em instanciações do sistema conceptual humano, asseguraria e participaria dos diversos propósitos linguageiros e comunicacionais humanos.

Lakoff e Johnson ([1980] 2002) avaliam ainda que tanto os paradigmas Objetivista como Subjetivista possuem como principal escopo, a preocupação com a compreensão, isto é, com o processo de conceptualização. Eles estimam que, muito embora o Paradigma Objetivista reflita a necessidade humana de compreender o mundo exterior a partir de uma razão transcendental, garantido ao ser humano agir de forma eficiente sobre o mundo, e o Paradigma Subjetivista privilegie os processos de compreensão essencialmente subjetivos a fim de reafirmar certa visão da condição humana a despeito da natureza, ambos os paradigmas compartilhariam uma mesma perspectiva, qual seja: o homem em separado do mundo. Em outras palavras, para

ambos os paradigmas, ora esse homem é abordado em separado segundo uma perspectiva de domínio de seu meio a partir da ideia de uma mente não corpórea; ora esse homem é abordado em separado segundo uma perspectiva de que o meio não existe ou é impossível de ser acessado pelo homem, não se constituindo, assim, relevante para o seu processo de compreensão individualizada e pessoal.

Contudo, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) ponderam que o Paradigma Objetivista é o paradigma mais influente e mais dominante na cultura ocidental, visto que ele vem influenciando os pensadores ocidentais desde a época dos pré-socráticos. Declaram ainda que o paradigma em questão floresceu tanto na tradição racionalista quanto na empirista. A diferença entre as duas tradições estariam na explicação de como o ser humano chegaria a tal verdade absoluta. Assim, para os racionalistas, o caminho é através de uma razão transcendental e de uma mente não corpórea e para os empiristas, o caminho se dá através das percepções sensoriais.

Com efeito, o Paradigma Experiencialista não compartilha da perspectiva de separação entre homem e mundo e talvez seja aí que, de fato, se dê o rompimento de forma clara com ambos os paradigmas. Ou seja, de acordo com o Paradigma Experiencialista, se, por um lado, há efetivamente um mundo diferente do homem, por outro lado, o homem é entendido como parte desse mundo. Nesse sentido, ao ter a compreensão, igualmente, como escopo, o Paradigma Experiencialista a define, no entanto, como o resultado que emerge das experiências estruturadas que, por sua vez, resultam da interação entre nossas configurações corpóreas finitas, o ambiente físico e o ambiente sociocultural. Desse modo, tal estrutura experiencial levaria à formação de categorias como as chamadas *gestalts* experienciais, de natureza flexível, sendo, assim, aberta à criação de novos sentidos. Ou seja, as *gestalts* experienciais se assemelhariam à ideia de ritual, consoante a tradição antropológica de Malinowski, Levi-Strauss, Geertz, para a qual cada ritual é um aspecto repetido, coerentemente estruturado e unificado de nossa experiência.

Na verdade, Lakoff (1988) esclarece que a cognição experiencialista toma o termo experiencial em sentido amplo, abrangendo experiências tanto sensório-motoras, emocionais, sociais como as capacidades inatas que dão forma a tais experiências e as tornam possíveis. O autor assinala, assim, que o termo experiencial não deve ser

compreendido na perspectiva empirista, visto que o termo é adotado a partir de uma visão de cognição como ação e a experiência como estruturadora e limitadora do pensamento metafórico/ conceptual.

Quanto à noção de verdade, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) afirmam acreditar que haja verdades, contrariando, dessa maneira, a visão de verdade preconizada pelo Paradigma Objetivista, para o qual a verdade é absoluta; é correspondência com as entidades no mundo; é condições de satisfação em um modelo. Para ambos os autores, as verdades existem a partir de um dado sistema conceptual de natureza experiencial e socioculturalmente situado. Assim, os conceitos ai estruturados não seriam de caráter fixo, tampouco uniforme. Ao contrário, os conceitos seriam constituídos por propriedades interacionais, de efeito prototípico, que se modificam, ou se iluminam, de acordo com as necessidades, valores e crenças humanos. Desse modo, uma afirmação é verdadeira se os conceitos utilizados apresentam as propriedades interacionais adequadas, variando, assim, em função dos objetivos, contextos e necessidades.

Lakoff e Johnson ([1980] 2002) exemplificam tal perspectiva de verdade a partir da compreensão do que seria uma *arma falsa*. Segundo o Paradigma Objetivista, como o conceito ARMA FALSA não apresenta as mesmas propriedades inerentes, necessárias e suficientes do conceito ARMA, tal conceito não poderia ser compreendido como ARMA. Contudo, ambos os autores ponderam que, ao se dizer que o conceito ARMA FALSA não poderia ser compreendido a partir do conceito ARMA pela ausência do conjunto de propriedades inerente ao conceito em questão, tal abordagem não resolveria, no entanto, as implicações que resultariam desse tipo de compreensão, qual seja: o conceito ARMA FALSA não poderia, tampouco, ser compreendido por meio de conceitos como os de girafa ou de vasilha de macarrão com broto de bambu.

Assim sendo, para ambos os autores, a compreensão do conceito ARMA FALSA seria realizada com base em suas propriedades interacionais. Ou seja, tanto o conceito ARMA FALSA como ARMA compartilham de algumas propriedades interacionais, tais como percepção, motora e intenção. Contudo, ambos os conceitos se distinguem a partir da propriedade interacional funcional, tendo em vista que com a arma falsa não é possível efetivamente machucar ou matar alguém, ao contrário da arma, com a qual é possível tanto machucar como matar alguém. Em outras palavras, para o Paradigma

Experencialista, o conceito ARMA FALSA e ARMA integrariam uma categoria aberta e não fixa, cuja estrutura é assimétrica e prototípica e seu funcionamento seria pautado pela ideia de adequação aos propósitos, necessidades e valores comunicacionais e socioculturais humanos, ao invés de ser pautado pela ideia de funcionamento a partir das condições de verdade ou falso em relação a um referente no mundo ou a um modelo.

Dessa forma, em situações, a exemplo de peça de teatro, filmes, publicidades, etc., cujo conceito adequado de ARMA é aquele que não apresenta a propriedade funcional de machucar ou matar efetivamente alguém, o conceito de ARMA FALSA é entendido adequadamente como ARMA. Por outro lado, em situações cujo propósito seja efetivamente o de matar e machucar alguém, o conceito ARMA FALSA não seria entendido como o conceito ARMA por não apresentar a propriedade interacional funcional adequada. Em suma, o paradigma Experencialista opera com a visão de conceptualização com base na emergência de experiências estruturadas a partir da interação entre a natureza dos corpos humanos e dos ambientes físico e sociocultural, cujo funcionamento seria pautado por necessidades, interesses e valores. Nessa perspectiva, tal paradigma se filia à corrente no âmbito das Ciências Cognitivas que defende a cognição a partir da visão de uma Mente Corpórea.

Nesse sentido, Lakoff e Johnson (1999) afirmam que existem três níveis de corporalidade, quais sejam: (i) Corporalidade Neural, que, apesar de não ser o nível capaz de fornecer informações suficientes para explicar a base corpórea da linguagem e da cognição, participa na formulação de estruturas cognitivas (conceitos e atividades); (ii) Inconsciente Cognitivo, nível no qual são formuladas todas as operações mentais que estruturam e fazem possíveis as experiências conscientes, tais como as operações sensorio-motoras relativas às estruturas pré-conceptuais (os conceitos de nível básico e os esquemas imagéticos); (iii) Consciente Fenomenológico, nível relativo às operações conscientes, particularmente o nível no qual se encontram as emoções. Segundo os autores, os três níveis se interrelacionam de maneira a atuar em conjunto e não de forma independente.

Em consonância com essa visão, Gibbs (2006) define cognição como aquilo que ocorre quando o corpo engaja-se no mundo físico e cultural e postula que a cognição

deva ser estudada em termos das interações dinâmicas entre pessoas e o ambiente. Gibbs (2006) afirma, assim, que a mente é o próprio corpo. Porque não poderíamos pensar sem os nossos corpos, visto que pensar é agir no mundo físico e socioculturalmente situado. A partir dessa perspectiva, Gibbs (2006) desenvolve vários experimentos cujos resultados o levam a afirmar que as regularidades nas experiências táteis e cinestésicas das pessoas desde que são bebês não somente constituem o centro de suas próprias concepções como pessoa, mas também formam a base para um ordem maior da cognição.

Nesse sentido, o autor em questão pondera que tais regularidades táteis e cinestésicas seriam responsáveis pelo desenvolvimento de um sentido corporal, a partir do qual resultam alguns procedimentos cognitivos, tais como: o esquema corporal e a imagem corporal. Desse modo, os cinco sentidos humanos não seriam abordados apenas a partir de sua função básica. O tato pode, por exemplo, substituir a visão no exercício da visão tátil e os gestos, no proferir da palavra articulada.

Quanto à influência da mente corpórea, na conceptualização de expressões linguísticas, Gibbs (2006) cita exemplos de expressões idiomáticas como *meter o nariz onde não se é chamado*, *ser olheiro* [de uma empresa], *ser* [um jogador] *perna de pau*, *perder a cabeça*, *estar para baixo*, *não ter fôlego para determinada situação*, *ter uma pulga atrás da orelha*. Ou seja, nessas expressões, há evidências de processos de mapeamentos metafóricos cujo domínio fonte seria o corpo humano.

Por fim, Gibbs (2006) faz referência aos postulados da teoria da contingência sensório-motora, de sorte a corroborar com a ideia de que a experiência é algo realizado pelas pessoas e não algo que apenas lhes acontece. Contingências sensório-motoras são um conjunto de regras de interdependência entre estímulo e movimento. Assim, a atividade visual se constitui de tudo o que se faz quando se vê algo, inclusive das funções do objeto e das possibilidades de interação com o mesmo, a exemplo de quando vemos uma cadeira, categorizarmos não apenas suas características físicas bem como sua função de servir para sentar. Nesse sentido, a nossa experiência corpórea tem caráter volitivo, ao se dá em função de nossas necessidades e objetivos.

Contudo, uma abordagem com base na visão de uma cognição corporificada contraria a ideia de cognição não corpórea que tem, por sua vez, fortemente influenciado as Ciências Cognitivas. Lakoff (1987) salienta, no entanto, que a visão de

cognição não corpórea abrange a participação do corpo, sobretudo do aparato perceptual humano; porém, não considera que tal participação afete o processo de conceptualização aí defendido. A influência de tal visão remonta à importância que certos autores, como o filósofo René Descartes (1596-1650), gozam no âmbito das ciências. Descartes se considerava, por exemplo, como:

uma substância cuja inteira natureza ou essência é pensar e para cuja existência não precisa de qualquer lugar ou depende de qualquer coisa material. (Descartes, Discourse, Part IV, *apud* MACEDO, 2008, p. 10).

Em outras palavras, em conformidade com tal visão, o comportamento inteligente, incluindo a habilidade de perceber, pensar e usar línguas, origina-se de uma razão transcendental que busca realizar correspondência com as coisas no mundo, que satisfaçam as condições de um modelo. Os sistemas cognitivos são, portanto, aí definidos em termos de estados funcionais (i.e. seus processos lógicos e computacionais), sem preocupação de como tais estados são fisicamente realizados.

É importante salientar que alguns autores, para além daqueles que se filiam à LC de Visada Metafórica, discutiram ou discutem a cognição humana a partir de sua relação com o corpo, a saber: Piaget a quem Lakoff e Johnson ([1980] 2002) fazem referência, Merleau-Ponty a quem Gibbs (2006) se reporta como um autor que atribuiu importância ao corpo por considerar que o corpo precede ao pensamento e ao mundo representado. Ademais, autores como Varela, Thompson e Rosch (1991) defendem a cognição a partir de uma visão atuacionista, a qual Lakoff se filia ao defender que a mente é corpórea. Segundo essa visão, a cognição é “ação efetiva: história do acoplamento de estruturas que atuam (fazem emergir) um mundo”, (VARELA, 1998, p. 109). Macedo (2008) nos explica que “sob essa ótica, não se considera o ser como estando no ambiente, antes a pessoa e o ambiente são vistos como partes de um todo mutuamente construído”. (p. 23).

Quanto às implicações filosóficas em se adotar uma teoria do sentido, e, em última instância, em se adotar uma semântica norteada pelos postulados do Paradigma Experiencialista, na abertura da segunda parte de sua obra *Women, Fire, and Dangerous Things*, reservada, inclusive, à discussão sobre as implicações filosóficas em abraçar uma teoria do sentido a partir dos postulados do Paradigma Objetivista, Lakoff declara:

A filosofia importa. Importa mais do que as pessoas percebem. Pois, ideias filosóficas, que foram desenvolvidas há mais de centenas de séculos, entram em nossa cultura na condição de visão de mundo, afetando-nos de milhares de maneira. A filosofia importa no mundo acadêmico. Pois, sobre os marcos filosóficos se assentam todos os campos de investigação acadêmica, cujas raízes são tão profundas que se tornaram comumente invisíveis. (1987, p. 157) (Tradução Nossa).

Mais adiante Lakoff completa:

Um de meus propósitos é mostrar que a Teoria Clássica de Categorias é inadequada para o estudo da linguagem natural tanto quanto para o estudo de outros aspectos da mente, de sorte que novas presunções filosóficas são requisitadas para dá sentido ao fenômeno linguístico e outros aspectos da cognição. (...) Se a Teoria Clássica das Categorias falhar, todas as visões filosóficas aí implicadas falharão junto com ela. (1987, p. 157).

Por outro lado, Johnson, em seu artigo acerca da dívida da Filosofia para com a Metáfora, se posiciona de forma mais contundente do que Lakoff (1987), ao declarar já no primeiro parágrafo que:

A dívida da Filosofia para com a Metáfora é profunda e incomensurável. Sem a Metáfora, não haveria Filosofia. Contudo, não apenas a Filosofia possui uma grande dívida para com a Metáfora, como qualquer campo ou disciplina significativamente intelectual e humana a tem. Filósofos usam, certamente, os mesmos recursos intelectuais que qualquer ser humano usa e o potencial do qual qualquer filósofo dispõe para dar sentido à sua vida pessoal depende diretamente do fato de que somos, todos, animais metafóricos. (2008, p. 39) (Tradução Nossa).

Ao final do artigo, após ter traçado um apanhado crítico a respeito da dívida da Filosofia para com a Metáfora, Johnson conclui que:

Tenho argumentado que a única e grande razão pela qual a mais tradicional e contemporânea filosofia não se mostra capaz de reconhecer a Teoria da Metáfora Conceptual se dá em função da incapacidade dos filósofos em reconhecer a profundidade sistemática da Metáfora Conceptual. Eles não podem reconhecer tal fenômeno porque isso demandaria uma substancial revisão de algumas de seus pressupostos filosóficos. Demandaria ainda que eles abandonassem algumas de suas concepções metafóricas enraizadas. Ou seja, se se reconhece a Metáfora Conceptual, se desiste do literalismo. Se se desiste do literalismo, se abandona as teorias objetivistas acerca do conhecimento. Se se rejeita a metafísica objetivista, abandona-se a correspondência clássica da teoria da verdade. Eventualmente, se teria que repensar em que consiste o conceito mais básico de cognição. (2008, p. 51) (Tradução Nossa).

Dessa forma, Lakoff e Johnson ([1980], 2002), ao conceberem uma relação entre homem e conhecimento com base no Paradigma Experiencialista, promoveram uma revisão importante das visões acerca do significado, da língua, da verdade, da mente e do mundo postuladas por paradigmas caros à tradição filosófica ocidental, especialmente o Paradigma Objetivista. Com isso, ofereceram um novo ponto de vista

acerca do processo de significação, da verdade e da razão humana, além de formularem uma teoria do sentido com base no que as pessoas consideram *significativo*. Em outras palavras, para formulação de tal teoria, além de ambos os autores terem apoiado suas inferências em um conjunto relevante de expressões linguísticas usadas por usuários comuns para realização de suas atividades da vida cotidiana, apresentaram uma abordagem na qual não se faz necessário estabelecer uma clara separação entre os diversos conhecimentos humanos, seja os de natureza enciclopédica ou definicional, seja os de natureza literal ou figurada.

Por outro lado, ao requisitar novas presunções filosóficas baseando-se nos postulados do Paradigma Experiencialista a respeito do mundo, da razão, da língua, da verdade e do significado, Lakoff (1987) afirma que “uma filosofia do Realismo Experiencial [Paradigma Experiencialista] requer uma Semântica Cognitiva” (1987, p. 269). (Tradução Nossa). Para tanto, ainda segundo o autor em questão, seria necessário estabelecer uma discussão acerca de três questões gerais: “(i) como os conceitos se tornam significativos; (ii) qual o papel de uma Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados; (iii) quais são as visões filosóficas acerca de significado, compreensão, verdade, razão, conhecimento e objetividade” (1987, p. 269). (Tradução Nossa). Para Feltes (2007), com tal afirmação, Lakoff (1987) instala a TMCI como o núcleo da SC Experiencialista Prototípica.

Assim sendo, segundo os postulados da TMCI, os MCI, por serem os responsáveis pela organização de nosso conhecimento, isto é, pelo processo de categorização ou ainda pela maneira como os conceitos se tornam significativos, estruturam categorias prototípica que apresentam as seguintes características: (i) diferentes pesos estruturais em função do centro da categoria manter sua coesão semântica a partir da saliência psicológica, da frequência em relação ao uso e da vantagem interpretativa; (ii) a delimitação difusa entre os diversos elementos que compõem a estrutura categorial (iii) a natureza multidimensional e experiencial da estrutura categorial.

Dessa maneira, ao discutir acerca da categorização à luz da TMCI, Lakoff (1987) se vale de duas importantes visões: (i) a visão da estrutura categorial de Wittgenstein ([1953] 1987) segundo a qual membros de uma categoria se encontram relacionados com base em propriedades de semelhança de família; e a visão de Rosch (1975) de

acordo com a qual uma categoria apresenta centralidade e gradação entre seus membros a partir da ideia de protótipos. Ao resenhar Wittgenstein, Lakoff (1987) afirma que a primeira grande ruptura com a Teoria Clássica das Categorias é comumente atribuída a Wittgenstein. Isso porque tal filósofo contraria a visão dessa teoria ao demonstrar por meio da categoria *jogo*, - que remete tanto a atividades lúdicas como competitivas, que são realizadas de forma coletiva, ou de forma individual ou ainda solitária - que as categorias não possuem fronteiras claramente delimitadas, dispendo, assim, de centralidade e gradação entre seus membros. Por conseguinte, os membros de uma categoria não compartilhariam integralmente o mesmo conjunto de propriedades suficientes e necessárias. De acordo com Wittgenstein ([1953] 1987):

Em vez de especificar o que é comum a tudo aquilo a que chamamos linguagem, eu afirmo que todos estes fenômenos pela linguagem nomeados nada têm em comum, ainda que seja referido por uma mesma palavra – mas antes, que todos eles são aparentados entre si e de muitas maneiras diferentes (p. 227).

Por outro lado, ao contrariar a visão da teoria clássica segundo a qual as propriedades compartilhadas pelos membros de uma categoria possuem o mesmo *status* por serem simétricas, Rosch (1975), baseada na visão de Wittgenstein a respeito da estrutura categorial, postula, a partir de uma série de experimentos inspirados nos experimentos desenhados por Berlin e Kay que: as categorias possuem centralidade (membros na condição de melhores exemplos) e gradação entre membros mais ou menos representativos. Ou seja, tal autora parte da ideia de que as categorias são organizadas a partir de pontos de referência cognitivos – protótipos – com relação aos quais os demais membros podem ser julgados como sendo mais ou menos representativos da categoria. Dessa maneira, a autora considera que os protótipos teriam importante papel no raciocínio, sendo esses, principalmente, a base para inferências.

Nessa perspectiva, Geeraerts (2009) avalia que as estruturas categoriais, contempladas pela SC, são estruturalmente dotadas de quatro características, a saber: (i) não podem ser definidas por meio de um conjunto de atributos necessários e suficientes; (ii) exibem uma estrutura de semelhanças de família; (iii) exibem graus de representatividades entre os seus membros; (iv) e suas fronteiras não são sempre determinadas.

Para concluir, Lakoff (1987), ao conceber a SC, e para alguns especialistas, a SC Experiencialista Prototípica, defende que a questão do significado seja abordada como inerente ao processo de categorização humana, que, por sua vez, é abordado a partir da visão de uma mente corpórea. Em outras palavras, a SC considera a questão do significado a partir da idéia de que o ser humano é dotado da capacidade de categorizar o mundo e de que o processo de categorização humana se dá por meio de cinco tipos de MCIs de natureza tanto corpórea como socioculturalmente situada, que estruturam, por sua vez, categorias naturais prototípicas.

Em assim sendo, discutiremos à luz da TMCI, especialmente do MCI Proposicional do tipo Categoria Radial, se determinada experiência corpórea de membros da cultura nordestina, particularmente de falantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza, motivaria a polissemia da expressão convencional *cabra*. Dessa forma, pretendemos contribuir com os estudos a respeito das correspondências entre pensamento conceptual, estrutura linguística e cultura, afirmando, com isso, que além de sermos animais metafóricos, licenciamos expressões linguísticas que nos definem como tal.

## **2.2. Teoria da Metáfora Conceptual**

Dentre os vários trabalhos que passaram a abordar a metáfora como um dispositivo cognitivo fundamental a partir da década de 70, a pesquisa feita por Reddy, em 1979, exerceu influencia direta sobre o que Lakoff e Johnson ([1980] 2002) postularam ser a TMC.

Com efeito, ao partir da ideia de que uma sociedade com melhores comunicadores poderia ter menos conflito, Reddy (1979) desenvolveu uma pesquisa baseada em duas perguntas com as quais indagava os falantes de língua inglesa a respeito dos problemas da comunicação, a saber: (i) Que tipo de histórias as pessoas contam sobre seus atos de comunicação? (ii) Quando esses atos perdem o rumo, como é que as pessoas descrevem o que está errado e o que precisa de conserto? Com base nas respostas dadas às essas duas perguntas, Reddy (1979) formulou quatro categorias de análise em torno do que chamou de *Metáfora do Canal*, quais sejam:

1. A linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra;
2. Na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras;
3. As palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas;
4. Ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e sentimentos novamente.

Assim sendo, de acordo com enunciados linguísticos produzidos por usuários da língua inglesa, que versavam acerca de problemas de comunicação, Reddy (1979) postulou a existência de um dispositivo semântico, *Metáfora do Canal*, que seria responsável pela forma cristalizada e nociva de pensar a comunicação como uma atividade automática, transparente e de mão única. Reddy (1979) conclui, portanto, que a *Metáfora do Canal* seria, na verdade, uma manifestação de uma estrutura semântica real e poderosa, com capacidade para influenciar os pensamentos e ações dos falantes dessa tradição linguística.

Tal pesquisa, especialmente sua metodologia com base em inferências a partir de dados linguísticos provenientes da linguagem usada cotidianamente por usuários de língua inglesa, teve impacto direto na produção da obra de Lakoff e Johnson ([1980] 2002) que envolveu a formulação das bases de uma teoria de sentido que tem a ver com que as pessoas consideram *significativo*. Ou seja, ao reunirem um conjunto relevante de expressões linguísticas usadas na vida quotidiana, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) inferiram que boa parte da linguagem cotidiana é de natureza figurada; e que a linguagem figurada é, primordialmente, governada por um imenso sistema de Metáforas Conceptuais, isto é, por mapeamentos sistemáticos e parciais (ou correspondências) entre, fundamentalmente, dois domínios conceptuais: o domínio fonte, de caráter experiencial e o domínio alvo, de caráter mais abstrato.

Em outras palavras, baseado em exemplos de expressões linguísticas de nossa linguagem cotidiana, tais como: (i) *Esse é o alicerce de sua teoria; O argumento é frágil*; (ii) *Tudo o que esse artigo traz são fatos crus, ideias malpassadas e teorias*

*requentadas, Simplesmente não consigo engolir essa afirmação*; (iii) *Ele foi um grande vencedor, Você está blefando*, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) inferiram que tais expressões seriam licenciadas respectivamente por Metáforas Conceptuais como (i) TEORIAS (E ARGUMENTOS) SÃO CONSTRUÇÃO; como (ii) IDEIAS SÃO ALIMENTO; e como (iii) VIDA É JOGO DE AZAR, isto é, pelo respectivo mapeamento parcial entre domínio fonte de caráter experiencial como CONSTRUÇÃO, ALIMENTO e JOGO DE AZAR e o domínio alvo, de caráter mais abstrato como TEORIA (ARGUMENTO), IDEIAS, VIDA.

Salientamos, ainda, que Lakoff e Johnson ([1980] 2002) postularam que os mapeamentos sistemáticos entre os domínios conceptuais, fonte e alvo, se dão de forma parcial. Ou seja, quando um domínio fonte é aplicado a um domínio alvo, apenas alguns (mas, não todos) os aspectos do domínio fonte são postos em destaque. Assim, as Metáforas Conceptuais, na medida em que realçam diferentes aspectos dos domínios conceptuais, negligenciam outros aspectos, a exemplos das expressões linguísticas usadas na comunicação diária: *Ele devorou o livro*, (e não, *Ele cortou em pedaços o livro para poder devorá-lo*); *Ele é o pai da Biologia*, (e não, *Ele é o pai consanguíneo da Biologia*), *Está brotando uma nova teoria*, (e não, *Depois de plantada e regada, uma nova teoria está brotando*), licenciadas pelas respectivas Metáforas Conceptuais IDEIAS SÃO ALIMENTOS, IDEIAS SÃO PESSOAS, IDEIAS SÃO PLANTAS.

Tal visão acerca da natureza parcial do mapeamento metafórico implica em dois fenômenos, a saber: (i) o conceito alvo pode ser mapeado a partir de diferentes domínios fonte, de acordo com os propósitos comunicacionais, as necessidades e valores dos membros de uma dada comunidade, a exemplo das Metáforas Conceptuais IDEIAS SÃO ALIMENTOS, IDEIAS SÃO PESSOAS, IDEIAS SÃO PLANTAS cujo mesmo domínio alvo IDEIA é mapeado a partir de domínios-fonte diferentes, ALIMENTOS, PESSOAS e PLANTAS; (ii) os aspectos (ou de acordo com Lakoff e Johnson ([1980], 2002), as extensões) negligenciados no mapeamento metafórico podem produzir novas Metáforas Conceptuais.

A partir dessas inferências, ambos os autores lançam as bases do que viria ser a TMC. Ou seja, após o lançamento dessa obra seminal, novas perspectivas sobre as Metáforas Conceptuais foram discutidas tais como, a visão de Grady (1997), segundo a qual as Metáforas Conceptuais se dividem entre complexas e simples, sendo as

metáforas simples a base das Metáforas Conceptuais (Teoria da Metáfora Primária); a visão de Johnson (1997) acerca da maneira pela qual ambos os domínios conceptuais são ativados (conflação) quando do mapeamento em crianças (Teoria da Fusão); e, a visão do próprio Lakoff (2008) a respeito do componente neural da metáfora conceptual (Teoria da Metáfora Neural). Nesse sentido, Zanotto, Melo Moura, Nardi e Vereza assinalam, no texto de apresentação de *Metáforas da Vida Cotidiana*, que:

Neste livro, Lakoff e Johnson usam o termo ‘metáfora’ para se referir ao conceito metafórico (...) em textos posteriores de 1986 e 1993, Lakoff transforma o conceito metafórico em metáfora conceptual. (2002, p.24)

Nessa perspectiva, Lakoff e Johnson [(1980] 2002) postulam que a metáfora desempenharia papel central no âmbito do sistema conceptual humano, cuja importância equivaleria a dos cinco sentidos humanos. Como a teoria é norteada pelos postulados do Paradigma Experiencialista, segundo os quais, por ser a nossa mente de natureza corpórea e o funcionamento de nosso sistema conceptual baseado primordialmente em uma razão imaginativa, sem a metáfora não seria possível para o ser humano perceber e experienciar boa parte do mundo físico e socioculturalmente situado do qual ele faz parte. Em suma, consoante com Kövecses em seu prefácio à primeira edição:

Lakoff e Johnson desafiaram a profunda e enraizada visão de metáfora ao pleitearem que (1) a Metáfora é propriedade de conceitos e não de palavras; (2) a função da Metáfora é a de realizar uma melhor compreensão de certos conceitos e não apenas a de viabilizar propósitos artísticos e estéticos; (3) a Metáfora não é, comumente, baseada em similaridades; (4) a Metáfora é usada de forma automática por parte dos falantes comuns em suas vidas cotidianas e não apenas por falantes talentosos; (5) bem longe de ser resultado de processo superficial de ornamentação linguística, a Metáfora se constitui em processo contundente, presente tanto no pensamento como na linguagem cotidiana. (2010, p. X). (Tradução Nossa).

Apesar de a TMC se constituir em uma dentre as várias teorias elaboradas acerca da metáfora a partir dos anos 70, seu aparecimento provocou grande impacto nesse cenário devido ao seu forte poder explicativo. Nesse sentido, em seu estado da arte a respeito do Pensamento e da Metáfora, Gibbs (2008) constata que o significativo aumento no número de estudos voltados para a Metáfora Conceptual em diferentes campos, que abrangem do cérebro à cultura, da linguagem ao gesto, à arte, demonstra uma alta sensibilidade à TMC.

Para Grady (1997), com essa obra, Lakoff e Johnson [(1980] 2002) “estabeleceram vários dos princípios e convenções do que [viria] a ser chamado,

posteriormente, de TMC”, (p. 5), (Tradução Nossa): especialmente os princípios (i) da não similaridade das metáforas, contrariando a visão preconizada pelos adeptos da Teoria do Significado Literal ou da Hipótese da Similaridade, influenciados, por sua vez, pela visão aristotélica de metáfora como recurso linguístico e retórico; (ii) da sistematicidade e (iii) da direcionalidade.

Assim sendo, o princípio da não similaridade pode ter como exemplo a relação recorrente entre os conceitos PESO e AUSÊNCIA, apontada por Grady (1997), que licencia grande número de expressões figuradas, usadas em inglês, tal como, *sua ausência é muito penosa para mim*. Grady ainda acrescenta que a recorrência da relação entre ambos os conceitos mencionados fora observada em diferentes línguas usadas em diferentes épocas, tais como em:

Irlandês Medieval - Is tromm form for n-ingnas -, Russo - t’azholij ‘heavy’; ‘difficult; grievous’ -, Grego Antigo -báros – ‘ weight; opression’ -, Armenian - krem –‘carry; bear; suffer’, – Turkish - agir – ‘heavy; serious; cumbersome; fatiguing; etc’, – Japanese - Omot – ‘heavy; grave; severe. (1997, p. 2).

Em outras palavras, partindo da evidência de não similaridade entre os conceitos divergentes PESO e AUSÊNCIA, é plausível inferir que a relação recorrente entre esses conceitos tem como base o cruzamento de domínios não similares a partir da correlação entre as experiências humanas de peso e de ausência, isto é, entre o domínio conceptual fonte PESADO, SUPORTAR e CARREGAR, mais experiencial, e o domínio conceptual alvo, mais abstrato, PENOSO. Tal evidência faz Kövecses (2010) declarar que a relação de similaridade seria, de fato, produzida pelas Metáforas Conceptuais, uma vez que não se teria, por exemplo, como explicar a ideia segundo a qual a ausência de uma determinada pessoa possa ser sentida como um peso, sem recorrer à definição, à conceptualização de uma *ausência pesada*.

Com efeito, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) pleiteiam que as únicas similaridades relevantes para a metáfora são o que eles chamam de *similaridades experienciais*. Tais autores explicam que, mesmo concordando com o Paradigma Objetivista quanto à visão de as coisas no mundo exercerem uma função importante de impor restrições ao nosso sistema conceptual, discordam, no entanto, da maneira segundo a qual tal paradigma discute essas restrições. Isso porque, consoante o Paradigma Experiencialista, as coisas no mundo exerceriam restrições apenas a partir de nossa experiência com elas. Como as nossas experiências diferem de cultura para cultura e dependem, normalmente, de uma

compreensão baseada no cruzamento entre domínios conceptuais, tais experiências determinariam as propriedades e similaridades das categorias de nosso sistema conceptual. Assim, o único tipo de similaridades relevante às metáforas seria o tipo de similaridades experienciais baseada na correlação de experiências de sorte que as metáforas seriam *criadoras de similaridades*.

Ademais, por se tratar de uma relação recorrente não apenas na língua inglesa, mas, em demais línguas geograficamente e temporalmente distantes, Grady (1997) considera o caráter recorrente da relação entre os conceitos PESO e AUSÊNCIA como uma evidência do princípio da sistematicidade. Segundo tal princípio, boa parte da linguagem figurada, no âmbito das línguas humanas, apresenta relações recorrentes entre conceitos divergentes, e tal recorrência só poderia ser explicada com base no grande sistema de mapeamento entre domínios conceptuais distintos. Tal princípio explicaria, inclusive, a produção de novas expressões linguísticas figuradas, a exemplo de uma expressão concebida por Grady (1997), a partir da Metáfora Primária INTIMIDADE É CALOR, a saber: “que o calor humano de alguém pode ser medido por graus Kelvin”. (p. 8). (Tradução Nossa), em vez de graus Fahrenheit, sugerindo, com isso, que a pessoa que se chama Kevin é fria e antipática.

A questão relativa à produção de novas metáforas com base na sistematicidade dos mapeamentos conceptuais já existentes remete à discussão acerca da convencionalidade das Metáforas Conceptuais e do princípio do mapeamento parcial das Metáforas Conceptuais. Para Kövecses (2010), ao contrário da Teoria das Metáforas Mortas e da Teoria do Significado Literal, as chamadas *metáforas mortas*, por se encontrarem profundamente internalizadas e estabilizadas no sistema conceptual humano, seriam extremamente ativas, e, assim, responsáveis pela produção de boa parte de novas metáforas com base nas extensões negligenciadas nas Metáforas Conceptuais convencionalizadas.

Além disso, Lakoff e Turner (1989) ao delinear um panorama crítico a respeito das diversas teorias que tratam da metáfora, abordam igualmente a questão da convencionalidade das Metáforas Conceptuais. Ambos os autores apontam que a Teoria das Metáforas Mortas falha ao assinalar que o uso recorrente do verbo *ir-se*, por exemplo, em expressões linguísticas como *ele se foi* (no sentido de *ele morreu*), não

seria mais metafórico, apesar desse verbo o ter sido no passado e que tal metáfora estaria morta. Ao se contraporem a essa visão, os dois autores declaram que:

Os aspectos convencionais da linguagem são aqueles que estão mais vivos, já que eles estão corporificados em nossas mentes e são constantemente usados e afetam nossa maneira de pensar e falar no dia-a-dia. O fato de mecanismos linguísticos serem de natureza convencional significa que eles são estabilizados, que eles não são elaborados a cada momento no qual são usados. As expressões convencionais metafóricas, que fazem parte de nosso sistema vivo, estão igualmente vivas. (1989, p. 127). (Tradução Nossa)

Há que se ressaltar que a discussão a respeito da convencionalidade das metáforas conceptuais é atualmente abordada com base na visão de graus de convencionalidade e tem conduzido pesquisas sobre o caráter *online* e *off-line* das metáforas conceptuais. Nesse sentido, Gibbs (2011) assinala que para determinar se o uso feito por uma pessoa de expressões convencionais ou novas é motivado por Metáforas Conceptuais requer que trabalhos empíricos sejam realizados a partir de material produzido tanto por linguístas cognitivos como psicolinguístas.

Após comentar os princípios da não similaridade e da sistematicidade estabelecidos por Lakoff e Johnson ([1980] 2002), Grady (1997) se debruça especialmente sobre o princípio da direcionalidade por considerar que a natureza do domínio conceptual fonte não foi suficientemente tratado pelos precursores da TMC, isto é, a natureza experiencial do domínio em questão não foi devidamente explorada. Desse modo, ao postular que as Metáforas Conceptuais são divididas em complexas e primárias, sendo as primárias a base das Metáforas Conceptuais, Grady (1997) lança luz sobre a questão da motivação da experiência corpórea, contribuindo, assim, para a formulação da TMC tal qual é estudada atualmente.

Nesse sentido, ao promover sua avaliação acerca da TMC, Gibbs afirma que:

Apesar de o trabalho com as Metáforas Primárias não ter explicado todos os aspectos que determinam porque certas palavras, e não outras, são mapeadas por determinados domínios-fonte e alvo, a teoria fornece, de forma contundente, um limite crucial do porquê de algumas construções metafóricas estarem propensas a ocorrer e outras não. (2011, p. 537). (Tradução Nossa).

Desse modo, Grady (1997) considera que o princípio da direcionalidade, isto é, da unidirecionalidade, baseado na ideia de que o mapeamento metafórico ocorre a partir do domínio fonte, de caráter experiencial, para o domínio alvo, de caráter mais abstrato, se constitui em uma importante característica da TMC, especialmente porque através desse princípio fica evidente a não similaridade entre conceitos e palavras. No que pese os

mapeamentos metafóricos não estarem baseados em apenas uma única palavra, um único conceito ou um único domínio, seria difícil, de acordo com Grady (1997) imaginar uma relação de similaridade entre conceitos mapeados pela Metáfora Conceptual. Além disso, a similaridade, para o autor em questão, seria um conceito alvo em mapeamentos como SIMIRALIDADE É PROXIMIDADE que licencia expressões linguísticas como *isso não é exatamente a sombra que eu estava procurando, mas se aproxima bastante*.

Nessa perspectiva, ao lançar mão das várias metáforas conceptuais analisadas por Lakoff e Johnson ([1980] 2002), a exemplo (i) IDEIAS SÃO ALIMENTO, (ii) TEORIAS (E ARGUMENTOS) SÃO CONSTRUÇÃO, Grady (1997) postula que essas metáforas seriam complexas e cuja base seria constituída por metáforas simples (Metáforas Primárias), a exemplo respectivamente de (i) ACEITAR É ENGOLIR e ATRAENTE É GOSTOSO, (ii) ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA e PERSISTIR É MANTER-SE ERETO. Ou seja, segundo Grady (1997) os domínios fonte ALIMENTO e CONSTRUÇÃO não seriam a base das metáforas IDEIAS SÃO ALIMENTO, (ii) TEORIAS (E ARGUMENTOS) SÃO CONSTRUÇÃO por se constituírem em experiências muito ricas e densas em relação à perspectiva da motivação corpórea humana.

Em outras palavras, para o autor em questão, na base das metáforas, estão os conceitos primários supersimplificados que emergem da experiência corpórea do ser humano quando criança a partir de cenas primárias (em vez de domínio de caráter muito mais amplo), tais como: o ato de engolir, de pegar e de manipular um objeto composto de várias partes, a percepção acerca do peso de objetos e corpos, a consciência de movimento e de proximidade em relação a objetos e corpos, etc. Desse modo, haveria nos mapeamentos para emergência de conceitos mais complexos, mapeamentos de conceitos mais primários que emergiriam não de forma arbitrária, mas motivados pela experiência corpórea do ser humano, ainda criança, em interação com situações de mundo mais limitadas e situadas.

Nesse sentido, Grady (1997) considera que os mapeamentos de conceitos primários supersimplificados seriam rudimentares, tendo em vista que os conceitos primários seriam motivados por experiências de sobrevivência (necessidades, reações e

interações humanas como o meio físico) presentes em quaisquer seres vivos. No caso do ser humano, tais conceitos estariam fundamentalmente baseados na interação entre o aparato cinestésico sensorio-motor humano de uma criança e um meio físico restrito e localizado. Ou seja, experiências sensorio-motoras humanas com o meio físico se dariam com base em situações como de temperatura, de peso, de verticalidade, de movimento, de quantidade, de proximidade, de visibilidade, de ingestão, de excreção e de toque.

Grady (1997) caracteriza, portanto, os conceitos primários fonte e alvo da seguinte forma: os conceitos primários fonte estão relacionados mais diretamente com nossa experiência física e sensorial – i.e. com a formação de imagens - e os conceitos primários alvo seriam avaliativos, isto é, eles seriam tipos de julgamento subjetivo dessa experiência física e sensorial. Assim, se de um lado, os conceitos fonte se distinguem dos conceitos primários alvo por serem mais sensoriais, por possuírem conteúdo de imagem; por outro lado, os conceitos primários alvo se distinguem dos conceitos primários fontes por se constituírem em nossos tipos básicos de reação cognitiva, isto é em julgamentos e avaliações de caráter básico e simplificado acerca do que percebemos no mundo em termos de prazer, desprazer, conforto e desconforto, perigo ou proteção.

Com tal distinção entre os conceitos primários fonte, Grady (1997) oferece ferramentas explicativas acerca de como as metáforas conceptuais viabilizam correspondências entre experiências objetivas e subjetivas. Segundo sua visão, as metáforas primárias constituem mapeamentos entre experiências mais objetivas devido ao fato dos conceitos primários fonte emergirem da interação entre o mundo físico restrito e situado e o corpo humano cujas características são, grosso modo, universais; e mais subjetivas devido ao fato dos conceitos primário alvo emergirem de tipos básicos de reações cognitivas, de julgamento sobre relações confortáveis ou desconfortáveis em alguma medida variável de sujeito para sujeito.

Desse modo, Grady afirma que:

Os conceitos primários do domínio fonte - isto é, conceitos que fornecem as palavras, imagens e estrutura inferencial para as metáforas - podem ser descritos como tendo conteúdo de imagem. Eles são aspectos de nossa percepção, de nossos corpos e de nosso meio ambiente, em todas as modalidades possíveis. Eles incluem a nossa representação (esquemática) cognitiva acerca das formas e tamanhos de objetos ao nosso redor, a sua posição, os seus cheiros e sabores, o nosso próprio movimento no espaço, a temperatura, o brilho, a nossa ação básica em segurar, cortar e examinar os

objetos, as sensações corporais, tais como fome, comichão, tensão, etc. Os conceitos-alvo da metáfora primária, por outro lado, consistem em nossas respostas subjetivas (mas, ainda muito reais e básicas) às experiências corporais, incluindo julgamentos, reações afetivas e inferências e tudo aquilo que pode se referir a conteúdo operacional. Nós julgamos a dificuldade de realizar uma ação; nós respondemos com prazer ou desprazer a certa sensação; nós inferimos a relação lógica entre o que percebemos, nós somos movidos a agir de determinadas maneiras, nós determinamos se atingimos ou não o nosso local e objetivos imediatos, etc. (1997, p. 264-265). (Tradução Nossa).

Outro aspecto interessante na distinção entre os conceitos primários fonte e alvo, proposta por Grady (1997), se refere ao papel dos esquemas imagéticos preconizado por Mark Johnson, cuja importância é consensualmente reconhecida entre os pesquisadores da Metáfora Conceptual. Tais esquemas seriam, assim como assinala Grady (1997) ao interpretar Johnson, como “representações esquemáticas de entidades, situações, configurações, etc, que encontramos repetidamente no mundo”. (p. 178). (Tradução Nossa). Ou seja, os esquemas imagéticos seriam, então, tipos de padrões de experiências particulares, cuja constituição não é densa, nem integra imagens concretas tampouco imagens mentais.

De acordo com Kövecses, os esquemas imagéticos representariam:

- (i) nossa experiência conosco mesmos e objetos na condição de dentro e fora por meio de esquemas como o do ‘recipiente’, e a partir dos quais emergiriam os conceitos primários que licenciariam expressões linguísticas como ‘Estou sem dinheiro’;
- (ii) nossa experiência em nos movermos mundo afora como esquema de força física dos quais emergiriam conceitos primários que licenciariam expressões linguísticas como ‘Você está me levando à loucura’ ou ‘Ele acabou de enlouquecer’;
- (iii) nossa experiência com obstáculos que nos impedem de nos movermos, como o vento que nos impede de avançarmos, dos quais emergiriam conceitos primários que licenciariam expressões linguísticas como ‘Agente essa situação até onde puder’;
- (iv) nossa experiência com nosso corpo verticalizado como esquema de em cima e embaixo dos quais emergiriam conceitos primários que licenciariam expressões linguísticas como ‘Estou me sentido para baixo’. (2010, p. 43-44). (Tradução Nossa)

Para Grady (1997), duas distinções são possíveis de serem feitas nesse sentido: (i) os conceitos primários alvo não teriam estrutura imagética, mas, sim avaliativa; (ii) mesmo que os esquemas imagéticos sejam, igualmente, universais e motivados por experiências diretas e locais, nem todos esquemas imagéticos serviriam como conceitos fonte para metáforas primárias, de tal modo que seria possível dizer que todos esses conceitos primários fonte são esquemas imagéticos. No entanto, o contrário não seria recíproco.

Em suma, com a formulação da Teoria da Metáfora Primária, Grady (1997) fornece evidências para TMC de que: (i) os mapeamentos metafóricos básicos são de natureza experiencial e, em alguma medida, universal por estarem baseados em interações entre o aparato sensorio-motor humano, similar em todos os seres humanos, e o meio físico restrito e situado; (ii) a base experiencial das metáforas primária independe de evidências linguísticas; (iii) tais mapeamentos são a base de metáforas conceituais complexas. Ou seja, a partir da Teoria das Metáforas Primárias, Grady (1997) forneceu evidências que tornaram o princípio da unidirecionalidade, pleiteado por Lakoff e Johnson ([1980] 2002), consistente.

Quanto à questão de não haver evidências linguísticas na base experiencial das Metáforas Conceptuais, Gibbs (2011) avalia que há um crescente conjunto de pesquisas em diferentes disciplinas acadêmicas sugerindo a presença das Metáforas Conceptuais em domínios não linguísticos, a exemplo das pesquisas no âmbito de julgamentos psicofísicos a respeito de tempo e espaço, do sistema de gestos, da matemática, da música, da dança e outros.

No que diz respeito ao caráter em certa medida universal das metáforas primárias e, por conseguinte, das Metáforas Conceptuais, Lakoff (2008) assinala que as Metáforas Primárias seriam apreendidas da mesma maneira em todo o mundo porque as pessoas possuem o mesmo tipo de corpo e basicamente o mesmo tipo de relação com o meio. Diante dessa consideração, Gibbs (2008) pondera a respeito do que chama de *paradoxo da metáfora*, isto é, a metáfora seria sensibilidade culturalmente criativa e nova, de um lado e, de outro lado, estaria enraizada em padrões predominantes de experiências comuns a todos os povos. Kövecses (2010) igualmente pondera a respeito desse paradoxo. Segundo esse autor, embora não se possa prevêê a partir de aplicação de princípios de regras quais são as Metáforas Conceptuais de uma língua, em função de seu caráter motivado, seria pouco plausível esperar que as Metáforas Conceptuais das línguas contradigam as experiências corpóreas humanas universais.

Em suma, na sua avaliação sobre a TMC, Gibbs (2011) ressalta que tal teoria não é uma teoria geral da linguagem figurada, tendo em vista que alguns recursos da linguagem figurada como ironia, metonímia e oxímoros não são contemplados pela TMC. Ou seja, tal teoria está voltada essencialmente para mapeamentos metafóricos,

especialmente o de natureza correlacional de experiência nos quais o mapeamento é unidirecional. Salienta igualmente que algumas evidências têm apoiado os postulados da TMC como: (i) as pesquisas que verificaram, com base no princípio da sistematicidade das expressões linguísticas figuradas, ocorrência de Metáforas Conceptuais em diferentes tradições linguísticas; (ii) as pesquisas que investigam que conceitos abstratos podem ser estruturados por múltiplas metáforas conceptuais; (iii) as pesquisas que discutem que significados de palavras polissêmicas são motivados por Metáforas Conceptuais.

Ainda de acordo com Gibbs (2011) “as análises em Linguística Cognitiva acerca das expressões convencionais, das novas extensões e da polissemia sugerem que há provavelmente várias centenas de Metáforas Conceptuais”, (p. 533), (Tradução Nossa), tendo em vista que se verificaram Metáforas Conceptuais não apenas nas línguas contemporâneas, que foram até então pesquisadas, mas também na língua de sinais e nas línguas antigas, tais como chinês e grego antigo. Nesse sentido, ao realizar levantamento tanto a partir de vários dicionários de metáfora - *Collins Cobuild, Master Metaphor List, Dictionary of Everyday English Metaphors* e *Roget's Thesaurus* – como a partir de pesquisas empreendidas por estudiosos da Metáfora Conceptual, Kövecses (2010) lista os treze domínios fonte mais mapeados, dentre os quais, encontra-se o domínio fonte animal, que ocupa a terceira posição, depois dos domínios fonte corpo humano e, doença e saúde.

Kövecses (2010) assinala que o domínio fonte animal é extremamente produtivo, já que seres humanos são frequentemente compreendidos em termos de animais, a exemplo de expressões linguísticas nas quais há relação entre pessoa e animais como tigre, cachorro, raposa, cobra, vaca, etc. Kövecses (2010) acrescenta ainda que as partes dos corpos dos animais também são mapeadas, na condição de domínio fonte. Em português, podemos pensar nas expressões como: *Tire as patas de cima de mim; Um é o focinho do outro*. Há que se ressaltar que Kövecses (2010) pondera que existem ferramentas mais robustas para realizar levantamentos dessa natureza. Acrescenta ainda que tal levantamento exige algumas complexidades, a saber: repertoriar todos os domínios fonte e alvo das línguas investigadas e a ser investigadas. O autor em questão arremata, contudo, que tal levantamento demonstraria a consistência do princípio da unidirecionalidade.

Finalmente, no que tange à nossa investigação, será importante discutirmos a TMC, especialmente por duas razões: (i) quanto aos fortes indícios de que Metáforas Conceptuais motivam expressões linguísticas polissêmicas, assim como afirma Gibbs (2011); (ii) quanto à relevância do domínio fonte animal nos mapeamentos metafóricos, tal qual assinalado por Kövecses (2010). Em suma, a TMC nos interessa como teoria já que, conforme observado na Introdução desta tese, uma de nossas questões de pesquisa diz respeito ao fato de a polissemia da expressão convencional *cabra* ser motivada pelas metáforas animais. Assinalamos, assim, que tratamento dessas questões se dará no último capítulo desta tese.

### 2.3. Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

Se, em Lakoff e Johnson ([1980] 2002), a metáfora se encontra no centro do sistema conceptual humano, em Lakoff (1987), os MCIs se encontram na base desse sistema. Em outras palavras, se, por um lado, Lakoff e Turner (1989) consideram que “compreendemos [as experiências] e raciocinamos a respeito dessas experiências, usando nosso sistema conceptual que [por sua vez] se constitui de um inventário de estruturas das quais fazem parte as metáforas e os esquemas”, (p. 62), (Tradução Nossa); por outro lado, tal inventário é definido, por Lakoff (1987), como sendo os MCIs.

Nessa perspectiva Feltes afirma que:

Modelos Cognitivos são construtos idealizados porque, em primeiro lugar, não precisam se ajustar necessária e perfeitamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade – via experiência –, o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc. Em segundo lugar, podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser, inclusive, contraditórios entre si. Os modelos, portanto, são o resultado da capacidade de categorização humana. (2007, p. 89).

Com efeito, ao considerar que o ser humano é dotado da capacidade de categorizar, Lakoff (1987) postula que a categorização humana seja discutida à luz da TMCI. De acordo com o autor da obra *Women, Fire, and Dangerous Things*: “a principal tese deste livro é que organizamos o conhecimento por meio de estruturas chamadas Modelos Cognitivos Idealizados, ou MCIs, e que as estruturas categoriais assim como os efeitos prototípicos são subprodutos dessa organização”. (p. 68). (Tradução Nossa). Para discussão da teoria em questão, Lakoff (1987), em seu prefácio,

faz ecoar as seguintes perguntas que têm sido levantadas no âmbito das Ciências Cognitivas: “(i) o que é o sistema conceptual humano e como ele se organiza? As pessoas usam o mesmo sistema conceptual? Se for o caso, como seria esse sistema? Se não for o caso, o que existiria em comum na maneira como todas as pessoas pensam?”, (p. xi).

Apesar de estimar que essas perguntas sejam antigas, Lakoff (1987) pondera, no entanto, que algumas de suas respostas não o são. Afirma ainda que, para apontar repostas a tais perguntas, escreveu esta obra e a dividiu em termos de respostas tradicionais, norteadas pelo Paradigma Objetivista, ou Objetivismo; e respostas novas, que ao serem baseadas em dados reunidos nos últimos anos, oferecem perspectiva para formulação de novos postulados, tal qual o Paradigma Experiencialista ou o Realismo Experiencial.

No que diz respeito às respostas tradicionais, já em *Metaphors We Live By* (*Metáforas da Vida Cotidiana*), Lakoff e Johnson criticam a visão de categorização norteada pelo Paradigma Objetivista. Ao se apoiar em visão construída e vastamente propagada há dois mil anos no Ocidente, tal paradigma postularia que as categorias das entidades no mundo são definidas com base em um conjunto de propriedades inerentes, isto é, essenciais; e que os conceitos de nosso pensamento, por serem destituídos de significados, só adquirem significados na correspondência com as categorias das entidades no mundo. Assim, segundo tal visão, como nossos conceitos espelham a organização das categorias das entidades no mundo, uma entidade só pode ser por nós categorizada a partir do conjunto de suas propriedades inerentes e essenciais às categorias no mundo. Dessa forma, segundo esse paradigma, o sistema conceptual humano seria de natureza monolítica, isto é, ele forneceria uma única e consistente visão do mundo.

Quanto às respostas novas, ainda em *Metaphors, We Live By* (*Metáforas da Vida Cotidiana*), Lakoff e Johnson preconizam que as propriedades de nossos conceitos são primordialmente interacionais e tais propriedades, ao invés de formarem um conjunto, formam *gestalts* estruturadas com dimensões que emergem naturalmente de nossa experiência. As *gestalts* experienciais teriam a estrutura de um ritual como compreendido no âmbito da antropologia de Lévi Strauss, Malinovsky e outros. Em

outras palavras, em virtudes de práticas vividas reiteradamente em nossos cotidianos, damos estrutura e sentido a nossas atividades por meio de propriedades interacionais em forma de *gestalts*. Daí, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) definirem *gestalt* experiencial como uma sequência coerente de ações estruturadas em termos de dimensões naturais de nossa experiência.

Nessa perspectiva, Lakoff (1987) postula que o sistema conceptual humano se constitui a partir da construção de totalidades estruturadas (*gestalts*), sendo o todo psicologicamente mais simples do que as partes. As *gestalts* experienciais teriam, assim, várias características dentre as quais: (i) a de serem holísticas; (ii) analisáveis em partes de diferentes maneiras a partir de diferentes pontos de vista; e (iii) a de distinguirem propriedades prototípicas das propriedades não prototípicas. Finalmente, as *gestalts* se relacionariam com outras *gestalts*, podendo ser vistas como instâncias de outras *gestalts* ou mapeadas por outras *gestalts* de modo que uma análise gestáltica jamais admitiria análises atomistas.

A visão de Lakoff (1987) acerca das *gestalts* experienciais é importante na medida em os MCIs são, para ele, *gestalts*. Ademais, ao estabelecer distinção entre capacidade conceptual e sistema conceptual, Lakoff preconiza uma visão de categorização baseada nos seguintes postulados:

- (i) O pensamento [razão] é corpóreo no sentido de que as estruturas usadas para construir nosso sistema conceptual emergem da experiência corpórea socialmente situada e ganham sentido a partir daí.
- (ii) O pensamento [razão] é imaginativo, já que todos os conceitos que não são corpóreos, isto é, não emergem da interação corpórea com o meio físico e socialmente situado, são mapeados por metáforas, metonímia ou imagens mentais. Ou seja, com base em nossa experiência corpórea e nossa capacidade imaginativa, formamos os conceitos abstratos de modo a permitir que nossa mente vá para além do que podemos ver e sentir.
- (iii) O pensamento [razão] possui propriedades gestálticas, não sendo, portanto, atomistas. Os conceitos têm uma estrutura global que vai além da simples montagem de blocos conceituais com base em regras gerais.
- (iv) O pensamento [razão] possui estrutura ecológica. A eficiência cognitiva, tanto na aprendizagem como na memória, depende da estrutura totalizante do sistema conceptual a partir da qual os conceitos significam.

- (v) A estrutura [sistema] conceptual pode ser descrita com base no uso de *modelos cognitivos* que possuem as propriedades acima elencadas. (1987, p. xiv-xv). (Tradução Nossa).

Assim, para Lakoff (1987), se a capacidade conceptual é inata, o sistema conceptual humano seria construído por meio de estruturas gestálticas, os MCIs, que, por sua vez, são de natureza corpórea - ou estão ligados de forma sistemática a MCIs de natureza corpórea. No que pese os MCIs serem a base para formação de categorias e o processo de inferência, Lakoff (1987) os define como estruturadores do pensamento humano. A visão do corpóreo, ou da Mente Corpórea, conforme já discutimos mais acima, remete aos postulados do Paradigma Experencialista (i.e do Realismo Experencial). De acordo com tal paradigma, embora haja um mundo externo, o homem não é abordado em separado dele. Ao contrário, o homem é entendido como parte desse mundo de tal sorte que as estruturas que integram o sistema conceptual humano emergem da interação entre a natureza de nossos corpos, o ambiente físico e socioculturalmente situado.

Dessa forma, Os MCIs, na condição de estruturas experienciais, são responsáveis pela formação de categorias de natureza flexível e multidimensionais. Ou seja, as categorias, formadas pelos MCIs, apresentam estrutura centralizada e são de efeito prototípico, cujos membros, ao compartilharem propriedades de semelhança de família, se relacionam entre si a partir de uma escala de gradação em relação ao centro da categoria. No que pese a TMCI ser o núcleo central da SC Experencialista Prototípica, tal visão de categoria se fundamenta - conforme assinalado na primeira seção deste capítulo - primordialmente, no trabalho de dois autores:

- (i) Wittgenstein ([1953], 1987) e sua visão segundo a qual as categorias não possuem, necessariamente, fronteiras delimitadas de modo que seus membros estabelecem relações a partir de propriedades de semelhança de família, isto é, os membros que formam a mesma categoria, embora relacionados, não compartilham entre si, todas as mesmas propriedades.
- (ii) Rosch (1975), para quem a categoria apresenta estrutura centralizada de sorte que alguns de seus membros, ao ocuparem o centro da categoria, se constituem como melhores exemplos da categoria, e os demais membros

categoriais se relacionam com o centro da categoria a partir de graus de representatividade.

Ao adotar a visão de uma categoria preconizada por Wittgenstein ([1953] 1987), Lakoff (1987) contraria igualmente a visão clássica a respeito das categorias terem fronteiras claramente delimitadas e postula uma estrutura categorial baseada em relação de semelhança de família. Em outras palavras, ao assumir o ponto de vista de Wittgenstein ([1953] 1987) acerca da não necessária nítida delimitação dos membros categoriais, Lakoff (1987) rejeita a visão de categoria, segundo a qual os membros categoriais que compartilham a integralidade das propriedades estão dentro da mesma categoria e os que não compartilham ao menos uma das propriedades do conjunto de propriedades inerentes, suficientes e necessárias, estão fora. É a visão do tudo ou nada, isto é tudo no universo ou está dentro ou fora das categorias.

Por outro lado, de acordo com a visão postulada por Rosch (1975), Lakoff (1987) defende que a estrutura categorial seria dotada de centralidade. Tal centralidade seria ocupada por membros que representassem os melhores exemplos da categoria. Ademais, os membros mais representativos estabeleceriam com os demais membros menos representativos, relação de semelhança de família a partir de graus de representatividade. Ao adotar a visão de categoria em Wittgenstein ([1953] 1987) e Rosch (1975), Lakoff vai um pouco além e postula um tipo especial de categoria, a Categoria Radial, que dispõe de uma estrutura mais complexa do que o modelo categorial postulado pelos autores supracitados.

Por ser a Categoria Radial, uma estrutura radial, flexível e multidimensional, as subcategorias, que não ocuparem o centro categorial, podem estabelecer novas centralidades. Em suma, Lakoff (1987) defende que a categorização e, conseqüentemente, que a estrutura categorial está a serviço do ser humano; tem o *tamanho do ser humano*; e que representa as limitações humanas, já que as interações corpóreas humanas são finitas. Tendo em vista que a categorização é fundamentalmente um meio pelo qual o ser humano compreende o mundo e tem como base a organização do conhecimento em termos prototípicos, as categorias seriam, sistematicamente, estendidas de diferentes maneiras em função de diferentes objetivos.

Uma interessante discussão a respeito desse modelo categorial foi feita em Lakoff e Johnson ([1980] 2002), quando discutiram a estruturação da categoria causalidade. Ou seja, segundo os dois autores, tal categoria é considerada uma categoria humana basilar, tendo em vista que é uma das categorias mais comumente usadas pelas pessoas na organização de suas realidades físicas e sociais. Contudo, diferentemente da abordagem clássica que considera tal categoria um conceito primitivo, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) a consideram como um produto de uma *gestalt* experiencial, isto, é de um MCI segundo Lakoff (1987). Dessa maneira ambos os autores postulam que ela seja compreendida como um complexo de propriedades, que ocorrem conjuntamente, apresentando graus de representatividade, isto é, de prototipia, de acordo com os propósitos, necessidades e valores.

Nessa perspectiva, os dois autores ponderam que, por meio do uso recorrente da ideia de causalidade, a categoria correlata estaria baseada em doze propriedades interacionais, que se constituiriam em melhores exemplos categoriais, com diferentes pesos estruturais, quais sejam: (i) o agente tem como objetivo alguma mudança no estado do paciente; (ii) a mudança de estado é física; (iii) o agente tem um plano para atingir o objetivo; (iv) o plano exige que o agente use um programa sensório-motor; (v) o agente tem controle do programa sensório-motor (vi) o agente é o principal responsável pela realização do plano; (vii) o agente é fonte de energia e o paciente é o alvo da energia; (viii) o agente toca o paciente com seu corpo ou instrumento; (ix) o agente realiza o plano de maneira bem sucedida; (x) a mudança no paciente é perceptível; (xi) o agente monitora a mudança no paciente por meio de percepção sensorial e (xii) há um único agente específico e um único paciente específico.

Por outro lado, haveria outros exemplos de causalidade menos representativos que se encontrariam relacionados com os melhores exemplos categoriais a partir da relação de semelhança de família, a exemplo de causalidade com base em ação não humana, a causalidade baseada na ideia de agentes intermediários. Haveria, ainda segundo os mencionados autores, exemplos cuja relação de semelhança de família com os demais exemplos se tornariam insuficientes, levando-nos a deixar de caracterizar as situações como sendo de causalidade. Nesse sentido, os autores citam, como exemplo, a categorização com base em propriedades que se caracterizariam a partir de ações

causais distantes no espaço e no tempo ou a categorização a partir de propriedades que se caracterizariam pela presença de múltiplos agentes causadores.

Dessa forma Lakoff e Johnson avaliam que:

Embora a categoria da causalidade não tenha fronteiras bem definidas, ela é claramente delineada em grande número de instâncias. O sucesso de nossa atividade no mundo envolve a aplicação da categoria causalidade a cada novo domínio de atividades – por meio de intenção, plano, inferências, etc. A categoria é estável porque continuamos a funcionar com sucesso fundamentando-nos nele. Dado um exemplo da categoria causalidade que emirja de nossa experiência, podemos aplicá-los a conceitos metafóricos como no caso ‘Harry elevou nosso moral contando piadas’, por exemplo, temos uma instância de causalidade em que Harry realmente fez nosso moral ir PARA CIMA, assim como na metáfora FELIZ É PARA CIMA. ([1980] 2002, p. 146-147).

Diante dessas ponderações, é necessário destacar a relevância de dois aspectos no âmbito da TMCI, a saber: a questão da relação entre protótipo e estrutura categorial; e a importância de aspectos cognitivos - intenção, planejamento e inferências - na aplicação adequada de bons exemplos categoriais em novos domínios da atividade humana de modo a lhe trazer resultados satisfatórios. Na verdade, Lakoff (1987) postula que a estrutura categorial projeta efeitos prototípicos; projeta como o conhecimento foi experienciado e organizado no âmbito dos MCIs. Ou seja, para o mencionado autor, os efeitos prototípicos categoriais projetariam a forma como o conhecimento fora experienciado pelo ser humano, em termos tanto sensório-motor como socioculturalmente situado, e, conseqüentemente, a forma como ele se encontraria organizado pelos MCIs.

Ademais, em relação à relevância de aspectos cognitivos na aplicação adequada de bons exemplos categoriais em novos domínios das atividades humanas, Lakoff (1987) se remete à importância do papel de fatores cognitivos como princípio de organização do conhecimento e como estratégia de processamento das sentenças linguísticas, isto é, o papel dos espaços mentais. Kövecses (2010), ao resenhar a Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier, define os espaços mentais como pacotes conceptuais que se constroem *online* no processo de compreensão das sentenças (ou de demais mensagens não linguísticas). Acrescenta ainda que espaços mentais não são a mesma coisa que domínios conceptuais, muito embora eles façam uso dos domínios conceptuais no processo de compreensão. Espaços mentais são criados em situações

particulares. Dessa forma, eles são menores e mais específicos que os domínios conceituais.

Nesse sentido, Lakoff (1987) considera a Teoria dos Espaços Mentais como uma das referências teóricas que embasam a definição de MCI. Ou seja, segundo Lakoff (1987), “consideramos a TMCI como uma teoria que abrange (a) espaços mentais e (b) modelos cognitivos que estruturam esses espaços mentais. Um espaço mental é um meio de conceptualização e pensamento”. (p. 281). (Tradução Nossa). Assim, os espaços mentais auxiliariam tanto na compreensão de nossa realidade imediata como na compreensão de situações de ficção como pintura, filmes, etc, situações hipotéticas e nas situações de passado e de futuro.

No que diz respeito aos MCIs propriamente ditos, e a declaração de Lakoff e Johnson ([1980] 2002) de que qualquer teoria adequada a respeito do sistema conceptual humano teria de dar conta de como os conceitos são (i) embasados, (ii) estruturados, (iii) relacionados uns com os outros e (iv) definidos, Lakoff (1987) postula base corpórea para os MCI, já que resultam da interação entre o aparato sensorio motor e o meio físico e socioculturalmente situada; e, que a relação entre os MCIs, na condição de *gestalts* experienciais, compreende a relação entre vários MCIs, isto é, os MCIs podem ser vistos como instâncias de outros MCIs ou mapeados por outros MCIs. Ou seja, uma análise a respeito das relações entre MCIs jamais admitiria uma perspectiva atomista.

Quanto à questão da estrutura dos MCIs, Lakoff (1987) destaca quatro tipos de princípios estruturadores dos MCIs: (i) as estruturas esquemas imagéticos, (ii) as estruturas proposicionais, (iii) os mapeamentos metonímicos e (v) os mapeamentos metafóricos. E quanto à questão da definição, Lakoff (1987), antes de abordar os quatro tipos de princípios estruturadores, define os MCIs como estruturas gestálticas de caráter experiencial, dotadas de significados que estruturam o nosso conhecimento de forma direta e indireta. Nessa perspectiva, os símbolos que significam diretamente são diretamente motivados pela interação da experiência corpórea humana com o meio físico e socioculturalmente situado, a saber:

- (i) Os esquemas imagéticos que, já foram por nós abordados na 2ª seção deste capítulo, e, de modo geral, se constituem em esquemas pré-

conceptuais supersimplificados provenientes de nossa experiência com o mundo quando criança, em termos de peso, de equilíbrio, de ligação, de contato, de recipiente, etc;

- (ii) Os conceitos de nível básico, postulados por Rosch et al (1976), que se referem à formação de imagens mentais a partir da interação perceptual e sensorio-motora humana com as categorias das entidades de mundo como árvore, animais e objetos em geral.

É importante destacar que Rosch et al (1976) postularam a relevância de conceitos de nível básico no âmbito da categorização humana porque, em consonância com diversas pesquisas, sobretudo, no âmbito da antropologia, e de experimentos realizados pela autora e colaboradores, o primeiro nível de categorização do ser humano, ao contrário do que se preconizava até então, se encontraria no nível intermediário do modelo categorial, se considerarmos o processo de categorização compreendido em três níveis: superordenado, intermediário e sub-ordenado. Ou seja, se tomarmos, como exemplo, a organização da categoria *cachorro*, ele se encontraria no nível intermediário da categoria ao passo que *animal* e *Fox Terrier* se encontrariam nos níveis superordenado e sub-ordenados respectivamente.

Dessa forma, para Rosch et al (1976), o nível intermediário seria aquele mais produtivo e o mais básico da categorização humana tanto por se encontrar relacionado com a experiência humana mais direta com o mundo e as coisas no mundo; como por representar, em termos psicológico, o nível no qual o ser humano percebe mais nitidamente a diferença entre o organismo e as coisas no mundo. Nesse sentido, destacamos o resultado obtido com experimento realizado por Rosch et Mervis (1975), qual seja: ao serem solicitados a desenharem ou fazerem um esboço de conceito como *animal* ou *veículo*, participantes desenharam e esquematizaram um membro da categoria básica, tendo em vista a impossibilidade de reproduzir por meio de desenhos ou esquemas um membro da categoria superordenada.

Em outras palavras, de acordo com essa visão, e, a despeito do que a Teoria Clássica das Categorias postula, o ser humano, baseado em sua experiência corpórea categorizaria, primeiramente, *gato* em vez de *animal* ou de *gato da pérsia*; *árvore* em vez de *planta* ou *ipê*. Porque é nesse nível de categorização que fica mais fácil de agrupar os objetos em função de suas saliências perceptuais. *Gato*, por exemplo, como

assinala Rakova (2003), é conceito de nível básico porque todos os gatos são razoavelmente parecidos em termos perceptuais se comparado com *animais* que, na condição de conceito superordenado, podem diferir largamente em termos de saliência perceptual.

Em assim sendo, os princípios estruturadores de esquemas imagéticos e os conceitos de nível básico fornecem tanto a estrutura como a ontologia dos MCIs, isto é, os significados diretos dos símbolos que constituem os MCIs. Por outro lado, os significados indiretos são fornecidos ora por mapeamentos metafóricos, que se constituem em correspondências entre os MCIs experienciais; ora por mapeamentos metonímicos, que se constituem em correspondência entre membros ou subcategorias de um determinado MCI de sorte a representar o MCI como um todo em termos mais abstratos. Portanto, os princípios estruturadores de mapeamentos metafóricos e metonímicos, por serem dispositivos cognitivos responsáveis pela conceptualização de nossas experiências mais abstratas, seriam responsáveis pela estruturação dos significados indiretos dos símbolos que constituem os MCIs.

É importante salientar que os mapeamentos metonímicos se constituem em projeção conceptual de um domínio cognitivo sobre outro, no âmbito do mesmo MCI, de sorte que o domínio projetado (domínio fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz a projeção (domínio alvo). Segundo Barcelona, os mapeamentos metonímicos apresentam a seguinte dinâmica:

O domínio fonte pode ser o domínio comum e o alvo, um subdomínio dentro dele, de modo que a metonímia seja do tipo *o todo pela parte*, um exemplo é *Comemos frango*, referindo-se à carne do animal. Quando se dá a situação oposta, ou seja, quando o domínio fonte é parte do domínio alvo, que é o domínio comum, a metonímia é do tipo *parte pelo todo*; isto ocorre em exemplo como *Necessitamos mais braço para a colheita*, para referir-nos às pessoas cujo esforço físico necessitamos. Também podemos ter metonímias do tipo *parte por parte*, nas quais tanto o domínio fonte como alvo são subdomínios dentro de um domínio cognitivo mais amplo, como os verbos *veranear* e *invernar*, cuja compreensão implica projetar a estação do ano durante a qual se realiza uma atividade determinada, sobre essa mesma atividade. (2009, p. 8)

Nessa perspectiva, Lakoff (1987) acrescenta que tais princípios definem cinco tipos básicos de modelos cognitivos: (i) os de esquema imagéticos, (ii) os proposicionais, (iii) os metonímicos, (iv) os metafóricos e (v) os simbólicos. Convém destacar que nós nos deteremos nos MCIs Proposicionais, visto que nosso objeto de pesquisa diz respeito à abordagem da polissemia da expressão convencional *cabra* com base no MCI Proposicional HOMEM do tipo Categoria Radial. Os MCI Proposicionais,

para Lakoff (1987), representariam os modelos que mais estruturariam nossos conhecimentos em função das seguintes características:

- (i) Apresentam aparência objetivista, porque seriam estruturados a partir de entidades constituídas por propriedades e pelas relações estabelecidas entre essas propriedades. Contudo, Lakoff (1987) ressalta que se trata de modelo cognitivo e não de pedaços da realidade; de entidades mentais e não de coisas reais.
- (ii) As entidades que os compõem não são estruturadas com base nos dispositivos imaginativos, como metáfora, metonímia ou imagens mentais;
- (iii) As entidades que os compõem são estruturadas por esquemas imagéticos.
- (iv) As entidades que os compõem são ontologicamente conceitos de nível básico ou conceitos caracterizados por MCIs de outro tipo.

Os MCIs Proposicionais compreendem cinco diferentes tipos de modelos dentre os quais o tipo de Categoria Radial. Lakoff (1987) salienta que, ao propor cinco diferentes tipos de MCIs Proposicionais, estaria sendo muito mais sugestivo do que autoritário ou exaustivo. Antes de definir a Categoria Radial, Lakoff (1987) preconiza que as categorias são definidas em termos de vários esquemas imagéticos: sua configuração geral é de RECIPIENTE (CONTÊINER); sua estrutura hierárquica é de PARTE/TODO e EM CIMA/EMBAIXO; e, suas relações são de LIGAÇÃO. Quanto à Categoria Radial, Lakoff (1987) a define em termos de um modelo constituído por alguns dos esquemas imagéticos presentes em quaisquer categorias, porém, há algumas diferenças nos arranjos desses esquemas, a saber:

- (i) RECIPIENTE, isto é, trata-se de esquema constituído de uma FRONTEIRA que distingue INTERIOR de EXTERIOR, a exemplo da experiência que temos com nosso corpo na condição de recipiente de alimentos ingeridos e excretados, do oxigênio inspirado e expirado. Dessa forma, a Categoria Radial seria um RECIPIENTE, e as subcategorias que a constituem também o seriam.

- (ii) CENTRO-PERIFERIA, isto é, trata-se de esquemas imagéticos que emergiriam de experiência que temos com nosso próprio corpo a partir da percepção de que o nosso corpo está dividido em tronco na condição de centro e membros na condição de periféricos. Desse modo, tal esquema seria responsável pela distinção entre a subcategoria central e as demais subcategorias.
- (iii) Além de os conectores entre as subcategorias se constituírem em modelos metonímicos ou metafóricos, podem se constituir, igualmente, em esquemas imagéticos de LIGAÇÃO, isto é, trata-se de esquemas imagéticos contemplariam conceitos que emergiriam de experiências primais como, a de termos nascido preso a um cordão.

Mais adiante, Lakoff estima que:

(...) estruturas radiais não são apenas um tipo de estrutura de categorias que produzem efeitos prototípicos. Trata-se, na verdade, de um tipo de categoria que mais radicalmente se afasta das teorias clássicas: Primeiro, porque não há apenas uma única representação para uma estrutura categorial de natureza radial. Ou seja, é necessário fornecer a representação de uma subcategoria central e demais representações relativas a cada subcategoria não centrais, já que não há como estabelecer princípios que prevejam os casos não centrais a partir do caso central. Segundo, uma teoria da motivação é requerida, já que não há como prevê as subcategorias não centrais a partir da subcategoria central. Terceiro, é necessário formular uma teoria acerca dos tipos de ligações entre as subcategorias não centrais e a central. Quarto, quando a natureza dessas ligações é explicitada detalhadamente, constata-se que uma explicação adequada destas ligações requeira uma teoria experiencialista acerca do pensamento conceptual, da razão e de todos os tipos de modelos cognitivos que mencionamos acima: proposicional, metafóricos, metonímicos e imagem-esquemática. (1987, p. 379). (Tradução Nossa).

Como exemplo que ilustra os mecanismos de estruturação radial de uma categoria, Lakoff (1987) descreve o sistema de classificadores de uma língua aborígine da Austrália, o *Dyirbal*. Tal língua usa um sistema de classificadores que marca a categoria à qual os nomes pertencem da seguinte forma: os falantes do *Dyirbal* usam um nome numa frase precedida de quatro tipos de prefixos: *Bayi*, *Balan*, *Balam*, *Bala*. Com base nesses quatro tipos de prefixo, os falantes do *Dyirbal* classificam todos os objetos do universo *Dyirbal*.

Com efeito, três princípios gerais organizam as quatro classes de coisas representadas pelos quatro prefixos classificadores, tais como: classe I: *Bayi*: machos humanos, animais; classe II: *Balan*: fêmeas humanas, água, fogo, violência, combate,

criaturas perigosas; classe III: *Balam*: plantas comestíveis, frutas; classe IV: *Bala*: tudo o que não esteja nas outras classes. Cada um desses classificadores, com exceção de *Bala*, funciona num sistema de radialidade. Quanto aos três princípios que incidem sobre a classificação acima comentada, têm-se:

- (i) O Princípio Mais Geral, chamado Princípio do Domínio da Experiência, que funciona de acordo com o seguinte critério, “se há um domínio básico da experiência associado a A, então é natural que entidades nesse domínio estejam na mesma categoria que A”. (LAKOFF, 1987, p. 93). Esse é o caso, por exemplo, dos *peixes* que são colocados na classe I e, assim, todos os *instrumentos de pesca* são classificados em I.
- (ii) O Princípio do Mito-e-Crença que se baseia no seguinte critério, “se algum nome tem uma característica X (que fundamenta sua pertença à categoria), mas é, através de crença e mito, relacionado com a característica Y, então, geralmente, ele pertencerá à classe correspondente à Y e não à correspondente à X”, (LAKOFF, 1987, p. 94). Como exemplo deste caso, têm-se as *aves* que são consideradas espíritos de fêmeas mortas e os *grilos* que são considerados mulheres velhas. Daí a razão para *aves* e *grilos* serem classificados em II, não em I, como se poderia, de outro modo, esperar. Por outro lado, a *lua* e o *sol* são considerados, respectivamente, marido e mulher e, por isso, a *lua*, de gênero masculino, é classificada, como marido, em I; e o *sol*, de gênero feminino, como esposa. Uma vez que *fogo* é do mesmo domínio experiencial do *sol*, *fogo* pertence à classe II, assim como o *sol*.
- (iii) O Princípio da Propriedade Importante que é norteado pelo seguinte critério: “se um subconjunto de nomes tem alguma propriedade particular importante que o resto do conjunto não tem, os membros do subconjunto podem, então, ser ligados a uma classe diferente do conjunto para marcar esta propriedade; a propriedade importante é, na maioria das vezes, nociva”, (LAKOFF, 1987, p. 94). Alguns *peixes* (peixe-agulha e o peixe-pedra) considerados perigosos deixam de ser classificados da maneira habitual. Os *peixes* passam da classe I para a II.

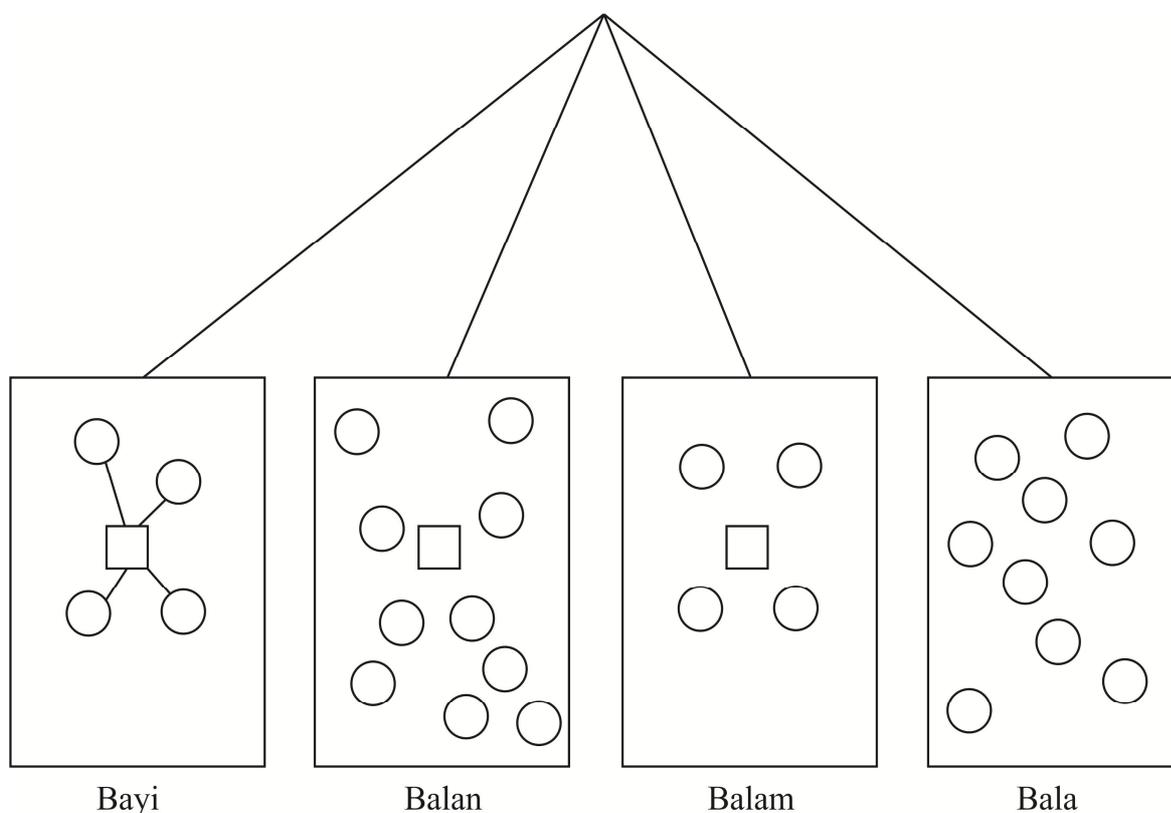
Na visão de Lakoff (1987), o princípio do Mito-e-Crença seria um caso especial do Princípio do Domínio da Experiência, considerando que, para a cultura *Dyirbal*, os domínios da experiência do mito e da crença são domínios relevantes para a categorização. O Princípio da Propriedade Importante seria, igualmente, um caso do Princípio do Domínio da Experiência, visto que o domínio do *perigo* é importante para categorização das coisas. Nessa perspectiva, o autor pondera que o Princípio do Mito-e-Crença seria responsável pelo fato de *fogo* pertencer à mesma categoria de *mulher* assim como o Princípio da Propriedade Importante pelo fato de *perigo* pertencer à categoria em questão.

Dessa forma, a categoria *Balan*, por exemplo, estaria radialmente organizada a partir das seguintes conexões: *mulher* (via mito) com *sol* (via domínio relevante da experiência) com *fogo*. Nesse sentido, se poderia conectar *perigo* e *água*, já que *fogo* é perigoso, isto é, *coisa perigosa*, e *água* apagaria o *fogo* baseado no mesmo domínio experiencial de *fogo*. Contudo, antes de ensaiar uma conclusão a respeito da maneira pela qual os membros da cultura *Dyirbal* categorizam o mundo, Lakoff (1987) declara que, apesar dos dados serem consistentes, já que foram coletados a partir de informantes egressos da cultura em questão, eles não teriam recebido nenhum tratamento empírico.

Com base em diagramas, abaixo reproduzidos, que representam a organização do sistema conceptual *Dyirbal*, tal autor conclui que:

O universo é dividido em quatro claros e exclusivos domínios respectivamente representados nos boxes. Isso forma o que chamamos da *base do modelo*. Todas as bases de tal *modelo* nos mostra que há quatro distinções. Três dessas distinções possuem estrutura interna, com elementos ao centro. Os centros são indicados pelos quadrados na figura. O quarto box, ao ser formado pelo que foi deixado de fora pelos três primeiros boxes, não apresenta estrutura interna. Os respectivos centros dos domínios na base do modelo são igualmente estruturados pelo que chamamos de oposição básica de *modelo*: machos humanos x fêmeas humanas, ou centro da classe I x centro da classe II; pessoas x plantas comestíveis, ou centro da classe I e II x centro da classe III. Finalmente, e talvez mais importante, é que há estruturas encadeadoras dentro do modelo. (...). Esse sistema difere da teoria clássica no que diz respeito à ausência de algum tipo de característica compartilhada pelos membros das categorias. (1987, p. 103).

**Figura 1:** Sistema *Dyirbal* de Classificação



Fonte: Lakoff (1987, p.103).

Dessa forma, para o autor de *Women, Fire and dangerous Things*, tal sistema conceptual manifesta características importantes no que tange à construção de estruturas radiais, dando a conhecer, assim, aspectos relevantes da cognição humana, quais sejam: (i) a existência de domínios básicos da experiência que podem ser específicos de uma cultura; (ii) a existência de membros que são mais centrais numa categoria; (iii) a estruturação feita por extensões, a partir dos quais cada membro está ligado a outro na categoria, de sorte que todos estão ligados entre si; (iv) as categorias que constituem um todo não precisam ser definidas com base em compartilhamento de propriedades comuns; e (v) um conhecimento específico (como o mitológico) se impõe sobre o conhecimento geral.

Nesse sentido, Lakoff (1987) propõe um modelo categorial, por ele considerado o exemplo mais radical de prototipicidade, com o qual é possível demonstrar como os significados polissêmicos se estruturam e se relacionam. Ainda de acordo com Lakoff (1987), a polissemia, na condição de fenômeno primordialmente conceptual, sugere ser

um caso especial de categorização de base prototípica, visto que os significados das expressões polissêmicas representariam os membros de uma categoria. Assim a intratabilidade da polissemia, isto é, a profusão de significados das palavras polissêmicas, tratados de forma caótica, ganharia um princípio de organização com base no caráter motivado, prototípico, multidimensional da Categoria Radial.

Ademais, Lakoff declara que na condição de linguista:

[está] preocupado com os princípios gerais que regem os fenômenos lingüísticos como o da polissemia. (...) Todos esses estudos leva[ra]m à mesma conclusão: As generalizações que regem a polissemia só podem ser descritas e explicadas em termos de organização conceptual. Assim, o estudo de fenômenos lingüísticos leva a hipóteses acerca da organização conceptual. (1987, p. 334). (Tradução Nossa)

Mais adiante Lakoff completa, afirmando que:

[ele] leva a sério as regularidades lingüísticas, incluindo a polissemia, na condição de fenômeno a ser descrito e explicado, tendo em vista que tais regularidades lingüísticas parecem exigir, de forma contundente, o entendimento de como um sistema conceptual é organizado. Devido a esse fato, [ele] acredita que os sistemas conceptuais apresentam diferentes organizações, constituindo-se, assim, em diferentes sistemas conceptuais. (1987, p. 334) (Tradução Nossa).

Em suma, ainda respondendo de forma nova às perguntas acerca do sistema conceptual, de sua organização e de sua natureza compartilhada ou não, Lakoff (1987) avalia que tal sistema não é monolítico. Ou seja, para tal autor, um indivíduo pode compreender um mesmo domínio de experiência de diferentes maneiras, inclusive de maneira contraditória sem que ponha dramaticamente em risco a comunicação com seus pares. Diante disso, Lakoff (1987) defende a existência de sistemas conceptuais humanos distintos que apresentam, no entanto, instâncias comparativas, isto é os sistemas conceptuais humanos podem ser comparados se apresentarem organização comum bem como compreensão, uso e enquadramento de conceitos de forma similar.

Há que se ressaltar que Lakoff (1987) define compreensão como um critério experiencialista, segundo o qual dois sistemas conceptuais são comparáveis se eles forem compreendidos por uma pessoa com base, supostamente, nas estruturas pré-conceptuais da experiência e da capacidade geral de conceptualização dessa pessoa. No que diz respeito ao uso, Lakoff o define como um critério forjado por Whorf, segundo o qual dois sistemas conceptuais são comparáveis se eles fazem uso dos mesmos conceitos da mesma maneira; ao passo que enquadramento é definido de acordo com o

trabalho de Filmore e Kuhn, segundo o qual dois sistemas conceptuais são comparáveis se eles enquadram as situações da mesma maneira e, se existe correspondência um para um entre conceitos nos dois sistemas. Finalmente, organização é abordada como um critério que provêm do trabalho de Brugman no qual dois sistemas conceptuais são comparáveis quando os mesmos conceitos são organizados em ambos os sistemas da mesma maneira.

Para finalizar esta seção, no que pese nosso objeto de pesquisa ser a polissemia da expressão convencional *cabra* e tal expressão se referir ora a *animal*, ora a *homem valente, violento, resistente, companheiro e competente*, ora a *mestiço* e a *morador ou originário de zona rural*, consideramos que o MCI Proposicional do Tipo Categoria Radial, pleiteado por Lakoff (1987), sugere ser adequado para o tratamento da relação entre esses vários significados. Ou seja, assim como Lakoff (1987), suspeitamos, igualmente, que os vários significados dessa expressão apontam para regularidades linguísticas que merecem ser investigadas a partir de uma dada organização conceptual, isto é, a partir da conceptualização da experiência do domínio figura masculina em termos de animal por membros da cultura nordestina, especialmente da cultura fortalezense. Assim, acreditamos que a polissemia da expressão convencional *cabra*, além de ser motivada por Metáforas Conceptuais homem em termos de animal, seja motivada igualmente por aspectos culturais baseados na percepção do animal em questão por parte dos membros da cultura que investigamos.

A título de conclusão deste capítulo, conforme assinalado na sua abertura, ele foi, por nós organizado, em três seções de modo que: (i) abordássemos os postulados da SC, tanto por ser esse o campo no qual nossa pesquisa se inscreve, como porque seus postulados, norteados pelo Paradigma Experiencialista, contrariaram e contrariam visões a respeito da relação entre homem e conhecimento definida pelos Paradigmas Objetivitas e Subjetivista; (ii) discutíssemos a TMC porque, além de tal teoria se constituir em referência basilar à teoria que norteia nossa investigação, a TMCI, ela preconiza que as Metáforas Conceptuais, na condição de cruzamento de diferentes domínios experienciais que estruturam os conceitos mais abstratos, motivam as palavras polissêmicas; (iii) debatêssemos a TMCI, particularmente suas contribuições voltadas para o enfoque da polissemia, isto é, do MCI Proposicional do tipo Categoria Radial,

tendo em vista que nosso objeto de investigação é a polissemia da expressão convencional *cabra*

## CAPÍTULO 3

### **Correspondência entre Experiência Corpórea, Pensamento Metafórico e Linguagem: A Polissemia.**

Neste capítulo, conforme o seu título indica, abordamos o fenômeno da polissemia. Há que se dizer que tal fenômeno não é dos mais discutidos no âmbito da Linguística, mais precisamente no âmbito da Semântica Lexical, devido ao seu estatuto de inabordável e de intratável. Contudo, ao formular as bases da SC, Lakoff (1987) se voltou sobre a questão da polissemia, pleiteando sua natureza primordialmente conceptual. Assim, o autor concebeu ferramentas teóricas explicativas à luz da TMCI, no caso o MCI Proposicional do tipo Categoria Radial, por meio das quais é possível discutir e descrever o fenômeno polissêmico.

Nessa perspectiva, organizamos este capítulo em duas seções: a primeira se encontra voltada para abordagem de estudos e teorias mais relevantes acerca da polissemia, com base nas considerações de Klein e Murphy (2001), Rakova (2003), Lakoff e Johnson ([1980] 2002); a última se destina ao enfoque sobre a polissemia proposta por Lakoff (1987) no âmbito da TMCI, para o qual lançamos mão de Geeraerts (2009), Lakoff (1987), Lakoff e Johnson ([1980] 2002).

#### **3.1. A Polissemia segundo Algumas Abordagens Teóricas**

De modo geral, a polissemia é definida como um fenômeno no qual uma palavra apresenta relação entre vários significados diferentes e/ou similares. Para Klein e Murphy (2001), tal fenômeno incide sobre a grande maioria das palavras, mesmo que em graus diferentes. Ou seja, a despeito do que afirmam linguístas e psicolinguístas que estudam o significado lexical, os dois autores declaram que poucas são as palavras homônimas; ou ainda, poucas são as palavras que apresentam significados individuais não relacionados, que, segundo semanticistas, por acidente histórico, compartilham a mesma representação fonológica, tal qual o célebre exemplo entre: *banco* – ‘instituição financeira’ – e, *banco* – ‘objeto feito para sentar’ -.

Ainda de acordo com os mesmos autores, ao contrário do que ocorre com o fenômeno da homonímia, os significados que se encontram relacionados em palavras polissêmicas participariam de uma relação resultante de um processo de extensão de significados similares, do que resultante de uma coincidência histórica arbitrária, a

exemplo de: *papel* cujos significados se remetem tanto à (i) folha em branco, feita a partir da madeira; como (ii) à função; a desempenho; e, no plural, (iii) a documentos. Nesse sentido, os autores indicam que, em estudos realizados por linguistas como Lehrer e Nunberg, certas relações semânticas entre os significados de palavras polissêmicas aparecem de forma recorrente, tais como, a relação entre objeto e substância (garrafa de cerveja e seu conteúdo; livro e seu conteúdo); e a relação entre objeto e a representação desse objeto (a lâmina de barbear e a marca Gillette).

Contudo, os dois autores ponderam que se os contornos de uma teoria a respeito da representação da homonímia são claros, o mesmo não ocorre em relação à representação da polissemia. Para os lexicólogos, por exemplo, há consenso em relação ao estabelecimento de diferentes entradas para palavras (ou lexias) homônimas a despeito da maneira como o usuário percebe essa relação; ao passo que não existe tal consenso em relação a palavras (ou lexias) polissêmicas. Assim, no caso dos significados *folha branca feita a partir da madeira* e *desempenho* associados ao mesmo lema *papel*, não há consenso se tal caso se constitui em uma ou em duas entradas, já que os especialistas ponderam que embora os significados possam estar relacionados, ontologicamente eles se referem a coisas distintas.

A propósito da lexicologia, Krieger (2006) afirma que a fixação do léxico, em termos de códigos lexicográficos, contribui para “construir a imagem do componente lexical como um conjunto plano, claramente pré-estabelecido, com fronteiras internas delimitadas e de funcionamento totalmente previsto”, (p. 165), em função, sobretudo, do plano de constituição da nomenclatura dos dicionários. Nesse contexto, a autora avalia que:

(...) a observação da homonímia é também determinante na organização lexicográfica, cuja tradição leva a abrir nova entrada para cada item lexical homônimo. As soluções encontradas nem sempre são as melhores, dificultando, por vezes a pesquisa do usuário. Entretanto, a tradição da prática lexicográfica é muito forte. (2006, p. 167).

Krieger (2006) constata, igualmente, que, por se constituir em tarefa deveras complexa e abrangente, os programas de elaboração de dicionários contam com regras próprias de organização de tal forma que é preciso para os seus produtores, além de saber-fazer programático, saber teórico norteado, comumente, por postulados da Semântica Lexical.

No entanto, segundo Klein e Murphy (2001), o saber teórico norteado por postulados da Semântica Lexical variam quanto ao enfoque dispensado à polissemia. Ou seja, ainda para os dois autores, há teorias linguísticas que atribuem à existência de apenas um único significado (o significado nuclear) representado no léxico mental, responsável, assim, pela estruturação de todos os usos polissêmicos de uma palavra; assim como teorias que preconizam que a distinção entre significados advém do fato de que tais significados se encontram representados separadamente no léxico mental. Em outras palavras, as teorias linguísticas postulam que a polissemia se encontra representada no léxico mental da seguinte maneira:

- (i) A partir de apenas um significado nuclear, visto que os demais significados derivados seriam produzidos no momento da interação por meio dos aspectos pragmáticos e de plausibilidade, não estando, assim, estocados na memória (Teoria da Mononímia).
- (ii) A partir de um significado nuclear e de um número específico de significados derivados, já que os supostos princípios gerais que regeriam a derivação desses significados poderiam falhar em função de graus de imprevisibilidade do léxico, obrigando, assim, aos usuários de uma língua a aprender quais palavras possuiriam extensões e de que maneira essas palavras se estenderiam (Teoria do Significado Nuclear).
- (iii) A partir de um significado nuclear, mas com os significados derivados representados em separado.

Contudo, tais autores identificam que muitos linguistas adotam a visão de que as palavras polissêmicas se encontram representadas no léxico mental a partir de um significado nuclear e um número razoável de significados derivados, isto é, a maioria dos linguistas adota a Teoria do Significado Nuclear. Por outro lado, na condição de psicólogos, Klein e Murphy (2001) declaram que poucos estudos experimentais foram realizados em torno da representação das palavras polissêmicas.

No entanto, eles citam um estudo realizado por Murphy, em 1997, a partir da perspectiva adotada por autores, dentre outros, como Heine, de 1992 e Lakoff, de 1987, com o qual o pesquisador demonstrou que novas extensões de uma palavra que se

encontram mais próximas dos significados previamente conhecidos são mais aceitáveis do que as novas extensões que se encontram mais distantes. Tal experimento sugeriria que a polissemia poderia ser desenvolvida com base na construção de uma cadeia de extensões na qual uma extensão é construída a partir da extensão anterior. Diante das diversas visões acerca da polissemia, Klein e Murphy (2001) questionam a respeito da consistência da visão segundo a qual se um novo uso de uma palavra surge no momento da interação, tal novo significado não se encontraria, assim, estocado na memória. Desse modo, conceberam cinco experimentos com os quais visaram examinar em que medida (i) os vários significados de uma palavra polissêmica se utilizam das mesmas representações, (ii) ou de diferentes representações.

Os cinco experimentos não confirmaram a visão que postula a existência de um significado nuclear estruturando todos os demais significados de uma palavra polissêmica. Contudo, mesmo reconhecendo o déficit de experimentos voltados para polissemia, os autores afirmam que continuam a acreditar que os significados de uma palavra polissêmica se encontrariam de fato relacionados. Dessa forma, seria necessário, para eles, mudar a perspectiva a respeito da representação dos significados de uma palavra polissêmica, passando a investigar a natureza da relação semântica *per se*. Ou seja, os autores em questão acreditam ser relevante investigar como se daria a relação entre os significados, ao invés de pautar uma investigação que parta da perspectiva já dada da relação entre os vários significados de uma palavra polissêmica ser de compartilhamento de propriedades similares.

Em assim sendo, ambos os autores ponderam que se tal perspectiva estiver correta, ela levaria a percepção de que um núcleo não poderia ser o componente básico de um significado; não poderia ser compartilhado por todos ou a maior parte dos demais significados. Acrescentam ainda que se existir um significado nuclear, ele seria provavelmente um significado prototípico ou produzido historicamente antes dos demais significados, não sendo, assim, compartilhados pelos significados derivados. Tal significado nuclear se constituiria, no entanto, no ponto de origem a partir do qual os demais significados seriam historicamente derivados, apesar de alguns dos significados dele derivados se constituírem, igualmente, no ponto de origem de outros significados dessa mesma palavra polissêmica. Concluem, assim, que tal significado nuclear não

teria um papel importante no processamento *online* da palavra, embora possa desempenhar um papel importante nas análises linguísticas.

Em suma, os dois autores assinalam que há ausência de modelos mais específicos que investiguem a representação da polissemia no léxico mental. Apontam para algumas análises realizadas por linguistas como Geeraerts e Cruse, segundo as quais: para o primeiro, não haveria uma delimitação clara entre polissemia e a ambiguidade mais usual; e, para o último, algumas palavras teriam um gama de significados que sombreiam de forma imperceptível uns aos outros. Ao concluírem, Klein e Murphy (2001) consideram que essa situação atípica em torno da polissemia se constitui em uma espécie de quebra-cabeça metodológico, embora o falante não o veja assim; e que mesmo que os significados de uma palavra polissêmica não compartilhem de propriedades similares, eles se encontram relacionados.

Ainda em relação à visão de que o fenômeno polissêmico se constitui em situação atípica como se fosse uma espécie de quebra-cabeça, Silva afirma que:

Aparentemente simples, a polissemia é um conceito intrinsecamente problemático em toda a linha, e os seus problemas confundem-se com problemas de semântica. Desde logo o problema da definição da polissemia, a dupla distinção entre si e a *vaguidade* ou inderterminação, ou especificações de um momento (acto de *comer* com uma colher e com faca e gafo), por um lado, e a *homonímia*, ou diferentes sentidos não relacionados de palavras diferentes com mesmo nome (*banco*, ‘instituição financeira’ e *banco* ‘espécie de assento’), por outro; e portanto as questões de *diferenciação* e da *relação* de/entre sentidos. Depois, os problemas a nível da estrutura do complexo polissêmico e nos seus aspectos tanto *qualitativos* (natureza e tipos de relações) quanto *quantitativos* (diferenças de saliência e efeitos de prototipicidade de vários tipos). (2003, p. 92)

Por outro lado, embora compartilhe da visão de que o fenômeno da polissemia é um quebra-cabeça para qualquer teórico que tente oferecer generalizações, Rakova (2003) postula, com base na análise da polissemia adjetival, especialmente a partir de adjetivos sinestésicos como *claro* e *afiado* - em exemplo como *luz clara/som claro; faca afiada/som afiado* - uma abordagem, por ela cunhada, de visão não polissêmica. Na verdade, ao discutir a polissemia dos adjetivos sinestésicos, a autora contrapõe a sua visão não polissêmica àquela que reivindicaria a polissemia dos adjetivos sinestésicos como significados metafóricos derivados a partir de um significado literal. Esse enfoque, segundo a autora em questão, seria postulado por teóricos da Metáfora. Há que se ressaltar que Rakova (2003) define os adjetivos sinestésicos a partir do que se

entende por sinestesia, isto é, um determinado tipo de experiência perceptual na qual a percepção de um estímulo de uma dada modalidade sensorial, a visão, por exemplo, é acompanhada de alguma outra modalidade sensorial, a audição, por exemplo.

A autora, na conclusão de seu trabalho, afirma que seu “livro não é contra a metáfora”; “não é contra nenhum tipo de teoria”. (p. 172). No entanto, ao estabelecer o suposto enfoque preconizado pelos teóricos da metáfora como contraponto à sua visão não polissêmica, ela se dirige particularmente a Lakoff e Johnson e, notadamente à TMC, a qual, eventualmente, ela se refere como SC. A autora reserva, assim, algumas seções e um capítulo de sua obra à discussão acerca, particularmente, do Experiencialismo, embora mencione muitas vezes os postulados da TMC.

Nessa perspectiva, logo no início de seu livro, Rakova (2003) discute o Realismo Experiencial, ressaltando que se deve levá-lo a sério, já que tal visão filosófica pleiteia três aspectos importantes, a saber: (i) o fato de argumentar que o Objetivismo ignora a influência do aparato sensorial e motor do ser humano na produção de sentidos, por professar a conceptualização humana como correspondência entre mundo e razão transcendental; (ii) o fato de atribuir relevância ao corpóreo na estruturação conceptual humana; (iii) e o mais importante desses aspectos, o fato de considerar a polissemia como um fenômeno de caráter primordialmente conceptual.

Contudo, mesmo levando a sério o Experiencialismo, Rakova (2003) não considera plausível a Teoria da Metáfora Primária e, conseqüentemente, a TMC, já que não avalia empiricamente razoável que os esquemas imagéticos signifiquem diretamente a estrutura conceptual humana, tampouco que as projeções metafóricas signifiquem de forma indireta essa estrutura. Além disso, considera a metáfora como desviante, já que atribui à literalidade, isto é, a denotação, o recurso que garante a precisão das expressões linguísticas.

Por outro lado, estima que a SC não teria reformulado completamente a distinção entre literal e metafórico. Na verdade, ao ponderar que a TMC seria diferente das teorias clássicas das metáforas, por ter pleiteado, pela primeira vez, que a distinção entre literal e metafórico é de natureza conceptual, Rakova (2003) conclui, no entanto, que tal ponto de vista a respeito da primazia conceptual não torna a SC, uma teoria radicalmente nova. Dessa forma, a TMC, para ela, representaria apenas um passo adiante. Com base

nesse enfoque, Rakova (2003) reúne teorias acerca da metáfora, inclusive a TMC, em torno de uma hipótese, por ela identificada, como padrão, segundo a qual a polissemia seria tratada em âmbito conceptual e seus vários significados seriam derivados de um único significado literal.

Ao se contrapor à visão formulada pela Hipótese Padrão, Rakova (2003) instala sua visão não polissêmica igualmente no âmbito conceptual, mas também no âmbito linguístico. Assim, para autora, sua visão não polissêmica prescinde de dois níveis: o nível conceptual no qual se encontrariam os conceitos psicologicamente primitivos, sendo esse nível, o da literalidade; e o nível do significado linguístico, sendo esse o nível da variação de significados a partir do qual realizam-se denotações do tipo *claro é ate onde claro vai e afiado é até onde afiado vai*.

Em outras palavras, Rakova (2003) estabelece uma distinção entre significado linguístico e conceito. Ainda segundo a autora, conceitos seriam entidades mentais supramodais, de natureza corpórea, já que emergiriam da interação entre o aparato perceptual humano e a habilidade humana, - resultante de processos evolutivos - em abstrair e representar propriedades particulares do *input* sensorial; e os significados linguísticos que ganham sentidos a partir dos conceitos e por meio de denotações. Ou seja, a autora pleiteia que os mapeamentos no âmbito dos conceitos psicologicamente primitivos CLARO e AFIADO passariam para o nível da representação semântica a partir do qual os significados linguísticos *claro* e *afiado* seriam denotados. No caso de *luz clara* e *som claro*, por exemplo, o conceito psicologicamente primitivo e supramodal CLARO, por ser extensivo a modalidades sensoriais visuais e auditivas, e o conceito SOM, ao serem mapeados, passariam para o nível da representação semântica a partir do qual os significados linguísticos das expressões *som claro* e *luz clara* seriam denotados com base nos seguintes procedimentos: *som é claro até onde o som o é* e *a luz é clara até onde a luz o é*, variando, assim, os significados linguísticos de *claro* em função dos conceitos SOM e LUZ.

Para contextualizar a relação entre léxico e estrutura conceptual preconizada na sua visão não polissêmica, a autora apresenta a seguinte tipologia: (1) uma palavra – um significado – um conceito; (2) uma palavra – vários significados – um conceito; (3) uma palavra – vários significados (relacionados) – um conceito; (4) uma palavra – vários

significados – vários conceitos (não relacionados). Dessa maneira, o primeiro e o quarto tipos de relação seriam, segundo ela, os mais claramente delineados, já que o primeiro representaria as palavras que não são ambíguas e o quarto, a homonímia. Sua proposta seria representada pelo segundo tipo de relação; ao passo que o terceiro tipo de relação representaria os casos que se encontrariam entre polissemia e homonímia.

Ao considerar o segundo tipo de relação, referendado pela sua proposta, o mais estável, ela pondera que a terceira relação seria de caráter instável, já que contemplaria diversos tipos de polissemia motivados por metáforas linguísticas como, *pé da mesa*; por metonímias como, *livro objeto* e *livro texto*; e por novos usos de palavras introduzidos pela ciência. Ou seja, segundo Rakova (2003), a terceira relação apresentaria caráter instável, tendo em vista que as palavras que são tipificadas pela terceira relação se deslocam, em algum momento, sendo configuradas com base na quarta relação. Ainda segundo a autora, a avaliação de que a terceira relação apresenta caráter instável, não é inédita, visto que, em 1977, John Lyons observara que as categorias da polissemia e da homonímia não seriam suficientes para cobrir todas as relações entre os significados, sugerindo, portanto, um *continuum* entre a pura polissemia e a pura homonímia.

Nesse sentido, linguistas como Barbosa (1981) parecem adotar posicionamento norteado pela perspectiva sugerida por John Lyons. Dessa forma, a autora em questão pondera que a monosssemia inicial de um lexema pode corromper-se rapidamente e, instalar uma tensão entre polissemia e homonímia de tal sorte que se deve considerar que toda homonímia é polissêmica. Mas nem toda relação de polissemia é do tipo homonímico. Assim, haveria dois tipos de polissemia: (i) a polissemia *stricto sensu*, ou polissemia propriamente dita, que diz respeito às palavras que têm para o mesmo significado, vários feixes de significados, que, por sua vez, são acrescentados paulatinamente ao significado nuclear inicial; e, (ii) a polissemia *lato sensu*, ou homonímia, que diz respeito às palavras que não podem ser reunidas em torno do mesmo núcleo de significado.

Ademais, Rakova (2003) afirma que sua visão não polissêmica apresenta algo em comum com a Teoria da Mononímia. Ou seja, ambas as abordagens postulam que haja um nível no qual os diferentes significados da polissemia não são relacionados de forma

metafórica. Assim, Rakova (2003) conclui que o seu principal objetivo com essa obra foi o de discutir que há muito mais literalidade na linguagem do que tradicionalmente se vêm supondo, especialmente por parte dos teóricos da Metáfora. Ou seja, apoiada na sua visão não polissêmica, ela acredita ter apresentado uma abordagem capaz de argumentar a favor especialmente da literalidade na conceptualização dos adjetivos *claro* e *afiado*, contrariando, assim, a abordagem que confere caráter metafórico a esses adjetivos.

Há que se ponderar acerca de algumas das generalizações feitas por Rakova (2003) especialmente quando ela postula que a TMC, tal como as demais teorias da Metáfora, têm, como suposição norteadora a respeito da polissemia, a ideia de um significado literal gerar vários significados de natureza metafórica. Ou seja, Rakova (2003) considera, dessa forma, que a TMC pleitearia que a polissemia seria estruturada a partir de um significado literal. Talvez, sua abordagem tenha como base a compreensão enviesada de afirmações de Lakoff e Turner, como a que se segue:

Para compreender o que é metafórico, devemos começar com o que não é metafórico. De forma sucinta, à medida que um conceito é compreendido e estruturado em seus próprios termos, sem fazer uso, assim, de estruturas importadas de domínios conceptuais completamente diferentes, nós o consideramos não metafórico. (1989, p. 57). (Tradução Nossa)

Por outro lado, consideramos que tal generalização reduz ou despreza nuances importantes que distinguem a TMC das demais teorias acerca da Metáfora. Pois, se atentarmos ainda para o que Lakoff e Turner discutem a respeito da Teoria da Literalidade e a TMC, percebemos que ambos os autores estabelecem as seguintes e relevantes distinções:

É muito importante observar todas as maneiras pelas quais a Hipótese Experiencialista difere da Teoria do Significado Literal.

Primeiro, a Hipótese Experiencialista afirma que apenas alguns conceitos são semanticamente autônomos. Assim, é compatível com essa visão, a compreensão segundo a qual a maior parte dos conceitos não é automaticamente autônoma. Tal visão é muito diferente da visão preconizada pela Reivindicação de Autonomia da Teoria do Significado Literal, segundo a qual todos os conceitos convencionalmente expressos por palavras e frases na língua são semanticamente autônomos.

Segundo, a Teoria Experiencialista é independente da Reivindicação Objetivista para a qual os significados de todos os conceitos são caracterizados via referência à realidade objetiva, independente da mente humana. Nós negamos veementemente tal enfoque e nós reivindicamos que, ao contrário da autonomia semântica atribuída aos conceitos, estes são motivados por padrões de nossa experiência corpórea e social. A Hipótese Experiencialista não pleiteia que os conceitos semanticamente autônomos

representem diretamente o que a mente espelha da realidade, assim como o faz a Teoria do Significado Literal.

Terceiro, a Hipótese Experiencialista trata de *conceitos* e não de *linguagem*. A Hipótese Experiencialista, dessa forma, não diz nada acerca de alguma expressão linguística ser semanticamente autônoma. Para a Hipótese Experiencialista, é plausível haver casos, segundo os quais, para cada palavra ou frase na linguagem definida, em parte, como metafórica, os conceitos semânticos autônomos possam tanto desempenhar um papel crucial como motivar todas as metáforas convencionais. Deixamos essa questão de natureza empírica aberta para ser abordada por futuros estudos. (1989, p. 119-120). (Tradução Nossa)

Dessa forma, embora Lakoff e Johnson ([1980], 2002) argumentem que o Paradigma Experiencialista tenha caráter alternativo, tendo em vista que alguns de seus postulados não promovem rompimentos radicais com os demais paradigmas, especialmente com o Objetivismo e sua visada em relação à existência de uma realidade distinta do homem, estimamos ser temeroso atribuir o caráter de literalidade aos conceitos que não são considerados, no âmbito da TMC, como metaforicamente motivados. Em outras palavras, ao tratar a TMC a partir desse ponto de vista, Rakova (2003) reduz e negligencia diferenças que separam programas filosoficamente distintos, e por vezes, opostos.

Outro aspecto a destacar é quanto à visão de centralidade de um conceito não metafórico no âmbito da estrutura polissêmica, aos moldes lakoffiano. Mais uma vez estimamos que Rakova (2003) negligencia essa questão, ao postular que a TMC participa do rol de teorias da Metáfora que são norteadas pela Hipótese Padrão. Segundo Lakoff (1987), a centralidade de um conceito não metafórico pode ser deslocada, já que a polissemia é definida como estrutura radial na qual as extensões podem constituir novas centralidades. Assim, devido à sua natureza prototípica, as centralidades de uma estrutura radial seriam pautadas por necessidades, valores e propósitos humanos. Nesse sentido, Geeraerts faz a seguinte afirmação:

Na verdade, as análises multidimensionais da estrutura semântica de itens lexicais não são apenas uma característica comum da Semântica Cognitiva, elas são uma característica crucial do modelo de agrupamento radial da estrutura semântica que se tornou popular pelo trabalho de Brugman (1981) e Lakoff (1987) e muitos outros. (2009, p. 62)

Outro aspecto que mereceria mais atenção por parte da autora é quanto à visão do corpóreo no âmbito da SC. Ou seja, segundo preconiza SC, a estrutura conceptual humana emergiria não apenas da interação do aparato corpóreo com o meio físico, mas também da interação com o meio socioculturalmente situado. Nesse sentido, há estudos

experimentais como de o Borodistsky (2001) e o de Yu (2008) que tratam da relação entre cultura e conceptualização de espaço e felicidade respectivamente. Ou seja, há variações conceituais relevantes para além do indivíduo, que se relacionam com crenças e necessidades e propósitos compartilhados por uma dada comunidade, como bem explica Lakoff (1987).

Por outro lado, é possível estabelecer conexão com a tipologia entre conceito e léxico delineada por Rakova (2003) e as posições assumidas por Lakoff e Johnson ([1980] 2002) a respeito da homonímia - que, por sua vez, é abordada pelos autores em questão, segundo duas versões, *fraca* e *forte* -; e, a respeito do que chamam de *Abstração*. Na verdade, ambos os autores consideram que tanto a homonímia - na sua versão *forte* (tipologia quatro em Rakova, 2003) e na sua versão *fraca* (tipologia 4 em Rakova, 2003) – como a *Abstração*, isto, é a Teoria da Mononímia (Tipologia dois em Rakova, 2003), se constituem em estratégias utilizadas por linguístas e lógicos no sentido de não reconhecer o caráter metafórico de conceitos mais abstratos.

Para ilustrar a visão da TMC em relação às duas estratégias utilizadas por linguístas e lógicos no tratamento de conceitos metafóricos, Lakoff e Johnson ([1980], 2002) discutem a análise do significado *escorar* em expressões linguísticas como: *Ele escorou o muro* e *Ele escorou sua argumentação*. Para a TMC, que preconiza o papel das Metáforas Conceptuais na formação de conceitos mais abstratos, o significado de *escorar*, no que diz respeito às duas expressões supracitadas, seria considerado polissêmico, já que o significado de *escorar*, no segundo exemplo, seria motivado e licenciado pela Metáfora Conceptual DISCUSSÃO É CONSTRUÇÃO. Ou seja, o conceito de ESCORA, ao ser estruturado pela *gestalt* de CONSTRUÇÃO e essa *gestalt* mapear parcialmente o conceito DISCUSSÃO, *escora no* conceito de DISCUSSÃO seria licenciado pelo seu significado no conceito CONSTRUÇÃO. Assim não haveria necessidade de uma definição independente para o significado de *escorar* em ambos os exemplos.

Por outro lado, segundo a Teoria da Mononímia, o significado *escorar*, exemplificado nas duas expressões linguísticas, seria abordado como estruturado por meio de um único, abstrato e neutro conceito de ESCORA. Dessa forma, além de negligenciar aspectos conceituais relativos a padrões de conceptualização altamente

produtivos, a exemplo das Metáforas Conceptuais, tal teoria não esclareceria como conceito nuclear ESCORA se constituiria e operaria, tornando a visão a respeito desse conceito nuclear demasiado abstrata. Para a versão *forte* da homonímia, os significados de *escora*, nos exemplos supracitados, seriam considerados em separado, isto é, ESCORA (1) e ESCORA (2), tendo em vista que seriam tratados como completamente diferentes e sem nada em comum entre um e outro. Ou seja, um conceito se referiria a algo físico e o outro, a algo abstrato. A versão *fraca* da homonímia abordaria, igualmente, ambos os significados como ESCORA (1) e ESCORA (2), apesar de reconhecer que tais significados apresentariam alguns aspectos parecidos, estabelecendo, com isso, uma relação entre ambos com base em uma similaridade abstrata. Dessa forma, de acordo com os dois autores, a versão *fraca* da homonímia se aproximaria, de alguma maneira, da Teoria da Mononímia, visto que a visão a respeito de uma similaridade abstrata se harmonizaria com a visão de um conceito nuclear geral, abstrato e neutro.

Em suma, Lakoff e Johnson ([1980] 2002) avaliam que tanto a Teoria da Mononímia como a Homonímia seriam funcionalmente inadequadas. No que tange à Teoria da Mononímia, ela seria funcionalmente inadequada por não considerar a existência de um sistema conceptual metafórico e, conseqüentemente, de conceitos metafóricos, deixando, assim, de explicar que AMOR pode ser entendido em termos de VIAGEM, por exemplo. Ou seja, ao contrário da TMC, para a qual a Metáfora Conceptual AMOR É VIAGEM licenciaria expressões como *a que ponto nosso relacionamento chegou; nosso relacionamento está diante de uma encruzilhada*; a Teoria da Mononímia afirmaria, desconsiderando as intuições geradas pelos exemplos supracitados, que os significados de *amor* e *viagem* seriam estruturados a partir de algum conceito nuclear, abstrato e neutro entre os significados em questão.

Ainda sobre a inadequação da Teoria da Mononímia, Silva (2003) avalia que o Estruturalismo e o Generativismo, na condição de principais correntes da linguística moderna, abordam a polissemia de forma pouco satisfatória, já que a consideram como um tema menor ou mesmo um falso problema. Assim, o autor em questão destaca três perspectivas na abordagem de minimização da polissemia por parte dessas correntes, quais sejam:

(...) a *homonista*, negando (a relevância de) a *relação* entre os sentidos e convertando a polissemia em homonímia; a *artefactualista*, negando (a relevância de) a *diferenciação* de sentidos, mais especificamente considerando-a como artefacto do linguista, e convertando a polissemia em vaguidade; e a *monossemista*, negando o *estatuto semântico* (linguístico) quer das diferenciações das relações e de novo convertando a polissemia em vaguidade, com a particularidade de considerar os diferentes usos como predizíveis a partir de princípios gerais pragmáticos. Todas essas estratégias e, em particular, a última pressupõem a tese de um significado único, genérico e abstracto, para determinada expressão linguística, e esta foi a solução encontrada para manter o postulado linguístico ‘uma forma – um significado’. (2003, p. 91)

No que diz respeito à homonímia, sua versão *forte*, por não reconhecer que o sistema conceptual possui natureza metafórica, não daria conta de explicar a relação entre conceitos como AMOR e VIAGEM, DISCUSSÃO e CONSTRUÇÃO, tratando-os, desse modo, como independentes e não relacionados; sua versão *fraca*, embora seja considerada superior à versão *forte* pelos dois autores - visto que ela reconhece algum tipo de relação entre os conceitos - teria como base a ideia de que as similaridades compartilhadas pelos conceitos seriam dadas e suficientes. Assim, ao darem por falta de uma teoria da similaridade que possa lidar com o amplo leque de exemplos por eles repertoriados, Lakoff e Johnson declaram que:

A posição da homonímia *fraca* negaria que entendemos o abstrato em termos do concreto ou que entendemos conceitos de um *tipo* em termos de conceitos de outro *tipo*. Ela sustenta que só podemos perceber similaridades entre vários conceitos e que tais similaridades darão conta do uso das mesmas palavras para os conceitos. Ela negaria, por exemplo, que o conceito de ESCORA, quando faz parte do conceito de DISCUSSÃO, é entendido em termos de conceito físico de ESCORA assim como é usado em CONSTRUÇÃO. Ela simplesmente sustentaria que aqueles são dois conceitos distintos e que nenhum deles é usado para entender o outro, mas que apresentam uma relação de similaridade abstrata. ([1980] 2002, p. 201).

Nessa perspectiva, nós nos perguntaríamos, igualmente, qual seria o conceito nuclear abstrato e neutro que relacionaria os significados de animal e homem de modo a estruturar a polissemia da expressão convencional *cabra* bem como quais seriam as similaridades abstratas compartilhadas entre os conceitos HOMEM e CABRA? A nosso ver, tais abordagens, por não reconhecerem o caráter metafórico do sistema conceptual humano, negligenciam um dos recursos mais produtivos de conceptualização humana em termos de experiência corpórea, já que, conforme Kövecses (2010), o domínio fonte animal ocupa o terceiro lugar na lista dos domínios fonte mais mapeados nas diferentes tradições lingüísticas até então pesquisadas. Ainda segundo Kövecses (2010), os seres humanos são frequentemente compreendidos em termos de animais, a exemplo de

expressões linguísticas nas quais a lealdade humana é compreendida como canina assim como a esperteza humana é atribuída à raposa e a maldade feminina atribuída à cobra e à vaca, além de as partes dos corpos dos animais também serem usadas em termos de domínio fonte, a exemplo de expressões em português como: *tenho estômago de avestruz* e *ela lhe botou um belo par de chifres*.

Outro aspecto negligenciado por tais abordagens seria quanto à relevância da interação entre experiência corpórea humana e o meio socioculturalmente. Ainda no que diz respeito ao domínio fonte animal, além dele se constituir em padrão conceptual recorrente na compreensão de homem em termos de animal, tal compreensão se realiza em torno de determinados animais que representam papéis sociocultural e economicamente importantes para determinadas comunidades, como, por exemplo, a cabra para visão de homem no Nordeste do Brasil.

Na verdade, Lakoff e Johnson ([1980] 2002), sem se voltarem de forma direta para o fenômeno da polissemia, defendem, conforme acima discutido, a visão de uma mente corpórea segundo a qual o conhecimento humano emerge da interação entre suas configurações corpóreas finitas e o ambiente físico e socioculturalmente situado. A organização desse conhecimento se daria por meio de *gestalts* experienciais, cuja significação se realizaria de forma direta por meio de estruturas pré-conceptuais - esquemas imagéticos e o nível básico de categorização - produzindo, assim, os domínios conceptuais fonte; e de forma indireta por meio de mapeamentos metonímicos e metafóricos, que produziriam assim, os conceitos mais abstratos. De acordo com essa visão, os mapeamentos metafóricos e metonímicos motivariam os conceitos mais abstratos estruturados por uma palavra polissêmica, como no caso, por exemplo, do animal cabra motivar os vários significados figurados relativos a homem encontrados em Ferreira (2004), quais sejam: *mestiço de mulato e negro, capanga, cangaceiro, morador de propriedade rural, indivíduo e sujeito*.

### **3.2. A Polissemia segundo a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados**

Para Lakoff (1987), é comum uma única palavra ter mais de um significado. Ele esclarece ainda que se os significados se encontrarem não relacionados, a exemplo do célebre caso *banco - instituição financeira* – e, *banco - tipo de assento* –, tratar-se-ia de homonímia; e se os significados se encontrarem relacionados a exemplo de *janela* –

*buraco feito na parede – e janela – estrutura de ferro e vidro* - tratar-se-ia de polissemia. Observa ainda que os significados são, comumente, relacionados de forma tão próxima que não notamos, de imediato, que mais de um significado existe. Nessa perspectiva, Lakoff (1987) afirma que como “linguista, preocupa-se com os princípios gerais que governam fenômenos linguísticos como o da polissemia”. (p. 334). Acrescenta ainda que, com base em vários estudos feitos por autores como, Brugman, Sweetser e Casad, foi possível concluir que “as generalizações que governam a polissemia só podem ser descritas e explicadas em termos de organização conceptual, de modo que o estudo desse fenômeno linguístico leva a hipóteses que dizem respeito à organização conceptual”. (p. 334).

Um dos estudos citado por Lakoff (1987), como o de Brugman, por exemplo, foi realizado junto a falantes da língua otomanguense no oeste do México. Com base nesse estudo, a pesquisadora identificou que esses falantes se utilizavam de maneira sistemática de termos relativos a partes do corpo humano para se referir a localizações espaciais. Ou seja, com base no estudo realizado por Brugman, foi verificada, nessa tradição linguística, uma maneira sistemática de conceptualizar localização espacial por meio de projeções metafóricas que mapeavam partes do corpo humano em objetos. Assim, uma frase em português como, *a pedra está debaixo da mesa*, seria dita algo como, *a pedra está localizada na barriga da mesa* na língua otomanguense. A identificação de tal sistema metafórico teria revelado, portanto, que falantes da língua otomanguense possuem maneiras convencionais de projetar partes do corpo humano em objetos para a conceptualização de localizações espaciais. Dessa forma, Lakoff (1987) avalia que os falantes da língua otomanguense apresentam uma organização conceptual em termos de localização espacial diferente daquela dos falantes de línguas indo-européias, que, por sua vez, se utilizam majoritariamente de preposições como *debaixo*, no caso da frase da pedra e da mesa.

Por outro lado, Lakoff (1987), ao considerar plausível a visão de Whorf a respeito da relação entre língua, pensamento e cultura, estima que o fato de haver duas organizações conceptuais diferentes, caracteriza sistemas conceptuais diferentes. No entanto, declara que, embora os falantes de línguas indo-européias disponham de um sistema conceptual diferente daquele dos falantes de otomanguense, a compreensão entre ambos os falantes é possível porque, primordialmente, todos os falantes dispõem

da mesma capacidade conceptual de projeção metafórica. Além disso, Lakoff (1987) argumenta que pessoas de uma mesma tradição linguística e, conseqüentemente, de uma mesma organização conceptual, podem compreender um dado domínio de experiência de diferente forma, sem que, com isso, a capacidade de comunicação entre elas seja posta dramaticamente em risco. Assim, considera que os sistemas conceptuais não seriam monolíticos, a despeito da visão de Whorf.

Com efeito, Lakoff (1987) avalia que Whorf foi o linguista mais interessante de seu tempo. Ao se assumir relativista a partir de uma dentre as cem diferentes perspectivas de se ser relativista, Lakoff (1987) considera como a maior contribuição de Whorf, a sua visão acerca da influência da estrutura linguística em tarefas não linguísticas. Ou seja, tal enfoque teve, por consequência, a problematização da visão hegemonicamente professada no âmbito da psicologia, segundo a qual a linguagem não desempenharia nenhum tipo de papel cognitivo, a não ser o de fornecer rótulos para os conceitos. No entanto, a partir de alguns experimentos citados por Lakoff (1987), como o experimento de Kay e Kempton, realizado em 1984, foi possível demonstrar que a linguagem é parte da cognição.

Nessa perspectiva, Lakoff declara que:

Não se pode simplesmente assumir que, para além da acidental homonímia, existe apenas uma relação de rotularização entre uma dada palavra e um dado conceito. O léxico envolve muito mais do que uma mera rotularização conceptual. No caso [do estudo a respeito da preposição] *over*, como em demais casos de polissemia, uma palavra corresponde a cada um dos membros de uma categoria natural de conceitos – uma categoria baseada em protótipos. É a respeito disso que a polissemia trata. A polissemia envolve organização cognitiva no léxico. Mesmo no nível individualizado da palavra, a linguagem se apresenta como parte inseparável da cognição geral. Os psicólogos não podem mais justificar que ignoram a linguagem por se tratar de uma mera rotularização, tampouco os linguistas não podem mais ignorar os princípios gerais da cognição, tais como os princípios da categorização. (1987, p. 333-334). (Tradução Nossa).

Assim sendo, para Lakoff (1987), a questão da organização conceptual está intimamente ligada à questão da polissemia, já que se trata de um fenômeno que apresenta diferentes significados sistematicamente relacionados e motivados por Metáforas Conceptuais, representando, assim, um dos cinco tipos de categorização humana, isto é, o MCI Proposicional do tipo de Categoria Radial. Nesse sentido, para Lakoff (1987), as relações polissêmicas entre os significados se constituem no caso de prototipia exemplar, visto que eles representariam os membros de uma categoria de

caráter motivado e prototipicamente multidimensional. Além disso, considerando o fato de que a estrutura categorial de natureza radial não tem apenas uma representação, seria necessário, segundo o autor em questão, fornecer: (i) a representação de uma subcategoria central e demais representações relativas a cada subcategoria não centrais, já que não há como estabelecer princípios que prevejam os casos não centrais a partir do caso central; (ii) uma teoria da motivação, visto que não há como prevê as subcategorias não centrais a partir da subcategoria central; (iii) uma teoria acerca dos tipos de ligações entre as subcategorias não centrais e a central.

Desse modo, Lakoff (1987) argumenta que a polissemia não poderia ser abordada como uma lista de significados disjuntos tal como os dicionários o fazem. Pois, possivelmente, em casos como o da lexia *barriga* na língua otomaguense, os dicionaristas abririam uma entrada para tal lexia e elencariam uma lista de significados disjuntos entre os quais constaria *debaixo*, sem que explicassem, contudo, de que forma os significados se encontrariam metaforicamente relacionados. Para dar conta da relação metafórica dos significados polissêmicos, seria necessário, de acordo com a TMCI, compreender o sistema conceptual humano e seu processo de categorização. Em outras palavras, para compreender as razões de projeções metafóricas como as apresentadas por falantes da língua otomanguense, seria necessário compreender a organização conceptual desse sistema e, conseqüentemente, o funcionamento dos MCIs. Assim, uma explicação para a polissemia de *barriga* na língua otomanguense teria de se basear no mapeamento geral no âmbito desse sistema conceptual, abrangendo desde os conceitos relativos às partes do corpo humano até as localizações espaciais.

Nesse sentido, no primeiro capítulo de nossa investigação, assinalamos como problemática a definição que encontramos em dicionários gerais, no caso de Ferreira (2004), no qual na entrada da lexia *cabra*, o consulente se depara com a seguinte organização dos significados: 1. Mamífero ruminante, a fêmea do bode. 2. Cábrea. 3. Pop. Mulher devassa. 4. fig Mulher de mau gênio, irritadiça, escandalosa. 5. Astr. Capricórnio. S.m 6. Bras. Mestiço de mulato e negro; 7. Capanga; 8. Cangaceiro; 9. Morador de propriedade rural; 10. Indivíduo, sujeito. 11. No jogo do bicho (q.v.), o 6º. grupo (14) que abrange as dezenas 21,22,23,24, e corresponde ao número seis.

Assim sendo, consideramos, tal qual Lakoff (1987), que o tratamento lexicográfico dispensado aos significados repertoriados nessa entrada não seria consistente. Ou seja, embora a definição em questão tenha organizado os significados elencados a partir de uma escala de representatividades de 1 a 11, parecendo, com isso, adotar um modelo categorial mais flexível, tal perspectiva não se sustentaria. Além de os sentidos terem sido organizados de forma linear não condizendo, assim, com o pretense caráter multidimensional dos sentidos polissêmicos aí apresentados, não fora explicitado o caráter motivado dos significados figurados tais como: *Mulher devassa; Mulher de mau gênio, irritadiça, escandalosa; Mestiço de mulato e negro; Capanga; Cangaceiro; Morador de propriedade rural; Indivíduo, sujeito*. Em suma, não fora evidenciado, na entrada em questão, qual seria o tipo de relação entre os significados disjuntos *animal e ser humano*.

Com efeito, a discussão a respeito do que deve nortear uma definição de um significado no âmbito da SC em comparação com que é feito no âmbito da Lexicografia já vem se dando desde a publicação de *Metaphors, We Live By (Metáforas da Vida Cotidiana)*. Nessa publicação, Lakoff e Johnson declaram que os autores de dicionários, por não considerarem importante incorporar explicações gerais de como as pessoas compreendem conceitos normais em termos de metáforas, não demonstram preocupação quanto à maneira pela qual os seres humanos compreendem e agem em função de seu aparato conceptual. Por outro lado, tal preocupação existiria no âmbito da SC, já que, de início, tal semântica considera que a língua, na condição de fonte de dados, pode levar a princípios gerais de compreensão; e, que esses princípios de compreensão implicam em sistemas inteiros de conceitos de natureza metafórica em vez de palavras. Dessa forma, ao se interessar pelo modo pelo qual o ser humano compreende uma experiência, a SC exige um conceito de definição diferente do conceito clássico.

Em suma, para Lakoff e Johnson ([1980] 2002), uma teoria de caráter experiencial exige uma definição na qual os conceitos não sejam descritos de forma isolada. Os conceitos, ao contrário, devem ser definidos em relação aos papéis que desempenham nos tipos naturais de experiências, isto é, em relação às suas propriedades interacionais, em relação aos protótipos e aos tipos de relação entre os protótipos, ou ainda em relação aos MCIs, de acordo com a TMCI. Por conseguinte, esse tipo de

definição contraria o modelo de definição tradicional para o qual os conceitos são definidos exclusivamente em termos de propriedades inerentes, de um conjunto fixo de condições suficientes e necessárias.

Nessa perspectiva, Geeraerts, ao estimar que, nos últimos tempos, a SC teve um grande impacto nos estudos lexicais, mais do que em qualquer outra abordagem, declara que:

(...) várias das práticas de definição e de descrição já existentes no dicionário que são de algum modo, duvidosas a partir de um ponto teórico mais antigo recebem uma interpretação e legitimidade natural no modelo teórico oferecido pela SC. Mais especificamente, existem três aspectos da concepção Cognitiva de estrutura semântica lexical que devem ser discutidos: a importância dos efeitos prototípicos para a estrutura lexical, a intratabilidade da polissemia e a natureza estruturada da polissemia. (2009, p. 56)

Geeraerts (2009) assinala ainda que os efeitos prototípicos tornam menos nítida a distinção entre informação semântica e informação enciclopédica, contrariando, assim, a visão de lexicólogos, como Welker (2004), que preconizam que dicionário trata das *palavras* ao passo que a enciclopédia trata das *coisas*. Ou seja, a visão de categorização, de polissemia, por exemplo, preconizada pela TMCI, tem como base a organização prototípica do conhecimento, MCIs, a partir dos quais as categorias se formam e projetam os seus efeitos prototípicos, determinando, assim, o que Geeraerts (2009) chama de leitura central de um item lexical; ou o subconjunto central dentro do alcance extensional de uma leitura específica de um item lexical. Tal consideração se evidencia melhor na análise, pelo autor, realizada a lexia *fruto*.

Assim, para o autor em questão, a lexia *fruto* teria como leitura central *parte comestível*; e, como leituras figuradas e específicas: *resultado de uma atividade laboral remetido a fruto do trabalho*; e *filho de deus remetido a fruto do ventre*. Dessa forma, o significado *parte comestível* seria mais saliente, isto é, teria mais peso estrutural do que as demais leituras específicas; seria, por exemplo, o significado a ocorrer de imediato à mente de um falante indagado acerca de que tal palavra quer dizer. Além disso, seria a partir dessa leitura central que as demais leituras poderiam ser descritas. Geeraerts, então, avalia que:

A leitura básica, em outras palavras, é o centro de coesão semântica da categoria; ela mantém a categoria unida tornando outras leituras acessíveis. Em resumo, três características podem ser mencionadas como indícios para existência de uma leitura específica localizada na posição central da

categoria: saliência psicológica, frequência relativa de uso e vantagem interpretativa.

Contudo, efeitos de centralidade não estão restritos ao nível dos significados, mas podem ser invocados também no nível da referência. Quando incitados, os europeus citarão mais prontamente maçãs e laranjas como tipos de fruta do que abacates e romãs, e referências a maçãs e laranjas são provavelmente mais frequentes em um contexto europeu do que referências a mangas. (2009, p. 58).

Nessa perspectiva, um item lexical é definido por Lakoff e Turner (1989) como “sequência de som que expressa convencionalmente os conceitos que se encontram organizados em forma de esquemas”, (p. 109), (Tradução Nossa), de modo que as palavras evocam esquemas conceptuais para além da parte que as palavras designam. Nesse sentido, Ungerer e Schmid (1996) ponderam que se considerarmos plausível que as palavras evocam as categorias de efeitos prototípicos estocadas em nossa mente na condição de conceitos mentais, não seria plausível, no entanto, pensar que o significado de uma dada palavra corresponde apenas a um dado conceito. Se tomarmos, por exemplo, palavras que se referem à *cor* ou a *pássaros* e que se referem, igualmente, a *partidos políticos* ou a *garotas bonitas*, respectivamente, percebemos que não há correspondência um para um entre palavras e conceitos. Ao contrário, é bastante comum que uma palavra se refira a várias categorias, isto é que elas sejam polissêmicas.

Por outro lado, Lakoff (1987) avalia que teorias, especialmente a Teoria Clássica das Categorias, não apresentam um tratamento adequado para a polissemia. Em vez de abordar o caráter conceptual da polissemia com base nas relações de vários significados disjuntos que estruturam um dado item lexical, essas teorias se voltam para a discussão da relação entre os significados a partir apenas de um conceito geral e abstrato. Como já fora assinalado em Lakoff e Johnson ([1980] 2002), essa ideia de conceito abstrato é tão abstrata e tão desprovida de significado real que se distancia bastante da forma como o falante pensa os significados da palavra. Além disso, essas teorias tratam os significados que não compartilham das mesmas propriedades, embora se encontrem relacionados, como homônimos. Assim, tais teorias não conseguem tratar de forma satisfatória das situações nas quais mais de um significado se constitui como representativo.

Contudo, de acordo com a TMCI, os significados de uma palavra polissêmica pode se encontrar estruturado a partir de uma escala de significados mais ou menos representativos, isto é, de significados prototípicos ou não prototípicos, a exemplo da análise supracitada de Geeraerts (2009), acerca da lexia *fruto*. Desse modo, é plausível

pleitear que alguns significados, dentre os quais, os que são motivados por Metáforas Conceptuais, apresentam-se como mais representativos do que outros, encontrando-se, assim, mais próximos de uns do que de outros.

Em assim sendo, indagaríamos com base na definição de Ferreira (2004), se em conformidade com a organização escalonada dos significados de 1 a 11, o significado prototípico seria *animal*, já que este corresponde ao número 1 na escala? Indagaríamos, igualmente, se os significados mais próximos, e conseqüentemente mais representativos, seriam: *Mulher devassa; Mulher de mau gênio, irritadiça, escandalosa; Capricórnio; Mestiço de mulato e negro*, por ocuparem as posições 3, 4, 5 e 6, respectivamente? E ainda questionaríamos se os significados de homem em termos de cabra menos próximos do significado prototípico seriam: *Capanga, Cangaceiro, Morador de propriedade rural, Indivíduo*. Segundo os dados por nós coletados, efetivamente, *animal* seria o significado mais prototípico do MCI CABRA, tendo em vista que 45% dos 31 falantes fortalezenses, que responderam à primeira pergunta do questionário instrumento, disseram que era a imagem de um *animal* que lhes vinha à cabeça quando ouvia a palavra cabra; seguidos de 15,2% que responderam que era a imagem de *um homem*; de 9,1% que era a imagem de *cabra da peste* ou de *leite*; de 6,1% que não responderam ou responderam que era a imagem de *um macho* contra 3,0% que responderam *zona rural* ou *carneiro*.

Por outro lado, o significado *indivíduo/sujeito* seria o mais prototípico do MCI HOMEM, visto que 33,3% dos 31 falantes fortalezenses, ao serem solicitados, na terceira pergunta do questionário instrumento, a apontar, com base em oito significados disponibilizados, o que seria verdadeiramente para ele, um Cabra, indicaram como o primeiro significado *um homem*; seguidos de 27,3% que apontaram *cabra da peste*; de 15,2%, *um sujeito qualquer*; de 12,1% , *cabra macho*; de 9,1% que não responderam; e de 3%, *cabra bom*. Não houve menção aos significados *cabra véi, cabra raparigueiro* e *capanga*. Além disso, os significados de *cabra* relacionados à mulher não foram majoritariamente reconhecidos pelos respondentes do questionário 1, já que 86,7% dos 30 participantes, que responderam a sexta pergunta desse questionário, disseram que a expressão *cabra* só se refere a indivíduo do sexo masculino.

Em suma, a polissemia, ao ser abordada pela TMCI, como fenômeno primordialmente conceptual e mutidimensional, seria motivada pela projeção metafórica dos domínios fonte e alvo de diferentes MCIs. Consequentemente, ainda segundo os postulados da TMCI, assim como o mapeamento metafórico define a relação entre os domínios alvo e fonte de dois MCIs, é bastante comum que o conceito que designa um elemento do domínio fonte em um dado MCI, designe, igualmente, o significado não metafórico da palavra polissêmica. Dessa forma, no caso do estudo de Filmore, citado por Lakoff (1987), acerca do adjetivo *longo*, no qual o domínio fonte *espaço* mapeia o domínio alvo *tempo*, o significado considerado prototípico seria relativo a *espaço*; bem como, no caso da expressão convencional *cabra*, no qual domínio fonte *animal* do MCI CABRA mapearia o domínio alvo *homem* do MCI HOMEM, o significado não metafórico *animal* seria o significado prototípico.

Para finalizar, de acordo com os postulados da TMCI, a polissemia, na condição de fenômeno primordialmente conceptual, aponta para caso especial de categorização prototípica no qual os diferentes significados relacionados de uma palavra polissêmica seriam estruturados por MCI Proposicional do Tipo de Categoria Radial. Dessa forma, suspeitamos que o MCI Proposicional HOMEM, na condição de *agrupamento de modelos* (de agrupamento radial), se encontre estruturado a partir do mapeamento da figura masculina em termos de cabra, que, por sua vez, seria motivado, de um lado, por determinados entendimentos compartilhados entre os membros da comunidade de Fortaleza; e, por um outro lado, seria motivado por entendimentos compartilhados entre os membros da comunidade nordestina rural. Contudo, a discussão acerca estruturação da polissemia da expressão convencional *cabra* será devidamente realizada quando da análise dos dados no capítulo 6 desta tese.

## CAPÍTULO 4

### **Correspondência entre experiência corpórea, pensamento metafórico e linguagem: A Cultura**

No que pese a visão de mente corpórea, preconizada pelo Paradigma Experiencialista e, conseqüentemente pela TMC e pela TMCI, estar baseada na ideia de experiência corpórea como resultado da interação entre o programa sensório-motor humano e o meio físico e socioculturalmente situado, as normas culturais assim como os conhecimentos culturais desempenhariam papel relevante na organização do sistema conceptual humano, conforme assinala Gibbs (2010). Nesse sentido, faz-se necessário para nossa investigação que discutamos o papel das normas e dos conhecimentos culturais nos procedimentos cognitivos atuantes na emergência do conceito de um **HOMEM CABRA** e na instânciação da expressão convencional *cabra*.

Por outro lado, há, nesses postulados, uma tensão quanto à relação entre os aspectos universais do programa sensório-motor humano e suas variações culturais, conforme reconhece Gibbs (2008) ao se referir a tal tensão como *paradoxo da metáfora*. Ou seja, para Gibbs (2008), a metáfora seria sensibilidade culturalmente criativa e nova, de um lado; e, de um outro lado, ela estaria enraizada em padrões predominantes de experiências comuns a todos os povos. Kövecses (2010), igualmente, pondera a respeito desse paradoxo. Segundo esse autor, embora não se possa prevêê, a partir da aplicação de princípios quais são as Metáforas Conceptuais de uma língua, em função de seu caráter motivado, seria, no entanto, pouco plausível esperar que as Metáforas Conceptuais das línguas contradigam as experiências corpóreas humanas universais.

Em assim sendo, com base na definição de cultura adotada por Kövecses (2005), segundo a qual cultura é o compartilhamento de um conjunto de entendimentos por parte de membros de uma determinada comunidade, abordamos, na primeira seção deste capítulo, o papel dos modelos culturais na categorização humana, com particular ênfase no modelo cultural da *Grande Cadeia do Ser*. Para tanto, lançamos mão de Kövecses (2010), Lakoff (1987), Lakoff e Turner (1989) e Ungerer e Schmid (1996). Na segunda seção, tratamos da questão da universalidade a partir de Kövecses (2005; 2009). Na terceira e última seção, discutimos a variação

cultural nas metáforas, apoiados em Kövecses (2009), em Rodriguez (2009) e em Yu (2008).

#### **4.1. Os Modelos Culturais**

Segundo Lakoff e Turner (1989), nós adquirimos os MCIs, ao menos, de duas maneiras diferentes: via nossas experiências diretas, isto é, por meio das estruturas pré-conceptuais (esquemas imagéticos e conceito de nível básico) ou via cultura. Os autores em questão acrescentam ainda que os MCIs, que são adquiridos via cultura, constituem-se em modelos, tipicamente, de grande e longa tradição, além de se apresentarem como um tipo de variação dos modelos científicos. De acordo, ainda, com os dois autores, é possível, em uma mesma cultura, existirem dois tipos de visões acerca do mesmo fenômeno, uma especializada e a outra leiga. Ou seja, em uma mesma cultura, é possível encontrar, por exemplo, uma visão leiga, de senso comum, de que lobos são feras assassinas porque, sem serem provocados e de forma comumente cruel, atacam os seres humanos; e uma visão especializada, segundo a qual esse tipo de animal evita os seres humanos.

Lakoff e Turner (1989) acrescentam ainda que modelos culturais tanto podem ser chamados de modelos cognitivos, quando se faz necessário destacar sua natureza mental e sua diferença em relação a alguma representação científica pleiteada; como, de modelo cultural, quando se faz necessário realçar sua natureza cultural, isto é, a visão do ordinário e do senso comum. Os autores reafirmam ainda a natureza idealizada dos modelos e, assim, a sua não necessária adequação à realidade.

Em assim sendo, Lakoff e Turner (1989) ponderam que alguns modelos cognitivos são demasiado abstratos. Ou seja, se compreendemos pessoas, animais e objetos no mundo como tendo atributos, sendo alguns desses atributos considerados essenciais, é porque possuímos um modelo cognitivo de caráter muito geral a respeito da natureza das coisas e de seu comportamento. Assim, as coisas no mundo podem ou não, efetivamente, possuir atributos essenciais. O modelo cultural *A Grande Cadeia do Ser* seria um desses modelos, tendo em vista que, consoante os autores, ele se constitui em um modelo de larga escala, adquirido culturalmente, que, ao estabelecer relação entre uma grande gama de seres no universo, serve-nos para atribuir sentido e impor ordem a esse universo.

Com efeito, o caráter de grande escala e longa tradição atribuído ao modelo básico da *Grande Cadeia do Ser* teria como base, dentre outras, referências bíblicas. Nesse sentido, Lakoff e Turner (1989) mencionam a passagem de Genesis 1, 26, segundo a qual Deus teria dito “para deixar [o ser humano] dominar o peixe no mar, as aves no ar, os rebanhos, todas as coisas na Terra e todos os répteis que rastejam” (p. 208). Além disso, os autores, ao citar Tucídides, no livro 5, capítulo 105, apontam, ainda, para a referência à *Grande Cadeia do Ser* no mundo clássico, especialmente quando os atenienses teriam explicado para os melianos porque a submissão destes àqueles estaria de acordo com a lei geral e natural. Ou seja, sendo os melianos, um povo fraco, eles não deveriam evocar a justiça entre as sociedades e sim se submeterem à lei natural que emana de sociedades que podem fazer certo. Nesse sentido, ainda para os autores em questão, os EUA, ao alargarem suas fronteiras no século XIX, teriam declarado que “a América tinha como missão expandir suas fronteiras às custas dos países mais fracos”. (p. 208).

Dessa forma, tal modelo teria sido avaliado, em termos gerais, como *background* essencial para compreensão da visão de mundo de autores clássicos como, Platão e Aristóteles; de autores medievais como, Dante e Chaucer; de autores renascentistas como, Shakespeare. Apesar de se tê-lo considerado anacrônico para a visão de mundo que emergiu após a Revolução Industrial, Lakoff e Turner (1989) o postulam como modelo ainda essencial para cosmologia do homem comum, não apenas da cultura ocidental, mas, das demais culturas humanas. Assim, segundo os dois autores, na contemporaneidade, esse modelo, apesar de ser operado de forma inconsciente, é indispensável para a compreensão de nós mesmos, de nosso mundo e de nossa língua.

Nessa perspectiva, o modelo da *Grande Cadeia do Ser* é descrito por Lakoff e Turner (1989), como um modelo cultural que organiza, de forma escalonada, os tipos de seres e suas propriedades em níveis superiores e inferiores. Ou seja, os seres superiores, como o homem, cujas propriedades superiores são capacidade racional, sentido estético e moral, se encontram em nível acima de seres cujo comportamento é irracional, como os animais; de seres, cuja função é biológica como as plantas; e, de seres dotados de atributos físicos como os objetos. É importante destacar que Lakoff e Turner (1989) reconhecem dois tipos de modelos da *Grande Cadeia do Ser*: o básico, segundo o qual os níveis contemplados são do ser humano, dos animais, das plantas e dos objetos; e, o

extenso, segundo o qual os níveis contemplados incluem, para além dos quatro anteriormente citados, o nível do cosmos, que, por sua vez, é superior ao nível do ser humano. Doravante, trataremos particularmente das considerações desses autores acerca do modelo básico da *Grande Cadeia do Ser*, tendo em vista que para o escopo de nossa investigação não interessa abordar a relação entre ser humano e cosmos.

Em outras palavras, a partir do modelo da *Grande Cadeia do Ser*, nós pensamos o ser humano como superior aos animais; os animais como superiores às plantas; e, as plantas como superiores aos objetos. Por outro lado, no que pese cada um desses quatro níveis ser constituído de subníveis superiores e inferiores, estimamos, por exemplo, que os cachorros sejam superiores aos insetos. Dessa maneira, esse modelo escalonado incorpora, igualmente, em seus níveis, as propriedades atribuídas aos seres, nele, elencados. Tem-se, assim, por exemplo, a visão de que uma pedra é mera substância e uma cadeira, além de substância, é dotada de estrutura funcional parte e todo (i.e. assento, espaldar e pernas que servem para determinada função). Ao inseto, por exemplo, atribuem todas as propriedades dos seres que se encontram em nível abaixo ao seu, além da propriedade de ser animado, isto é, de ser vivo. O cachorro teria todas as propriedades do inseto, acrescido de vida interior (i.e. desejos, emoções e habilidades cognitivas restritas). E finalmente, o ser humano seria dotado das propriedades dos seres que se encontram abaixo de seu nível, além da capacidade estética, moral, de abstração, de raciocínio, de comunicação e, de alto nível de consciência.

Em suma, a classificação de um ser em um dado nível do modelo cultural da *Grande Cadeia do Ser* depende diretamente de sua propriedade de superioridade. Dessa maneira, os atributos e comportamentos que definem seres de um dado nível superior se baseariam para além dos atributos e comportamentos que apresentam os seres que se encontram escalonados nos níveis inferiores. Eles estariam baseados, portanto, nos seguintes critérios: (i) adicionalidade, isto é ‘mais x’; (ii) complexidade; (iii) mais poder, já que um dado ser de um nível superior teria ascendência sobre os seres de níveis inferiores; (iv) e, atributos distintivos, que seriam, geralmente, menos acessíveis à nossa percepção e à nossa compreensão.

Quanto à ideia de atributos de menos acessibilidade à percepção humana, eles teriam caráter de relatividade de forma que Lakoff e Turner (1989) apontam para uma

série de comparação entre o que é mais difícil e mais fácil de ser por nós percebido, a saber: se, por um lado, seria, geralmente, mais difícil determinar o sentido moral de uma pessoa do que os instintos predatórios de um animal, visto que o ser humano pode mascarar tal sentido e o animal não mascararia seus instintos; por outro lado, seria mais difícil determinar a natureza instintiva de um animal do que os atributos físicos de uma pedra, tendo em vista que a natureza de tal animal demandaria deduções racionais com base em observações ao longo de certo tempo; ao passo que atributos físicos seriam diretamente acessíveis à nossa percepção sensorial.

Ademais, Lakoff e Turner (1989) avaliam que, na condição de um modelo de caráter esquemático, usado de forma inconsciente por membros de boa parte das culturas humanas, o modelo cultural da *Grande Cadeia do Ser* provocou profundas conseqüências sociais e políticas. Ou seja, sua organização não está pautada apenas na dimensão dos atributos e comportamentos dos seres no mundo, mas, sobretudo, na dimensão da superioridade de determinados seres em relação a outros e, conseqüentemente, na dominação dos seres superiores em relação aos seres inferiores. Dessa forma, acredita-se, por exemplo, que seja natural que pessoas possam ser assujeitadas e, assim, que haja um funcionamento inquestionável para as coisas, sendo normal, portanto, para a maioria das pessoas, que haja seres humanos inferiores e menos emponderados. Lakoff e Turner (1989) destacam que, mesmo que tal modelo esteja presente em boa parte das culturas existente, ele se teria desenvolvido de forma mais elaborada no mundo ocidental, por ter sido acrescido de outro modelo que, chamam, de macrocosmo e microcosmo.

Nessa perspectiva, cada nível da cadeia do modelo da *Grande Cadeia do Ser* que se desenvolveu no Ocidente teria sofrido uma expansão de modo a refletir a cadeia como um todo. Assim, para cada nível, encontram-se, igualmente, escalonados os seres que são superiores e inferiores, estabelecendo, assim, domínio do superior sobre o inferior. A título de exemplo indicado pelos autores, acreditamos que, no mundo animal, leões, ursos e aves de rapina são seres superiores, com os leões dominando os territórios da África e da Europa; os ursos dominando o território do Norte da América; e as aves de rapina dominando o ar. Acreditamos, igualmente, que nas organizações sociais humanas, os homens nobres são superiores aos camponeses; os homens são superiores às mulheres; os adultos a crianças; e os mestres aos escravos. Em suma, tal modelo não

indicaria apenas como o mundo é, mas, sobretudo como o mundo deve ser. Em consonância com o modelo da *Grande Cadeia do Ser*, seria, então, equivocado tentar subverter a ordem das coisas de modo que não se deve questionar que o homem siga Deus e que a mulher siga o homem, por exemplo.

Lakoff e Turner (1989) abordam, igualmente, o caráter metafórico do modelo em questão de forma bastante detalhada e complexa, já que buscam explicar, com base nesse modelo, a emergência de provérbios. No que pese nosso objeto de estudo não tratar de provérbios, não nos deteremos nessa discussão. Contudo, em determinado momento dessa abordagem, os autores mencionam o modelo da *Grande Cadeia do Ser* estruturando Metáforas Conceptuais nas quais pessoas são compreendidas em termos não humanos e vice-versa. Ou seja, como tal modelo estabelece domínios de conhecimentos relativos à organização dos seres no mundo, procedimentos metafóricos mapeariam os domínios humanos em termos dos domínios não humanos e vice-versa.

Nesse sentido, os autores apontam para o que consideram um dos mais elaborados domínios, o domínio da vida animal, a partir do qual nós compreendemos o não humano em termos do humano. Assim, nós teríamos esquemas bem elaborados nos quais os animais se encontram caracterizados em termos de atributos humanos, a exemplo da caracterização de porcos como sujos, caóticos e rudes; de leões como corajosos e nobres; de raposas como espertas; de cachorros como leais, dependentes e vulneráveis; de gatos como inconstantes e independentes; de lobos como cruéis e assassinos; de gorilas como agressivos e violentos.

Por outro lado, os autores ponderam que os animais agem de forma instintiva; que diferentes tipos de animais possuem diferentes tipos de comportamentos instintivos; e que a visão de esperteza, coragem, inconstância, lealdade, etc. é humana. Assim, quando atribuímos tais características aos animais, nós estaríamos os compreendendo em termos de comportamento humano. Em suma, os autores ressaltam que é tão natural compreender atributos não humanos em termos de atributos humanos que temos dificuldade de perceber que tais caracterizações são metafóricas.

Em consonância com Lakoff e Turner (1989), Kövecses (2010) afirma que boa parte do comportamento humano parece ser compreendida em termos de comportamento animal a partir de metáfora conceptual COMPORTAMENTO

HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL. Em português, teríamos, por exemplo, as seguintes expressões linguísticas, licenciadas pela metáfora em questão: *Ela foi uma vaca comigo; Isso é traiçagem; Ele berrou bem alto; As mulheres ficam cacarejando na cozinha; Isso é coisa para quem é tubarão*. No entanto, conforme destacam Lakoff e Turner (1989), os animais seriam essencialmente instintivos, para serem, por exemplo, considerados malvados e desagradáveis como uma vaca; desleais como a traíra, inconvenientes como os bezerros; tagarelas como as galinhas ou truculentos como os tubarões. Assim, Kövecses (2010) pondera que os seres humanos, primeiro, caracterizariam metaforicamente os animais em termos de atributos humanos para, em seguida, se compreenderem em termos de animal.

Kövecses (2010) acrescenta, ainda, que não apenas o comportamento humano é compreendido em termos de comportamento animal como as pessoas são compreendidas em termos de animais. Ou seja, com base na metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, poderíamos pensar que foram licenciadas as seguintes expressões linguísticas em português: *A jararaca chegou; Não sei como ela se casou com aquele cavalo batizado; Ele é um verme; A vaca da minha chefe não veio hoje*. Assim, para o autor em questão, o significado licenciado pelas metáforas COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL e PESSOAS SÃO ANIMAIS parece ser ofensivo. Diante de tal constatação, o autor sugere que as Metáforas Conceptuais COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL e PESSOAS SÃO ANIMAIS sejam, na verdade, perspectivadas com base nas metáforas COMPORTAMENTO HUMANO INDESEJÁVEL É COMPORTAMENTO ANIMAL e PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS.

No entanto, Kövecses (2010) pondera, ainda, que, apesar de grande parte das metáforas animais parecer mapear características negativas dos seres humanos, algumas, dentre elas, não o fariam, a exemplo de MULHER SEXY É GATINHA. Nesse sentido, poderíamos pensar, em português, na famosa música de Caetano Veloso, *Vera Gata*. Dessa forma, Kövecses (2010) pleiteia a existência, em nosso sistema conceptual, de metáforas animais de nível genérico, isto é, SER HUMANO É ANIMAL e metáforas de nível específico, isto é, PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS E PESSOAS SÃO ANIMAIS. Ou seja, as metáforas animais, segundo o autor em questão, seriam *metáforas congruentes*. Em outras palavras, as metáforas animais, na condição de

*metáforas congruentes*, se constituiriam em um complexo de metáforas, dentre as quais, uma seria de nível genérico e as demais seriam de nível específico. Além disso, Kövecses (2010) observa que seria no âmbito das metáforas de nível específico que ocorreria variação de ordem cultural, já que a metáfora de nível genérico teria caráter universal.

Com efeito, Kövecses (2010), ao pleitear que as metáforas animais são de caráter congruente, baseia-se na postulação de Lakoff e Turner (1989), segundo a qual as metáforas de nível genérico são aquelas nas quais se constata a ausência de dois tipos de especificação: (i) não há domínios-fonte e alvo fixos; (ii) nem lista de entidades designadas no mapeamento. Tal pleito é exemplificado, por ambos os autores, pela metáfora de nível genérico *EVENTOS SÃO AÇÕES* e pela metáfora de nível específico *VIDA É VIAGEM*. Em outras palavras, Lakoff e Turner explicam que:

Na metáfora *VIDA É VIAGEM*, há um mapeamento ontológico designado, isto é, certa lista de lugares no esquema de *VIAGEM* mapeia exata e unidirecionalmente uma lista de lugares no esquema *VIDA* (i.e. *DESTINOS* correspondem a *METAS* de *VIDA*). No entanto, na Metáfora de nível genérico *EVENTOS SÃO AÇÕES*, o mapeamento não prescinde de uma lista fixa de correspondências. Ao contrário, tal mapeamento consiste no estabelecimento de restrições de nível superior quanto a um mapeamento ser adequado ou não. Apesar de a metáfora não indicar exatamente um dado evento nem qual é o lugar no esquema de evento que corresponde à dada entidade do esquema de *AÇÃO*, a Metáfora [de nível genérico] lhe impõe restrições. (1989, p. 80)

No que tange à avaliação de Kövecses (2010) a respeito de o significado principal licenciado por metáforas animais se referir, particularmente, às características negativas do ser humano, é interessante notar que 53,3% dos 30 participantes responderam negativamente à segunda pergunta do questionário 3 que os indagava se o ser humano poderia ser representado por um animal, contra 46,7% que responderam positivamente; bem como, que 43,3% dentre os 30 participantes responderam negativamente à décima pergunta do questionário 4, que os indagava se ele, participante, poderia ser representado por algum animal contra 43,3% que responderam positivamente; 10% que não responderam; e, 3,3% que disseram não saber.

Por outro lado, podemos observar, igualmente, a influência de metáforas animais de nível genérico nas informações fornecidas pelos respondentes dos questionários por nós aplicados: 60% dos 30 participantes responderam positivamente à segunda pergunta do questionário 4 (semelhante à segunda pergunta do questionário 3) que os indagava,

se o ser humano poderia ser representado por um animal contra 30,0% que responderam negativamente; 6,7% que disseram não saber; e, 3,3% que não responderam. Além disso, os 43,3% dentre os 30 participantes que responderam positivamente à décima pergunta do questionário 4 contra 43,3% que responderam negativamente, conforme acima mencionado, demonstraram que alguns animais podem mapear características positivas do ser humano, tal qual a ponderação de Kövecses (2010) em relação a metáforas animais de nível específico como MULHER SEXUALMENTE ATRAENTE É GATINHA.

Desse modo, percebemos, com o apoio dos mencionados dados, que as metáforas animais podem ou não serem avaliadas negativamente pelos falantes fortalezenses, isto é, há uma tensão quanto à avaliação das metáforas animais ser negativa ou positiva no mapeamento das características humanas, de acordo com os falantes fortalezenses. Tal situação confirma, de modo geral, a visão de Kövecses (2010) acerca das metáforas animais mapearem no âmbito da metáfora de nível geral características gerais do ser humano e no âmbito da metáfora de nível específico, características específicas majoritariamente negativas, mas também positivas, de acordo com diferentes tipos de compartilhamentos dos membros de diferentes comunidades.

Nessa perspectiva, a discrepância nas respostas acima analisadas nos leva a inferir que tal tensão se baseia nas metáforas animais SER HUMANO É ANIMAL ou PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, ou ainda PESSOAS SÃO ANIMAIS. Ao que parece, os respondentes da segunda questão do questionário 4 pensaram em ser humano em termos de animal de modo genérico, com base, assim, na metáfora de nível geral SER HUMANO É ANIMAL; ao passo que os respondentes da segunda questão do questionário 3, ao que parece, pensaram em ser humano em termos de um dado animal, não bem avaliado, com base, assim na metáfora PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS.

Por outro lado, percebemos em relação às respostas dos participantes à décima pergunta do questionário 4 que animais como borboletas, pássaros e felinos de grande porte são bem avaliados pelos falantes fortalezenses. Ou seja, alguns dos respondentes da décima pergunta do questionário 4 destacaram características positivas relacionadas aos animais por eles escolhidos, como por exemplo: borboleta, pelo poder de transformação; pássaros devido ao almejado caráter de ser livre e poder voar; e felinos

de grande porte, por serem potentes e apresentarem capacidade tanto em defender e proteger seus entes queridos como o de lutar ferozmente pelo o que quer. Podemos ainda ponderar, com base nos mesmos dados, que o animal mapeado nas metáforas animais pode desempenhar vários papéis em uma dada comunidade, mapeando, assim, características distintas do ser humano. É o caso, por exemplo, do mapeamento homem em termos de *cabra* que ora é mapeado como um homem perseverante, ora como um homem rude.

Em suma, consoante Kövecses (2010), o domínio fonte animal é um dos domínios fonte extremamente produtivos. Isso porque os seres humanos são frequentemente compreendidos em termos de propriedades atribuídas aos animais, segundo dados coletados pelo autor em questão em dicionários e pesquisas realizadas por estudiosos da metáfora. Ademais, o autor chama atenção para o fato de que não apenas entendemos homem em termos de animal, mas situações ou coisas em termos de animal. Em português, podemos pensar em expressões como *uma festa animal; um carro animal, a vida voa, o tempo voa*, por exemplo. O autor também ressalta a compreensão de domínios abstratos em termos de partes dos corpos de animal. Em português, podemos pensar em expressões como, *tire as patas de cima de mim; um é o focinho do outro; ele colocou o rabinho entre as pernas; ou ela tem memória de elefante*.

A propósito dos modelos culturais, ao definirem modelos cognitivos, na condição de uma visão cognitiva acerca dos conhecimentos humanos, de base psicológica, que se encontram estocados na mente, Ungerer e Schmid (1996) os distinguem dos modelos culturais a partir das seguintes características: o primeiro teria caráter privado e provavelmente universal; e o segundo, além de possuir natureza igualmente cognitiva, teria caráter coletivo, por ser compartilhado por membros de determinado grupo ou subgrupo social. De modo geral, a visão de Ungerer e Schmid (1996) converge com a visão de modelo cultural apresentada por Lakoff e Turner (1989), tendo em vista, sobretudo, que os autores em questão também o compreendem como um tipo de variação de modelos científicos.

Contudo, há diferença entre as duas abordagens em termos de escala. Consoante Lakoff e Turner (1989), os modelos culturais se caracterizam por serem de grande e

longa tradição, a exemplo do modelo da *Grande Cadeira do Ser*. Na verdade, ao abordar os modelos culturais, Ungerer e Schmid (1996) estão interessados em reforçar a relevância desses modelos na estruturação dos efeitos prototípicos das categorias, dado o caráter introdutório de sua obra. Nessa perspectiva, os autores apontam para a importância de modelos culturais na categorização de móveis usados para escrever, tal qual a *escrivainha*, em países orientais, como China e Japão, e em países europeus; como também, na categorização do que deve ser a *primeira refeição do dia* para franceses e ingleses.

Em outras palavras, para Ungerer e Schmid (1996), a partir de diferentes modelos culturais, os efeitos prototípicos das categorias variariam. Ou seja, na cultura japonesa e chinesa, uma *escrivainha* prototípica seria rente ao chão, suspensa apenas por pequenas rodas, ao passo que o mesmo móvel, em vários países europeus, seria tanto equipado por uma variedade de gavetas como também alto o suficiente para que seu usuário fizesse uso de uma cadeira; a *primeira refeição do dia* para franceses seria categorizada como frugal, já que o almoço é a refeição substancial, ao contrário do que seria para os ingleses, visto que, para os mesmos, a primeira e a última refeição são substanciais porque o almoço se constitui em apenas um lanche.

Tal discussão nos remete, com efeito, àquela que Lakoff (1987) aponta, logo no início de sua obra, a respeito do sistema conceptual humano e de sua organização, isto é, se as pessoas usariam o mesmo sistema conceptual ou não; bem como, a respeito do tipo de respostas que se poderia dar a essas perguntas. Ao afirmar que essa discussão foi o que teria norteado a escrita dessa obra, Lakoff (1987) nos informa que a organizou em termos de respostas tradicionais baseadas nos postulados do Paradigma Objetivista; e respostas novas baseadas nos postulados do Paradigma Experiencialista.

Com efeito, ao se basear nos postulados do Paradigma Experiencialista em torno da visão de uma mente corpórea, Lakoff (1987) formula a TMCI e seus cinco diferentes tipos de MCIs. Ao discutir sobre o caráter e a estruturação dos MCIs, na condição de construtos responsáveis pela organização do conhecimento humano e a formação de categorias de efeitos prototípicos, Lakoff (1987) afirma que se dois sistemas conceptuais variam em termos de organização conceptual, ou de compreensão, ou de uso de conceitos ou ainda na abordagem de situações, ambos os sistemas conceptuais

seriam diferentes. Nesse sentido, os MCIs poderiam ser comparados em termos de sua organização, ou de sua compreensão, ou quanto ao uso dos conceitos por eles categorizados ou ainda quanto à abordagem de situações por eles categorizados. Dessa forma, os cinco tipos de MCIs e seus subtipos, postulados por Lakoff (1987), são norteados segundo essas variações.

Tal visão fica mais clara quando o autor explicita a formação das categorias radiais pelo MCI Proposicional do tipo Categoria Radial no âmbito do sistema conceptual *Dyrbal*, avaliando, assim, tal sistema conceptual como aquele que manifesta características importantes no que tange à construção de estruturas radiais. Em outras palavras, o sistema conceptual humano daria a conhecer aspectos relevantes da cognição humana, dentre os quais, a existência de domínios básicos da experiência que podem ser específicos de uma cultura, especialmente no que diz respeito à categorização das *aves* em termos *mulheres mortas* na cultura *Dyrbal*, com base em aspectos mitológicos compartilhados por membros da citada cultura. Outro exemplo que torna a visão de Lakoff (1987) mais clara em relação à variação dos sistemas conceptuais humanos é quando ele pondera acerca da polissemia da palavra *barriga* para os falantes de língua otomanguense no âmbito da pesquisa de Brugman. Nesse sentido, o autor estima, conforme já discutido no capítulo 3, que os falantes dessa língua apresentam uma organização conceptual em termos de localização espacial diferente daquela dos falantes de línguas indo-européias, que, por sua vez, se utilizam majoritariamente de preposições como *debaixo*.

Ao adotar tal posição Lakoff (1987) se reporta ao relativismo whorfiano, ressaltando que o relativismo de Whorf não era absoluto. Ou seja, Whorf considerava que os sistemas conceptuais humanos, embora pudessem ser radicalmente diferentes um do outro, não seriam, jamais, totalmente diferentes. Dessa forma, Lakoff (1987) estabelece vários critérios com os quais analisa o relativismo ou determinismo linguístico whorfiano em comparação com o Experiencialismo e o Objetivismo, a saber:

- (i) O grau de variação do sistema conceptual, para Whorf, é radical mas não absoluto ao passo que, para o Experiencialismo, a variação do sistema conceptual é substancial mas não radical e, para o Objetivismo, apesar da

variação existir, não é relevante, visto que a realidade é homogênea e única.

- (ii) A profundidade da variação do sistema conceptual é abordada por Whorf, e por muitos estudiosos, com base em algumas partes do sistema conceptual consideradas mais fundamentais, a exemplo da conceptualização de tempo e espaço, ao passo que, para o Experiencialismo, tal profundidade se remete aos conceitos de esquemas imagéticos e de nível básico e às metáforas primárias.
- (iii) A natureza da variação do sistema conceptual é tratada ora, pelo Objetivismo, em termos de variedade de encaixe na realidade única; ora, pelo Relativismo de Whorf em termos de diferentes maneiras de esculpir a realidade aqui ou ali, em maior ou menor pedaço, não se preocupando como seria a realidade, ora pelo Experiencialismo em termos de diferentes usos de nossa capacidade de categorização, de caráter experiencial e imaginativo, em criar realidade social.
- (iv) O local da variação é visto por Whorf como sendo no âmbito das línguas e pelo Experiencialismo como sendo primordialmente no âmbito conceptual e pelo Objetivismo, nos encaixes.
- (v) A relação entre sistema conceptual e capacidade de conceptualização que, apesar de não ter sido enfocada por Whorf, é tratada pelo Experiencialismo como instâncias distintas, sendo a primeira resultado da interação entre o programa sensório-motor e o meio físico e socioculturalmente situado e, a segunda, de caráter inato, e pelo Objetivismo como uma única coisa e de natureza inata.
- (vi) A comparação entre os sistemas conceptuais é tratada por Whorf como improvável, pelo Objetivismo como provável e realizada em função do potencial de tradução e, pelo Experiencialismo, como provável e realizada com base na possibilidade de compreensão, de modo de uso dos conceitos, de abordagem de situação e de organização conceptual.

Em suma, com base nesses critérios, Lakoff (1987) postula que o Experiencialismo adota as seguintes posições em relação ao Relativismo ou ao Determinismo de Whorf: os sistemas conceptuais não são monolíticos, a despeito da visão de Whorf, já que um indivíduo pode ter diferentes, e às vezes contraditórias, maneiras de abordar uma mesma experiência; o lugar da variação de um sistema conceptual que lhe interessa é aquele que está relacionado com diferenças sistemáticas e não o de variação de uma palavra em relação a diferentes conceitos isolados; a natureza e a profundidade da variação do sistema conceptual estão relacionadas com o caráter experiencial e imaginativo do sistema de forma que Lakoff (1987) não estima que possa haver variação relevante tanto no âmbito dos conceitos de esquemas imagéticos - em cima-embaixo, fora-dentro, parte-todo - como no âmbito dos conceitos de nível básico - relacionados com as coisas, parte do corpo, animais, plantas, estados, eventos - tampouco das Metáforas Primárias, como MAIS É PARA CIMA. Na verdade, tais conceitos estariam relacionados de forma muito próxima da experiência corpórea humana primeira.

Por outro lado, Lakoff (1987) estima que a variação do sistema conceptual se dê na forma de usar e de organizar os conceitos bem como de compreendê-los e de abordar as situações a partir dos MCIs. Em outras palavras, para Lakoff (1987), os sistemas conceptuais variam de modo substancial e não radicalmente, sendo comparáveis, no âmbito dos MCIs, em termos de compreensão, da maneira de usar os conceitos e de abordar a situação e de organização conceptual. Dessa forma, podemos concluir que há diferença de escala na variação dos MCIs, e particularmente no que se refere aos modelos culturais, consoante a TMCI. Isso porque o grau de variação dos MCIs não seria radical e sim substancial, com suas estruturas mais fundamentais – conceitos de esquemas imagéticos, conceitos de nível básico e Metáforas Primárias – variando de forma irrelevante. É plausível, portanto, considerar que o modelo cultural da *Grande Cadeia do Ser*, embora seja de caráter cultural e apresente provável variação, sua natureza é quase universal, visto que se encontra bastante convencionalizado, devido ao fato de ter atravessado centenas de anos e em boa parte das culturas humanas.

Contudo, Lakoff (1987) também reconhece variações culturais de menor escala como das categorias de efeitos prototípicas abordadas por Ungerer e Schmid (1996). Todavia, tais variações, assim como assinalam Ungerer e Schmid (1996), teriam

relevância, sobretudo em termos pedagógicos, de explanação da estruturação categorial prototípica em relação à estruturação categorial não prototípica. Assim sendo, além da avaliação de Kövecses (2010) de que o domínio-fonte animal é um dos mais produtivos, consideramos plausível pleitear que as metáforas animais apresentam caráter quase universal com base, igualmente, no caráter quase universal do modelo cultural da *Grande Cadeia do Ser*.

Por outro lado, tendo em vista que as metáforas animais são do tipo congruente, estimamos que a polissemia da expressão convencional *cabra* seja motivada por metáforas animais de caráter quase universal, mais particularmente pelas metáforas congruentes de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL e de nível específico PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS e PESSOAS SÃO ANIMAIS. Ou seja, segundo a perspectiva paradoxal da metáfora pleiteada por Gibbs (2010) e o caráter congruente das metáforas animais pleiteado por Kövecses (2010), a polissemia da expressão convencional *cabra*, segundo o nível genérico SER HUMANO É ANIMAL e as metáforas de nível específico PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS e PESSOAS SÃO ANIMAIS, seria norteadas por princípios relativos à experiência corpórea dos membros da comunidade de Fortaleza de caráter quase universal e de caráter socioculturalmente situada em função do compartilhamento de entendimentos acerca do papel sócio-cultural do animal cabra nessa comunidade.

#### **4.2 As Metáforas Universais**

Para Kövecses (2005), a Metáfora Conceptual é abordada por Lakoff e Johnson ([1980] 2002) e por Grady (1997) com base, sobretudo nas experiências corpóreas humanas básicas, a exemplo da metáfora primária: AFEIÇÃO É CALOR, que licenciaria expressões linguísticas como, *nós temos uma relação calorosa*. Ou seja, ainda segundo Kövecses (2005), não seria surpresa para ninguém que afeição seja associada a calor e não a frio, considerando que tal correlação entre as experiências de afeição e de calor se teria dado de forma inconsciente. Isso porque elas remontariam à nossa mais tenra idade quando éramos acolhidos junto ao corpo de nossa mãe.

Em assim sendo, por termos a Metáfora Conceptual, como base para conceptualização de experiências humanas básicas e universais, significaria dizer que o caráter da Metáfora Conceptual é igualmente universal, conforme discutimos no

capítulo 1, na seção acerca da TMC. Contudo, pondera, o autor, quando se olha para a relação entre metáforas e as línguas humanas, tem-se a nítida impressão de que há tão grande número de Metáforas Conceptuais não universais como de Metáforas Conceptuais universais. Dessa forma, para Kövecses (2005), no que pese sua visão de cultura ser definida como compartilhamento de entendimentos entre membros de uma dada comunidade, e por outro lado, as Metáforas Conceptuais, na condição de procedimento cognitivo sistemático responsável pela conceptualização de grande parte dos conceitos mais abstratos, também variarem em termos culturais - a exemplo da conceptualização de *amor* em termos de *jornada*, de *unidade* e de *caça* em culturas como a americana, húngara e chinesa - seria necessário levantar a seguinte pergunta: Até que ponto as pessoas no mundo compartilham os mesmos entendimentos em relação aos aspectos do mundo em que vivem?

Nessa perspectiva, o mencionado autor considera, na condição de linguista cognitivo, que a Metáfora Conceptual é tão poderosa e rica que ela teria de ser compreendida a partir da interconexão entre vários níveis, quais sejam: linguístico, conceptual, sociocultural, neural e corpóreo. Diante de tal fato, o autor pondera que, como o nível conceptual, consoante a ideia central defendida pela TMC, emergiria da experiência corpórea básica e das atividades neurais e o fato de o ser humano se assemelhar de forma importante nesse nível, a maior parte das Metáforas Conceptuais existentes deveria ser, portanto, similar e universal; e, conseqüentemente, a maior parte dos entendimentos compartilhados entre as pessoas no mundo seria, igualmente, similar e universal. Apesar de Kövecses (2005) questionar essa visão, tendo em vista que, em seus estudos e dados coletados, há evidências relevantes de variação metafórica, ele aponta para casos segundo os quais o caráter universal da Metáfora Conceptual foi evidenciado.

Com efeito, os estudos que visam verificar as evidências quanto ao caráter universal das Metáforas Conceptuais, se realizam no âmbito das diferentes culturas e línguas, particularmente no âmbito das culturas e línguas não relacionadas. Dessa forma, o autor apresenta, em sua obra *Metaphor in Culture*, os resultados, dentre outros, de duas pesquisas que foram realizados no domínio das emoções, particularmente do conceito de *felicidade* e de *raiva*. O conceito de *felicidade* foi examinado nas línguas chinesa, húngara e inglesa; ao passo que o conceito de *raiva* nas línguas chinesa,

húngara, inglesa, japonesa, polonesa, wolof e, zulu. O autor não deixa de assinalar que a escolha em investigar a ocorrência de Metáforas Conceptuais relacionadas com o domínio das emoções não foi gratuita, visto que tal domínio é considerado como fortemente influenciado pelas experiências culturais.

Consoante a pesquisa realizada na língua inglesa por Kövecses, em 1991, embora tenha sido encontrado um grande número de Metáforas Conceptuais mapeando o conceito de *felicidade*, Kövecses (2005) avaliou que três delas se sobressaíam, tais quais: FELICIDADE É PARA CIMA (*I'm felling up [Estou me sentindo para cima]*), FELICIDADE É LUMINOSIDADE (*She brightened up [Ela ficou radiante]*) e FELICIDADE É LÍQUIDO EM RECIPIENTE (*His heart is filled with happiness [Seu coração está cheio de alegria]*). O linguísta cognitivo chinês YU encontrou, igualmente, as mesmas Metáforas Conceptuais em sua língua a partir de pesquisas, por ele, realizadas, em 1995 e 1998 tal qual Kövecses em pesquisa realizada na língua húngara, sua língua materna. Seguem os exemplos da Metáfora Conceptual FELIZ É PARA CIMA em chinês e húngaro, retirados de Kövecses (2005, p.36.), respectivamente:

#### FELIZ É PARA CIMA

Ta hen Gao-xing

He is very high-spirited/happy [Ele é alto astral/feliz]

Ta xing congcong de.

He spirit rise-rise [ele espírito levanta-levanta]

Seu astral está alto/ ele está satisfeito e entusiasmado.

Zhe-xia tiqi Le wo-de xingzhi

This moment raise my mood

Nesse momento, meu astral fica alto

#### FELICIDADE É PARA CIMA

Ez a film feldobott.

This film up-threw-me [ Este filme me jogou para cima]

Este filme me deixou para cima.

Majd elszáll a boldogságtól

Almost away-flies-he/she the happiness-from

Ele está nas nuvens

Quanto aos estudos relacionados às Metáforas Conceptuais que mapeiam o conceito *raiva*, eles foram realizados na língua inglesa por Kövecses em 1986; por Lakoff em 1987; e por Lakoff e Kövecses em 1987; na língua chinesa por King em 1989; e por Yu em 1995 e 1998; na língua japonesa por Matsuki em 1995; na língua húngara por Bokor em 1997; na língua wolof por Munro em 1991; na língua zulu por Taylor e Mbense em 1998; e, na língua polonesa por Micholajczuk em 1998. Todos os estudos encontraram a Metáfora Conceptual UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO.

Apesar de Kövecses (2005) não disponibilizar todos os exemplos discutidos pelos estudos supracitados, ele reproduz alguns relacionados com a língua inglesa (Cf. KÖVECSES, 2005, p. 39), a saber:

You make my blood boil [Você fez meu sangue fever].

*Simmer* down! [Acalme-se]

Let him stew [deixe que ele espume de raiva]

He blew his top [Ele estourou a tampa]

Em seguida, Kövecses sumariza os achados da seguinte forma:

Em todas essas línguas, a metáfora do RECIPIENTE foi encontrada segundo a qual o recipiente é pressurizado em função ou não do calor. As correspondências, ou mapeamentos, da metáfora do RECIPIENTE PRESSURIZADO para 'raiva' incluem:

O recipiente com algum tipo de substância ou objeto = a pessoa que está raivosa.

A substância ou objetos do recipiente = a raiva.

A pressão da substância ou objetos no recipiente = a força da pessoa raivosa.

A causa da pressão = a causa da força da raiva mantendo a substância ou objetos no recipiente = controle da raiva.

A substância ou objetos saindo do recipiente = a expressão de raiva.

Dessa forma, argumento que esse mapeamento produz uma cena ou situação para 'raiva' na qual há uma força dentro de uma pessoa de sorte que tal força faz a pessoa agir de certa maneira que a pessoa se despressurize. A causa, a força e a estrutura da expressão forçada continua a ser um mistério e um acontecimento completamente aleatório, sem que evoque a metáfora do RECIPIENTE PRESSURIZADO. Por outro lado, por meio desse mapeamento detalhado, tal metáfora fornece uma estrutura coerente para os vários conceitos de 'raiva' em diferentes línguas. (2005, p. 39-40). (Tradução Nossa).

Nessa perspectiva, Kövecses (2005) conclui que, embora os exemplos elencados pelos vários estudos que investigaram o caráter universal das Metáforas Conceptuais insinuem grande variação no âmbito das línguas pesquisadas, tal variação mostrou ser de natureza superficial. Ou seja, os estudos detalhados dos casos revelaram evidências de que certas Metáforas Conceptuais, particularmente no âmbito das Metáforas Conceptuais de nível genérico, apresentam caráter potencialmente universal ou quase universal. Acrescenta ainda que as Metáforas Conceptuais particularmente estudadas são simples ou primárias e/ou complexas, baseadas em experiências humanas universais.

### **4.3. As Metáforas e a Variação Cultural**

Kövecses (2009) avalia que a TMC, ao despertar grande interesse junto a uma variedade de antropólogos, ganhou outro enfoque para o estudo da Metáfora Conceptual. Ou seja, ainda de acordo com o mesmo autor, enquanto especialistas da Ciência da Cognição, dentre os quais os linguistas cognitivos, “tendem a perguntar O que é metáfora? Como ela funciona na mente?” (p. 258), pesquisadores das Ciências Sociais, interessados em estudar a Metáfora Conceptual, particularmente os antropólogos, tendem a focar-se na questão “O que a metáfora faz em determinados contextos sócio-culturais?”. (p. 258).

Dessa forma, o autor considera um desafio tanto para os cientistas cognitivos em geral como, mais especificamente, para os linguistas desenvolver uma visão a partir da qual seja possível explicar a universalidade assim como a diversidade do pensamento metafórico. No que pese ter abraçado o desafio ao qual se refere, Kövecses (2009) propõe o esboço do que seria o primeiro passo em direção a uma teoria cognitivo-cultural cujos componentes básicos são os seguintes: (i) dimensões da variação; (ii) os aspectos da variação; e, (iii) as causas de variação.

No que diz respeito às dimensões da variação metafórica, Kövecses (2009) avalia que as Metáforas Conceptuais variam ora no âmbito de duas ou mais culturas, ora no âmbito de uma mesma cultura. Quanto à variação metafórica no âmbito de duas ou mais culturas, ela poderia se dar da seguinte forma: (i) em termos de congruência, isto é, metáforas de nível específico, que ao integrarem uma metáfora de nível genérico, apresentariam diferentes variações em função de aspectos socioculturalmente situados; (ii) quando uma dada cultura convencionaliza, em especial, um conjunto de domínios-fonte para um domínio-alvo específico, ou o contrário; (iii) quando ambas as culturas apresentam o mesmo conjunto de Metáforas Conceptuais para determinado domínio-alvo, porém uma delas tem claro pendor para uma Metáfora Conceptual específica; (iv) quando algumas Metáforas Conceptuais parecem ser adotadas por uma única cultura.

No que tange à variação no âmbito de duas ou mais culturas, Kövecses (2009) aponta para dois tipos de exemplos. O primeiro diz respeito à variação em termos de congruência da Metáfora Conceptual de nível genérico UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO. Ou seja, embora a Metáfora Conceptual de nível genérico UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO seja de caráter potencialmente universal, ou quase universal, conforme discutimos na seção anterior, as metáforas de nível específico podem variar em função dos diferentes preenchimentos culturais, isto é, elas podem variar em termos de tipo de recipiente, de tipo de fluido, se há calor ou não, etc. Dessa forma, foram encontradas as seguintes evidências de variação das metáforas de nível específico da Metáfora Conceptual de nível genérico UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO: o tipo de recipiente pressurizado é conceptualizado, na língua japonesa, em termos de barriga enquanto, na língua zulu, ele está relacionado com o coração; a raiva é conceptualizada em termos de gás (*qi*) na língua chinesa, ao passo que, na língua inglesa, ela é conceptualizada em termos de líquido.

O segundo tipo de variação no âmbito de duas ou mais culturas, apontado por Kövecses (2009), diz respeito à variação no conjunto de domínios-fonte aplicado a determinados domínios-alvo, a exemplo do que acontece em relação ao domínio-alvo VIDA. Apesar desse domínio-alvo ser conceptualizado quase universalmente como LUTA/GUERRA, BEM PRECIOSO, JOGO e VIAGEM, na língua Hmong, falada,

principalmente, em países como Laos e Tailândia, o domínio-alvo VIDA é conceptualizado em termos do domínio-fonte BARBANTE.

Quanto à variação das Metáforas Conceptuais no âmbito de uma mesma cultura, Kovecses (2009), em consonância com os postulados da Sociolinguística, da Sociologia e da Antropologia, segundo os quais as línguas não são monolíticas, postula, igualmente, que as Metáforas Conceptuais variam, em uma dada comunidade, em termos sociais regionais, étnicos, históricos e individuais, tal qual assinala Lakoff e Johnson ([1980] 2002). Apesar de destacar que, no âmbito da Linguística Cognitiva, não há ainda estudos sistemáticos a respeito dessa perspectiva, o autor menciona que, em termos de variação social, há evidência de variação de Metáforas Conceptuais que licenciam expressões linguísticas usadas no tratamento que os homens dispensam às mulheres e vice-versa. Como exemplo, cita casos encontrados na língua inglesa baseados em metáforas animais, quais sejam: os homens tratam as mulheres como *coelhinho* [*bunny*]; *gatinha* [*kitten*]; *passarinho* [*bird*]; *franguinha* [*chic*]; ao passo que as mulheres tratam os homens como *urso* [*bear*] e *tigre* [*tiger*].

Nessa perspectiva, Rodriguez (2009) realizou estudo comparativo acerca das metáforas animais que licenciam expressões linguísticas em relação à condição feminina nas línguas espanhola e inglesa, objetivando, com isso, analisar o fato dessas metáforas se constituírem em recursos cognitivos que projetam experiências relativas à construção de identidades sociais e de gêneros. A autora se baseou, para tanto, na visão de Lakoff e Turner (1989) acerca do modelo cultural da *Grande Cadeia do Ser*, acima discutido, particularmente na ideia de impacto sociopolítico que tal modelo causou no âmbito das várias culturas humanas. Ou seja, segundo Lakoff e Turner (1989) esse modelo, além de atribuir propriedades e organizar os entes do mundo de forma hierarquizada, classifica tais entes a partir de sua capacidade de superioridade e dominação em relação aos outros seres. A autora se baseou, igualmente, na análise de Kövecses (2005) acerca do caráter congruente das metáforas animais, particularmente na ideia de que as metáforas animais específicas variam de forma majoritariamente negativa com base nas Metáforas Conceptuais de nível específico COMPORTAMENTO INDESEJÁVEL É COMPORTAMENTO ANIMAL e PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS.

Dessa forma, ao pesquisar o papel social das metáforas animais nas línguas inglesa e espanhola, Rodriguez (2009) postula que essas metáforas motivam e formulam conceitos negativos a respeito da condição feminina no âmbito das línguas em questão. Ou seja, tais recursos cognitivos seriam motivados com base nas crenças e valores, presentes nas comunidades hispano e anglofalantes, de determinado grupo de indivíduos, representado pelo macho branco e heterossexual, que, na condição de Self, se constitui como cânone social em detrimento de determinados grupos de indivíduos, a exemplo das mulheres, que, na condição do Outro, contraria essa ordem canônica. Como critério de análise das metáforas animais, Rodriguez (2009) se apoia nas classificações etnobiológicas - habitat, tamanho, aparência, comportamento e grau de domesticidade - associadas à categorização proposta por Leach, para análise da relação entre animais e a noção de tabu.

Em assim sendo, ao constituir seus critérios a partir das classificações etnobiológicas e da visão de Leach, segundo a qual há correspondência estrutural entre o potencial sexual das mulheres e o potencial de comestibilidade dos animais, Rodriguez (2009) propõe a seguinte abordagem para análise do papel das metáforas animais na construção da identidade feminina nas línguas inglesa e espanhola: (1) metáfora animal e a mulher como animal doméstico e de pequeno porte, cujo potencial sexual não seria autorizado, e a relação sexual seria considerada espúria; (2) metáfora animal e a mulher como animal doméstico, cujo tamanho e o grau de domesticidade ao variar provocaria variação quanto a ser o potencial sexual dessa mulher autorizado ou não; (3) metáfora animal e a mulher como animal selvagem, cujo potencial sexual seria obscuro.

Em linhas gerais, Rodriguez (2009) aponta para os seguintes resultados:

- (i) A mulher estaria sendo mapeadas em termos de *cadela* e *gata* como prostituta, feia, maliciosa e perdida de acordo com a categoria da metáfora animal e mulher como animal doméstico e de pequeno porte, cujo potencial sexual não seria autorizado.
- (ii) A mulher estaria sendo mapeada em termos de *vaca*, *égua* e *mula* como gorda, feia e estúpida de acordo com a categoria metáfora animal mulher e animais domesticados, cuja função é a de servir ou de

alimentar o ser humano, e por ser de grande porte, não teria seu potencial sexual autorizado. No entanto a mulher estaria sendo mapeada em termos *galinha, franga, pomba e perua* como frágil e jovem de acordo com a categoria metáfora animal mulher e animais domesticados, cuja função é a de servir ou de alimentar o ser humano, e por ser de pequeno porte, teria seu potencial sexual autorizado.

- (iii) A mulher estaria sendo mapeada em termos de *loba, tigre fêmea e baleia* como promíscua ou gorda de acordo com a categoria metáfora animal mulher e animal selvagem, cujo potencial sexual é obscuro, já que são animais de grande porte, que apresentam baixo grau de domesticidade e baixa capacidade de alimentação humana.

A título de conclusão, Rodriguez (2009) afirma que metáforas animais não possuem apenas base cognitiva, mas também motivação cultural. Ou seja, elas projetam atitudes e crenças de determinadas comunidades em relação não apenas a determinados animais, mas em relação a determinados animais em termos de determinados grupos sociais. Nesse sentido, a autora estima que a dimensão cultural das metáforas animais as torna importantes veículos para transmissão e perpetuação de crenças sociais em benefício de determinadas práticas discursivas nas comunidades, a exemplo da transmissão e perpetuação da condição feminina em termos de objeto dos desejos sexuais do macho branco heterossexual nas comunidades hispano e anglofones. Dessa forma, os usuários das línguas em questão transmitiriam e perpetuariam crenças sociais em relação aos grupos considerados marginais ou inferiores, no caso, as mulheres.

Interessante notar a respeito das considerações de Rodriguez (2009), que a expressão convencional *cabra* é definida por autores, como Cascudo, da seguinte maneira:

Chamamos *cabra* ao filho do mulato com a negra e não é simpático ao folclore sertanejo. *Não há doce ruim nem cabra bom*. O tratamento de 'cabra' é insultoso. Ninguém gosta de ouvir o nome. (...). Todas as estórias referentes aos 'cabras' são pejorativas e são eles entes malfejos, ingratos, traiçoeiros. Mas não é o cabra que evoco, mas a Cabra, capra, uma presença na cultura popular de qualquer país. (2009, p. 60)

Com base nessa definição, é plausível afirmar que há aí uma forte negatização da expressão convencional *cabra*, já que ela se refere a indivíduo mestiço, cuja mestiçagem é fruto de duas etnias socialmente desprestigiadas na cultura brasileira. Ademais, além de se referir a um tipo mestiço, e esse tipo mestiço ser fruto de mestiçagem entre etnias desprestigiadas no Brasil, tal expressão ainda se refere a indivíduo que reside em uma das regiões mais pobres e desassistidas do Brasil: O Sertão Nordestino. Ou seja, de acordo com Rodriguez (2009), podemos afirmar, igualmente, que metáforas animais não possuem apenas base cognitiva, mas também motivação cultural. No que diz respeito às metáforas animais - isto é, **HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA** - que motivariam à expressão convencional *cabra*, há forte indícios de que elas projetem atitudes e crenças da sociedade brasileira, principalmente, da sociedade nordestina, em relação ao grupo social homem mestiço sertanejo.

Embora seja plausível afirmar que homem mestiço e sertanejo, na condição de grupo marginal e inferior, esteja sendo mapeado negativamente com base em metáfora animal de nível específico **HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA**, restaria nos perguntarmos por que homem mestiço sertanejo está sendo mapeado em termos particularmente do animal cabra? Ou seja, qual seria, então, o compartilhamento de entendimentos dos membros, sobretudo da região ao nordeste do Brasil acerca da cabra? Ou ainda que tipo de norma cultural motivaria a metáfora conceptual de nível específico **HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É CABRA**? Nessa perspectiva, é interessante ressaltar que, ao fazer referência à figura masculina como *cabra*, Cascudo (2009) também se reporta ao animal. Ao discorrer sobre a história desse animal, Cascudo nos informa que do convívio com o animal, teriam surgido histórias segundo as quais tanto o bode quanto a cabra desapareciam por uma hora durante o dia para ir ter com o *coisa ruim*. Assim tal autor declara que:

Desta participação religiosa a cabra nunca se libertou. Não se aproximou de santo algum e não há lenda ou história em que figure como elemento favorável. Familiar, doméstica, da intimidade sertaneja, não inspira confiança integral ao povo. Em lenda alguma da literatura oral cristã comparece com a cabra num plano de boa educação ou afeto. Na etiologia de sua voz, há uma condenação popular que tivemos de Portugal: ‘Cristo nasceu!’ – cantou o galo. ‘Onde’ – muge o boi. ‘Em Belém!’, baliu a ovelha. ‘Mentes, mentes’ – resmungou a cabra, guardando até hoje a negativa gaguejada e pagã. (2009, p. 61)

Há que se ressaltar que devido à alimentação rústica da cabra, tal animal se teria adaptado ao sertão nordestino. Ainda, segundo Cascudo (2009), já no século XVI, a

cabra constava nos cardápios populares dessa região setentrional. Contudo, era o seu leite que garantia a alimentação da criança brasileira e, sobretudo, da criança sertaneja de acordo com observações do viajante Henry Koster, em 1810, citado por Cascudo (2009). Contudo, ainda de acordo com Cascudo (2009), crenças por parte de membros da comunidade nordestina, particularmente sertaneja, de qua a cabra tinha parte com o *coisa ruim* levavam a apreciações sociais de que haveria perigo do leite da cabra transmitir para a criança “o caráter inquieto, buliçoso, arrebatado, da amamentadora; [de que] o menino, demasiado vivo, arteiro, endiabrado, tem a justificativa no leite da cabra”. (CASCUDO, 2009, p. 62). Consoante a história da cabra e seu papel não apenas sócio-econômico e cultural no Nordeste, especialmente na cultura sertaneja, evidenciados por Cascudo (2009), podemos pleitear que esses aspectos não aprovados socialmente motivaram o mapeamento de homem mestiço em termos de cabra. Ou seja, há uma correlação entre o homem cabra ser compreendido como *malfejo, ingrato e traiçoeiro* e o animal cabra como *endiabrado*.

Outro aspecto importante a ser destacado é que, embora Cascudo (2009) não aponte para nenhum tipo de aspecto positivo na definição do *cabra*, há evidências de que o conceito CABRA, que licencia a expressão correlata, seria, igualmente, motivado por tais aspectos. Ou seja, o fato de a expressão convencional *cabra* também se referir a homem viril, valente, trabalhador até mesmo heróico se constitui em evidências de que tal expressão é também motivada por metáforas específicas que mapeiam características positivas do *cabra*. Nesse sentido, ressaltamos as ponderações de Freyre acerca do caráter positivo da mestiçagem do *cabra* ao dizer que:

O cabra do Nordeste, define-o o folclorista Rodrigues de Carvalho segundo a ideia mais popular entre a própria gente da região: ‘tem um caldeamento especial: 50% de africano, quarenta de índio e dez de um ariano fugidio pelo entorpecimento do clima’. É o ‘*homem da canalha nortista*’

É mais: é o herói de um grande número de histórias de coragem e de aventuras de amor. É o ‘*cabra danado*’. O ‘*cabra escovado*’. O cabra bom. O cabra de confiança. A ele a imaginação do povo atribui uma potência sexual extraordinária a que não faltariam vantagens físicas também excepcionais.

Rodrigues de Carvalho dá o cabra do Nordeste como ‘forte, trabalhador, valente’, mas ‘irrequieto; inconstante, nem sempre leal’. E acrescenta: ‘Raramente o cabra...tem dedicação afetuosa do africano ou a carinhosa estima do mameluco, ou do branco’. (2004, p. 172).

Freyre (2004) ainda acrescenta que o *cabra* teve papel fundamental na história do Nordeste da Cana-de-Açúcar, ao destacar que:

A história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar está ligada, como talvez a de nenhuma outra região de Brasil, ao esforço do mestiço, ou antes, do cabra. Um esforço que se tem exercido debaixo de condições duramente desfavoráveis. Mas, mesmo assim, notável pelo que tem construído e realizado. (2004, p. 171).

É importante ressaltar que a história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar remonta às origens da história do Brasil, já que o plantio da cana-de-açúcar no Nordeste data de meados do século XVI. Nesse sentido, Freyre declara que “primeiro se fixaram e tomaram fisionomia brasileira os traços, os valores, as tradições portuguesas que junto com as africanas e as indígenas constituiriam aquele Brasil profundo, que hoje se sente ser os mais brasileiros”. (p. 50). Ou seja, de acordo com Freyre (2004), podemos afirmar que, historicamente, o *cabra* foi um dos primeiros tipos originalmente brasileiros. Por essa razão, podemos pleitear, tal qual Freyre, que o *cabra* seja compreendido de forma majoritariamente positiva.

Ademais, conforme já assinalamos, parece que teria havido expansão do uso dessa expressão em espaço urbano como da cidade de Fortaleza. Tal fato nos leva a inferir que essa expressão passou a ter, prototipicamente, o caráter mais geral, sendo, portanto, mapeada também pela Metáfora Conceptual animal de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL. Tal inferência pode ser observada nos dados por nós coletados, visto que 33,3% dos 31 participantes, ao serem solicitados, na terceira pergunta do questionário instrumento, a apontar, com base em oito significados disponibilizados, o que seria verdadeiramente para ele, um *cabra*, indicaram como o primeiro significado *um homem*; seguidos de 27,3% que apontaram *cabra da peste*; de 15,2%, *um sujeito qualquer*; de 12,1% , *cabra macho*; de 9,1% que não responderam; e de 3%, *cabra bom*. Não houve menção aos significados *cabra véi*, *cabra raparigueiro* e *capanga*.

Em suma, podemos inferir que se a metáfora de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL estiver mapeando a expressão convencional *cabra*, as metáforas de nível específicos estão variando da seguinte forma: a metáfora PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS está mapeando HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É ANIMAL , motivadas pela crença por parte dos membros da cultura cearense de que cabra é um animal que tem parte com o diabo e seu leite pode transmitir características diabólicas aos garotos que o tomam; a metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS está mapeando HOMEM MESTIÇO SERTANEJO É VALENTE, VIRIL E TRABALHADOR motivada pela crença por parte de membros da cultura nordestina de que tal tipo é genuinamente

brasileiro/nordestino, teimoso, persistente e resistente assim como a cabra que resiste às às precárias condições de vida no Sertão nordestino.

Quanto às causas da variação metafórica, Kövecses (2009) as reúne em dois grupos: o das experiências diferenciais e das preferências cognitivas. A experiência diferencial dependeria da variação dos diversos tipos de contextos, cultural, histórico, da situação comunicativa, das biografias, dentre outros. O que equivaleria, para nós, à ideia de variação do sistema conceptual a partir de diferentes abordagens de uma situação, tal qual assinala Lakoff (1987). No que diz respeito ao contexto cultural, na condição de conjunto de valores únicos e salientes de uma dada cultura, tal contexto seria responsável pela distinção e caracterização de uma determinada cultura em relação à outra.

Dessa forma, o conjunto de valores únicos e salientes que caracterizam o contexto cultural exerceria influência determinante na emergência de Metáforas Conceptuais, tendo em vista que esse conjunto constitui os domínios gerais de experiência em uma dada cultura. Nesse sentido, como já discutido mais acima, a Metáfora Conceptual de nível geral UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO varia a partir das metáforas de nível específico em função das diferenças culturais. Essa variação se daria, portanto, em razão, especificamente, no caso da língua japonesa, porque o conceito BARRIGA – *hara* – é bastante relevante para a cultura nipônica de sorte que ele se constitui, na verdade, em um conjunto de conceitos relacionado com a ideia de verdade, de intenções gerais e de verdadeiro caráter – *honne* -. Assim o termo *honne* contrasta com o termo *tateme*, ou face social de alguém. Dessa forma, quando alguém controla sua raiva, estaria, de acordo com a cultura japonesa, escondendo o seu caráter privado, verdadeiro, íntimo e exibindo uma face social aceita socialmente. Para os chineses, por exemplo, o *qi* é energia que flui pelo corpo. Daí, tal conceito pertencer a discursos filosóficos e médico. Assim *qi* está relacionado com o estado homeostático do corpo.

Quanto aos demais contextos, no que diz respeito ao de situação comunicativa, a causa da variação estaria associada em função do assunto a ser tratado; no histórico, a causa estaria relacionada ao pendor de determinada cultura em convencionalizar determinadas Metáforas Conceptuais de caráter quase universal. O autor cita, como exemplo, o caso de, nos EUA, as Metáfora Conceptuais VIDA É UM BEM PRECIOSO

e VIDA É UM JOGO serem mais predominantes; ao passo de que, na Hungria, o que predomina é a Metáfora Conceptual VIDA É GUERRA, visto que a Hungria esteve em guerra ao longo de seus mais mil anos de história. Quando ao contexto relacionado à biografia do indivíduo, o autor aponta para exemplos de Metáforas Conceptuais que licenciam expressões linguísticas usadas por pessoas com depressão.

No que tange às preferências cognitivas, Kövecses (2009) discute, dentre outros aspectos, o que chama de Foco Experiencial. Tal aspecto teria como indagação se a base corpórea de natureza universal, a exemplo da experiência corpórea quando ainda somos bebê ou crianças pequenas, é utilizada da mesma maneira em todas as culturas? A partir de exemplos como da Metáfora Conceptual UMA PESSOA COM RAIVA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO, o autor em questão pondera se as evidências de variação de acordo com a cultura e a história de um dado agrupamento humano apontariam para o contrário. Ou seja, para Kövecses (2009), “a base corpórea universal, sobre a qual as metáforas universais *poderiam* ser construídas, *não* é utilizada da mesma forma ou na mesma proporção em línguas e culturas diferentes”. (p. 272).

Nesse sentido, Kövecses (2009) pleiteia a existência do que chama de Foco Experiencial. O que, para nós, equivaleria à visão de variação do sistema conceptual em termos de organização conceptual, tal qual assinala Lakoff (1987). Assim, o Foco Experiencial estaria relacionado com direcionamento diferenciado por parte dos vários povos em relação aos diversos aspectos de funcionamento de seu corpo e um dado domínio-alvo.

Nessa perspectiva, o linguísta cognitivo Yu considera que:

A Metáfora Conceptual emerge da interação entre corpo e cultura. Se, de um lado, os mapeamentos metafóricos emergem largamente da experiência corpórea; por outro lado, a escolha de uma opção, dentre as várias que emergem do leque de experiências corpóreas humanas, depende largamente da compreensão e interpretação cultural. Assim as culturas que compartilham da mesma compreensão e da mesma interpretação, a partir das restrições impostas pela experiência corpórea, apresentam pendor em compartilhar a mesma Metáfora Conceptual. Nesse sentido, as metáforas primárias, que derivam diretamente das experiências corpóreas, são mais afeitas a se espalharem pelas diversas culturas humanas e mesmo de se universalizarem, ao passo que as metáforas complexas, formadas por mapeamentos metafóricos e metonímicos mais básicos e de crenças culturais, são mais afeitas a ocorrerem em culturas específicas. (2008, p. 259)

A título de conclusão, Kövecses (2009) pondera que muitos processos cognitivos operam na conceptualização metafórica de forma a não incluir apenas a identificação da relação entre dois domínios conceptuais, mas também a elaboração, o foco, a convencionalização e a especificidade. Todos esses processos poderiam, assim, ser encontrados operando em todas as línguas e culturas, mas o grau com o qual são aplicados, poderiam variar de língua para língua. Para discussão mais aprofunda desse grau, o autor em questão sugere que se investiguem os diversos aspectos de variação das Metáforas Conceptuais, acima discutidos. Tais aspectos apontam para uma visão cognitivo-cultural da Metáfora Conceptual, considerada pelo autor, como uma complementação da visão experiencial postulada, de maneira majoritária, pelos estudiosos da Metáfora Conceptual, em especial pelos linguistas e cientistas cognitivos.

A nosso ver, a visão cognitivo-cultural de Kövecses (2009) converge para a visão de variação do sistema conceptual, e conseqüentemente dos MCIs, postulada por Lakoff (1987) no âmbito da TMCI. O que percebemos como diferente nas duas abordagens diz respeito tanto à questão de foco, já que Kövecses (2009) discute a variação das Metáforas Conceptuais e Lakoff (1987), a variação dos MCIs; quanto de ênfase nos aspectos culturais em Kövecses (2009) e nos aspectos mais gerais em Lakoff (1987). Nesse sentido, concordamos com a posição de Kövecses (2009) de que sua visão cognitivo-cultural é complementar à visão postulada pelo Experiencialismo, e particularmente pela TMCI.

No que tange ao nosso objeto de estudo, consideramos que a expressão convencional *cabra* seja motivada pelas Metáforas Conceptuais animais, de caráter quase universal, SER HUMANO É ANIMAL e, de caráter específico, PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS E PESSOAS SÃO ANIMAIS. Dessa forma, tal qual assinala Kövecses (2005), estimamos que tais Metáforas Conceptuais, no âmbito de uma mesma cultura, isto é da comunidade dos falantes de língua portuguesa do Nordeste do Brasil, variam em função dos aspectos de ordem social e histórica, motivados pelo compartilhamento de entendimentos por parte dos membros da cultura nordestina acerca do papel que o animal cabra exerce nessa mesma cultura.

Por outro lado, estimamos que aspectos universais da Metáfora Conceptual, especialmente, da metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO, tenha relevância na motivação da polissemia da expressão convencional *cabra*. Segundo os

dados por nós coletados, o *cabra* é visto, tal qual o animal, como primordialmente persistente, resistente e teimoso. Esse tipo de visão converge, em alguma medida, com a abordagem proposta por Cascudo (2009), quando nos informa que se acreditava que havia perigo do leite da cabra transmitir para a criança “o caráter inquieto, buliçoso, arrebatado, da amamentadora”. (p. 62); como também, com a visão de Freyre (2004), para o qual o *cabra* é valente e viril. Assim, ambas as visões convergem em direção à ideia de um homem que é cabra, teimoso e persistente. Considerando que persistir é resistir; é não se conformar às adversidades tanto sociais como ambientais; é lutar contra tais adversidades, muito embora o *cabra* se encontrasse assujeitado aos senhores de engenho e às suas ordens e regras, acreditamos que haja evidências de que a metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO mapeie, igualmente, a relação entre homem e cabra.

A título de conclusão, tendo em vista o caráter experiencial e cultural dos MCIs, especialmente do MCI Proposicional de tipo de Categoria Radial, consideramos que a polissemia da expressão convencional *cabra* aponta para princípios motivadores tanto de natureza cognitiva como de natureza cultural. Em outras palavras, além de ser motivada por metáforas animais de caráter quase universais de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL, a polissemia da expressão convencional *cabra* seria, igualmente, motivada pela metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO, e pelas metáforas animais de nível específico PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS E PESSOAS SÃO ANIMAIS.

## CAPÍTULO 5

### **Correspondência entre experiência corpórea, pensamento metafórico e linguagem: Metodologia**

Este capítulo se encontra organizado em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos as questões que norteiam nossa investigação; na segunda seção, discorremos a respeito do tipo de pesquisa por nós desenhado; na terceira seção abordamos os métodos realizados para a coleta dos dados; na quarta e última seção, tratamos dos procedimentos conduzidos e escolhidos para análise dos dados. Além disso, por considerarmos que as questões metodológicas são motivos de grande debate e interesse no âmbito da TMC e da TMCI, tratamos das razões que nos levaram a adotar um tipo de pesquisa de caráter quali quantitativa ainda na primeira seção.

#### **5.1. Problemas e Questões.**

Ao decidirmos tratar da polissemia da expressão convencional *cabra*, tínhamos conhecimento de que tal expressão se relacionava com falantes da zona rural do Nordeste. Tínhamos, ainda, observado que a expressão em questão, ao que parecia, se havia expandido e se introduzido no universo urbano. Ou seja, passamos a notar que estudantes universitários usavam tal expressão e, até mesmo algumas autoridades políticas a usavam igualmente, em conformidade com reportagens veiculadas na grande imprensa local, além dos compositores de canção de forró. Há que se dizer que tal gênero de canção é bastante apreciado pela juventude de Fortaleza, sobretudo depois de suas versões contemporâneas.

Por outro lado, devido à existência do animal cabra e sua função sociocultural ser importante para economia do Sertão nordestino, passamos a desconfiar que a polissemia da expressão *cabra* - que ora se refere a *homem comum, mestiço, morador ou originário de zona rural*, ora se refere a um *sujeito valente e viril* ou *cabra macho*, ora se refere a um *sujeito violento* ou *capanga e cangaceiro*, ora *companheiro e amigo* ou *cabra bom* - seria motivada por metáforas animais. De acordo com Kövecses (2010), tais metáforas mapeariam experiências positivas e negativas entre ser humano e demais animais. Ou seja, haveria indicativos de que na cultura nordestina, especialmente na cultura fortalezense, o conceito HOMEM se relacionaria de forma importante com o conceito CABRA seja na conceptualização da figura masculina *per se* em termos do animal cabra, seja na conceptualização de

certos tipos de figura masculina salientemente relevantes no âmbito da cultura da qual emerge essa expressão.

Nessa perspectiva, estimamos que a expressão convencional *cabra*, tanto do ponto de vista lingüístico como do ponto de vista conceptual e cultural, faz aflorar questões relevantes a serem investigadas e problematizadas. Dessa forma, consideramos plausível nos perguntar quais seriam as categorias de experiência codificadas pelos membros da cultura fortalezense ao escolher o emprego da expressão convencional *cabra* em detrimento de termos padrão da língua portuguesa do Brasil como homem, sujeito, rapaz?

Com intuito de investigarmos essas categorias de experiência, levantamos a seguinte questão de pesquisa: O exame da articulação entre expressão convencional *cabra* e o compartilhamento de entendimentos entre os membros da cultura fortalezense nos levaria a compreender quais são os procedimentos cognitivos atuantes na emergência do conceito de um HOMEM CABRA? A partir dessa questão central, as seguintes questões secundárias foram formuladas: O conceito HOMEM ganharia extensões metafóricas por meio do uso da expressão convencional *cabra* associado à ideia de persistência e de resistência atribuída ao animal *cabra*? Os processos de natureza corpórea e sócio-culturalmente motivados, que se encontram na base das conceptualizações de membros da comunidade de Fortaleza, estariam sendo ativados na construção de uma figura masculina compreendida por meio da expressão convencional *cabra*?

## **5.2. Tipo de Pesquisa**

Para examinarmos a natureza da relação entre a expressão convencional *cabra* e o compartilhamento de entendimentos por parte de membros da cultura fortalezense de modo a compreender quais são os procedimentos cognitivos atuantes na emergência do conceito CABRA, desenhamos um tipo de pesquisa quali-quantitativa. Contudo, antes de apresentarmos a metodologia aplicada em nossa investigação, discutiremos a respeito do tipo de metodologia adotado para desenvolvimento de estudos no âmbito da LC, bem como a respeito de suas implicações.

Com efeito, a questão do tipo de pesquisa e, por conseguinte de metodologia a ser adotada no âmbito da LC, especialmente da TMCI e da TMC respectivamente, vem sendo motivo de questionamentos e debate entre os lingüistas cognitivos e seus colegas

da ciência da cognição a exemplo de Lakoff (1987), Gibbs (2009) e o Grupo Praggelejaz (2009). De acordo com Lakoff:

Grandes teorias não contam muito, exceto se elas são substancialmente e minuciosamente detalhadas. Uma das coisas mais importantes que a LC tem a oferecer a outras vertentes das ciências cognitivas é a metodologia de como estudar tanto a linguística como a estrutura conceptual. Tal estudo tem de ser bastante detalhado, apresentando, para tanto, um nível de detalhe tão rico e minucioso de forma que ele possa ser abordado por outras técnicas. Foi com esse espírito que estudamos os casos aqui apresentados (1987, p. 379) (Tradução Nossa).

Por outro lado, Gibbs (2009) pondera que nós, os linguistas cognitivos, deveríamos nos importar mais com métodos empíricos. Ele acrescenta ainda que, apesar de considerar as intuições de linguistas treinados úteis, tais intuições não teriam caráter conclusivo no que se refere “ao [tratamento] das influências específicas do pensamento e da experiência corporificados no uso da linguagem cotidiana”. (p. 194). Há que se ressaltar que Gibbs (2009), na condição de psicolinguista experimental, tem os experimentos como procedimentos de análise e de metodologia. Nessa perspectiva, o autor em questão (2009) pondera que, a despeito do posicionamento de seus colegas da psicologia, ele não acredita que os linguistas cognitivos devam conduzir experimentos para que suas idéias possam ser consideradas como teorias psicológicas.

Contudo, Gibbs (2009) manifesta dois tipos de preocupação em relação aos procedimentos analíticos por nós adotados. A sua primeira preocupação o leva a compartilhar junto com seus colegas da Psicologia “de algum ceticismo em confiar em argumentos e em conclusões de linguistas cognitivos porque eles se baseiam fortemente em introspecções individuais sobre questões de estrutura e comportamento linguístico”. (p.195). A sua segunda preocupação diz respeito à nossa pretensão em acessar processos inconscientes por meio de nossa consciência ao passo que tal acesso não seria em nada trivial.

Com efeito, Gibbs ressalta que suas ponderações têm o propósito de nos sensibilizar a respeito dos:

diferentes níveis nos quais a ‘compreensão linguística’ pode ser estudada e explicada e, além disso, de [nos fazer] reconhecer que [nossos] próprios métodos de análise consciente e sistemática de expressões linguísticas não podem fornecer os *insights* necessários para a produção ou processamento ‘automático’ da linguagem (2009, p.202)

Para tanto, ele nos sugere que estructuremos nossos trabalhos de modo que eles possam ser mais adequados a testes experimentais; e, possam ser mais apropriados à

investigação com base em *métodos indiretos* cujo fundamento é não requerer dos participantes dos experimentos que realizem introspecção sobre seus próprios processos mentais, já que tais processos seriam geralmente inconscientes. Nessa perspectiva, o autor em questão nos propõe que: (i) estruturemos nossos estudos de forma a serem mais adequados a testes experimentais; (ii) organizemos estudos com hipóteses passíveis de serem falseáveis; (iii) desenvolvamos hipóteses específicas que possam ser verificadas individualmente de modo que elas sejam passíveis de serem examinadas por diferentes técnicas experimentais.

A título de exemplo, Gibbs (2009) cita três métodos desenvolvidos por ele e colaboradores na investigação de aspectos relativos a um conjunto de quatro hipóteses acerca da TMC, quais sejam: (i) o método com o qual examinou as imagens mentais das pessoas acerca das expressões convencionais; (ii) o método com o qual avaliou o julgamento das pessoas a respeito dos significados metafórico sensíveis ao contexto; (iii) o método com o qual analisou a relação entre intuições corpóreas e as inferências metafóricas.

Consideramos relevantes e necessárias as ponderações de Gibbs (2009) aqui abordadas, particularmente no que tange a dois elementos. O primeiro diz respeito à sua visão quanto ao fenômeno por nós tratado apresentar “diferentes níveis nos quais a ‘compreensão linguística’ pode ser estudada e explicada”. (p.202). E a outra está relacionada com a sua posição de que não devemos, na condição de linguísta cognitivo, conduzir experimentos para que nossas ideias possam ser consideradas como teorias psicológicas, ainda que devamos adotar alguns procedimentos de modo a tornar nossos estudos abordáveis por outras técnicas.

Em outras palavras, a partir de tais reflexões, entendemos que nossa investigação acerca da polissemia da expressão convencional *cabra* à luz da TMCI se inscreve numa perspectiva para além da LC, sem, contudo, implicar que não tenhamos de deixar de assumir nossas especificidades metodológicas. Nesse sentido, não apenas desenvolvemos estudo voltado para a polissemia da expressão convencional *cabra* a partir de uma perspectiva qualiquantitativa com constituição de *corpora* em diferentes gêneros textuais, como também adotamos alguns dos temas considerados por Gibbs (2009) em seus experimentos. Ou seja, nos cinco questionários para coleta de dados

junto a 153 respondentes, formulamos perguntas com as quais, ainda que no âmbito da consciência, procuramos:

(i) avaliar as imagens mentais dos falantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza quando acessam a expressão convencional *cabra* (Ver Questionário Instrumento, questão 1; Questionário 1, questão 7; Questionário 2, questão 4; Questionário 3, questão 3; e Questionário 4, questão 3);

(ii) verificar os julgamentos por parte dos respondentes diante do uso da expressão convencional *cabra* em diferentes gêneros textuais (Ver Questionário Instrumento, questão 2; Questionário 1, questões 4, 6, 12 e 13; Questionário 3, questões 4, 7 e 8; e Questionário 4, questões 4, 7 e 8) .

Por outro lado, diante da discussão a respeito de qual tipo de metodologia adotar no âmbito da LC de maneira a dirimir a subjetividade das intuições dos linguistas cognitivos em suas metodologias de natureza qualitativa, o grupo Praggelejaz, formado por linguistas sênior e anglofalantes, desenvolveu um método de caráter objetivo, o chamado Procedimento de Identificação de Metáforas, doravante Método PIM. Trata-se de um método com o qual o grupo em questão buscou contemplar um dos grandes desdobramentos das pesquisas realizadas nos últimos anos no âmbito da TMC: O foco na identificação e na explicação da linguagem metafórica no discurso.

Com efeito, tal grupo justifica a necessidade em propor uma metodologia, como a do Método PIM, devido à dificuldade encontrada em comparar as diferentes análises empíricas realizadas à luz dos postulados da TMC. Tal dificuldade se daria tanto por conta das diferentes intuições dos pesquisadores como pela falta de limite em considerar o que é metafórico. Assim, segundo seus preconizadores, um analista, ao adotar tal método, deverá levar em conta quatro procedimentos para coleta e análise de dados, quais sejam:

- (i) Ler todo o texto/discurso para estabelecer um entendimento geral de seu significado.
- (ii) Definir as unidades lexicais do texto/discurso.
- (iii) a. Para cada unidade lexical do texto, determinar o seu significado no contexto, isto é, como esse significado se refere a uma entidade, qual

tipo de relação e atributo ele estabelece na situação evocada no texto (levar em conta o que antecede e o que precede essa unidade);

b. Para cada unidade lexical, determinar se há um significado atual mais básico em outros contextos;

c. Decidir se o significado contextual se opõe ao significado básico, mesmo que aquele seja entendido a partir deste.

(iv) Classificar se a unidade lexical em exame é metafórica ou não.

Destacamos ainda que tal grupo apresenta a definição de significado básico a partir de cinco critérios:

- (i) Ser mais concreto;
- (ii) Estar relacionado com o funcionamento do corpo;
- (iii) Ser mais preciso;
- (iv) Ser historicamente mais antigo;
- (v) Não ser necessariamente o de maior incidência.

Ainda no que tange a procedimentos de análise no âmbito do Método PIM, seus preconizadores orientam o analista a apresentar seus resultados considerando os seguintes oito critérios:

- (i) Detalhes do Texto:  
Nome/ Fonte/ Forma/ Gênero, Estilo/ Data de produção (ou publicação ou edição)/ Extensão do Texto/ Extensão do Contexto Lido pelo Pesquisador (além da parte analisada);
- (ii) Público-alvo da análise para avaliar se os significados contemporâneos foram mantidos;
- (iii) Decisões acerca das Unidades Lexicais (Qual categoria gramatical, se substantivo, verbo, palavra composta, etc.; Qual tratamento a ser dispensado para dados orais);
- (iv) Recursos Utilizados para Checagem do Significado Básico (Dicionário e *Corpora*);

- (v) Decisões de Análise (Se o analista considera o texto todo como uma metáfora, uma alegoria)
- (vi) Detalhes da Análise:  
Número de analistas/ Identidade dos analistas/ Treinamento Preparatório para a Análise/ Quantas leituras do texto a ser analisado foram feitas e Qual momento foi feita a discussão entre analistas/ Confiabilidade da Análise;
- (vii) Análises Adicionais (Se analista lançou mão algum procedimento repetido, Se houve análise de unidades de nível superior à palavra)
- (viii) Resultados das Análises (Com inclusão quanto à concordância entre os analistas)

Segundo avaliação do grupo Pragglejaz (2009) a respeito dos resultados obtidos com a aplicação do Método PIM, os significados das palavras usadas metaforicamente variam de forma importante diante do gênero textual no qual incidem. Dessa forma, é recomendado que os analistas se utilizem de vários gêneros na aplicação desse Método. O grupo avaliou também o procedimento de tomada de decisão por parte dos analistas com base nos critérios acima elencados. Consideraram tais tomadas de decisão problemáticas, visto que, em geral, as tomadas de decisão foram norteadas pelas teorias as quais esses pesquisadores se filiavam. Assim, devido ao fato de haver grande variedade de teorias linguísticas e cognitivas, esses analistas apresentaram diferenças no momento de classificar se as palavras eram metafóricas ou não.

Embora os critérios não tenham se mostrado tão eficientes para nortear tomadas de decisões de maneira objetiva, o grupo Pragglejaz (2009) estimou que tais critérios podem se mostrar eficientes na condição de *orientador de decisões*. Ou seja, tais critérios podem servir como base para alertar os pesquisadores sobre as inúmeras questões linguísticas e teóricas relacionadas à metaforicidade na linguagem e no pensamento, apresentando-lhes parâmetros sobre os quais eles possam se apoiar e refletir a respeito. Em suma, se o Método PIM se mostrou eficiente em antecipar questões relevantes que nortearão os analistas em suas abordagens acerca da metaforicidade na linguagem e no pensamento, ele não se revelou uma metodologia

capaz de dirimir o caráter subjetivo das intuições dos analistas treinados quando de suas tomadas de decisão.

No que pese a diferença de escopo entre o Método PIM, cujo objetivo é o de identificar palavras usadas metaforicamente, e a nossa investigação, cujo objeto é a polissemia da expressão convencional *cabra*, não adotamos a totalidade de procedimentos preconizados por esse método. Todavia, incorporamos alguns de seus procedimentos de análise, quais sejam:

- (i) A consulta a definições da expressão convencional *cabra* como um dos parâmetros na problematização dos sentidos prototípicos (básico) dessa expressão.
- (ii) A diversidade de gêneros textuais como base para avaliação das possíveis variações de sentidos da expressão em foco.
- (iii) Três das oito rubricas adotadas pelo Método PIM para apresentação dos resultados da análise dos pesquisadores como norteadores no tratamento de informações relativas aos documentos literários nos quais observamos a ocorrência da expressão em estudo.

Diante do que discutimos nesta sessão, a questão de uma abordagem qualitativa para estudos de fenômenos investigados no âmbito da LC não é de fácil posicionamento. Se de um lado, a abordagem qualitativa é uma das especificidades dos estudos empreendidos por nós, linguistas cognitivos; de outro lado, tal abordagem traz alguns problemas elencados por Gibbs (2009) quanto ao acesso a processos inconscientes por meio de nossa consciência por termos como base a introspecção e nossas intuições.

Contudo, conforme avaliou o grupo Pragelejaz (2009) a partir de seus resultados com aplicação de um método de caráter objetivo, não é tão simples excluir as impressões digitais dos linguistas cognitivos em suas análises devido à influência de suas afiliações teóricas. Em outras palavras, o que estaria em jogo para se discutir a natureza das intuições dos linguistas estaria relacionado à relevância de seus respectivos embasamentos teóricos bem como a própria importância da teoria que os alimenta. O que não se constitui em nada trivial o enfretamento dessa questão.

Diante de tal complexidade, avaliamos plausíveis as orientações propostas por Lakoff (1987), acima reproduzidas, no sentido de que os linguistas cognitivos, a partir de suas metodologias de caráter qualitativo, devam se preocupar em desenvolver estudos detalhados de modo a servir como base para outras técnicas. Além disso, consideramos relevante para o desenvolvimento de um estudo detalhado e que seja abordável por outros campos das Ciências Cognitivas, aceitar alguns das sugestões metodológicas propostas por Gibbs (2009). Por isso, formulamos perguntas nos cinco questionários de modo que elas nos possibilitassem em alguma medida: (i) investigar as imagens mentais dos respondentes ao acessarem a expressão convencional *cabra*; (ii) avaliar os julgamentos por parte dos respondentes a partir uso real da expressão convencional *cabra* em diversos gêneros textuais.

À guisa de conclusão, pretendemos, com nossa investigação, contribuir para as discussões metodológicas no âmbito da LC e por extensão no âmbito das demais Ciências da Cognição: ora porque avaliamos que o resultado do tratamento quantitativo de boa parte dos dados coletados por meio da aplicação de cinco questionários possa suscitar questões a serem aprofundadas qualitativamente; ora porque estimamos que nossa análise qualitativa realizada com base nos dados reunidos pelos nossos *corpora* possa despertar problemas a serem investigados quantitativamente.

### **5.3. As Definições, Os Documentos Literários, Os Questionários e Os Procedimentos de Coleta de Dados.**

Nossos procedimentos de coleta de dados se deram em momentos distintos e a partir de três diferentes gêneros, definição, documento literário e questionário. A escolha por diferentes gêneros se deu em função da orientação do grupo Pragglejaz (2009), já que o grupo em questão verificou variação considerável de significado em função do gênero no qual ocorre a unidade lexical a ser investigada. Por outro lado, a escolha em ir a campo em diferentes momentos se deu por termos adotado alguns dos postulados da TF, segundo os quais o pesquisador deve ir a campo em distintos momentos para complementação dos dados coletados, tendo em vista que eles podem variar em função do momento em que foram coletados.

Há ainda que se ressaltar que a escolha dos três gêneros em questão se deu:

- (i) No que tange ao gênero definição, para que pudéssemos problematizar tanto os vários significados atribuídos à expressão

convencional *cabra*, dentre os quais o mais prototípico, bem como a forma como esses significados foram tratados;

- (ii) No que tange ao gênero documento literário, para que pudéssemos tanto observar a variação de sentidos de uso real da expressão convencional *cabra*, de acordo com a orientação de Gibbs (2009);
- (iii) No que tange ao gênero questionário, porque, além dele ser tradicionalmente adotado em pesquisas de base empírica, ele oferece um elemento facilitador, já que o pesquisador pode conduzir, ainda que de forma parcial, o processo para obtenção de dados. Ou seja, com tal procedimento, o pesquisador pode (i) circunscrever a categoria de sujeitos; (ii) estabelecer o tema das perguntas e de que forma elas serão tratadas; (iii) determinar as variáveis que são de seu interesse; (iv) revisitar os dados dos respondentes para dele extrair outras informações que levem em conta outras variáveis desprezadas em uma determinada etapa.

É importante esclarecer que devido às características acima repertoriadas quanto ao gênero questionário, tal gênero se mostrou o mais adequado metodologicamente para a abordagem de nosso terceiro objetivo secundário. Em outras palavras, com base no gênero questionário:

- (i) Circunscrevemos a categoria de respondentes aos residentes em Fortaleza.
- (ii) Estabelecemos o tema das perguntas com base em cinco critérios, (a) imagens mentais; (b) julgamento por parte dos respondentes acerca do uso da expressão *cabra* em diferentes gêneros textuais; (c) julgamento por parte dos respondentes acerca da definição a respeito da expressão convencional *cabra*; (d) crenças e percepções sobre a relação homem e animal, especialmente o animal cabra; (e) crenças e percepções a respeito da relação entre cultura e linguagem.
- (iii) Determinamos a variável idade, pretendendo, assim, revisitar os dados dos respondentes a partir de posteriores desdobramentos de nosso estudo.

Ainda no que tange à discussão acerca de gênero, é importante salientar que compreendemos gêneros textuais de acordo com Costa (2008). Ou seja, para esse

autor, os gêneros textuais são como produtos histórico-sociais, cujas diferentes tipologias contemplam os interesses e as condições de funcionamento das formações sociais. Nessa perspectiva, os gêneros textuais com os quais trabalhamos nesse estudo são, em linhas gerais, abordados a partir das características elencadas por Costa (2008). Todavia, em conformidade com a avaliação feita pelo autor em questão em seu prefácio, no sentido de seu trabalho ser inédito e passível de ser expandido em novas edições, nem todos os gêneros com os quais trabalhamos em nosso estudo se encontram aí contemplados, a exemplo dos gêneros *Definição* e *Cordel*. Desse modo, abordarmos, ainda apoiados em Costa (2008), o gênero *Definição* com base no gênero *Entrada* e o gênero *Cordel* com base no gênero *Conto Popular*.

Assim sendo, consideramos o gênero *Cordel* em nosso trabalho a partir das seguintes características elencadas no gênero *Conto Popular*:

(...) é breve e curto, com um número reduzido de personagens em cena, com ação concentrada. As personagens geralmente são anônimas e culturalmente prototípicas. (...). (i) *origem*: o conto popular vem das camadas não hegemônicas, não letradas da população, (...) que fazem parte de uma literatura oral tradicional, não institucionalizada, transmitida de geração a geração; (ii) *emissão/ produção*: é feita por um sujeito coletivo, pois é a comunidade que legitima os discursos anônimos da tradição cultural de um povo, produzidos por intérpretes pontuais que, muitas vezes, inovam, atualizam esses discursos, conservando-lhes, contudo a essência (...); (iii) *recepção*: trata-se também de um interlocutor coletivo que limita as inovações individuais dos intérpretes tanto por intervenções ou comentários (...); (iv) *temática*: é tão diversa que existe uma imensa tipologia de conto (...); (v) *ingredientes*: um dos principais ingredientes é a irracionalidade (...). (COSTA, 2008, p. 68).

No que tange ao gênero *Definição*, adotamos as seguintes características discriminadas no gênero *Entrada*, “unidade significativa (...) que é definida e/ou explicada por meio de palavras ou conceitos mais elementares, não raro também com exemplos de uso, sinônimos e outras informações que possam interessar ao leitor”, (COSTA, 2008, p. 92).

A respeito do gênero *Peça Teatral*, levamos em consideração as seguintes características:

Texto escrito ou encenado em que os diálogos são os que mais bem imitam as situações reais. Nela os personagens conversam em si para dar ao expectador a sensação de estar dentro da cena. Na peça de teatro não existe a figura do narrador, apenas os diálogos e as rubricas, que orientam o leitor ou o diretor sobre a montagem da cena, o figurino usado pelos personagens e a entonação da voz, por exemplo. A maneira como as coisas são ditas permite ao leitor fazer inferências sobre as

características de cada personagem e compreender os conflitos da trama. (COSTA, 2008, p. 146)

Em relação ao gênero *Questionário*, consideramos as seguintes características, “conjunto, relação ou sequência, oral ou escrita, de perguntas ou questões feitas para diversos fins: para servir de guia, por exemplo, (...) a uma investigação”. (COSTA, 2008, p. 154)

Finalmente, a respeito do gênero *Romance*, lançamos mão das seguintes características, “escrito em prosa, mais ou menos longo, narram-se nele fatos imaginários, às vezes inspirados em histórias reais, cujo centro de interesse pode estar no relato de aventuras, no estudo de costumes ou tipos psicológicos, na crítica social, etc.”. (COSTA, 2008, p. 162).

Quanto ao momento de coleta de dados, realizamos ida a campo nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2013.

Durante o ano de 2010, fizemos pesquisa exploratória para observarmos e selecionarmos as definições mais relevantes a respeito da expressão convencional *cabra*. Consideramos como definições relevantes:

- (i) As que são avaliadas como autorizadas, a exemplo do dicionário geral Aurélio Buarque de Holanda (Ver FERREIRA, 2004), tendo em vista que dicionário desse porte, para constituir *corpora*, conta tanto com rigor e longo alcance nos levantamentos das expressões usadas por usuários da língua portuguesa do Brasil, como com tratamento criterioso dos dados a partir de conhecimentos lexicográficos e lexicológicos, domínios, por sua vez, discutidos pela TMCI.
- (ii) As propostas e elaboradas por autores de Dicionário de Ceará, a exemplo de Gadelha (1999), Pontes (2000) e Saraiva (2001), visto que a coleta e tratamento dos dados realizado para a produção de publicações desse tipo têm como base procedimentos intuitivos e espontâneos de usuários comuns da expressão convencional *cabra*; e que tais procedimentos condizem com o interesse demonstrado pelos proponentes da TMC e da TMCI em abordar comportamentos que são significativos para as pessoas.
- (iii) As elaboradas por especialistas de vários campos de conhecimento, que gozam da condição de notório saber junto a seus pares, à

comunidade científica e, à sociedade brasileira em geral, a exemplo do folclorista Câmara Cascudo (2009), do sociólogo Gilberto Freyre (2004) e do historiador Frederico de Mello (2004 apud NETO 2009, p. 337), tendo em vista que a relevância da definição de natureza especializada ou enciclopédica é abordada pela TMCI e por autores como Geeraerts (2009).

Ainda no ano de 2010, particularmente no primeiro semestre, realizamos busca na WEB para verificar a ocorrência da expressão convencional *cabra* e de seus contextos de uso real. Infelizmente, tal busca não foi bem-sucedida, já que localizamos poucas ocorrências da expressão em questão. Julgamos, na ocasião, que como se tratava de expressão de natureza regional usada em uma região que não goza de prestígio econômico no mapa geopolítico do Brasil, tampouco do mundo, tal expressão não teria visibilidade no espaço virtual da WEB. Ressaltamos que a busca por nós realizada não se baseou nos procedimentos contemplados pela Linguística de Corpus.

Dessa forma, decidimos lançar mão de fontes literárias de caráter regional, cuja especificidade é o registro do *modus vivendi* e de certo falar próprio do povo nordestino, especialmente do sertanejo. Assim, durante o segundo período do ano de 2010 e de todo o ano de 2011, pesquisamos e reunimos cinco tipos de documentos literários de caráter regional nos quais verificamos 58 ocorrências da expressão *cabra*, a saber: duas ocorrências em Castro (2006); uma, em Caboclo, (2000); 10, em Olímpio (1984); 37, em Rêgo (1982); e oito, em Suassuna (2005).

A escolha por tais autores se deu no que diz respeito aos autores de literatura regional - Castro (2006), Olímpio (1984), Rêgo (1982), Suassuna (2005) - por serem renomados escritores brasileiros, além de serem considerados como referência da literatura regional. Quanto à escolha por Manoel Caboclo no gênero cordel, nós nos valemos das explicações dadas por Joseph Luyten ao prefaciá-lo Caboclo (2000), segundo as quais tal cordelista é um dos cinquenta poetas populares brasileiros de destaque no universo de mais de 30 mil folhetos de dois mil autores classificados. A partir da leitura desses cinco documentos, identificamos e grifamos as 58 ocorrências da expressão convencional *cabra* que apareciam sozinhas ou acompanhadas de algum modificador, a exemplo de macho, frouxo, safado, etc, com intuito de observar, comparar e analisar a variação dos usos reais dessa expressão.

Durante os anos de 2010, 2012 e 2013, elaboramos cinco questionários de três, treze, dezesseis, nove e dez perguntas respectivamente (Ver Apêndice A) que foram aplicados durante os anos de 2010 e 2013, junto a 153 respondentes residentes em Fortaleza, cuja faixa etária varia entre 19 e 55 anos.

Apesar de constar respondentes de perfis diversos - profissionais liberais, professores, psicólogos, pedagogos, diretores de projetos sociais, designer e porteiros - a maioria dos questionários foi aplicada junto a estudantes de cursos universitários da Universidade Federal do Ceará, doravante UFC, a exemplo de uma turma de Educação Física; duas turmas de Dança, especialmente das disciplinas Dança e Pensamento e Dispositivos e Metodologia da Pesquisa em Arte, Filosofia e Ciência; e uma turma de Psicologia, especialmente da disciplina Psicologia e Saúde Coletiva; e junto a estudantes de curso da Universidade de Fortaleza, doravante UNIFOR, a exemplo de uma turma de Publicidade, especialmente da disciplina Teoria da Comunicação.

Há que se dizer que os respectivos professores dos cursos mencionados também responderam aos questionários assim como dois porteiros do prédio no qual estava sendo lecionado o curso de Educação Física. Dessa forma, a maior parte dos respondentes dispõe de nível universitário não concluído e apresenta faixa etária entre 19 a 29 anos. Há que se destacar que não constituem variáveis de análise para essa pesquisa: a idade, o gênero, a classe social tampouco o nível de escolaridade e naturalidade/nacionalidade. A razão pela qual não adotamos o conjunto dessas variáveis em nossa análise dos dados se deu por pretendermos com esse trabalho analisar como a expressão *cabra* é percebida e entendida de forma global. No entanto, perspectivamos, *a posteriori*, investigar tal fenômeno a partir de uma análise mais refinada com base nas variáveis acima mencionadas.

Por outro lado, merece destaque o fato de que foi realizado tratamento quantitativo com base em variável de análise, tendo em vistas que nem todos os dados levantados por um pergunta era passível de receber tratamento percentual. Conforme afirmamos anteriormente, no universo de informações levantadas por meio de 51 perguntas apresentadas nos cinco questionários aplicados junto a 153 sujeitos, as informações que receberam tratamento quantitativo dizem respeito a 44 perguntas (Ver Apêndice B).

Embora quatorze respondentes tenham realizado a aplicação dos questionários via email durante o primeiro semestre de 2013 nos quais nos encontrávamos ausente do Brasil, os demais 139 respondentes realizaram a aplicação desses questionários de forma presencial.

A aplicação presencial dos cinco questionários foi realizada em dois momentos distintos, quais sejam: em agosto de 2010, aplicamos o questionário instrumento junto a cinco funcionários de um projeto de cunho social da Prefeitura Municipal de Fortaleza e junto a 28 respondentes relacionados com o curso de Educação física da UFC; entre os meses de julho e setembro de 2013, aplicamos os quatro demais questionários junto a 106 respondentes (estudantes e professores) que se encontravam presentes em cursos universitários da UFC, (uma turma do curso de Psicologia em julho de 2013 e duas turmas do curso de Dança em setembro de 2013) e em um curso da UNIFOR (uma turma do curso de Publicidade em agosto de 2013).

A todos os respondentes, passamos as seguintes e breves orientações:

- (i) Que se tratava de um procedimento de levantamento de dados para nossa pesquisa de doutorado, cujo tema era voltado para relação do homem com o animal cabra;
- (ii) Que não era preciso se identificar, porém, caso fosse possível, que deixassem registrados a idade e sexo e, particularmente no questionário instrumento, que deixassem informações quanto à naturalidade e à ocupação profissional;
- (iii) Que todos, que assim o quisessem participar, deveriam responder às perguntas de forma absolutamente espontânea, a partir do que lhes vinha à mente, sem se preocupar se tinham muito conhecimento a respeito do assunto, já que caso não soubessem responder à pergunta, não o fizessem, se não tivessem opinião formada sobre o assunto ou dúvidas que as manifestassem.

Por fim, orientamos os respondentes, caso eles tivessem interesse em saber o que nós havíamos feito com as informações por eles fornecidas, que disponibilizassem seus emails de modo que nós pudéssemos informá-los sobre o dia da apresentação da tese e, por conseguinte, dos dados.

Quanto a uma possível apresentação de cada questionário, é-nos mais plausível tratar das questões formuladas e constantes nos cinco questionários, já que nossa análise não se deu com base na particularidade de cada questionário. Ou seja, nossa análise se realizou de forma transversal aos questionários, visto que agrupamos as 51 questões dos cinco questionários a partir de cinco critérios. Dois dentre os cinco critérios estabelecidos para análise das questões constantes nos cinco questionários estão de acordo com temas investigados por Gibbs (2009), a saber:

- (i) A respeito de imagens mentais dos respondentes ao tomarem contato com a expressão convencional *cabra*, a exemplo do Questionário Instrumento, especialmente da questão 1; do Questionário 1, especialmente da questão 7; do Questionário 2, especialmente questão 4; do Questionário 3, especialmente da questão 3; do Questionário 4, especialmente questão 3.
- (ii) A respeito do julgamento por parte dos respondentes quanto ao uso da expressão *cabra*, a exemplo do Questionário Instrumento, questão 2; Questionário 1, especialmente das questões 4, 6, 12 e 13; do Questionário 3, especialmente das questões 4, 7 e 8; do Questionário 4, especialmente das questões 4, 7 e 8.

Além disso, os três demais critérios tiveram como base questões:

- (i) A respeito do julgamento por parte dos respondentes acerca das definições da expressão *cabra*, a exemplo do Questionário Instrumento, especialmente das questões 3 e do Questionário 1, especialmente as questões 4, 5, 8, 9, 10 e 11.
- (ii) A respeito da percepção e crenças dos respondentes no que tange à relação homem e animal, especialmente a relação homem e o animal cabra, a exemplo do Questionário 1, especialmente as questões 1 e 2, do Questionário 2, especialmente as questões 1, 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 15 e 16, do Questionário 3, especialmente as questões 1, 2, 5, 6 e do Questionário 4, especialmente as questões 1, 2, 5, 6 e 10.
- (iii) A respeito da percepção e crenças a propósito da linguagem e da cultura, a exemplo do Questionário 2, especialmente as questões 5, 7, 8, 9 e 14 e do Questionário 3, especialmente a questão 9 e do Questionário 4, especialmente a questão 9.

Finalmente, há que se dizer que existem perguntas repetidas nos cinco questionários aplicados por algumas diferentes razões, quais sejam: (i) para estabelecer gradação entre as perguntas; (ii) contextulizar algumas perguntas; ou ainda (iii) aprofundar ou confirmar algumas informações fornecidas em questionários anteriores.

#### **5.4. Procedimento de análise de dados**

O procedimento de análise dos dados se deu em dois momentos. No primeiro momento, a análise se realizou em separado com base em cada um dos três diferentes gêneros textuais. Em seguida, foi feita uma análise a partir da triangulação de resultado obtido com a análise em separado dos três diferentes gêneros.

Dessa forma, no que tange ao primeiro tratamento das sete definições coletadas, separamos as que elencavam mais de um sentido - Ferreira (2004), Gadelha (1999), Pontes (2000), Freyre (2004) - das demais, de modo a observar qual era o significado apontado como o mais prototípico e o menos prototípico e a organização desses significados quando se encontravam formatados em entradas. Em seguida, fizemos um estudo comparativo de todas as definições com objetivo de observar quais significados eram os mais e os menos representativos; bem como de que maneira esses significados se encontravam organizados.

No que diz respeito ao primeiro tratamento dos documentos literários, analisamos todas as 58 ocorrências da expressão *cabra* que foram grifadas no processo de coleta, de modo a identificar variações dos sentidos nos usos reais da expressão convencional *cabra*. É importante se ressaltar que os respectivos contextos nos quais identificamos a ocorrência da expressão em questão foram tratados a partir do modelo de apresentação de resultado de análise proposto pelo grupo Praggelejaz, qual seja: Nome/ Gênero/ Estilo/ Data de produção (ou publicação ou edição) aos quais acrescentamos o resumo da história contada em cada obra selecionada. Salientarmos ainda que não tratamos esses contextos como trechos de discursos tampouco utilizamos de abordagens relativas ao campo da Análise do Discurso, por não ser escopo de nosso trabalho.

Em relação aos cinco questionários, depois de realizada a sua aplicação, os dados foram organizados em banco de dados e as informações relativas a 44 perguntas no universo de respostas 51 questões receberam tratamento percentual (Ver Apêndice B). Em seguida, reunimos as 51 questões a partir de cinco critérios,

anteriormente mencionados, de modo a analisar de que maneira os falantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza, com base em suas experiências corpóreas, fazem emergir conceitos relativos à figura masculina, especialmente o conceito licenciado pela expressão convencional *cabra*. Destacamos ainda que as sete perguntas cujas respostas não receberam tratamento quantitativo são as seguintes: no Questionário 1, questão 2 e 8; no Questionário 2, questões 4 e 6; no Questionário 3, questões 5 e 6 e no Questionário 4, questão 6.

Há que se enfatizar que, por vezes, as respostas obtidas pelas 44 questões não eram passíveis de tratamento percentual, motivo pelo qual se optou por estabelecer variáveis. Para manipulação dos gráficos constantes nos Apêndices, consideramos oportuno acrescentar o seguinte esclarecimento:

- A legenda explicativa segue o modelo segundo o qual **V.X.Y**, no qual **V** significa Variável, **X** se remete ao número da questão, **Y** ao número da variável. Por exemplo, o gráfico identificado com a legenda **V.3.1** do Questionário 1 se remete à questão três que pede duas informações: (1) “Você acredita que haja diferenças entre o homem brasileiro nordestino e o homem brasileiro no geral? (2) Por quê?”. Somente a primeira informação foi quantificada e o gráfico relativo a essa informação é identificado por meio da legenda: Variável 1 da questão 3.

Depois de realizado o primeiro procedimento de análise em separado, todos os dados foram reunidos para que fosse feita a sua triangulação, de modo que examinássemos: (i) os significados mais prototípicos e não prototípicos da expressão convencional *cabra*; (ii) as contribuições das normas e conhecimento culturais na emergência do conceito CABRA que licencia a expressão convencional correlata (iii) a maneira pela qual esses significados se estruturam.

## CAPÍTULO 6

### **Correspondência entre experiência corpórea, pensamento metafórico e linguagem: A Análise dos Dados Coletados.**

Neste capítulo, em conformidade com seu título, realizamos, inicialmente, a análise dos dados por nós coletados para, ao final, discutirmos os resultados em consonância com os nossos objetivos. Com base em nossa questão de pesquisa que, procura investigar quais são os procedimentos cognitivos atuantes na emergência do conceito de um **HOMEM CABRA** que licenciaria a expressão convencional *cabra*, examinamos os nossos *corpora* a partir de três critérios, quais sejam: (i) levantamento dos significados prototípicos e não prototípicos da expressão polissêmica em questão; (ii) discussão da relação de motivação das normas culturais para emergência do conceito **CABRA** que licencia tal expressão (iii) análise do tipo de estruturação desses significados.

É importante salientar que os *corpora* foram constituídos ao longo de três anos de pesquisa e, que são compostos por três diferentes gêneros, a saber: definição, documentos literários e questionário. Ou seja, nossos *corpora* se encontram constituídos de sete definições da expressão convencional *cabra*, a exemplo de Cascudo (2009), Ferreira (2004), Freyre (2004), Gadelha (1999), Mello (2004 apud NETO, 2009, p. 337), Pontes (2000), Saraiva (2001); de cinco documentos literários, a exemplo de Caboclo, (2000), Castro (2006), Olimpio (1984), Rêgo (1982), Suassuna (2005), além de dados coletados junto a 153 respondentes residentes em Fortaleza a partir da aplicação de cinco questionários.

No que pese nossa pesquisa ser de caráter qualiquantitativo, ela conta com a análise qualitativa dos dados a partir dos três procedimentos supracitados, além de tratamento percentual dos dados coletados a partir de 44 perguntas no universo de 51 perguntas constantes nos cinco questionários. Destacamos que nem todas as respostas coletadas a partir das 44 perguntas receberam tratamento percentual. Conforme já mencionado no capítulo 5. Para manipulação dos gráficos que resultaram do tratamento percentual das 44 perguntas e que se encontram disponibilizados no Apêndice B, consideramos oportuno acrescentar o seguinte esclarecimento:

- A legenda explicativa segue o modelo segundo o qual **V.X.Y**, no qual **V** significa Variável, **X** se remete ao número da questão, **Y** ao número da variável, por exemplo, o gráfico identificado com a legenda **V.3.1** do Questionário 1 se remete à questão três que pede duas informações: (1) “Você acredita que haja diferenças entre o homem brasileiro nordestino e o homem brasileiro no geral? (2) Por quê?”. Somente a primeira informação foi quantificada e o gráfico relativo a essa informação é identificada por meio da legenda: Variável 1 da questão 3.

Em assim sendo, este capítulo se encontra organizado em duas seções, quais sejam: na primeira seção, analisamos em separado os dados constantes nos três diferentes gêneros para, em seguida, fazer a triangulação do resultado obtido com a análise mencionada; na segunda seção, discutimos a estruturação dos significados polissêmicos da expressão convencional *cabra* à luz do MCI Proposicional **HOMEM** na condição de *agrupamentos de modelos* com os MCIs **CABRA** e **HOMEM CABRA**.

### **6.1. A Polissemia da Expressão Convencional *Cabra* segundo os Dados Coletados**

Para realização da análise e triangulação dos *corpora*, esta seção foi subdividida em quatro subseções, quais sejam:

- Na primeira subseção, abordamos as sete definições da expressão convencional *cabra*;
- Na segunda subseção, analisamos as 58 ocorrências da expressão convencional *cabra* constantes nos cinco documentos literários.
- Na terceira seção, discutimos as informações fornecidas pelas 51 perguntas constantes nos cinco questionários, por nós aplicados, com base nos cinco critérios de análise supracitados e, quando possível, em tratamento percentual.
- Na quarta e última seção, realizamos a triangulação dos dados baseada nos resultados que obtivemos a partir da análise mencionada à luz de três critérios.

#### **6.1.1. A Polissemia da Expressão Convencional *Cabra* segundo as Definições**

Ao realizarmos o levantamento das sete definições aqui contempladas, nós nos pautamos nos seguintes critérios: (i) apresentar caráter autorizado, isto é, ser

elaborada por equipe de dicionário geral, a exemplo de Ferreira (2004); (ii) apresentar caráter de senso comum, isto é ser, elaborada por usuários comuns da expressão convencional *cabra*, a exemplo de Gadelha (1999), Pontes (2000) e Saraiva (2001); (iii) apresentar caráter especializado e enciclopédico, isto é, ser elaborada por especialistas de notório saber como, Cascudo (2009), Freyre (2004), Mello (2004 apud NETO 2009, p. 337).

Salientamos que as definições de Gadelha (1999), Pontes (2000) e Saraiva (2001) se encontram registradas em publicações de caráter jocoso, chamadas de Dicionário de Cearês. Segundo os autores em questão, tais publicações foram concebidas, de forma despreziosa e até mesmo bem humorada, como registro de certo falar típico do cearense. Ainda segundo os mesmos autores, em dado momento de suas vidas começaram a observar - sobretudo a partir da consagração do humor cearense no cenário nacional no qual certo falar local passou a ganhar relevância - que o cearense teria um jeito próprio, por vezes, bastante peculiar de falar. Para levantar as expressões que constam em suas publicações, os autores declaram que se apoiaram em repertório e anotações pessoais; em conversas de bar e em festas com amigos e familiares; observações; e nas colaborações de colegas e amigos que passaram a lhes enviar exemplos de expressões que ouviam ou já conheciam.

Quanto à formação dos mencionados autores, de acordo com o que consta nas biografias disponibilizadas nas respectivas publicações, todos têm nível universitário e vivem em cidade. Dessa forma, é importante destacar, que apesar dessas publicações trazerem o nome de dicionário e de observamos que há certo espelhamento na maneira de apresentar as informações por parte de seus autores - a exemplo do caráter alfabético que norteia a apresentação de todas as definições, da ideia de *entrada* e mesmo da declaração, nos respectivos prefácios, que ambicionavam fazer um dicionário de termos regionais - os dados aí apresentados não receberam tratamento segundo o conjunto de regras que norteia a prática lexicográfica dos dicionários gerais. Acrescentaríamos, ainda, que há certo tom de paródia em relação ao modelo adotado pelos dicionários gerais, a exemplo de um dos dicionários se chamar *Orélio*, marcando, assim, certa prosódia cearense diante de palavras ditongadas com *au*.

Com efeito, a escolha por esses três tipos de definição – autorizada, de senso comum e especializada - se justifica como base tanto no método de investigação

adotado por Lakoff e Johnson ([1980] 2002) ao analisar exemplos de frases usadas no cotidiano, tais quais as definições de senso comum elaboradas por Gadelha (1999), Pontes (2000) e Saraiva (2001); como também, com base na definição de itens lexicais, preconizada pela SC, para qual não há nítida distinção entre informação semântica e informação enciclopédica. Em outras palavras, uma definição, no âmbito da SC, é norteada por uma visão de modelo categorial de efeitos prototípicos cujos membros definem parcialmente a categoria, já que os efeitos prototípicos são vulneráveis às informações contextuais. Por essa razão, consideramos interessante nos apoiar tanto em definição norteada por informação semântica, a exemplo de Ferreira (2004), como em definição norteada por informação enciclopédica, a exemplo de Cascudo (2009), Freyre (2004), Mello (2004 apud NETO 2009, p. 337).

A respeito da distinção entre informação semântica e enciclopédica, Geeraerts (2009) aponta para o fato de que enquanto as enciclopédias focam, no âmbito da macroestrutura, em determinadas classes de palavras – nomes próprios e substantivos, por exemplo – os dicionários privilegiam todas as classes de palavra, menos os nomes próprios. Além disso, ainda segundo o mesmo autor, as enciclopédias, no âmbito da microestrutura, atentam para as informações especializadas como, as fornecidas por cientistas, técnicos ou profissionais; ao passo que os dicionários têm como foco a descrição semântica, embora possam incluir informação enciclopédica junto com os exemplos de usos mais comuns das palavras.

Quanto ao fato de a SC postular modelo categorial de efeito prototípico e, conseqüentemente adotar uma definição de item lexical que não estabeleça nítida distinção entre informação semântica e enciclopédica, Geeraerts pondera no sentido de que:

Como pano de fundo teórico para distinção entre o tipo de informação tipicamente incluído em enciclopédia e aquele em dicionários, necessitamos de uma teoria ‘sócio-semântica’; (...) Embora tal teoria ‘sócio-semântica’ ainda não esteja disponível com nenhum grau razoável de percepção, um ponto de partida é fornecido pela teoria da divisão do trabalho linguístico de Putnam (1975), que distingue explicitamente entre conceitos extensionais (o conhecimento de especialista) e estereótipos (o conhecimento básico que é suposto que os usuários da língua tenham se eles forem considerados membros plenos da comunidade linguística). Uma combinação da abordagem de Putnam com a teoria não é impossível (...): se um conceito prototipicamente organizado combina todas as várias nuances com as quais um item lexical pode ser usado dentro de uma comunidade linguística, então conceitos extensionais e

estereotípicos são membros especiais do conjunto prototípico total de aplicação de um item. (2009, p. 67)

Dessa forma, embora a mencionada teoria *sócio-semântica* não tenha ainda sido formulada, a análise das sete definições repertoriadas foi orientada, em linhas gerais, pela posição postulada por Geerartes (2009). Ou seja, tratamos os três tipos de definições acima mencionados – autorizada, de senso comum e especializada - particularmente quando elas se referem à cabra como homem, na condição de conhecimentos básicos e especializados que integram, como membros especiais, o conjunto prototípico total de aplicação da expressão convencional *cabra*. Nesse sentido, analisamos a prototipia dos significados polissêmicos da expressão em foco a partir do conjunto de conhecimentos básicos, em Ferreira (2004), em Gadelha (1999), em Pontes (2000), e em Saraiva (2001); e especializados em Cascudo (2009) e Freyre (2004), e Mello (2004 apud NETO 2009, p. 337).

Nessa perspectiva, separamos as definições que contemplam mais de um sentido – Ferreira (2004), Gadelha (1999), Pontes (2000) e Freyre (2004), daquelas que apresentam apenas um sentido - Saraiva (2001), Cascudo (2009) e Mello (2004 apud NETO 2009, p. 337). Em seguida, reunimos o resultado das duas análises em separado de modo a apontar quais seriam os significados mais representativos e os menos representativos apresentados pelo conjunto das sete definições.

De acordo com Ferreira (2004), a expressão convencional *cabra* é definida com base em onze significados, quais sejam: 1. Mamífero ruminante, a fêmea do bode. 2. Cábrea. 3. Pop. Mulher devassa. 4. Fig. Mulher de mau gênio, irritadiça, escandalosa. 5. Astr. Capricórnio. S.m 6. Bras. Mestiço de mulato e negro; 7. Capanga; 8. Cangaceiro; 9. Morador de propriedade rural; 10. Indivíduo, sujeito. 11. No jogo do bicho (q.v.), o 6º. Grupo (14) que abrange as dezenas 21, 22, 23,24, e corresponde ao número seis. Além disso, consta a subentrada *Cabra da Peste, Bras. N.E*, definida como indivíduo valente, disposto ou digno de admiração por outro motivo.

Observamos nessa definição que, para apenas uma entrada da lexia simples *cabra*, foram elencados onze significados, apresentados, por sua vez, de forma hierarquizada, tendo em vista que tais significados são ordenados de 1 a 11. Com base nesse procedimento, é possível verificar que, para o dicionário em questão, a expressão convencional *cabra* é considerada polissêmica e seus significados são

organizados a partir de exemplos considerados mais representativos e menos representativos, isto é, o significado prototípico considerado é *animal*, já que ocupa as duas primeiras posições, seguido de dois significados relativos a tipo de *mulher* e de *signo zodiacal*; e de significados menos representativos, isto é *mestiço de mulato e negro*, *capanga*, *cangaceiro*, *morador de propriedade rural*, *homem comum* e, *numeração no jogo do bicho*. É ainda importante destacar que o significado prototípico não é de natureza metafórica, já que tal significado estabelece relação entre as propriedades do animal cabra com base na conceptualização de nível básico; ao passo que os demais significados são de caráter metafórico (figurado) por emergirem de domínios conceptuais distintos, animal e ser humano, conforme já discutidos nos capítulos 2 e 4.

Nesse sentido, a definição da entrada da lexia simples *cabra* estaria sendo fundamentada a partir da perspectiva de que os seus significados polissêmicos se encontrariam relacionados de maneira flexível e aberta. Consoante Geeraerts (2009), tal tipo de definição contrariaria, em alguma medida, a visão tradicional lexicográfica, segundo a qual um item lexical só teria mais de um significado lexical se não existisse uma definição minimamente específica para cobrir a extensão do item como todo; e que ele não teria mais significados lexicais do que definições gerais máximas necessárias para descrever sua extensão. Em outras palavras, as definições de itens lexicais para esse tipo de tradição, segundo Geeraerts (2009), “devem ser o mais geral possível [para que cubra,] de maneira mais ampla possível, um subgrupo da extensão de um item”. (p. 60). Dessa forma, Geeraerts (2009) ressalta a dificuldade de encontrar “solução que seja única e ideal para traçar, em um item lexical, linhas divisórias ao redor de um significado assim como entre significados”. (p. 61).

Por outro lado, como a SC postula um modelo categorial aberto e flexível por ser estruturada a partir de efeitos prototípicos relacionados com contextos, cujo significado central define apenas parcialmente a categoria, tal modelo de definição seria perfeitamente aceitável. É importante lembrarmos que Lakoff e Johnson ([1980] 2002) avaliam que, de acordo com uma teoria de caráter experiencial, os conceitos devem ser definidos em relação aos papéis que desempenham nos tipos naturais de experiências, isto é, em relação às suas propriedades interacionais, aos efeitos prototípicos e aos tipos de relação entre os protótipos.

Dessa forma, a definição de Ferreira (2004), ao que parece, contempla os aspectos de prototipia e multidimensionalidade dos significados polissêmicos, já que escalona os significados, demonstrando, com isso, que tanto há diferentes pesos estruturais como a relação entre os significados disjuntos é de natureza estruturada e a delimitação entre as fronteiras desses significados é difusa. Contudo, tal definição não explicita qual seria o tipo de estruturação entre os significados prototípicos e os demais significados; tampouco acerca de qual tipo de relação motivaria ser humano ser compreendido em termos de cabra, isto é, qual seria a relação entre o significado não metafórico *animal* e os significados metafóricos *ser humano*, por exemplo. Além disso, não se adéqua à visão multidimensional da relação entre significados disjuntos, o fato de a definição em questão organizar de forma linear os significados escalonados da expressão em foco. No que diz respeito ao problema de linearização da estrutura multidimensional da polissemia na prática lexicográfica, Geeraerts (2009) sugere que o mais adequado seria que “uma metateoria lexicográfica parta de uma teoria linguística que reconheça explicitamente a multidimensionalidade semântica subjacente”. (p. 72).

Ainda observamos que, segundo Ferreira (2004), o significado de *cabra* em relação a homem não é considerado dentre os mais representativos. No entanto, se analisarmos o grau de representatividade na maneira como se encontram organizados os significados não representativos relacionados a homem, percebemos que o caráter mestiço desse homem é mais representativo de que seu caráter violento, que, por sua vez, é mais representativo de que seu caráter rural, que, por sua vez, é mais representativo de que seu caráter ordinário, comum.

Quanto a Gadelha (1999), ele considerou a expressão convencional *cabra* a partir de duas *entradas*, isto é, (1) *Caba* (corruptela de cabra) (2) *Cabinha* (corruptela de cabrinha), que se encontram definidas da seguinte e respectiva forma: (1) Cabra, Sujeito e (2) Cabra, Homem. ‘*Ô cabinha chato!*’. Percebemos que não há menção da relação de *caba* ou *cabinha* e o animal cabra; nem de *caba* e *cabinha* e homem mestiço; nem de *caba* e *cabinha* e matador de aluguel; tampouco *caba* e *cabinha* e morador de propriedade rural. Ou seja, as definições de *cabra* apresentadas por Gadelha (1999) compartilham com as definições apresentadas por Ferreira (2004) apenas na referência a homem, a sujeito.

Interessante notar que a forma *cabinha* não estaria relacionada a um *caba* pequeno, mas a uma maneira mais expressiva e emotiva de também se referir a homem ou sujeito. Dessa forma, podemos inferir que o autor distingue as duas palavras com intuito de registrar o caráter peculiar e jocoso do uso, sobretudo de *cabinha*, já que o significado é compartilhado. Observamos, igualmente, que Gadelha (1999) ressalta os aspectos de oralidade de ambas as palavras, ao registrar a sua forma falada em vez de sua forma escrita. Tendo em vista o assinalado caráter jocoso da publicação em questão, o autor faz uso do espaço da definição para registrar a forma escrita de *cabra*. Em suma, para Gadelha (1999), a expressão convencional *cabra* se refere a sujeito, a homem

Em Pontes (2000), a expressão convencional *cabra* consta de seis *entradas* - (1) *Caba* (corruptela de cabra), (2) *Caba da Peste* (corruptela de cabra da peste), de (3) *Caba Véi* (corruptela de cabra véi), (4) Cabra Bom de Peia (5) Cabra *Escroto* (6) Cabra Frouxo cujas definições são respectivamente: (1) Sujeito, indivíduo; (2) Homem bom ou mau depende do contexto; (3) Amigo, gente fina; (4) Que merece uma surra; (5) Pode ser um sujeito *escroto* de bom ou *escroto* de ruim; (6) Que não honra as calças que veste. Dessa maneira, percebemos que as definições fornecidas pelo autor em questão mantêm o tom local e peculiar do cearês, em consonância com os propósitos de sua obra, quais sejam: de não apenas registrar as expressões típicas do falar cearense como também de evidenciar o caráter engraçado desse falar. Percebemos, igualmente, que, tal qual Gadelha (1999), Pontes (2000) registra a forma falada, especialmente, de *caba*, *caba da peste*, *caba véi*. No entanto, sem explicar o porquê, o autor registra a forma escrita de *cabra* em cabra bom de peia, cabra *escroto* e cabra frouxo.

Quanto às definições atribuídas, por Pontes (2000), às seis *entradas*, observamos que, a despeito de *caba*, de *caba da peste*, de *caba véi* e de cabra bom de peia, as duas *entradas* cabra *escroto* e cabra frouxo são definidas a partir da ideia de homem, acrescida de modificadores, que mudam a sua natureza de homem ordinário para alguém [que] pode ser um sujeito *escroto* de bom ou *escroto* de ruim; e que não honra as calças que veste. Além disso, as definições de Pontes (2000) acerca de *caba da peste* e cabra *escroto* não se distiguem, tendo em vista que ambas as definições contemplam a avaliação de boas ou más qualidades do *caba da peste* e

do cabra *escroto* em função do contexto. O que, talvez, haja aí é uma questão de registro, já que *escroto* é considerado termo de baixo calão.

Observamos, ainda, que, para Pontes (2000), tal qual Gadelha (1999) e Ferreira (2004), *cabra* (ou *caba*) é definido como sujeito ou indivíduo, sem qualquer referência ao animal cabra, ao caráter mestiço desse sujeito, nem ao caráter rural, tampouco de matador de aluguel, contrariando, assim, as demais definições de *cabra* proposta por Ferreira (2004). Interessante notar que, embora Pontes (2000) faça menção ao lado que pode vir a ser ruim do *caba da peste* e do cabra *escroto*, o autor não explicita nenhum aspecto que associe *caba da peste* ou cabra *escroto* à condição de matador, de capanga, de bandido ou cangaceiro, assim como encontramos em Ferreira (2004). Percebemos, igualmente, que, embora Ferreira (2004) defina cabra da peste a partir de traços primordialmente positivos como indivíduo valente, disposto ou digno de admiração por outro motivo, há certa ambiguidade no que seria considerado digno de admiração por outro motivo. Nesse sentido, observamos o mesmo tipo de ambiguidade na definição de *caba da peste* proposta por Pontes, já que o *caba da peste* é descrito como homem bom ou mau depende do contexto.

Em suma, Pontes (2000), ao apresentar seis diferentes *entradas*, estabelece, seis diferentes significados não relacionados. No entanto, consideramos plausível pleitear que se há, de um lado, algum esforço, mesmo que de forma parodiada, por parte do autor em se adequar ao gênero dicionário; por outro lado, tal autor, provavelmente, desconhece a técnica de elaboração dos aspectos microestruturais de um dicionário, tais quais: abrir subentradas para *caba da peste*, *caba véi*, *caba bom de peia*, a exemplo de Ferreira (2004) que abriu subentrada para *lexia* composta cabra da peste na entrada *cabra*; ou ainda em tratar dos aspectos colocacionais a exemplo de cabra *escroto* e cabra frouxo. Além disso, em relação à definição de *cabra véi*, Saraiva (2001), na condição de autora de dicionário de cearês por nós selecionada, ao apontar para apenas essa *entrada* de *cabra*, o define como um homem muito *inxirido*, apresentado. Ou seja, há divergência entre os significados apresentados por Pontes (2000) e Saraiva (2001) à expressão em questão, que ora é entendida como amigo e/ou gente fina; ora, como muito *inxirido*/ou apresentado.

Em assim sendo, ao que parece, Pontes (2000) optou em separar as *entradas*, sem se preocupar com a possível relação entre os significados. Nesse sentido, estimamos que as definições, propostas por Pontes (2000), apontam para a visão de

um *cabra* polissêmico que, na condição de sujeito ou indivíduo, pode ser *caba da peste*, *caba véi* e *cabra bom de peia*. Quanto aos significados apontados nas duas *entradas*, *cabra frouxo* e *cabra escroto*, nós não as consideramos relevantes para a visão de um *cabra* polissêmico, já que estariam compreendidas a partir da ideia de sujeito ou homem associado a um modificador, conforme já assinalado.

Com efeito, os dicionários gerais, a exemplo de Ferreira (2004) e os Dicionários de Ceará, a exemplo de Gadelha (1999), Pontes (2000) e Saraiva (2001) possuem escopos diferentes, tendo em vista que a missão essencial dos primeiros, de acordo com Krieger (2006), “é atender às necessidades de consulta de seus usuários tanto sob o significado das palavras, quanto de seus modos de realização gráfica, fônica, gramatical, histórica, discursiva e pragmática”. (p. 169); ao passo que o propósito dos últimos é registrar certo falar pitoresco do povo cearense sempre marcando o caráter jocoso e moleque, que caracterizaria o jeito de ser desse povo. Ademais, para realizar sua missão essencial, os autores de dicionários gerais devem se pautar, forçosamente, de acordo com os cânones dicionarísticos e seu conjunto de normas; ao passo que os autores de dicionários de ceará se sentiram livre em adotar métodos impressionistas para levantamento de seus dados.

Por outro lado, em conformidade com a posição por nós adotada a partir das ponderações de Geeraerts (2009), as várias definições da lexia *cabra* formuladas pelos autores dos dicionários de ceará, além da definição de Ferreira (2004), se constituem em conhecimento básico, isto é, conhecimento “suposto que os usuários da língua tenham se eles forem considerados membros plenos da comunidade lingüística”. (p. 67). Dessa forma, de acordo com as quatro definições abordadas, a expressão convencional *cabra* pode ser entendida pelos usuários da língua portuguesa do Nordeste do Brasil, particularmente, como indivíduo e/ou sujeito, além de *cabra da peste*, *cabra véi*, morador da zona rural, *capanga*, *cangaceiro*, mestiço de mulato e negro e *cabra bom de peia*. É importante destacar que não há nenhum autor de Dicionários de Ceará, aqui abordados, que mencione referência de *cabra* à mulher, contrariando, assim, o fato de Ferreira (2004) estabelecer relação entre a lexia simples *cabra* e mulher. Ressalvamos ainda que, no que pese tratarmos da expressão convencional *cabra* em termos de figura masculina, a relação entre

cabra-animal e cabra-mulher será, por nós, apenas tangenciada, visto que o significado não figurado de cabra se refere a animal de gênero feminino.

No que diz respeito ao conhecimento especializado que integra como membro especial o conjunto prototípico total de aplicação da expressão convencional *cabra*, contamos com a visão de Freyre (2004), de Cascudo (2009) e de Mello (2004 apud NETO 2009, p. 337). Para Freyre (2004), o *cabra* tem uma relação visceral com a história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar já que:

(...) [essa história] está ligada, como talvez a de nenhuma outra região de Brasil, ao esforço do mestiço, ou antes, do cabra. Um esforço que se tem feito duramente. Mas, mesmo assim, notável pelo que tem construído e realizado.

(...) O cabra do Nordeste, define-o o folclorista Rodrigues de Carvalho segundo a ideia mais popular entre a própria gente da região: 'tem um caldeamento especial: 50% de africano, quarenta de índio e dez de um ariano fugidio pelo entorpecimento'. É 'o *homem* da canalha notista'.

É mais: é o herói de um grande número de histórias de coragem e de aventuras de amor. É o 'cabra danado'. O 'cabra escovado'. O cabra bom. O cabra de confiança. A ele a imaginação do povo atribui uma potência sexual extraordinária a que não faltariam vantagens físicas também excepcionais.

Rodrigues de Carvalho dá o cabra do Nordeste como 'forte, trabalhador, valente', mas 'irrequieto; inconstante, nem sempre leal'. E acrescenta: 'Raramente o cabra...tem dedicação afetuosa do africano ou a carinhosa estima do mameluco, ou do branco'. (2004, p. 171 -172).

Desse modo, para Freyre (2004), o *cabra* é o grande pilar da história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar, devido ao seu *esforço louvável*. Além disso, de acordo com o autor em questão, o *cabra* tem origem mestiça e, por questão de inferência, origem rural, tal qual assinala, igualmente, Ferreira (2004). É bem verdade que, embora Freyre (2004) e Ferreira (2004) atribuam caráter mestiço e rural ao *cabra*, há divergência, mesmo que discreta, sobre qual tipo de etnia participa dessa miscigenação. Ou seja, se, para Freyre (2004), há participação do branco, para Ferreira (2004) não há. Além disso, Freyre, diferentemente de Ferreira (2004), enaltece o caráter trabalhador e esforçado do *cabra*, atribuindo-lhe papel importante na história social dessa região do Brasil.

Ainda de acordo com a passagem supracitada, Freyre (2004), ao se reportar ao folclorista Rodrigues de Carvalho, define o *cabra* como bom, escovado, danado, viril e potente, isto é um herói. A nosso ver, em consonância com essa visão, teríamos a definição do que seria um homem *per se*; do que seria um sujeito. Por outro lado, esse sujeito não seria um sujeito qualquer porque teria origem rural e mestiça no âmbito da formação do povo brasileiro. Assim, podemos pleitear que,

para Freyre (2004), o significado prototípico do *cabra* é o fato dele ser fruto de miscigenação entre etnias que povoaram o Nordeste do Brasil em momento fundacional da história dessa região e do Brasil. Dessa forma, o *cabra*, na sua condição de mestiço da zona rural nordestina, é, fundamentalmente, na visão de Freyre (2004), um dos primeiros tipos autenticamente brasileiros.

Por outro lado, ainda com base na visão supracitada por parte do folclorista Rodrigues de Carvalho acerca do *cabra*, Freyre (2004) apontaria para características negativas do *cabra* em razão, especialmente, de sua origem mestiça. Contudo, logo abaixo de tal passagem, o autor pernambucano assume posição contrária à visão por parte de Rodrigues de Carvalho, tanto quando ao fato de o folclorista se referir à ideia de o mameluco ser considerado como mais simpático de que o *cabra*; quanto ao fato do mesmo folclorista estimar que, em sendo mestiço, o *cabra* apresenta comportamento inconstante e desleal. Assim, Freyre avalia que:

Quanto ao mameluco, quer nos parecer haver engano do folclorista paraibano na interpretação da idéia que geralmente faz a gente do povo da região da cana de tipo de meio-sangue. É mais desfavorável do que a idéia que na mesma região se faz do *cabra* – talvez por ser esse tipo predominante e o mameluco o mais raro. O mamemulo é tido aqui como preguiçoso em extremo, desleal, inconstante. Não há dona de casa que não tenha receio de empregar mameluco; não demora em casa; não demora no serviço; é vadio e de ‘mau gênio’. O mesmo se dá, segundo corrente, com o mameluco empregado em lavoura, em fábrica, em usina. Mas aqui insistiremos no que já sugerimos em trabalho anterior sobre certos aspectos de miscigenação que se relacionam mais intimamente com a formação social do Brasil: muito do que se atribui à miscigenação resulta da situação do desajustamento psicológico e social – desajustamento de classe e, até certo ponto, de raça (este principalmente pela persistência de evidências de raça ligadas aos traços de classe – em que se contra o mestiço. A lealdade, a conformidade e a constância de subordinados não são qualidades que se possa esperar que existam em elemento social e psicologicamente flutuante e indeciso e insatisfeito como é geralmente o mestiço, no mesmo grau em que existe no índio puro e principalmente no negro retinto. (2004, p. 172-173)

Nessa perspectiva, reafirmamos que, a nosso ver, para Freyre (2004), o caráter mestiço por meio do qual ele identifica o *cabra* se constitui no significado prototípico de conceptualização desse tipo de homem. Ainda segundo a nossa apreciação, para Freyre (2004), o *cabra* não é um sujeito qualquer e/ou um indivíduo. Por ter tido relação visceral com a história de uma região crucial na história do Brasil, o *cabra*, aos olhos de Freyre (2004), deverá ter todas as honras de ter participado, de forma primeira, da formação do que se entende, nos dias de hoje, como povo brasileiro, independente de sua participação se ter dado com base em

processos espúrios de exploração humana, assim como assinala igualmente o autor em questão.

Destacamos ainda que, tal qual Ferreira (2004), Freyre (2004) faz menção a uma mulher cabra da seguinte maneira:

Também a formação, menos pela sedentariedade e pela endogamia que pela especialização regional de condições de vida de trabalho e de alimentação, de um tipo rural de homem do povo, caracteristicamente brasileiro. Para esse tipo concorreram diferentes figuras, hoje quase desconhecidas na sua pureza, do antigo sistema agrário e patriarcal; o cabra do engenho, o moleque da bagaceira, o capanga (de ordinário caboclo ou mulato), o mulato vadio caçador de passarinho, o malungo, o pagem, o branco pobre, o ‘amarelo’ livre, a mãe-preta, a mucama, o negro velho, o curandeiro, o caboclo conhecedor da mata e dos seus bichos, a ama-de-leite tapuia ou negra, a ‘cabra-mulher’. (2004, p. 121)

Por outro lado, ao contrário de Ferreira (2004) que define cabra-mulher como devassa, de mau gênio, irritadiça e escandalosa, Freyre (2004) relaciona cabra-mulher à ama-de-leite tapuia ou negra ou mesmo mulata, Nesse sentido, em outra passagem, Freyre (2004) menciona que “anunciantes [de jornal] mais sensatos têm o cuidado de advertir: ‘cabra-bicho’ para ficar bem claro que não é a ‘cabra-mulher’ – criatura de melhor leite para os meninos e menos daninha ao planeta”. (p. 111). Além disso, o autor pernambucano (2004) trata, em sua obra, sobre a relação dos animais com a história social do Nordeste. Assim, ele menciona a cabra a partir de duas visões: como perigosa à lavoura ou à mata, se criada fora de cercados; como a *comadre cabra*, que se criada nos cercados, tornava-se “como diz quase franciscamente o sertanejo de cabra menos arisca que dá leite aos seus filhos”. (p. 111).

Em suma, para Freyre (2004), se há clara relação entre o animal *comadre cabra* e a mulher *ama-de-melhor-leite*, ela não existiria de forma tão clara em relação ao cabra-homem. Por outro lado, o *cabra*, ainda aos olhos do autor pernambucano, por ser primordialmente mestiço e morador de zona rural do Nordeste do Brasil no contexto da história social da Cana-de-Açúcar, constitui-se em um dos primeiros tipos originalmente brasileiros. Nesse sentido, Freyre (2004) confere ao *cabra*, a aura de herói - de herói eminentemente brasileiro. Ou seja, em contexto adverso, ele se mostrou trabalhador, esforçado, valente, tal qual o cabra da peste para Ferreira (2004).

Além disso, ele é o *cabra* bom e sensual, assim como o *cabra véi* de Pontes (2000) e de Saraiva (2001), respectivamente. No entanto, certamente, ele não seria um sujeito qualquer; um indivíduo, a despeito de Gadelha (1999), Pontes (2000) e Ferreira (2004). Em outras palavras, ao assumir caráter comum, ordinário, o *cabra*, assim como os demais assujeitados da história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar, pode se tornar inconstante, desleal, *escroto de bom ou escroto de ruim*, segundo, igualmente, a visão de *cabra escroto* de Pontes (2000). Finalmente, para Freyre (2004), o *cabra*, jamais, seria um capanga ou um cangaceiro, contrariando, desse modo, a relação que Ferreira (2004) estabelece entre *cabra* capanga e *cabra* cangaceiro.

Quanto a Cascudo (2009), o *cabra* seria um malfeitor. Ou seja, de acordo com tal autor:

Chamamos *cabra* ao filho do mulato com a negra e não é simpático ao folclore sertanejo. *Não há doce ruim nem cabra bom*. O tratamento de 'cabra' é insultoso. Ninguém gosta de ouvir o nome. Reage quase sempre. Todas as estórias referentes aos 'cabras' são pejorativas e são eles entes malfejos, ingratos, traiçoeiros. Mas não é o cabra que evoco, mas a Cabra, *capra*, uma presença na cultura popular de qualquer país.

(...) A cabra e seu esposo, o bode, mereceram ambiente religioso e ainda se fala no Bode de Mendes, força do ímpeto fecundador, também sabedor de segredos comprometedores ao casal como aliado às potências infernais e íntimo das bruxas e mesmo encarnando o demônio. O Bode Preto era a forma clássica do Diabo nas festas dos *sabats*. O Bode Sujo é sinônimo português ainda vivo no Brasil.(CASCUDO, 2009, p. 60).

Nesse sentido, o fato de o *cabra* ser mestiço e fruto da miscigenação entre duas etnias socialmente desprestigiadas na cultura brasileira, especialmente na cultura nordestina, ele seria traiçoeiro, ingrato, desleal, não conformado. Além do mais, ao fazer menção à representação diabólica tanto do bode como da cabra no âmbito não apenas da cultura popular brasileira, mas da tradição judaico-cristã, Cascudo (2009) evidencia a correlação entre cabra animal e cabra homem.

Por outro lado, conforme já assinalado no capítulo 4, Cascudo (2009) também faz referência à cabra como provedora da alimentação brasileira, particularmente das crianças sertanejas. Sobre tal aspecto, assim como Freyre (2004), ele também faz referência à figura da *comadre cabra* no Sertão nordestino, apesar de realçar o aspecto perigoso do fornecimento desse leite. Ou seja, o menino que do leite da cabra bebesse, podia vir a ser arteiro, danado, isto é, endiabrado. A nosso ver, Cascudo (2009) significa primordialmente o mestiço *cabra* a partir de aspectos

mitológicos, já que sua especialidade é o folclore, as crenças e as visões místicas do homem comum brasileiro.

Todavia, em conformidade com a visão de Rodriguez (2009) a respeito das metáforas animais como recurso cognitivo de transmissão de crenças sociais em relação aos grupos considerados marginais ou inferiores, nós pleiteamos que haja, nessa definição fornecida por Cascudo (2009), evidência da correlação entre o animal endiabrado cabra e o homem endiabrado mestiço e sertanejo, isto é, da metáfora animal de nível específico PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, ou ainda HOMEM MESTIÇO É CABRA.

Em suma, para Cascudo (2009), o *cabra* é essencialmente um homem mestiço, fruto da miscigenação de mulato e negra. Por essa razão, ele é um malfeitor, isto é, ele pode vir a ser um capanga ou um cangaceiro, tal qual assinala Ferreira (2004). No entanto, ele não seria jamais um sujeito comum, tal qual definiu também Ferreira (2004) bem como Gadelha (1999) e Pontes (2000); tampouco cabra bom, gente fina, amigo, segundo Freyre (2004) e o cabra *vêi* de Pontes (2000); nem viril e galante, de acordo com Freyre (2004) e o cabra *vêi* de Saraiva (2001). Enfim, em conformidade com o dito popular citado pelo autor em questão, *não há doce ruim e cabra bom*. O tratamento de cabra seria insultoso, nos ensina Cascudo (2009).

Quanto à definição de Mello (2004 apud NETO 2009, p. 337), o *cabra* tem origem rural e é definido com base na distinção de mais duas figuras caras e típicas do Sertão nordestino – o jagunço e o cangaceiro –. Ou seja, para Mello, a diferença entre *cabra*, jagunço, cangaceiro compreende a seguinte hierarquia na qual o *cabra* seria:

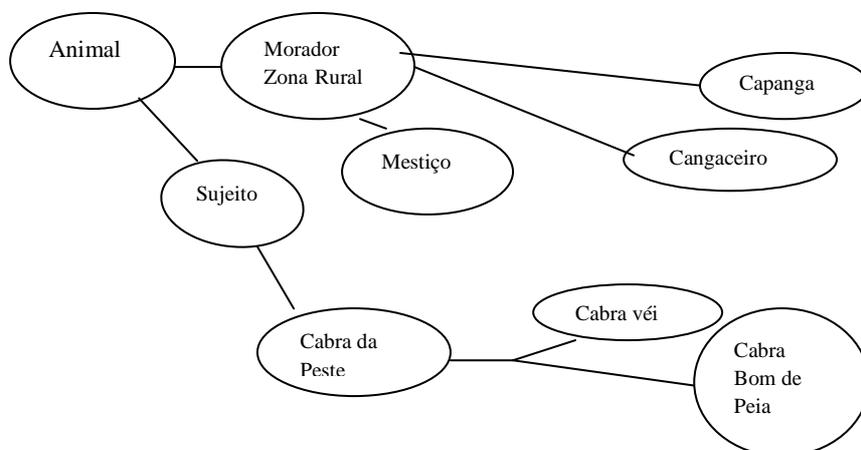
o sertanejo que, em tempo de paz, vive como os demais agregados dos coroneis, cavando a terra seca, plantando e orando aos céus por chuva. Quando convocado pelo protetor, pegava o bacamarte, ia para a luta e, se preciso, entregava a vida pelo coronel. (2004 apud Neto, 2009, p. 337).

Por outro lado, o jagunço, ainda consoante Mello (2004 apud NETO 2009, p.337) teria um grau de profissionalismo, já que seria um mercenário a serviço da morte, recebendo para tanto a melhor oferta; o cangaceiro “[agiria] por conta própria, (...) [celebrando] consórcios considerados por ele estratégicos com os coronéis com base em uma relação de barganha e compadrismo”. (p. 337). Em assim sendo, de acordo com Mello (2004 apud NETO 2009, p.337), o *cabra* é, particularmente, um morador da zona rural, assim como assinalam Ferreira (2004),

Freyre (2004) e, Cascudo (2009). No entanto, ao ressaltar a condição de sertanejo assujeitado, Mello (2004 apud NETO 2009, p.337) não considera o *cabra* nem um sujeito comum, tampouco um jagunço (*capanga*), nem *cangaceiro*. Ou seja, ao *cabra*, não teria sido dado o privilégio da escolha que, em alguma medida, o teriam o *capanga*, o *cangaceiro* e até o sujeito comum.

De acordo com os significados constantes nas sete definições aqui analisadas, teríamos o seguinte diagrama:

**Figura 2 – Significados das Sete Definições.**



*Fonte:* Figura elaborada pela autora.

Sumarizando em correlação com a figura 2, sob a perspectiva de que os conhecimentos básicos e especializados integram, na condição de membros especiais, o conjunto prototípico total de aplicação da expressão convencional *cabra*, o significado não metafórico *animal* seria o seu significado prototípico; e o significado metafórico mais representativo seria *morador ou originário da zona rural*. Isso porque quatro dentre as sete definições analisadas, a exemplo de Ferreira (2004); Freyre (2004); Cascudo (2009) e Mello (2004 apud NETO 2009, p. 337), apontam para a questão da ruralidade do *cabra*. Em seguida, ainda teríamos, na condição de significados metafóricos mais representativos, de um lado, *sujeito*, apontado por Ferreira (2004), Pontes (2000) e Gadelha (1999) e, de outro lado, *mestiço*, de acordo com Ferreira (2004), Freyre (2004) e Cascudo (2009). Quanto aos significados metafóricos não representativos de *cabra*, teríamos *cabra da peste*, de acordo com Pontes (2000) e Ferreira (2004), *capanga*, em Ferreira (2004) e Cascudo (2009), *cangaceiro* em Ferreira (2004) e Cascudo (2009); e, igualmente,

*cabra véi, galante* para Saraiva (2001), *cabra véi, gente fina* para Pontes (2000), *cabra bom de peia* que merece uma surra para Pontes (2000).

### **6.1.2. A Polissemia da Expressão Convencional *Cabra* segundo Os Documentos Literários**

Nesta seção, examinamos os usos reais e a variação de sentidos da expressão convencional *cabra*, tendo em vista tanto as ponderações de Gibbs (2009) a respeito dos métodos de análise de nós, linguistas cognitivos, não se apoiarem em dados autênticos bem como as orientações do grupo Pragelejaz (2009) quanto ao fato de os significados das expressões variarem de forma importante em relação aos gêneros nos quais ocorrem. Dessa forma, selecionamos cinco documentos literários, três romances (CASTRO, 2006; OLIMPIO, 1984; RÊGO, 1982), uma peça de teatro de caráter regional (SUASSUNA, 2005) e, um folheto de cordel, (CABOCLO, 2000). Para analisarmos a ocorrência de tal expressão nos mencionados documentos, realizamos a leitura de todo esse material e verificamos 58 ocorrências da expressão convencional *cabra*.

Há que se ressaltar que as 58 ocorrências aqui reproduzidas seguem acompanhadas de informações sobre as obras nas quais essas ocorrências se achavam. Assim, tais informações se baseiam em três das 23 rubricas constantes no modelo de apresentação de resultado, elaborado pelo Grupo Pragelejaz (2009) para a aplicação do Método PIM. Acrescentamos a essas três rubricas, a rubrica, resumo da história.

Salientamos ainda que as 58 ocorrências da expressão convencional *cabra* resultam de oito ocorrências verificadas na peça de teatro *O Auto da Compadecida*, de Suassuna (2005); de duas ocorrências identificadas na *As Pelejas de Ojuara – o Homem que Desafiou o Diabo*, de Nei Leandro de Castro (2006); de uma ocorrência no folheto de Caboclo, intitulado de *O Valente Cascavel do Sertão Alagoano* (2000); de 37 ocorrências observadas em *Fogo Morto*, de José Lins do Rêgo (1982); e de 10 ocorrências, em *Luzia Homem*, de Domingos Olímpio (1984).

Assim, no que diz respeito à peça de teatro *O Auto da Compadecida*, seu autor, Ariano Suassuna, a escreveu em 1927. Tal obra foi publicada em forma de livro, que dispõem de 173 páginas na 35ª edição. Os seus principais personagens - João Grilo e Chicó - vivem várias peripécias para driblar, por meio da astúcia, as dificuldades

decorrentes de seu estado de pobreza no Sertão nordestino. No momento mais alto da peça, tais personagens se deparam com a maior de todas as peripécias qual seja: já mortos, enfrentam o Julgamento Final e tentam salvar-se de serem condenados a viverem no inferno.

Nessa obra, identificamos sete ocorrências da expressão convencional *cabra* em passagens relativas (i) à entrada de um personagem chamado Severino de Aracaju, acompanhado de seu bando, na cidade na qual se encontravam os dois protagonistas; e, (ii) à discussão que se segue entre Severino, o Cabra, a Mulher, Manuel e os dois protagonistas em torno da morte de cada um, a saber:

(Mulher) É Severino do Aracaju, que entrou na cidade com um *cabra* (1) e vem pra cá roubar a igreja; (2009, p. 88).

(João Grilo) Seu *cabra* (2) lhe dá um tiro de rifle, você vai visitá-lo. Então eu toco na gaita e você volta; (2009, p. 107).

(Severino) Atire, *cabra frouxo* (3), eu não estou mandando (2009, p. 108).

(João Grilo) O *cabra* (4) estava vivo ainda e atirou em mim (2009, p. 111).

(Severino) Ai! Leve o *cabra* (5)! (2009, p. 122).

(Manuel) Acuse Severino e o *cabra* (6) dele (2009, p. 134).

(João Grilo) Severino? Mulher e *cabra* (7)? (2009, p. 143).

E mais adiante, identificamos mais uma ocorrência quando ambos os personagens morrem e estão esperando pela condenação final, João Grilo se dirige a Chicó e diz:

Ah! *Cabra safado* (8). Com pena de mim, mas não se esqueceu do dinheiro, hein! (2009, p. 167).

Observamos que, na primeira ocorrência da expressão convencional *cabra*, há menção à *cabra* em termos de cangaceiro. Ou seja, o personagem Severino do Aracaju é um cangaceiro temido, aos moldes de Lampião, que comanda um bando de cangaceiros, evidentemente. Na segunda ocorrência, temos novamente *cabra* relacionado a cangaceiro, já que o contexto em qual tal expressão ocorre se reporta ao momento em que João Grilo sugere a Severino que peça a seu *cabra* para matá-lo para que, assim, Severino possa conhecer o Padim (Padre Cícero) já falecido, e voltar a viver por meio do som de sua gaita. Na terceira ocorrência, temos *cabra* mais relacionado a sujeito frouxo do que a cangaceiro frouxo. Isso porque, ao acatar a ideia sugerida por João Grilo, Severino pede a seu comparsa que o alveje. O comparsa, ao se ver diante da situação de ter que matar seu chefe, hesita e Severino o chama de *cabra frouxo*. Na quarta ocorrência, temos, novamente, *cabra* relacionado a cangaceiro, já que João Grilo se refere nessa frase ao comparsa de Severino, assim como nas quinta, sexta e sétima ocorrências. Na oitava e última ocorrência, temos a ideia de *cabra* relacionada a sujeito

safado por se tratar de diálogo entre João Grilo e Chicó no qual João Grilo descobre que seu parceiro Chicó lhe estava escondendo dinheiro.

De acordo com as oito ocorrências analisadas, o significado cangaceiro é o mais saliente. É interessante notar que a expressão convencional *cabra*, quando ocorre sozinha, sempre se refere a *cangaceiro*; ao passo que quando a expressão se segue de algum modificador, ela ganha significado de *sujeito*. Na verdade, o próprio personagem é identificado como *cabra*, assim como a personagem Mulher. Inferimos, com isso, que o autor trabalha com estereótipos, indicando, certamente, que *cabra*, nessa situação, se refere a um tipo específico de homem e não a um homem qualquer.

Destacamos que os modificadores *frouxo* e *safado* são de caráter pejorativo. Acreditamos que o uso desses modificadores tenha alguma relação com o tom jocoso da peça de teatro. Isso porque João Grilo e Chicó são concebidos com anti-heróis, em razão de serem pobres e fisicamente desinteressantes, por terem sido maltratados pela miséria. Contudo, são astutos e sempre vencem as adversidades. Por outro lado, acreditamos, igualmente, que a expressão *cabra frouxo* seja largamente usada, tendo vista que Pontes (2000) a registra em seu dicionário de cearês. Dessa forma, temos o seguinte quadro:

**Quadro 1** - Ocorrências Suassuna.

Ocorrência (1) Cabra	Cangaceiro
Ocorrência (2) Cabra	Cangaceiro
Ocorrência (3) Cabra Frouxo	sujeito (frouxo)
Ocorrência (4) Cabra	Cangaceiro
Ocorrência (5) Cabra	Cangaceiro
Ocorrência (6) Cabra	Cangaceiro
Ocorrência (7) Cabra	Cangaceiro
Ocorrência (8) Cabra Safado	sujeito (safado)

*Fonte:* Quadro elaborado pela autora.

O romance *As pelejas de ojuara*, escrito por Castro, em 1985, de 271 páginas na 5ª edição, é tido como de gênero picaresco. O livro trata das andanças de seu protagonista Araújo/Ojuara pelo sertão do Seridó. Com feito, após se rebelar contra a sua condição de marido *barriga branca* Araújo adota o nome de Ojuara. Com base em sua nova identidade, Ojuara começa a andar por um sertão mítico, ainda que seja em

Seridó, no qual as montanhas são feitas de rapadura e as lagoas, de mel e cujos habitantes são seres encantados, bruxas, príncipe das trevas e assombrações. Suas aventuras são basicamente voltadas para afirmação de sua virilidade e valentia junto a personagens calcados nas lendas e magias que povoam o Sertão do Nordeste do Brasil.

Nessa obra, localizamos duas ocorrências da expressão *cabra* nas seguintes passagens:

*(Conversa entre o futuro sogro de Araújo e Araújo diante dos capangas de seu futuro sogro).*

Nós tá rindo, patrão, só de pensar o que a gente pode fazer com esse *cabra* (1) safado; (2006, p. 21).

*(Passagem na qual Ojuara, ao se dirigir a certa cidade, para numa bodega para beber, depara-se com um personagem com o qual já havia cruzado antes, Moíses Seyom, narrando um caso no qual havia ajudado um certo coronel a se vingar de um desafeto).*

O coronel Quinca Saldanha deu uma gaitada de espantar menino.- Eita *cabra* (2) bom da gota serena! - gritou quando parou de rir. (2006, p. 80).

Dessa forma, observamos que, na primeira ocorrência da expressão em foco, *cabra* se refere a dado personagem, tendo em vista que os capangas do pai da noiva de Araújo, ao se divertirem com o sotaque turco de seu patrão, recebem reprimenda por parte do mesmo patrão, declarando, assim, que estariam se divertindo só em pensar o que poderiam fazer com o *cabra safado* do Araújo. Nesse momento da trama, Araújo não se apresenta como homem enérgico; ao contrário, sempre se mostra muito frágil diante da virilidade e da ferocidade tanto do pai da noiva como da própria noiva. Na segunda ocorrência, observamos a expressão convencional *cabra* sendo usada, novamente, em termos de sujeito. Ou seja, ao ouvir o cantador Moíses Seyom louvar sua bravura e valentia, o coronel exclama, em tom de agradecimento, que o cantador é *cabra da gota serena*, isto é, é *cabra bom*; é competente.

Consoante nosso objetivo, contabilizamos apenas a ocorrência (2) que, a nosso ver, se refere a sujeito. Ou seja, como a ocorrência (1) se refere a dado personagem, isto é, é usada, nesse contexto, para qualificar exclusivamente um dado personagem (no caso, Araújo), perde seu caráter generalizante. Destacamos o uso do modificador *safado*, que, mais uma vez avaliamos como relacionado ao gênero picaresco da obra em questão, embora consideremos, igualmente, a possibilidade de que tal modificador ser bastante usado com a expressão convencional *cabra*. A título de sumarização, apresentamos o seguinte quadro:

**Quadro 2 – Ocorrências Castro.**

Ocorrência (1) Cabra Safado	dado personagem
Ocorrência (2) Cabra da Gota Serena	Sujeito

*Fonte:* Quadro elaborado pela autora.

O cordel intitulado *O valente cascavel do sertão alagoano*, de Manoel Caboclo, é composto de 64 estrofes e de 22 páginas na sua primeira edição, publicada na coleção intitulada Biblioteca de Cordel, organizada pelo Museu do Ceará. Trata-se de uma narrativa a respeito do duelo por causa de uma moça entre Sincinato, descrito como o valente alagoano, negro, perverso, cruel, conhecido por Cascavel; e Armando, descrito como paraibano, moço educado, bom filho e trabalhador e provavelmente claro.

Encontramos apenas uma ocorrência da expressão convencional *cabra* na primeira estrofe na qual o cordelista apresenta Cascavel da seguinte forma:

Tem gente que gosta muito das belezas do sertão, das festas de vaquejada, corridas de apartação, já outros dão uma ‘banda’ por um *cabra* valentão (1). (2000, p. 113).

Dessa forma, observamos que na primeira e única ocorrência da expressão convencional em questão, *cabra* se refere à Cascavel, um sujeito valentão. Temos, assim, o seguinte quadro:

**Quadro 3 – Ocorrências Caboclo.**

Ocorrência (1) Cabra Valentão	Sujeito
-------------------------------	---------

*Fonte:* Quadro elaborado pela autora.

*Fogo Morto* é considerado uma obra-prima, que foi escrita por José Lins do Rêgo, em 1943, e dispõe de 261 páginas na 21ª edição. O romance, cujo título se refere a uma expressão utilizada no Nordeste para indicar a inatividade de um engenho, descreve justamente o processo de decadência do engenho de cana-de-açúcar de Santa Fé, localizado na zona da mata da Paraíba, a partir da vida de três personagens. Assim, o romance se encontra dividido em três partes: Mestre José Amaro, O Engenho de Seu Lula e Capitão Vitorino Carneiro da Cunha. A primeira parte, assim como assinala seu título, aborda a história do personagem chamado Mestre José Amaro: um seleiro

ensimesmado e agressivo, que dá cabo à própria vida ao ver a filha Marta enlouquecer, sua mulher, Dona Sinhá, abandoná-lo e ao ser expulso de seu sítio devido a enfretamentos com o Senhor do Engenho no qual vive.

A segunda parte aborda o próprio Engenho Santa Fé, que ao gozar de prosperidade durante o comando de seu fundador, o capitão Tomás Cabral de Melo, entra em declínio ao passar a ser dirigido pelo inábil genro Seu Lula (Luís César de Holanda Chacon). Seu Lula era um homem da capital, aristocrático, religioso e extremamente preconceituoso em relação aos negros.

A terceira parte do romance é voltada para a história vivida pelo Capitão Vitorino, que é uma espécie de Dom Quixote do Sertão nordestino. O personagem desafia o poder dos Senhores de Engenhos, dos quais, inclusive, é aparentado, com base em discurso em prol da justiça e da igualdade social. Ao final do romance, Capitão Vitorino é alçado a herói, apesar de ter sido tratado, ao longo da trama, como uma figura patética e doidivanas.

Encontramos 37 ocorrências da expressão convencional *cabra* nas seguintes passagens:

*(Conversa entre Mestre José Amaro e o personagem Leandro que se encontra a caminho da cidade de Pilar para tratar com o delegado a respeito de crime que aconteceu no engenho de Augusto do Oiteiro).*

(Leandro) É mestre Zé, mas o senhor deve dar razão a quem tem. Seu Augusto não vive se metendo nos negócios da vila. Ele não deixa é que cabra (1) dele sofra desfeita. Homem assim vale a pena. O Doutor Quinca do Engenho era assim. E assim é que deve ser.

(Mestre Zé Amaro) Não estou caducando. O que eu digo, para quem quiser ouvir, é que em mim ninguém manda. Não falo mal de ninguém, não me meto com a vida de ninguém. Sou da minha casa, da minha família, trabalho para quem quiser, não sou *cabra de bagaceira* (2) de ninguém.

(Leandro) Não precisa ofender, Mestre Zé.

(Mestre Zé Amaro) Não estou ofendendo. Eu digo aqui, todos os dias para quem quiser ouvir: mestre José Amaro não é pau-mandado. Agora mesmo me passou por aqui um carreiro do Coronel José Paulino. Pergunte a ele o que foi que lhe disse. Não aceito encomenda daquele gritador. Não sou *cabra da bagaceira* (3) faço o que quero. O velho meu pai tinha calibre. Não precisava andar cheirando o rabo de ninguém.

*(Conversa entre Mestre José Amaro e o personagem Pedro Boleeiro, que foi ao encontro do Mestre para dar recado de Seu Lula, o Senhor do Engenho de Santa Sé, no qual morava o Mestre).*

(Pedro Boleeiro) Mestre Zé, não tenho culpa de nada não, o homem mandou chamar o mestre, estou somente dando o recado.

(Mestre José Amaro) Eu sei, não estou dizendo nada demais. Falo com todo mundo. Eu não posso ver é pobre com chaleirismo, como este Vitorino, *cabra muito do sem-vergonha*, (4) atrás do grande como cachorro sem dono. O Coronel Lula quer que eu vá consertar os arreios do carro dele. Pois, eu vou.

*(Conversa entre Mestre Amaro e Capitão Vitorino acerca da queda que dera o Capitão por correr atrás de meninos que o estavam insultando).*

(Capitão Vitorino) Caí com o corpo todo. Muito obrigado. Estes *cabras* (5) me pagam. Isto é coisa do Juca do Santa Rosa. Estas desgraças me pagam. Corto a cara do safado de rebenque.

(Mestre José Amaro) - O compadre Vitorino, eu não quero dizer nada, mas o senhor é culpado de tudo isto.

(Capitão Vitorino) - Culpado de quê? Não está vendo que isto é perseguição política? Estão com medo do eleitorado. *Cabras safados* (6). Vou mostrar a todos quem é este velho Vitorino Carneiro da Cunha. Não enjeito briga. Se querem pau, vamos no pau. (1982, p. 22).

*(Conversa entre Capitão Vitorino e sua mulher Adriana a respeito dos ferimentos do capitão após se envolver em briga com um caixeiro de uma loja na cidade)*

(Capitão Vitorino) - Isto não é nada. Quando o safado levantou o côvado, eu mandei-lhe um murro nos chifres que deu com ele no chão. *Cabra mofino* (7) (1982, p. 39).

(Capitão Vitorino) - Diga àquele *cabra safado* (8) que vou arrancar-lhe os ovos. (1982, p. 39)

*(Conversa entre Mestre Amaro e Capitão Vitorino a respeito ainda da briga na qual o Capitão se envolvera)*

(Capitão Vitorino) - Pois Seu Mestre – foi falando Vitorino – *os cabras* (9) com o velho. O Quincas Napoleão pensava que eu tinha medo de careta e mandou me agredir. O *cabra* (10) que abriu luta comigo tinha vindo do sertão com fama de valente. Mas com estas mãos que o compadre está vendo, dei com o bicho no chão. Ainda acertei uma taponna na cara. Vitorino Carneiro da Cunha acode a todo chamado. Estão muito enganados comigo. O Dr. Samuel abriu processo. Eu disse a ele: ‘Seu Doutor, não precisa nada disto. Um homem do meu calibre não precisa da lei para se impor’. O diabo é que ele quer. O Quincas Napoleão já mandou aquele cachorro do Manuel Ferreira de Serrinha falar comigo para abrir mão do processo. Eu disse a Manuel Ferreira: ‘Conheci seu pai, Seu Manuel Ferreira, era homem de palavra: dizia a todo mundo que não pagava ninguém e nunca pagou conta mesmo’. Ele quis falar grosso comigo. Mas comigo é ali na direita. Fui logo botando para fora tudo o que sentia. Compadre sabe que Vitorino Carneiro da Cunha não espera para falar. E disse para ele: Manuel Ferreira, diga ao Quincas Napoleão que eu não estava roubando terra. Tenho um filho na Marinha, e tenho este punhal para furar a barriga de *cabra safado* (11). (1982, p. 46).

*(Passagem entre a esposa de Mestre Amaro, Dona Sinhá, e uma moça)*

(Narrador) Uma tarde, porém, a velha Sinhá estava no rio batendo roupa e lá estava também a mulher da catanga que ela não conhecia. Era uma *cabra* (12) ainda nova, de feições muito bonitas. No princípio estiveram caladas mas aos poucos a mulher começou a falar à vontade. Ela era do Riachão e filha do Marcolino Viegas. O pai estava preso por causa de uma briga na feira do Sapé. Tinham feito uma desgraça num homem e botaram para cima dele. (1982, p. 56)

(...).

(Narrador) A velha Sinhá ia concordando, enquanto batia nas pedras as suas peças de roupa. A *cabra* (13) mostrava a carne morena das coxas, os seios duros rompiam do cabeção de algodãozinho. (1982, p. 56).

*(Passagem na qual Mestre Amaro se alegra por ter enviado comida ao cangaceiro Capitão Antônio Silvino e seu bando).*

(Narrador) O mestre botou banca na porta, e foi sentar para o trabalho. Estava como nunca estivera de contente. Os *cabras* (14) tinham enchido a barriga com galinha de seu terreiro. O cabriolé do Coronel Lula passou vazio para o Pilar. (1982, p. 66).

*(Conversa entre Mestre Amaro e Capitão Vitorino a respeito de sua nova montaria).*

(Capitão Vitorino) Não é não. Um *cabra* (15) do Pilar me disse que esta burra pertenceu a um cigano. A bicha nas mãos do cigano andava de baixo, tinha os passos de animal fino. (1982, p. 68).

*(Conversa entre Mestre Amaro e Capitão Vitorino sobre as eleições)*

(Capitão Vitorino) - Eu disse ao Dr. Samuel: 'Se é para brigar, conte comigo'. Isto de eleição para matar boi e fazer festa não é comigo. Gosto de eleição com faca, com tiro, com cheiro de pólvora. Já dei muita surra em *cabra safado* (16). (1968, p. 68).

*(Reação de Capitão Vitorino a uma fofoca contada por Laurentino, o pintor, a respeito de seu amigo, o juiz Dantas).*

Não quero saber de prosa de *cabra* (17) – respondeu Vitorino – Na minha porta não pára. (1982, p. 72).

*(Reação de Capitão Vitorino à ameaça transmitida por Laurentino ao Capitão por parte de um soldado).*

Não me mete medo; vá dizer a este mata-cachorro que eu agüento. Sou homem, *cabra* (18). Sou homem. (1982, p. 72).

*(Pensamento de Mestre Amaro a respeito de seu trabalho em prol do Capitão Antônio Silvino).*

Quando voltou para a cozinha o mestre retornou à vida que o alimentava, aos homens que precisavam dos seus serviços. Agora não estava consertando os arreios de um velho doido, não estava fazendo sela para um camumbembe qualquer. Trabalhava para o grupo de Antônio Silvino. Cortava solas para *cabras* (19) que sabiam morrer no rifle, para gente que tinha sangue de macho. (1982, p. 73).

*(Pensamento do Mestre Amaro a respeito da colaboração de Laurentino, o pintor, com o exército que buscava prender o capitão Antônio Silvino).*

O capitão não perseguia a pobreza, não ofendia as moças solteiras, não matava inocentes. E por que Laurentino se punha do lado do tenente? Era ruindade do *cabra* (20). (1982, p. 97).

*(Comentário de Capitão Vitorino sobre a força de seu amigo juiz e general Dantas que pretende se candidatar ao governo da Paraíba)*

- Lá no Itambé estão falando muito no General Dantas Barreto. É homem de força e governador de verdade. Com ele não forma esta história de senhor de engenho. Brincou com ele, o pau come. E isto é que é direito. Com o Coronel

Rego Barros, a Paraíba endireita. Um Quincas Napoleão, passador de dinheiro falso, vai para a cadeia. *Cabra de Engenho Novo* (21) não caga prosa, não canta de galo, com as costas quentes. (1982, p. 100).

*(Reação de Mestre Amaro quando ouviu Capitão Vitorino se referir a um boato de que ele era lobishomem).*

- Mas estes *cabras* (22) estão muito enganados. Um homem como eu não morre de careta. Não tenho nada na vida, estou com o pé na sepultura, mas em cima do mestre José Amaro não pisam não. (1982, p. 102).

*(Apoio de Capitão Vitorino à reação de Mestre Amaro diante do boato.).*

Pode dizer, meu compadre José Amaro, pode dizer. É o que faço. O *cabra* (23) que se balançar para o meu lado leva no toitiço. E vou com ele na faca. Coso um desgraçado na primeira ocasião. (1982, p.102).

*(Episódio entre Seu Lula e seu sogro, Capitão Tomás, e outro Senhor de um engenho, para o qual teria ido um negro fugido do Engenho de Capitão Tomás).*

*(A entrada de dois homens para proteger o senhor de engenho contra a chegada do Capitão e seu genro)*

(Narrador) Já tinham chegado *dois cabras* (24) de punhal atravessado na cintura (1982, p. 138).

(...)

*(A reação dos dois homens munidos de punhal diante da posição tomada pelo Senhor de Engenho ao ser indagado pelo Capitão se o negro que procuravam estaria ali escondido)*

(Narrador) Um dos *cabras* (25) abriu numa risada estrondosa. O capitão olhou para o genro, e falou para o homem: Pois o senhor me desculpe. (...) (1982, p. 138).

*(Comentário de Capitão Tomás a respeito do tal Senhor de Engenho que teria abrigado o negro fugidio)*

.- É, mas sertanejo é gente séria. Desconfio que aquele *cabra* (26) seja de fora. Aquilo tem pinta de ladrão de cavalo. (1982, p. 138).

*(Pensamento de seu Lula a respeito do tal Senhor de Engenho).*

Nunca que um pensamento assim o perseguisse como aquele, naquele isolamento. Quisera falar com o ladrão e nada fizera. Fora o velho sogro que manobrava a retirada. Estavam vencidos, tinham fugido. Eram quatro homens com medo da fala mansa daquele *cabra* (27). (1982, p. 139).

*(Conversa entre Mestre Amaro e Capitão Vitorino acerca do comandante que vem com reforço para garantir as eleições).*

(Capitão Vitorino) Ouvi dizer que o filho é homem até dizer basta. Esteve em Canudos e matou *cabras* (28) do Conselheiro que não foi brincadeira. Só gosto de homem assim. (...) (1982, p. 194).

*(Capitão Vitorino falando ao seu próprio respeito para Seu Lula).*

Não se metia em política. Seu Lula muito calado, ouvia-o, até que, como se estivesse tratando com um inimigo, se abriu com a visita. Não era homem de

pabulagem, de mentira. Não se metia em política, não contasse com o nome dela para coisa alguma. Vitorino levantou a voz para dizer-lhe que não era um camumbembe e nem estava ali para pedir favor de espécie alguma. Não era *cabra de bagaceira* (29). (1982, p. 199).

*(Conversa entre Mestre Amaro e o cego Torquato, mensageiro de Capitão Antônio Silvino, acerca da situação do bando frente ao cerco do exército).*

(Cego Torquato) - Estou de rota batida para o Crumataú. Vou encontrar o grupo na fazenda do velho Malheiros. Estou levando uma quantia que o comércio de Ingá está mandando para o homem. Os *cabras* (30) queriam tirar o corpo fora. Mas com a notícia do sucesso no Pilar, amansaram. (...) (1982, p. 212).

*(Conversa entre Capitão Vitorino e Mestre Amaro acerca de briga na qual se envolvera com o delegado José Medeiros).*

Quando foi com a noite me retirei. No Engenho Velho o meu primo José de Melo me quis dar dois *cabras* (31) no rifle para me guardar. E eu lhe disse: 'Primo Vitorino Carneiro da Cunha, não precisa de guarda-costas'. (1982, p. 213).

*(Conversa entre a esposa de Capitão Vitorino, Sinhá Adriana, e a esposa de Seu Lula, D. Amélia, a respeito do envolvimento de Mestre Amaro com Capitão Antônio Silvino).*

(Dona Amélia) - É verdade, Sinhá Adriana, Floripes me contou e me deu até os nomes das pessoas. Todo mundo do Pilar sabe disto. Se não fosse a doença do Lula, este *cabra* (32) já tinha saído do Engenho. (1982, p. 218).

*(As quatro ocorrências foram retiradas da passagem na qual é relatada a invasão comandada por Capitão Antônio Silvino à Casa Grande onde morava Seu Lula e família).*

Seu Lula abriu a porta da frente, e D. Amélia acendeu o candeeiro da sala de visita. Entrou na sala o Capitão Antônio Silvino de peito coberto de medalhas, de anéis nos dedos, de rifle pequeno nas mãos e punhal atravessado na cintura. Os *cabras* (33) ficaram na porta. (1982, p. 227).

Estendido no marquesão, o senhor do engenho arquejava. A mulher perto dele chorava, enquanto os *cabras* (34) já estavam no quarto rebulindo em tudo. (1982, p. 229).

Seu Lula parecia morto, estendido no marquesão. Os *cabras* (35) cascavilhavam pelos quatro cantos da casa. (1982, p. 230).

Quase não podia falar. E quando os *cabras* (36) se foram o Coronel José Paulino voltou para a sala para confortar os vizinhos. D. Amélia chorava como uma menina. Toda a casa-grande do Santa Fé parecia revolvida por um furacão. (...) (1982, p. 233).

*(Desabafo de Capitão Vitorino depois de ser agredido por soldados da Delegacia)*

A velha Adriana passava vinagre nas feridas que corriam sangue.- Estes *cabras safados* (37) me pagam (1982, p. 250).

Discutiremos as 37 ocorrências encontradas no romance *Fogo Morto* com base em três categorias: (i) *cabra tout court*; (ii) *cabra* seguido de modificador; (iii) *cabra*

mulher. Dessa forma, observamos 24 ocorrências da expressão convencional *cabra tout court* contra 11 ocorrências da expressão convencional *cabra* seguida de modificador e duas ocorrências de *cabra mulher*. Observamos ainda que o modificador safado é o que mais ocorre, já que é usado cinco vezes, seguido por *da bagaceira*, que aparece três vezes e de demais modificadores como *mofino*, *sem-vergonha*, e de *Engenho Novo*.

As 24 ocorrências da categoria *cabra tout court* podem ser analisadas a partir da sua variação no singular e no plural. Ou seja, quando a expressão convencional *cabra tout court* aparece no singular, ela se refere: a um sujeito, no caso das ocorrências 1, 10, 15, 23; a um dado personagem, no caso das ocorrências 20 (personagem Laurentino), 26/27 (o senhor dono de engenho que abrigou um negro fugidio do Engenho de Santa Fé) e 32 (personagem Mestre José Amaro); a povo, a gente, no caso das ocorrências 17; e, a *homem com H* (Cabra Macho) na ocorrência 18; ao passo que quando tal ocorrência aparece no plural, refere-se : a povo, a gente, no caso das ocorrências 5, 22 e 28; a *capanga*, no caso das ocorrências 9, 24, 25, 31; e a *cangaceiro*, no caso das ocorrências 14, 19, 30, 33, 34, 35, 36.

Quanto às 11 ocorrências de *cabra* seguido de modificador, elas apresentam os seguintes significados: para *cabra(s) safado (s)*, temos tanto referência a sujeito, nas ocorrências 11 e 16 como a gente na ocorrência 6, além de se referir a um personagem específico, no caso das ocorrências 8 (Quincas Napoleão) e 37 (os soldados); para *cabra da bagaceira*, temos referência a *pau mandado*, homem servil, assujeitado no sentido freyriano, no caso das ocorrências 2, 3 e 29; para as demais ocorrências como *cabra mofino*, temos referência a sujeito, no caso da ocorrência 7; *cabra muito do sem vergonha*, a uma personagem específico (Capitão Vitorino), no caso da ocorrência 4; e *cabra de engenho novo*, a senhor de engenho novo, no caso da ocorrência 21. Além disso, temos as duas ocorrências 12 e 13 como exemplos da categoria *cabra mulher*, que, ao que parece, faz referência a uma ama de leite, já que menciona os seios firmes da personagem. Conforme já assinalamos na seção anterior, no que pese nosso escopo ser a relação entre a expressão convencional *cabra* e homem, a relação entre tal expressão e mulher será apenas tangenciada.

É importante ressaltar que nas ocorrências de *cabra da bagaceira*, fica evidente a referência de homem assujeitado a um senhor de engenho e, conseqüentemente, à sua condição de morador de zona rural. No entanto, é interessante notar que a ideia de homem da zona rural ser forçadamente um mestiço não se configura de forma necessária

nas ocorrências observadas. Isso porque há ocorrências da expressão convencional *cabra* que se referem a Senhores de Engenho, que, embora na condição de moradores da zona rural, não seriam, em sua grande parte, mestiços. Tal caso é evidenciado, especificamente, na figura do personagem Capitão Vitorino que, apesar de pobre, era branco, de olhos azuis e aparentado de Senhores de Engenho. Nesse sentido, destacamos a ocorrência 17 na qual o Capitão Vitorino se autoproclama um *cabra*.

Por outro lado, ressaltamos a evidente polissemia da expressão convencional *cabra* que ora se refere a sujeito; ora a capanga e a cangaceiro; ora, de forma inédita, a povo, gente ou pessoas. É importante salientar que o romance não só se passa primordialmente em engenho, como aborda, com riqueza, as relações entre os vários tipos que viveriam em um engenho, especialmente, a relação entre os vários tipos de *cabra* - homens assujeitados, capangas, cangaceiros - e o Senhor de Engenho. Dessa forma, é possível perceber a seguinte distinção entre três tipos relacionados com a expressão convencional *cabra*, de acordo, em alguma medida, com Ferreira (2004): (i) o *cabra da bagaceira*, que se coaduna com a definição de *cabra* elaborada por Mello (2004 apud Neto 2009), já que tal *cabra* cumpre às cegas as ordens do Senhor de Engenho; (ii) o capanga que cuida da proteção e realiza determinados serviços para o Senhor de Engenho; (iii) o cangaceiro que não obedece a ninguém e age em conformidade com seus interesses, ora em harmonia com os senhores de engenho, ora em contrário.

Sumarizando, as 37 ocorrências podem ser apresentadas a partir do quadro abaixo, cujos significados mais salientes são: *sujeito*, com sete aparições e *cangaceiro*, com sete aparições; seguidos de *povo* ou *gente*, com cinco aparições; *capanga*, com quatro aparições; *pau mandado*, com três aparições; e os demais significados *homem com H* e *Senhor de Engenho*, com uma aparição, respectivamente. É importante frisar que não consideramos o significado ama de leite, tendo em vista que não é nosso escopo discutir a expressão convencional *cabra* relacionada com mulher, tampouco os recursos discursivos que remetem tal expressão a dado personagem, por não se constituir nosso escopo, igualmente.

#### Quadro 4 – Ocorrências Rêgo.

Ocorrência (1) Cabra	sujeito.
----------------------	----------

Ocorrência (2) Cabra de Bagaceira	pau mandado; homem servil, assujeitado.
Ocorrência (3) Cabra da Bagaceira	pau mandado; homem servil, assujeitado.
Ocorrência (4) Cabra Muito do Sem-Vergonha	dado personagem.
Ocorrência (5) Cabras	povo; gente.
Ocorrência (6) Cabras Safados	povo; gente.
Ocorrência (7) Cabra Mofino	sujeito.
Ocorrência (8) Cabra Safado	dado personagem.
Ocorrência (9) Cabras	capanga.
Ocorrência (10) Cabra	sujeito.
Ocorrência (11) Cabra Safado	sujeito.
Ocorrência (12) Cabra	ama de leite.
Ocorrência (13) Cabra	ama de leite.
Ocorrência (14) Cabras	cangaceiro.
Ocorrência (15) Cabra	sujeito.
Ocorrência (16) Cabra Safado	sujeito.
Ocorrência (17) Cabra	povo; gente.
Ocorrência (18) Cabra	Homem com H (cabra macho).
Ocorrência (19) Cabras	cangaceiro.
Ocorrência (20) Cabra	dado personagem.
Ocorrência (21) Cabra de Engenho Novo	Senhor de Engenho.
Ocorrência (22) Cabras	povo; gente.
Ocorrência (23) Cabra	sujeito.
Ocorrência (24) Cabras	capanga.
Ocorrência (25) Cabras	capanga.
Ocorrência (26) Cabra	dado personagem.
Ocorrência (27) Cabra	dado personagem.
Ocorrência (28) Cabras	povo; gente.
Ocorrência (29) Cabra de Bagaceira	pau mandado, homem servil, assujeitado.
Ocorrência (30) Cabras	cangaceiro.

Ocorrência (31) Cabras	capanga.
Ocorrência (32) Cabra	dado personagem.
Ocorrência (33) Cabras	cangaceiro.
Ocorrência (34) Cabras	cangaceiro.
Ocorrência (35) Cabras	cangaceiro.
Ocorrência (36) Cabras	cangaceiro.
Ocorrência (37) Cabras Safados	dados personagens.

*Fonte:* Quadro elaborado pela autora.

A obra *Luzia Homem*, de Domingos Olímpio, foi escrita em 1903 e dispõe de 97 páginas na sua edição de 1984. A história, que se passa em 1878, gira em torno da protagonista Luzia. Tal protagonista, acompanhada de sua mãe enferma, deixa seu lugar de origem devido a uma grande seca para trabalhar na construção de uma penitenciária em Sobral, cidade do interior do Ceará. Dotada de força descomunal e imprópria a mulheres, ela se torna motivo de comentários e passa a ser notada e desejada por dois homens: Alexandre, rapaz bem intencionado e bom-caráter; e Capriúna, sargento perverso e corrupto, que irão travar duelo mortal pelo seu amor.

Outros personagens são importantes para o desenrolar da história, tais como: Terezinha, moça branca, de família de posses, que abandona a casa para viver um amor proibido e cai na prostituição; Josefina, mãe de Luzia; Raulino, vaqueiro, bom coração e grato à Luzia por ter lhe salvo à vida; Dona Matilde, esposa do promotor que se compadece de Luzia e lhe ajuda; Gabrina, mulher apaixonada por Alexandre que, por vingança, se junta à Crapiúna para difamar e prender Alexandre; Chica Siridó, uma dona de prostíbulo; Belota, soldado amigo de Crapiúna, que organiza jogatina em sua casa e por essa razão será encarcerado junto com Crapiúna; Rosa Veado, parteira, rezadeira e curandeira; e a família de Teresinha (Seu Marco, pai, Dona Clara, mãe e Maria da Graças, irmã) e o Capitão Francisco Marçal, latifundiário, simpático a Luzia.

Nesse romance, encontramos dez ocorrências da expressão convencional *cabra*, a saber:

*(Altercação entre Terezinha e Crapiúna)*

Você diz isso – replicou Teresinha – é por estarmos aqui sozinhas. Soldado relaxado...

- Olha – retrucou Capriúna enfurecido – Toma a benção ao furiel que está ali na escolta. Se eu não estivesse de serviço te ensinava quem é relaxado, cachorra...

- Cachorra é a tua mãe, *cabra safado* (1)...

(...)

(Resposta de Terezinha à pergunta de Luzia)

Ora, ora, ora!... Fisgava-o sem dó nem compaixão. Não me importava de ser presa, nem tenho a vida para negócio... Desgraça por desgraça... Ah! minha camarada já sofri tudo de ruim neste mundo, passei por vexames e desgostos...Só lhe contando isso por miúdo...Deixe estar que os desaforos daquele *cabra miserável* (2) não caíram no chão. Paga-me mais cedo ou mais tarde, tão certo como chamar-me Teresa de Jesus. (1984, p. 11).

(Conversa entre Alexandre e Luzia sobre desentendimento entre o primeiro e Crapiúna).

O mulherio abriu em roda; e o Capriúna, vendo que eu estava decidido para o que desse e viesse, murchou; ficou fulo de raiva e foi saindo, lá ele, por estas palavras: 'Está bom! Não quero baticum de boca comigo...' E o povaréu caiu em cima dele com dictérios que faziam uma zoada doida – Olhe o valentão... Meteu o rabo entre as pernas!...*Cabra Frouxo*! (3) (1984, p. 14).

(Conversa entre Terezinha e Luzia na qual Terezinha relata duelo entre seus dois amantes, Bentinho e Seu Berto).

Estava num pé e noutra para ter notícias certas do barulho, quando entrou, de repente, Bentinho. Vinha muito amarelo, com a mão enrolada em um pano e acompanhado por dois *cabras* (4) armados até os dentes. Chamou *cabras*, (5) novato na terra, já muito encachaçados e intimando com todo o mundo. Nisto chegou, à toda, o João Brincador com três homens escolhidos e eu disse-lhe: 'Amarra essa cambada de desordeiros!' – Em cima das minhas palavras, riscou o

Berto, e foi dizendo – 'Você pode amarrá-lo seu filho desta, filho daquela, mas depois de me pagar e ajustarmos as contas'. – Eu e meus demos de rédea para sairmos do meio do povo. Ele rente, atrásda nossa poeira. A certa distância, rodamos sobre os pés os animais, e os *cabras* (6) que também estavam bem montados, quase esbarra em riba de nós. – 'Aguenta, rapazes!' – disse ao João, que me respondeu sorrindo: Não há novidade capitão. 'Deixe eles para nós' – palavras não eram ditas, o Berto papocou-me fogo. Abaixei-me e a bala tirou-me um taco da beira do chapéu do João. – 'O *cabra* (7) mata seu Bentinho!' – gritou ele. (1982, p. 36).

(Conversa entre o soldado Cabecinha e Crapiúna a respeito dos sentimentos que este último nutre por Luzia).

- Você, então, *cabra velho* (8), está mesmo ervado?...Tibes! Que cobra te mordeu!...

- Não tenho a vida para negócio; nem conheço a cor do medo; nunca fiz caso da morte, e queria de anjos para acompanharem a minha alma, às vezes tenho visto boca de bacamarte e faca de ponta em cima de mim... Mas fico mesmo mole diante dessa mulher encantada; fico sem ação e aluado, quando ela passa por mim e me repugna... O melhor já lhe disse seu Crapiúna, é pensar noutra coisa. (1984, p. 45).

(Alteração entre Crapiúna e Zoião na casa de Belota durante jogatina).

Capriúna rosnava, acovardado, como fera acuada, subjugado pela serenidade do adversário. Lívido, de olhar fulvo, ensangüentado, resmoneava surda ameaças, e Zoião, com inquebrantável energia continuava:

- Não pense que digo isto por estar em companhia e aqui na casa de Belota... Sou homem para o senhor em toda parte e como quiser. Se tem Pasmado, eu tenho Pajeú. Ferro de qualidade que nunca me envergonhou... Se o seu já quebrou o preceito, o meu também não está em jejum...

- Pelo amor de Deus – suplicou Belota, com lágrimas na voz.

- Basta!... Basta!...Está acabado por hoje, meus amiguinhos da minh'alma... Você parecem crianças...

- Olha, *cabra*, (9) toma a benção ao Belota... (1982, p. 52).

(*Passagem na qual é relatado o retorno de Luzia à sua cidade natal e seu amigo Raulino comenta sobre a chegada e o transporte da mãe enferma de Luzia*).

- Não há dúvida, seu Raulino – observou um dos rapazes, limpando, com o dedo, o suor que lhe perolava a fronte. – Nem que fosse carga mais pesada; nós somos *cabra de talento* (10); vamos bater lá num fôlego, quanto mais a Tia Zefinha que é leviana como uma pena. (1984, p. 94).

As dez ocorrências da expressão convencional *cabra* verificadas na obra de Olímpio (1984) serão analisadas segundo duas categorias: (i) *cabra tout court* e (ii) *cabra* seguido de modificador. São cinco ocorrências da categoria *cabra tout court*, no caso 4, 5, 6,7 e 9 e cinco ocorrências da categoria, no caso 1, 2, 3 e 10. Quatro das cinco ocorrências de *cabra tout court* se referem a capanga e uma, a sujeito. Quanto às cinco ocorrências da categoria *cabra* seguido de modificador, duas se referem a um dado personagem (Capriúna), no caso 1 e 2 ; uma se refere a sujeito, no caso 3; uma, a meu amigo, no caso 8; e, a última, a gente, no caso 10. Diante de tal resultado, o significado saliente no âmbito das dez ocorrências é *capanga*, tendo em vista as suas quatro aparições contra as duas de *sujeito*, uma de *amigo* e uma de *gente*. Salientamos, conforme acima mencionado, que não levamos em consideração a referência a *dado personagem*. Segue abaixo quadro com os mencionados resultados:

**Quadro 5 – Ocorrências Olímpio.**

Ocorrência (1) Cabra Safado	dado personagem
Ocorrência (2) Cabra Miserável	dado personagem
Ocorrência (3) Cabra Frouxo	Sujeito
Ocorrência (4) Cabras	Capanga
Ocorrência (5) Cabras	Capanga
Ocorrência (6) Cabras	Capanga
Ocorrência (7) Cabra	Capanga

Ocorrência (8) Cabra Velho	meu amigo
Ocorrência (9) Cabra	Sujeito
Ocorrência (10) Cabra de Talento	Gente

*Fonte:* Quadro elaborado pela autora.

É importante destacar que a ocorrência dos modificadores *safado* e *frouxo*, já que apareceram em mais de um documento dentre os cinco documentos literários aqui abordados. Ou seja, o modificador *safado* aparece em quatro dos cinco documentos e *frouxo*, em dois dentre os cinco documentos. Tal fato nos leva a supor que ambos os modificadores são bastante usados, independente do gênero literário – peça de teatro, romance picaresco, romance naturalista ou realista - ainda que se encontrem circunscritos ao âmbito da literatura regional.

À guisa de conclusão, o significado mais saliente das 58 ocorrências da expressão convencional *cabra*, no âmbito dos cinco documentos literários, é:

- *Sujeito* e *Cangaceiro*, com 13 aparições, isto é, a ocorrência *Sujeito* aparece uma em Caboclo, 2000, duas em Suassuana, 2005, uma em Castro, 2006, duas em Olímpio, 1984 e, sete, em Rêgo, 1982; ao passo que a ocorrência *Cangaceiro* aparece seis em Suassuna, 2005 e sete em Rêgo, 1982.
- *Capanga*, com oito aparições, isto é, quatro em Rêgo, 1982 e quatro em Olímpio, 1984.
- *Gente*, com seis aparições, isto é, cinco em Rêgo, 1982 e uma em Olímpio, 1984.
- E os demais significados *pau mandado*, com três aparições, *homem com H*, *Senhor de Engenho* e *amigo*, com uma aparição, respectivamente em Rêgo (1982) e Olímpio (1984).

Há que se ressaltar que o uso da expressão *cabra* relacionada à mulher, em Rêgo (1982), na condição de ama de leite, tal qual assinala Freyre (2004); bem como a relação de tal expressão com a indeterminação, isto é, com significado relativo a *gente* e a *povo* em Rêgo (1982) e Olímpio (1984). Outro aspecto que merece destaque é o fato de que todos os cinco documentos aqui abordados, no que pese serem considerados literatura regional, contextualizam suas narrativas no interior da Região Nordeste. Ainda que o romance de Olímpio (1984) se passe na cidade de

Sobral, trata-se de cidade interiorana e cuja narrativa se dá entre personagens, em sua maior parte, egressos da zona rural, tendo em vista que esses personagens estariam se deslocando da zona rural para a zona urbana por causa do flagelo da seca. Ou seja, há claramente aí uma referência aos tipos que habitam tal zona bem como uma problematização de suas relações.

Nessa perspectiva, as 58 ocorrências da expressão convencional *cabra* se referem, de forma subliminar, a morador ou originário da zona rural, não necessariamente mestiço. Além disso, as narrativas aqui abordadas não se debruçam sobre as questões urbanas, tampouco contemporâneas, já que se passam na zona rural, conforme assinalado.

### **6.1.3. A Polissemia da Expressão Convencional *cabra* segundo Os Questionários**

Com o objetivo de examinar a maneira pela qual os falantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza, com base em suas experiências corpóreas, tanto física e socialmente situadas, fazem emergir conceitos relativos à figura masculina, especialmente o conceito que licencia a expressão convencional *cabra*, elaboramos e aplicamos cinco questionários junto a 153 respondentes.

Para analisar os cinco questionários, categorizamos as 51 perguntas neles formuladas com base em cinco critérios: 1. Imagens mentais; 2. Julgamento por parte dos respondentes quanto ao uso da expressão convencional *cabra*; 3. Julgamento por parte dos respondentes acerca da definição da expressão *cabra*; 4. Crenças e percepções sobre a relação homem e animal, especialmente o animal *cabra*; 5. Crenças e percepções a respeito da cultura e da linguagem.

Além dos cinco critérios acima mencionados, nossa análise foi igualmente norteada pelo tratamento percentual das informações levantadas por meio de 44 perguntas dentre as 51 questões formuladas. Salientamos ainda que antes de analisarmos as questões segundo os cinco critérios supracitados e o tratamento percentual das 44 questões, apresentaremos de forma sumária os cinco questionários e as respectivas respostas com base em tratamento percentual, quando possível.

O questionário instrumento foi aplicado em agosto de 2010, junto a um total de 33 respondentes, dentre os quais 26 se encontravam presentes em uma turma de Educação Física da UFC; dois, no prédio no qual o curso estava sendo ministrado; e cinco, em um projeto da Prefeitura Municipal de Fortaleza voltado para a juventude,

o Centro Urbano de Cultura Arte e Esporte (CUCA). Trata-se de um instrumento composto de três perguntas.

**Quadro 6:** Questionário Instrumento.

Perguntas	Respostas
1. O que lhe vem à mente quando você ouve a palavra CABRA? Liste as palavras que lhe vem à cabeça.	45% responderam Animal; 15,2% responderam Homem; 9,1% responderam Cabra da Peste e Leite; 6,1% responderam Macho. 6,1% não responderam; 3% responderam Carneiro 3% responderam Ladrão e Zona Rural.
2. Você acredita que o termo CABRA é usado para designar individuo do sexo masculino?	93,9% responderam SIM.
3. O que é para você verdadeiramente um cabra? Ordene os termos abaixo numa lista. (Cabra Macho, Cabra da Peste, Cabra Bom, Homem, Cabra Raparigueiro, Cabra Véi, Um sujeito qualquer e Capanga)	1. 33,3% apontaram Homem 2. 36,4% apontaram Cabra Macho 3. 24,2% apontaram Cabra da Peste. 4. 27,3% apontaram Cabra Bom. 5. 18% apontaram ou Cabra da Peste, ou Cabra Bom ou Cabra Raparigueiro. 6. 33,3% apontaram Cabra vei. 7. 33,3% apontaram Capanga. 8. 33,3% apontaram Capanga.

*Fonte:* Quadro elaborado pela autora.

Quanto ao questionário 1, ele foi aplicado em março de 2013 e agosto de 2013. Ou seja, do total de 30 participantes que responderam ao questionário 1, quatro o fizeram via email em março de 2013 e eram conhecidos e amigos, que foram recrutados via email; e 26 o responderam presencialmente em agosto de 2013 e eram estudantes de uma turma do curso de publicidade da UNIFOR, da disciplina de Teoria da Comunicação. Trata-se de um instrumento composto de treze perguntas.

**Quadro 7:** Questionário 1

Perguntas	Respostas
1. Você acredita que o homem e a mulher são animais?	97% responderam SIM
2. Se você acredita que tanto o homem quanto a mulher são animais, qual seria a diferença entre homem/mulher	22 dos 30 participantes mencionaram a racionalidade como traço distintivo entre o homem e os demais animais

animal e os demais animais?	
3. Você acredita que haja diferenças entre o homem brasileiro nordestino e o homem brasileiro no geral? Por quê?	70% responderam SIM
4. Você concorda com a definição segunda a qual CABRA se refere a: Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino/ Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro/Apenas, algum tipo de indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro.	43% apontaram qualquer indivíduo de sexo masculino e 43% apontaram apenas algum tipo de indivíduo brasileiro de sexo masculino
5. Você acha que a expressão CABRA DA PESTE e CABRA MACHO se referem a: Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino/ Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro / Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro e nordestino	66% apontaram para qualquer indivíduo brasileiro nordestino de sexo masculino.
6. Você acha que CABRA é usado também para se referir: Qualquer indivíduo de sexo feminino/Qualquer indivíduo de sexo feminino brasileiro/Apenas alguns indivíduos de sexo feminino brasileiro/Só se refere a indivíduo do sexo masculino	86,7% disseram que a expressão só se refere a indivíduo de sexo masculino.
7. Quando você ouve a expressão CABRA BOM, que tipo de imagem lhe vem à cabeça?	Todos os participantes evocaram imagem positiva do <i>cabra bom</i> . Grande parte mencionou qualidade de caráter e habilidoso
8. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um representante da mistura entre mulato e negro?	86,7% disseram que NÃO
9. Você concorda com definição segundo a qual CABRA é um jagunço?	73,3% disseram que NÃO
10. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um habitante da zona rural?	60% disseram NÃO
11. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um cangaceiro?	73,3% disseram NÃO
12. Você concorda com a expressão que diz que “Não há doce ruim e	76,7% disseram NÃO

CABRA bom”?	
13. “Não me mete medo! Vá dizer a este mata-cachorro que eu agüento. Sou homem, cabra. Sou homem!” Ao ler essa passagem do romance FOGO MORTO, de José Lins do Rego, você acha que essa idéia de homem é adequada, é real?	56,7% disseram SIM

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O questionário 2 foi aplicado em março de 2013 e em setembro de 2013. Do total de 30 participantes que responderam ao questionário 2, seis o fizeram via email em março de 2013 e eram conhecidos e amigos que foram recrutados via email; 24 o fizeram presencialmente em setembro de 2013 e eram estudantes de uma turma do curso de dança da UFC, da disciplina Metodologia da Pesquisa em Arte, Filosofia e Ciência. Trata-se de um instrumento composto de dezesseis perguntas:

#### Quadro 8: Questionário 2.

Perguntas	Respostas
1. Você gosta de animais?	86,7% responderam SIM
2. Você cria algum animal?	53,3% responderam SIM
3. Você tem ou já teve algum contato direto com <i>Cabra</i> ?	70% responderam SIM
4. Quando você pensa em <i>Cabra</i> o que lhe vem à mente?	10 dos 30 participantes apontaram para a imagem de <i>animal</i> (como, da própria cabra, do bode, de um animal com chifres, briguento ou de algo correlato como o berro e o leite. Há menção à zona rural como, fazenda, duas menções; sertão e interior, uma menção respectivamente; bem como a imagem de <i>homem</i> (machista, cabra da peste, cabra macho).
5. Você associa <i>Cabra</i> a alguma simbologia?	56,7% responderam SIM
6. Qual seria para você uma característica marcante de <i>Cabra</i> ?	A característica marcante da cabra foi o berro, com sete menções. As demais características citadas foram chifres e resistência, com três menções, respectivamente; cheiro, com duas menções; valentia, temperamento forte, teimosia, persistência em resistir, leite,

	chifradas, e curiosamente safadeza, com uma menção respectivamente.
7. Você conhece alguma historia interessante com <i>Cabra</i> ?	63,3% responderam NÃO
8. Você acha que <i>Cabra</i> estaria mais associada a alguma região do Brasil?	86,7% responderam SIM e 73,3% apontaram o Nordeste como região
9. Você vê alguma função específica de <i>Cabra</i> para o contexto sócio-cultural em que vive?	50% responderam SIM
10. Você acha que <i>Cabra</i> tem algum atributo que o relacione com a idéia de companheirismo?	50% responderam NÃO
11. Você acha que <i>Cabra</i> tem algum atributo que o relacione com a idéia de violência?	50% responderam NÃO
12. Você acha que <i>Cabra</i> tem algum atributo que o relacione com a idéia de valentia?	66,7% responderam SIM
13. Você acha que <i>Cabra</i> tem algum atributo que o relacione com a ideia de virilidade?	50% responderam NÃO
14. Você acha que <i>Cabra</i> representa melhor o gênero masculino ou feminino?	46% apontaram o sexo masculino
15. Você gosta do cheiro de cabra?	70% responderam NÃO
16. O que você acha da aparência de <i>Cabra</i> ? Você a acha um belo animal?	60% responderam SIM

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O questionário 3 foi aplicado em abril, julho e setembro de 2013. Dos 30 participantes que responderam ao questionário, cinco o fizeram via email em abril de 2013 eram amigos e conhecidos que foram recrutados via email; oito o fizeram presencialmente em julho de 2013 e eram estudantes de uma turma do curso de Psicologia da UFC, da disciplina Psicologia e Saúde Coletiva; e 17 o fizeram presencialmente em setembro de 2013 eram estudantes de uma turma do curso de Dança da UFC, especialmente da disciplina Dança e Pensamento: Dispositivos. Trata-se de um instrumento composto de nove perguntas.

#### Quadro 9: Questionário 3.

Perguntas	Respostas
1. Você acredita que o homem é um	86,67% responderam SIM

animal? Por quê?	
2. Você acredita que o homem possa ser representado por um animal? Qual seria e Por que razão?	53,3% responderam NÃO e 60% não indicou nenhum animal
3. Você concorda com que a imagem do homem nordestino seja representada por Cabra?	50% responderam NÃO
4. Você vê alguma diferença quando um homem (nordestino?) é chamado de <i>Cabra</i> ao invés de somente “Homem”, “Cara”, “Rapaz”? Qual seria essa diferença?	56,7% responderam SIM
5. Em sua opinião, qual seria o aspecto físico relativo a <i>Cabra</i> que você acredita que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem ?	16 dos 30 participantes declararam não haver nenhum aspecto ou se abstiveram. Quando o fizeram apontaram olhos, com três menções e barbicha, com duas menções.
6. Em sua opinião, qual seria o aspecto moral ou comportamental relativo à <i>Cabra</i> que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem?	9 dos 30 participantes declararam não haver nenhum aspecto ou se abstiveram. Quando o fizeram, apontaram para temperamento forte, com quatro menções; teimosia, com três menções; e brutalidade, com duas menções.
7. Você acredita que seus pares (Avô, Pai, Marido, Companheiro, Amigos íntimos e em geral) possam ser chamados por você de <i>Cabra</i> ? Por quê?	43,3% responderam SIM contra 40% que responderam NÃO e 16,7% que responderam depende
8. Você acredita que homens com os quais você não tem intimidade (Chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio e prestadores de serviços e autoridades de um modo geral) possam ser chamado por você de <i>Cabra</i> ? Por quê?	76,7 % responderam NÃO
9. Você acha que o <i>Cabra</i> tem nacionalidade ou naturalidade específica?	53,3 % responderam SIM e 46,7% não mencionaram a região contra 40% que apontaram a região Nordeste

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

O questionário 4 foi aplicado em julho de 2013, junto a 30 respondentes presentes em uma turma do curso de Psicologia da UFC, da disciplina Psicologia e Saúde Coletiva. Trata-se de um instrumento com dez questões.

**Quadro 10:** Questionário 4.

Perguntas	Respostas
1. Você acredita que o homem é um animal? Por quê?	93,3% responderam SIM.
2. Você acredita que o homem possa ser representado por um animal? Qual seria e Por que razão?	60% responderam SIM.
3. Você concorda com que a imagem do homem nordestino seja representada por Cabra?	50% responderam NÃO.
4. Você vê alguma diferença quando um homem (nordestino?) é chamado de <i>Cabra</i> ao invés de somente “Homem”, “Cara”, “Rapaz”? Qual seria essa diferença?	73,3 % responderam SIM.
5. Em sua opinião, qual seria o aspecto físico relativo a <i>Cabra</i> que você acredita que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem ?	17 dos 30 participantes, ao serem declararam “não haver nenhum aspecto” ou se abstiveram. Quando o fizeram, apontaram para baixa estatura, em quatro menções; resistência, em duas menções.
6. Em sua opinião, qual seria o aspecto moral ou comportamental relativo à <i>Cabra</i> que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem?	12 entre os 30 participantes não mencionaram nenhum aspecto ou disseram não saber. Os demais participantes mencionaram resistência, três vezes; teimosia, três vezes; e força, duas vezes.
7. Você acredita que seus pares (Avô, Pai, Marido, Companheiro, Amigos íntimos e em geral) possam ser chamados por você de <i>Cabra</i> ? Por quê?	50% responderam NÃO.
8. Você acredita que homens com os quais você não tem intimidade (Chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio e prestadores de serviços e autoridades de um modo geral) possam ser chamados por você	76,7% responderam NÃO.

de Cabra? Por quê?	
9. Você acha que o Cabra tem nacionalidade ou naturalidade específica?	60% responderam SIM.
10. Você se vê representado por algum animal? Qual seria? Por quê?	43,3% responderam SIM e 43,3% responderam NÃO.

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Em assim sendo, conforme assinalado, agrupamos as 51 questões constantes nos cinco questionários em torno de cinco critérios. No que diz respeito às cinco questões agrupadas em torno do critério 1, acerca das imagens mentais dos participantes, obtivemos as seguintes respostas:

- i. 45,5% dos 33 participantes, ao serem indagados, na primeira questão do questionário instrumento, sobre o que lhes vinha à mente quando ouviam a palavra *cabra*, disseram que a imagem que lhes vinha à cabeça era do *animal*, contra 15,2% que responderam *homem*; 9,1% que responderam *cabra da peste e leite*; 6,1% que não responderam ou responderam *macho* e 3% que responderam *carneiro, ladrão e zona rural*.
- ii. Todos respondentes, quando indagados, na sétima questão do questionário 1, que tipo de imagem lhes vinha à cabeça, ao ouvirem a expressão *cabra bom*, apontaram para uma imagem positiva, especialmente, de uma pessoa bom caráter e talentosa.
- iii. 10 dos 30 participantes, quando indagados, na quarta pergunta do questionário 2, acerca do tipo de imagem que lhes vinha à mente quando pensavam em *cabra*, apontaram para a imagem de *animal* (como, a da própria *cabra*, do *bode*, de animal com chifres, de animal briguento) ou de algo correlato como, o *berro* e o *leite*; e apontaram, ainda, para a imagem de homem (*machista*, *cabra da peste*, *cabra macho*); além disso, há menção à *zona rural* como, *fazenda*, duas menções; *sertão*, uma menção; e, *interior*, uma menção.
- iv. 50% dos 30 participantes, ao serem indagados, na terceira questão do questionário 3, se concordavam com que a imagem do homem nordestino fosse representada por *cabra*, disseram ‘não concordar’

contra 20% que disseram ‘concordar’, 13,3% que não responderam, 10% que disseram ‘depende’ e 6,7% que se mostraram indiferentes.

- v. 50% dos 30 participantes, ao serem indagados, na terceira questão do questionário 4, se concordavam com que a imagem do homem nordestino fosse representada por *cabra*, disseram ‘não concordar’ contra 30% que disseram ‘concordar’, 10% que disseram ‘em termos’, 3,3% que não souberam responder ou que não responderam ou que se mostraram indiferentes.

De acordo com que foi indicado pelos respondentes, se a expressão convencional *cabra* lhes evoca, particularmente, a imagem do animal, ela também lhes evoca, secundariamente, a imagem de homem (machista, cabra da peste e cabra macho). Há também menção à zona rural em função, a nosso ver, especialmente, do animal cabra, embora seja possível identificar comentários nos quais os respondentes relacionam a imagem de homem à origem rural, como homem sertanejo, por exemplo. Além disso, embora não aprovelem que o homem nordestino tenha *cabra* como imagem representativa, os respondentes visualizam uma imagem positiva quando se trata de um cabra bom. Ou seja, esse *cabra* apresentaria qualidades tanto em termos de caráter, como em termos de habilidades. Salientamos que, nos comentários não favoráveis à imagem do homem nordestino como *cabra*, os respondentes declararam que “(...), embora o nordestino seja, em parte, rude, ele não aparenta a cabra; “pela palavra sim, pelo animal nem tanto”; “provavelmente não, pois não sei a que ele estaria sendo ligado, a características vistas como ‘ruins’ ou a características vistas como ‘boas’”; “não, pois não vejo semelhança do ser humano com uma cabra”; “não no sentido da cabra animal, não. Mas, a palavra cabra foi tomando outra significação”. Ainda seria interessante destacar algumas dos comentários que acompanharam a aprovação da imagem do homem nordestino como cabra, a saber: “pode ser. A cabra é um animal resistente a intempéries e adversidade, adaptando-se bem ao clima seco e vegetação típicos do Nordeste. Parece que às vezes é um animal teimoso, determinado. Acho que pode representar bem sim”; “sim porque somos resistentes a seca e nos adaptamos a diferentes meios”.

Nesse sentido, assinalamos que há evidência, junto aos respondentes e, conseqüentemente, junto aos falantes fortalezenses, do mapeamento homem em

termos de animais, especialmente da metáfora de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL; bem como de metáforas de nível específico que mapeiam características positivas e negativas de homem em termos de cabra. De acordo com os dados, embora o significado básico da expressão convencional *cabra* seja o significado não metafórico *animal*, já que a imagem prontamente evocada assinalada pelos respondentes é da cabra animal, a imagem de homem também é evocada, mesmo que de forma secundária. Por outro lado, se a imagem do homem nordestino como cabra não convém, o cabra bom evoca a visão de pessoa boa e habilidosa.

No que diz respeito às dez questões em torno do critério 2 que tratam do julgamento por parte dos respondentes acerca do uso da expressão convencional *cabra*, obtivemos as seguintes respostas:

- i. 93,9% dos 33 participantes, ao serem indagados, na questão 2 do questionário instrumento, se acreditavam que expressão convencional *cabra* era utilizada para designar indivíduo do sexo masculino disseram que ‘sim’ contra 6,1% que disseram que ‘não’.
- ii. 86,7% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 6 do questionário 1, a julgar o uso da expressão convencional *cabra* em referência a mulher a partir de três opções, escolheram a opção ‘ só se refere a indivíduo/sujeito de sexo masculino’ contra 10% que escolheram a opção se refere a ‘apenas alguns indivíduos do sexo feminino brasileiro’ e 3,3% que escolheram a opção se refere a ‘qualquer indivíduo do sexo feminino’.
- iii. 76,7% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 12 do questionário 1, a julgarem se o uso da expressão *não há doce ruim e cabra bom* era adequado, disseram que ‘não’ contra 10% que não responderam ou disseram ‘não conhecer’ e 3,3% que não entenderam.
- iv. 56,7% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 13 do questionário 1, se o uso da expressão convencional *cabra* em relação à ideia de homem era adequado no trecho “Não me mete medo! Vá dizer a este mata-cachorro que eu aguento. Sou homem, cabra. Sou homem!” retirado do romance *Fogo Morto*, de Rêgo (1982), disseram que ‘sim’ contra 26,7% que disseram que ‘não’ e 10% que não responderam, 3,3% que disseram que ‘em termos’ ou que não entenderam.

- v. 56,7% dos 30 participantes, ao serem interrogados na questão 4 do questionário 3, se viam alguma diferença quando um homem (nordestino?) é chamado de *cabra* em vez de homem, cara, rapaz disseram que ‘sim’ contra 30% que disseram que ‘não’ e 13,3% que não responderam.
- vi. 73,3% dos 30 participantes, ao serem interrogados na questão 4 do questionário 4, se viam alguma diferença quando um homem (nordestino?) é chamado de *cabra* em vez de homem, cara, rapaz disseram que ‘sim’ contra 20% que disseram que ‘não’ 3,3 % que não responderam ou disseram que ‘em termos’.
- vii. 43,3% dos 30 participantes ao serem indagados, na questão 7 do questionário 3, se o respondente trataria seus pares (avô, pai, marido, amigos íntimos em geral) por *cabra* disseram que ‘sim’ contra 40,0% que disseram que ‘não’ e 16,7% que disseram que ‘em termos’.
- viii. 50,0% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 7 do questionário 4, se o respondente trataria seus pares (avô, pai, marido, amigos íntimos em geral) por *cabra*, disseram que ‘não’ contra 43,3% que disseram que ‘sim’ e 6,7% que disseram que ‘em termos’.
- ix. 76,7% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 8 do questionário 3, se o respondente trataria pessoas com as quais não tem intimidade (chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio, prestadores de serviço e autoridades de modo geral) por *cabra* disseram que ‘não’ contra 16,7% que disseram que ‘sim’ e 6,7% que disseram que ‘depende’.
- x. 76,7% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 8 do questionário 4, se o respondente trataria pessoas com as quais não tem intimidade (chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio, prestadores de serviço e autoridades de modo geral) por *cabra* disseram que ‘não’ contra 13,3% que disseram que ‘sim’ e 6,7% que disseram que ‘depende’ e 3,3% que disseram ‘em termos’.

Segundo os respondentes, se o uso da expressão convencional *cabra* em termos de homem é reconhecido, o uso em termos de mulher não o é. Por outro lado se o dito popular *Não há doce ruim e cabra bom* não faz sentido, os respondentes

não usariam a expressão convencional *cabra* para se dirigir às pessoas de seu convívio íntimo, muito menos às pessoas da alçada profissional ou que gozam de postos altos na hierarquia social. As razões, em geral, por eles, apontadas são: ou porque não fazem uso de tal expressão ou consideram o uso dessa expressão, em ambas as situações, como ‘falta de respeito’ ou ‘ofensiva’ ou ‘vir a soar ofensiva’. Além disso, os respondentes reconhecem que há diferença em fazer uso da expressão em questão, em vez de homem, cara e rapaz. Segundo boa parte desses respondentes, existiria aí uma diferença, sobretudo de caráter dialetal. Alguns ponderam que essa diferença dialetal pode marcar características positivas ou negativas em relação ao homem que está sendo chamado de *cabra*; outros afirmam que tal diferença enaltece as características desse *homem cabra*, isto é esse homem teria enaltecidas suas qualidades de trabalhador, de coragem, de força, de valentia, de persistência, de resiliência e de resistência; ao passo que outros respondentes avaliam que tal diferença pode denegrir o homem que está sendo chamado de *cabra*, isto é, esse homem estaria sendo reconhecido pela sua rusticidade, seu machismo e iletramento. Por fim, os respondentes reconhecem o uso dessa expressão no trecho retirado de Rêgo (1982), aceitando, assim, a ideia de que *cabra* se refira a homem a partir do mapeamento de características relacionadas à virilidade e masculinidade.

Nessa perspectiva, ressaltamos o caráter polissêmico da expressão convencional *cabra*, já que os respondentes reconhecem que tal expressão se refere a homem e também a homem macho, viril, trabalhador e rude, além de avaliarem que *cabra* é ofensivo, mesmo não concordando com o dito popular *Não existe doce ruim e cabra bom*. Assim sendo, pleiteamos, para além da natureza polissêmica da expressão em questão, a evidência de que as metáforas animais congruentes, ao motivarem a expressão convencional *cabra*, mapeiam características positivas ou negativas do homem cabra.

No que tange às sete questões em torno do critério 3 que tratam do julgamento por parte dos respondentes acerca da definição da expressão *cabra*, obtivemos as seguintes respostas:

- i. 33,3% dos 33 participantes, ao serem solicitados, na questão 3 do questionário instrumento, a ordenar, em uma lista de oito significados, listaram, em primeiro lugar, *um homem*, seguido de *cabra da peste*, para 27,3%; *um sujeito qualquer*, para 15,2%; *cabra macho* para

12,1%; *cabra bom* para 3,0%, já que 9,1% se abstiveram. Não foram mencionados os significados *cabra véi*, *cabra raparigueiro* e *capanga*; ao passo que 36,4% dos 33 participantes apontaram *cabra macho* como o segundo significado mais representativo; 24,2% apontaram para *cabra da peste* como o terceiro mais representativo; 27,3% apontaram para *cabra bom* como o quarto significado; 18,2% apontaram tanto para *cabra da peste* como *cabra bom* e *cabra raparigueiro* na quinta colocação; 33,3% apontaram para *cabra véi* na sexta colocação, 33,3% apontaram para *capanga* na sétima colocação e 33,3% apontaram para *capanga* na oitava e última colocação. Há que se ressaltar que se os significados *cabra véi*, *cabra raparigueiro* e *capanga* passaram a ser mencionados a partir da terceira colocação, os significados um *homem*, *cabra macho* e *cabra da peste* não foram mencionados entre os significados listados na oitava posição. Outro dado interessante é quanto à porcentagem relativa à abstenção, isto é, para a primeira colocação 9,1% se abstiveram; para a segunda e terceira colocação, a abstenção é da ordem de 12,1%; para as quarta, quinta, sexta e sétima colocação, a abstenção é de 15,2%; e, para oitava colocação, a abstenção é de 18,2%.

- ii. 43% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 4 do questionário 1, a escolher a definição apropriada para *cabra*, dentre três opções, escolheram a opção ‘qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino’ contra 43,3% que escolheram a opção ‘apenas algum tipo de indivíduo/sujeito de sexo masculino’, 10% que escolheram ‘qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro’ e 3,3% que não entenderam.
- iii. 66,7% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 5 do questionário 1, a escolher a definição apropriada para *cabra da peste* e *cabra macho*, dentre três opções, escolheram a opção qualquer ‘indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro e nordestino’ contra 23,3% que escolheram a opção ‘qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino’, 6,7% que escolheram a opção ‘qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro’ e 3,3% que não entenderam.

- iv. 86,7% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 8 do questionário 1, se concordavam com a definição segundo a qual *cabra* é um representante da mistura entre mulato e negra, disseram ‘não concordar’ contra 6,7% que disseram ‘não conhecer’ e 3,3% que disseram ‘concordar’ ou ‘em termos’.
- v. 73,3% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 9 do questionário 1, se concordavam com a definição segundo a qual *cabra* é jagunço, disseram ‘não concordar’ contra 10% que disseram ‘em termos’, 13,3% que disseram ‘concordar’ e 3,3% que disseram que ‘não conhecer’.
- vi. 60% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 10 do questionário 1, se concordavam com a definição segundo a qual *cabra* é um habitante da zona rural, disseram ‘não concordar’ contra 30% que disseram ‘concordar’ e 10% que disseram ‘em termos’.
- vii. 73,3% dos 30 participantes ao serem indagados, na questão 11 do questionário 1, se concordavam com a definição segundo a qual *cabra* é um cangaceiro, disseram ‘não concordar’ contra 13,3% que disseram ‘concordar’ e 6,7% que disseram ‘em termos’ ou ‘não conhecer’.

Em conformidade com o que foi indicado pelos respondentes, o significado mais prototípico da expressão convencional *cabra* é *um homem* e o menos prototípico *capanga*. Interessante notar que se não é perfeitamente claro para os respondentes ou os falantes fortalezenses que *cabra* se refira a qualquer indivíduo do sexo masculino ou a algum indivíduo do sexo masculino, há perfeita clareza de que *cabra da peste* e *cabra macho* se referem a indivíduo do sexo masculino brasileiro e nordestino. Por outro lado, para os falantes fortalezenses, o *cabra* não seria *morador de zona rural*, nem *mestiço de mulato e negra*, tampouco *jagunço*, nem *cangaceiro*. Em suma, há sério indicativo de que, para os falantes fortalezenses, a relação prototípica entre o significado *um homem* e a expressão convencional *cabra* é consistente; assim como a relação não prototípica entre o significado *capanga* (ou *jagunço*) e a expressão em questão. Além disso, *cabra da peste* e *cabra macho* seriam significados representativos no que tange à tipologia desse *cabra*. Em outras palavras, além de avaliarem que tais expressões se referem a algum indivíduo do sexo masculino brasileiro e nordestino, os respondentes as ordenaram em segundo e

terceira colocação em termos de significados representativos da expressão convencional *cabra*. Ou seja, a nosso ver, a polissemia dessa expressão se estruturaria de forma multidimensional, cujos significados *cabra da peste* e *cabra macho* se encontrariam estruturados a partir de uma relação metonímica com o significado prototípico *um homem*, que seria, estruturado, por sua vez, a partir das metáforas animais congruentes.

No que tange as 21 questões em torno do critério 4 que trata das crenças e percepções sobre a relação homem e animal, especialmente o animal cabra, obtivemos as seguintes respostas:

- i. 96,7% dos 30 participantes, ao serem indagados, na primeira questão do questionário 1, se acreditavam que tanto o homem como a mulher eram animais, disseram ‘sim’, contra 3,3% que disseram ‘em termos’.
- ii. 22 dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 2 do questionário 1, a apontar qual seria o aspecto que distinguiria o ser humano, na condição de animal, dos demais animais, indicaram, particularmente, a racionalidade, além de terem mencionado a capacidade de organização, a moral, a comunicação, a linguagem e a arte.
- iii. 86,7% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 1 do questionário 2, se gostavam de animais, responderam afirmativamente contra 10% que responderam ‘depende’ e 3,3% que responderam negativamente.
- iv. 53,3% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 2 do questionário 2, se criavam algum animal, responderam afirmativamente contra 46,7% que responderam negativamente.
- v. 70% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 3 do questionário 2, se já haviam tido contato com cabras, responderam afirmativamente contra 26,7% que responderam negativamente e 3,3% ‘em termos’.
- vi. A característica marcante da cabra mais citada, quando citada, na questão 6 do questionário 2, pelos 30 participantes, foi o *berro*, com sete menções. Demais características foram citadas tais como, *chifres* e *resistência*, com três menções; *cheiro*, com duas menções; e *valentia*,

*temperamento forte, teimosia, persistência em resistir, leite, chifradas e curiosamente safadeza, com uma menção respectivamente.*

- vii. 50,0% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 10 do questionário 2, a dizer se achavam que cabra tinha algum atributo que a relacionasse com a ideia de companheirismo, disseram que ‘não’ contra 40,0% que disseram que ‘sim’, 6,7% disseram ‘depende’ e 3,3% se abstiveram.
- viii. 50,0% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 11 do questionário 2, a dizer se achavam que cabra tinha algum atributo que a relacionasse com a ideia de violência, disseram que ‘não’ contra 40,0% que disseram que ‘sim’, 6,7% disseram não saber e 3,3% que disseram ‘depende’.
- ix. 66,7% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 12 do questionário 2, a dizer se achavam que cabra tinha algum atributo que a relacionasse com a ideia de valentia, disseram que ‘sim’ contra 30,0% que disseram que ‘não’; 6,7% se abstiveram; e 3,3% que disseram ‘depende’.
- x. 50,0% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 13 do questionário 2, a dizer se achavam que cabra tinha algum atributo que a relacionasse com a ideia de virilidade, disseram que ‘não’ contra 43,3% que disseram que ‘sim’ e 6,7% que se abstiveram.
- xi. 70,0% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 15 do questionário 2, a dizer se apreciavam o cheiro da cabra disseram que ‘não’ contra 23,3% que disseram ‘depende’ e 3,3% que disseram que ‘sim’ ou ‘não saber’.
- xii. 60,0% dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 16 do questionário 2, a dizer se apreciavam a aparência da cabra disseram que ‘sim’ contra 26,7% que disseram que ‘não’ e 6,7% que disseram ‘não saber’ ou ‘depende’.
- xiii. 86,7% dos 30 participantes, ao serem indagados, na primeira questão do questionário 3, se achavam que o homem era um animal disseram que ‘sim’ contra 6,7% que disseram que ‘não’ e 3,3% que disseram ‘não saber’, ‘depende’ ou se abstiveram.

- xiv. 53,3% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 2 do questionário 3, se achavam que o homem poderia ser representado por um animal disseram que ‘não’ contra 46,7% que disseram que ‘sim’.
- xv. 16 dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 5 do questionário 3, a apontar o aspecto físico que, em alguma medida, se assemelharia ao de um homem, declararam não haver nenhum aspecto similar ou não responderam. Quando o fizeram, apontaram para *olhos*, com três menções; e *barbicha*, com duas menções.
- xvi. 9 dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 6 do questionário 3, a apontar o aspecto moral e comportamental que, em alguma medida, se assemelharia ao de um homem, declararam não haver nenhum aspecto similar ou não responderam. Quando o fizeram, indicaram *temperamento forte*, com quatro menções; *teimosia*, com três menções; e *brutalidade*, com duas menções. Os demais aspectos, como *valentia*, *resignação*, *lutador*, *trabalhador*, *adaptação*, *persistência*, *resistência*, *sexualidade*, *força* e *vida em bandos*, com apenas uma menção.
- xvii. 93,3% dos 30 participantes, ao serem indagados, na primeira questão do questionário 4, se achavam que o homem era um animal disseram que ‘sim’ contra 3,3% que disseram que ‘não’ ou se abstiveram.
- xviii. 60,0% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 2 do questionário 4, se achavam que o homem poderia ser representado por um animal disseram que ‘sim’ contra 30,0% que disseram que ‘não’, 6,7% disseram não saber e 3,3% não responderam.
- xix. 17 dos 30 participantes, ao serem solicitados, na questão 5 do questionário 4, a apontar o aspecto físico que, em alguma medida, se assemelharia ao de um homem, declararam ‘não haver nenhum aspecto similar’ ou ‘não responderam’. Quando o fizeram, apontaram para baixa estatura, em quatro menções; *resistência*, em duas menções. Os demais aspectos, como *olhos*, *posição ereta*, *cabeça*, *o caminhar* foram mencionados apenas uma vez.
- xx. 12 entre os 30 participantes, ao serem indagados, na questão 6 do questionário 4, a apontar qual seria o aspecto moral ou comportamental

que, em alguma medida, se assemelharia ao de um homem, não mencionaram nenhum aspecto ou disseram não saber. Os demais participantes mencionaram *resistência*, três vezes; *teimosia*, três vezes; e *força*, duas vezes. Aspecto como, *valentia*, *resiliência*, *trabalhador*, *vida em bandos*, *desconfiança*, *ser arredo*, *responsabilidade*, *inteligência*, *lentidão*, *cuidado*, *ruralidade e maneira de se defender* foram mencionados apenas uma vez.

- xxi. 43,3% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 10 do questionário 4, se viam representado por um animal disseram que ‘não’ contra 43,3% que disseram que ‘sim’; 10% ‘não responderam’ e 3,3% ‘não saber’.

Consoante os respondentes, sua relação com os animais é boa, já que declararam gostar e criar animais. No entanto, foi manifestada certa tensão em ver o ser humano, assim como a si próprio, representado por um animal. Ou seja, ora não concordam com tal representação por considerarem o ser humano como único e, na condição de animal, já estaria sendo representado; ora concordam por considerarem simbolicamente possível a representação de dadas características humanas, tanto numa perspectiva de espécie ou de indivíduo, por meio de um ou de vários animais; ou, ainda, de acordo com a perspectiva evolucionista, a representação humana poderia se dar por meio do macaco, chimpanzé ou bonodo. No que diz respeito à cabra animal, especificamente, ela foi avaliada pelos respondentes como, um animal valente e de boa aparência, apesar de não ter bom cheiro. Embora não considerem que haja, de modo geral, aspectos físicos semelhantes entre homem e cabra, os respondentes percebem alguma relação comportamental entre ambos, como temperamento forte, teimosia e resistência.

Dessa forma, é plausível argumentar a favor de que, em consonância com o modelo cultural *da Cadeia do Grande Ser*, (LAKOFF; TURNER, 1989), os falantes fortalezenses percebem o ser humano como superior aos demais animais, devido, principalmente, ao seu caráter único de animal racional. Ainda sob a perspectiva da *Grande Cadeia do Ser*, especialmente no que diz respeito à conceptualização de domínio não humanos em termos de domínios humanos, é plausível, igualmente, pleitear que, ao animal cabra, foi atribuído comportamento humano como de valentia, de temperamento forte, de teimosia e de resistência. Nesse sentido,

podemos pleitear, igualmente, à luz das metáforas animais, que homem é compreendido em termos de cabra com base no mapeamento das características de temperamento forte, teimosia, resistência e valentia, que foram atribuídas à cabra. De acordo com Kövecses (2010), há evidências de conceptualização do humano em termos do não humano, isto é, de que o ser humano seja compreendido em termos de animal, de comportamento animal e de partes de corpo de animal. Em outras palavras, seria plausível argumentar a favor de que o conceito CABRA é motivado por metáforas animais de caráter universal como, a metáfora animal de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL, isto é, HOMEM É CABRA; bem como pelas metáforas de nível específico PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM BRUTO, MACHISTA, ILETRADO É CABRA; e, PESSOAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM VALENTE E RESISTENTE É CABRA. Essas metáforas seriam, a nosso ver, estruturadas por experiências corpóreas universais, com base na metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO; ou por experiências corpóreas específicas motivadas pelo compartilhamento de entendimentos por parte dos membros da comunidade de Fortaleza, em torno da crença de que animal cabra é valente, teimoso e resistente, tal qual a crença de que o homem nordestino, diante das adversidades, que enfrenta, não se dobra; mantém-se ereto.

Quanto às oito questões em torno do critério 5 que trata acerca das crenças e percepção a propósito da linguagem e da cultura, obtivemos as seguintes respostas:

- i. 70,0% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 3 do questionário 1, se acreditavam que havia diferença entre o homem brasileiro nordestino e o homem brasileiro em geral disseram que ‘sim’ contra 26,7% que disseram que ‘não’ e 3,3% que se abstiveram.
- ii. 56,7% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 5 do questionário 2, se cabra era associado a alguma simbologia disseram que ‘sim’ contra 36,7% que disseram que ‘não’ e 6,7% que se abstiveram. As simbologias mencionadas variam entre as referências a certo tipo de homem (homem do sertão, homem de fibra e guerreiro, homem *escroto*, cabra macho, homem trabalhador, bruto, do sertão e homem invocado (valente); e as referências místicas tais como, Zodíaco, Ocultismo, Satanismo, Paganismo, ou ainda Aríete e valentia.

- iii. 63,3% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 7 do questionário 2, se conheciam alguma história interessante com cabra disseram que ‘sim’ contra 33,3% que disseram que ‘não’ e 3,3% que se abstiveram.
- iv. 73,3% dos 30 participantes, ao serem indagados, na questão 8 do questionário 2, se achavam que cabra estaria mais associada alguma região do Brasil, apontaram para região Nordeste contra 13,3% que se abstiveram, 6,7% que indicaram o Sertão e 3,3% que indicaram Centro-Oeste ou Nordeste e Centro-Oeste.
- v. 50% dos 30 dos participantes, ao serem indagados, na questão 9 do questionário 2, se viam alguma função específica da cabra para o contexto sócio-cultural em que vivem, disseram que ‘sim’ contra 36,7% que disseram ‘não’ e 13,3% que se abstiveram.
- vi. 46,7% dos 30 dos participantes, ao serem indagados, na questão 14 do questionário 2, se cabra representava melhor o gênero masculino ou feminino, apontaram para o ‘gênero masculino’ contra 26,7% que apontaram para o ‘gênero feminino’ e 16,7% para ambos, 6.7% que disseram ‘depende’.
- vii. 53,3% dos 30 dos participantes, ao serem indagados, na questão 9 do questionário 3, se achavam que cabra teria nacionalidade ou naturalidade específica, disseram que ‘sim’ contra 23,3% que se abstiveram, 13,3% que não entenderam e 10,0% que disseram ‘não’.
- viii. 60% dos 30 dos participantes, ao serem indagados, na questão 9 do questionário 4, se achavam que cabra teria nacionalidade ou naturalidade específica, disseram que ‘sim’ contra 23,3% que disseram que ‘não’, 6,7% que disseram ‘não saber’ ou disseram ‘provável’ e 3,33% que disseram não entenderam.

Com base nos resultados acima, podemos dizer que o homem nordestino tem suas especificidades em relação ao homem brasileiro em geral. Segundo alguns comentários feitos pelos respondentes, “(...), os homens nordestinos são muito machistas, mais que os outros de outra região”; “(...), culturalmente existe uma diferença gritante”; “(...), por conta das questões culturais presentes em cada região”; “(...), diferença cultural, linguística, entre outras”; “(...), pois o nordestino

possui garra e força de vontade, geralmente, e foi o povo nordestino que fez boa parte do Sul e Sudeste”; “na verdade, há diferença entre o homem nordestino e o estereótipo do homem brasileiro em geral”; “(...), eu acho os nordestinos mais batalhadores e com um humor diferenciado do geral”. Nesse sentido, é interessante notar que, ao comentarem a respeito da simbologia em torno de cabra, os respondentes se reportam à figura do homem cabra, considerado, por eles, como homem do sertão; homem de fibra e guerreiro; homem *escroto*; cabra macho; homem trabalhador, bruto, do sertão; e homem *invocado* (valente). Ou seja, é possível verificar que algumas das características atribuídas ao homem nordestino comparecem na simbologia atribuída ao homem cabra por diferentes participantes.

Por outro lado, os respondentes associaram o animal cabra à Região Nordeste e conferem a esse animal função primordialmente alimentícia (carne e leite) e comercial (com a produção do couro) no contexto sócio-cultural em que vivem. Há menção ainda a esse respeito da contribuição cultural da cabra em termos de histórias, vocabulário e expressões. Segundo os comentários de alguns respondentes, “(...) aqui no Ceará, ele foi “produto”. A carne, o leite, e também virou lenda em história”; “Além da culinária e do uso do couro, um termo da cultura linguística”; “(...), o termo “cabra” é usado para se referir a homens valentes, galanteadores, etc.”; “há expressões populares como: Cabra macho, cabra bom...”; “vejo, pois é um animal muito comum no Nordeste e que, como mostrado em *Vidas Secas*, o sertanejo espelha-se nele por suas características”. Ainda no que diz respeito à percepção e crenças em torno do animal cabra, segundo os respondentes, ela simbolizaria aspectos místicos, inclusive nas tradições satânicas e ocultistas, assim como assinala Cascudo (2009). Tais crenças e percepções, a nosso ver, interferem na representação do gênero linguístico da palavra cabra, levando aos respondentes atribuírem o gênero particularmente masculino à palavra em questão. Ou seja, tais crenças e percepções, a nosso ver, constituem um MCI de *HOMEM*, motivado por metáforas animais que fazem emergir o conceito *CABRA*, que, por sua vez, licencia os significados polissêmicos da expressão convencional *cabra*.

Em suma, é plausível pleitear que há evidências consistentes em relação ao papel sociocultural da cabra no âmbito da comunidade dos falantes fortalezenses. Por outro lado, há evidências de que o homem nordestino, e de certa forma o homem cearense e fortalezense, além de ser compreendido de maneira distinta do homem

brasileiro em geral, ele é compreendido em termos de *cabra*, isto é, de *homem bruto*, *machista* e *escroto*, mas, também *valente*, *batalhador* e *guerreiro*. Dessa forma, pleiteamos que há evidências consistentes de motivação de metáforas animais na estruturação do MCI Proposicional HOMEM.

#### **6.1.4. A triangulação dos dados coletados**

Nesta seção, realizamos a triangulação dos dados com base no resultado que obtivemos a partir da análise em separado dos três diferentes gêneros aqui abordados. Com isso, objetivamos: (i) examinar quais são os significados prototípicos e não prototípicos da expressão convencional *cabra*; (ii) discutir a relação de motivação das normas culturais que agiriam na emergência do conceito CABRA, que licencia a expressão convencional correlata; (iii) tratar da maneira pela qual esses significados se estruturam. Dessa forma, subdividimos esta seção de acordo com os três critérios supracitados.

##### **6.1.4.1. Questão dos Significados Prototípicos e não Prototípicos**

A questão acerca da polissemia e, conseqüentemente, dos significados mais representativos e menos representativos da expressão convencional *cabra* foi discutida no gênero definição, com base no arcabouço de conhecimentos básicos e especializados que integram o conjunto prototípico total de aplicação da expressão convencional *cabra*. Nessa perspectiva, para além de seu significado não metafórico *animal*, avaliamos como significados metafóricos mais representativos da expressão convencional *cabra*, *morador ou originário da zona rural*, *sujeito* e *mestiço*; e, como significados menos representativos, *cabra da peste*, *capanga*, *cangaceiro*, *cabra véi* e *cabra bom de peia*.

Em outras palavras, assim como Ferreira (2004) elenca *habitante de propriedade rural* como um dos significados do conjunto de cinco significados da expressão polissêmica convencional *cabra*, Freyre (2004) reconhece como importante a relação entre *cabra* e ruralidade, por enaltecer a importância desse personagem na história social do Nordeste da Cana-de-Açúcar. Cascudo (2009) e Mello (2004 apud NETO 2009) também abordam a relação entre *cabra* e ruralidade, já que o primeiro afirma que a expressão convencional *cabra* é mal vista no folclore sertanejo; ao passo que o segundo descreve *cabra* como “sertanejo que, em tempo de paz, vive como os demais agregados dos coronéis, cavando a terra seca, plantando e orando aos céus por chuva”. (p. 337). No que tange aos significados

metafóricos *sujeito* e *mestiço*, *cabra* é um homem, um sujeito de acordo com Gadelha (1999), Pontes (2000) e Ferreira (2004); ao passo que, para Freyre (2004), Cascudo (2009) e Ferreira (2004), *cabra* é não é qualquer tipo de homem porque é um homem mestiço com aura de herói para Freyre (2004) e como ente malfejo para Cascudo (2009).

Os usos polissêmicos da expressão convencional *cabra* assim como os graus de representatividade desses usos foram igualmente assinalados no âmbito dos documentos literários. Ou seja, verificamos, nesses documentos, que há usos da expressão convencional *cabra* que se referem a *sujeito*; a *cangaceiro*; a *capanga*; a *gente*; a *pau mandado*, isto é a homem assujeitado; a *homem com H*; a *Senhor de Engenho*; e a *amigo*. Dessa forma, avaliamos que os usos mais representativos para tal expressão seriam os que se referem a *sujeito* e a *cangaceiro*. No entanto, a análise dos mencionados documentos também nos permitiu afirmar que a expressão convencional *cabra* se relaciona com a ideia de ruralidade de maneira representativamente importante. Ou seja, conforme já assinalado na seção 6.1.2, os cinco documentos literários por nós analisados tratam da vida e da relação de personagens que residem na zona rural da região setentrional do Brasil de sorte que a expressão convencional *cabra* se relaciona, de forma subliminar, com a ideia de morador ou originário da zona rural.

Em assim sendo, podemos afirmar que, se *cabra* se refere a sujeito em ambos os gêneros estudados, não há, no entanto, relação entre *cabra* e mestiço no âmbito dos cinco documentos literários, assim como não há relação entre *cabra* e cangaceiro, no âmbito das definições. Ou seja, conforme observamos nas seções 6.1.1 e 6.1.2, respectivamente, há usos da expressão convencional *cabra* que se referem a homens não mestiços no âmbito dos cinco documentos literários assim como, no âmbito das sete definições, o significado de *cabra* em termos de cangaceiro só fora registrado por Ferreira (2004) e insinuado por Cascudo (2009). Dessa forma, é plausível pleitear que, no âmbito dos dois gêneros mencionados, os significados metafóricos mais salientes da expressão convencional *cabra* são *sujeito* e *morador ou originário da zona rural*.

Além disso, é importante ressaltar que, a nosso ver, o significado de *cabra* relacionado com *cangaceiro* se evidencia no âmbito dos cinco documentos literários porque há aí uma discussão mais aprofundada quanto à suposta vida de pessoas que transitariam por esse universo em dado momento. Ou seja, as narrativas constantes nesses documentos tratam de aventuras vividas por personagens que transitam na

sociedade rural nordestina entre o começo e meados do século XX, em geral, isto é, em tal período, o cangaço era uma questão para essa sociedade. Dessa forma, acreditamos que a relação entre *cabra* e mestiço, apontada por Ferreira (2004), Freyre (2004) e Cascudo (2009), ganha sua prototipicidade numa perspectiva mais diacrônica do que sincrônica e que a relação entre *cabra* e cangaceiro ganha sua prototipicidade numa perspectiva sincrônica de um dado momento da sociedade rural nordestina abordado pelos cronistas e escritores por nós analisados.

Por outro lado, no que tange aos dados analisados a partir da aplicação dos cinco questionários, podemos verificar a conceptualização de *cabra* por parte de membros de uma dada comunidade urbana e contemporânea, a saber: os falantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza. Nessa perspectiva, além de observarmos junto aos respondentes dos cinco questionários que o significado prototípico da expressão convencional *cabra* é o significado não metafórico *animal*, verificamos que o significado metafórico mais representativo da expressão em questão é *um homem, um sujeito*; e o menos representativa, *capanga*. Em outras palavras, além de os falantes fortalezenses terem considerado *capanga* como o penúltimo ou último significado que representaria verdadeiramente sua compreensão de *cabra*, eles não concordaram como a definição de *cabra* em termos de *morador de zona rural*, nem em termos de *mestiço de mulato e negra*, tampouco em termos de *jagunço* (*capanga*), nem de *cangaceiro*. Ou seja, para os falantes em questão, a expressão convencional *cabra* se refere efetivamente a *homem*, que pode ser compreendido como qualquer indivíduo do sexo masculino.

Ainda para os mencionados falantes, no que pese o homem nordestino apresentar características distintas do homem brasileiro em geral, há uma compreensão a respeito do homem nordestino em termos de *cabra da peste* e *cabra macho*, para além de homem em geral, de *sujeito* ou de *cabra*. É importante destacar que embora não tenham reconhecido o uso da expressão convencional *cabra* em termos de *jagunço* e de *cangaceiro*, os falantes fortalezenses conceptualizam, no entanto, *cabra* de forma pejorativa. Isso porque, declararam que não usariam tal expressão para se dirigir a pessoas de seu convívio íntimo ou da alçada profissional.

Em suma, sob a perspectiva de que os conhecimentos básicos e especializados integram, na condição de membros especiais, o conjunto prototípico total de aplicação da expressão convencional *cabra*, tal qual sugere Geeraerts (2009),

podemos pleitear dois tipos de cenário de prototipicidade, a saber: para a comunidade contemporânea dos falantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza, além do significado prototípico não metafórico *animal*, os significados metafóricos mais representativos da polissêmica expressão convencional *cabra* seriam *um homem* (um sujeito) seguido de *cabra macho* e *cabra da peste*; ao passo que para comunidade nordestina rural a partir de uma visada diacrônica, para além de seu significado não metafórico *animal*, a expressão convencional *cabra* teria como significados mais representativos *qualquer sujeito morador ou originário de zona rural*, seguidos de *mestiço e/ou cangaceiro*. Por outro lado, significados como *morador ou originário de zona rural*; *mestiço e/ou cangaceiro*; e *capanga* seriam avaliados como os significados metafóricos menos representativos pelos falantes fortalezenses; ao passo que *cabra da peste*, *cabra macho* e *cabra bom* seriam avaliados como os significados metafóricos menos representativos numa perspectiva diacrônica de um Nordeste rural.

#### **6.1.4.2. A Questão da Relação de Motivação das Normas Culturais na Emergência do Conceito CABRA.**

Quanto à questão acerca da motivação das normas culturais na emergência do conceito CABRA, que licenciaria os significados polissêmicos da expressão correlata, ela se encontra relacionada com dois momentos da análise dos dados. Primeiramente, com base na análise das sete definições, especialmente com base na definição de Cascudo (2009), verificamos que a importância do leite de cabra para alimentação das crianças sertanejas era de tal ordem que se alcunhou o dito animal de *comadre cabra*. Além dessa função socioeconômica crucial da *comadre cabra*, não apenas na zona rural setentrional do Brasil, mas em todo território nacional, Cascudo (2009) nos informa acerca de aspectos místicos envolvendo a cabra, quais sejam: para além da visão pouco amigável que a cabra goza na tradição judaico-cristão, haveria uma crença, no âmbito da cultura popular brasileira, de que tanto a cabra como o bode sumiriam durante algumas horas do dia para ir ter com o *coisa ruim*.

Diante de tal crença, Cascudo (2009) nos faz saber que havia outra crença segundo a qual quando o menino se apresentava “demasiado vivo, arteiro, endiabrado”, (p.62), costumava-se atribuir a causa de tal comportamento ao leite de cabra. Ou seja, tal animal não apenas garantia a alimentação do corpo das crianças

sertanejas como de sua alma também. Com base nos postulados do modelo cultural da *Grande Cadeia do Ser* (LAKOFF; TURNER, 1989), podemos postular que essa crença emergiria de dois tipos de entendimentos compartilhados pelos membros da comunidade nordestina. O primeiro entendimento diz respeito à visão de que a cabra transmitiria a alguns que de seu leite bebia, a sua principal característica que lhe constitui como animal: o instinto. Ou seja, alguns meninos que bebiam de seu leite, tornavam-se animais ou ainda instintivos, isto é perdiam a principal característica que lhes constituía como seres humanos, a racionalidade.

Em seguida, tendo em vista que o modelo cultural da *Grande Cadeia do Ser* participaria na estruturação do conhecimento humano em termos de não humano, particularmente com base em metáforas animais aos moldes postulados por Kövecses (2010), a cabra, aos olhos da comunidade nordestina, seria responsável pela transferência por meio de seu leite de características que lhe distinguem dos demais animais, qual seja: a sua natureza diabólica. Desse modo, alguns meninos que bebiam de seu leite tornavam-se *endiabrados*.

Em suma, de acordo com os membros da comunidade nordestina, meninos que apresentavam comportamentos desaprovados socialmente, isto é, comportamento animal, ou ainda *endiabrado*, eram compreendidos em termos de *cabra*. Em outras palavras, esses dois entendimentos, na condição de instâncias que emergem das experiências corpóreas - particularmente, das experiências socioculturalmente situadas - de membros da comunidade nordestina, apontam para a forma como a cabra é aí conceptualizada: um animal que, por um lado, traz benefício, por se constituir em uma das principais fontes de alimentação das crianças nordestinas; por outro lado, traz malefícios, por transmitir características desaprovadas socialmente a alguns meninos que de seu leite bebem.

Nessa perspectiva, pleiteamos que o conceito CABRA, no âmbito da comunidade rural nordestina em dado momento, seria mapeado pela metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO e pelas metáforas animais de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL, isto é, HOMEM É CABRA, e de nível específico PESSOAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM MESTIÇO, ESFORÇADO, VALENTE, SEXUAL, CONFIÁVEL É CABRA; e PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM IRREQUIETO, ARREBATADO, ENDIABRADO É CABRA.

No segundo momento de nossa análise, discutimos, com base nos cinco questionários aplicados junto a 153 participantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza, a visão por parte desses participantes a respeito da cabra, tanto no que tange à aparência e comportamento desse animal; como no que tange à sua função socioeconômica e cultural. De acordo com as informações fornecidas por tais participantes, a cabra seria um animal de boa aparência, apesar de exalar cheiro pouco agradável, que garante, do ponto de vista socioeconômico, leite, carne e couro aos habitantes da comunidade onde vivem. Por outro lado, os participantes declaram que concordam que tal animal exerça funções simbólicas de várias ordens, a saber: de ordem mística, visto o seu papel nas tradições satânicas, ocultistas e pagãs; de ordem cultural, sobretudo em termos vocabular ao nomear homem valente, galeanteador, macho, bom, da peste, *escroto*.

Ademais, segundo os mesmos participantes, se não há relação em termos físicos entre cabra e homem, haveria alguma relação em nível de características comportamentais. Ou seja, para tais participantes, o homem poderia ser comparado à cabra em termos de valentia, de resiliência, de vida em bando, de resistência, de teimosia, de determinação, de espírito batalhador e destemido e, de caráter adaptável e zangado.

Nessa perspectiva, pleiteamos que, mapeado por metáforas animais, o conceito CABRA se estruturaria a partir das experiências corpóreas dos membros da comunidade de Fortaleza, isto é, com base no entendimento compartilhado por parte dessa comunidade de que o animal cabra é conceptualizado como valente, teimoso e resistente; e de que o homem nordestino é, igualmente, conceptualizado como valente, persistente, teimoso e resistente e que se mantém ereto, não se dobrando diante das adversidades, que enfrenta. Ou seja, o conceito CABRA, no âmbito da comunidade dos falantes fortalezenses, seria mapeado pela metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO e pelas metáforas animais de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL, isto é, HOMEM É CABRA, e de nível específico PESSOAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM VALENTE, RESISTENTE, DETERMINADO É CABRA; e PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, isto é, HOMEM SERTANEJO, ILETRADO, RÚSTICO É CABRA.

### 6.1.4.3. A Estruturação dos Significados da Expressão Polissêmica Convencional *Cabra*.

A questão da estruturação dos significados prototípicos e não prototípicos, que analisamos a partir dos três diferentes gêneros, remete-nos a questão desses significados estarem sendo motivados pela metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO e pelas metáforas animais congruentes, SER HUMANO É ANIMAL, PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS E PESSOAS SÃO ANIMAIS, no âmbito do MCI Proposicional HOMEM. Em outras palavras, o conceito CABRA, que estruturaria a relação entre os significados polissêmicos da expressão correlata, se encontraria, por sua vez, estruturado por um inventário de estruturas cognitivas – esquemas e metáforas - isto é pelo MCI Proposicional HOMEM do tipo Categoria Radial *Cabra*.

Com efeito, segundo Lakoff (1987), é comum que certo número de MCIs se combinem entre si de modo a formar o que chama de um *agrupamento de modelos*, ou ainda um agrupamento radial. Nesse sentido, no que pese o caráter multidimensional e radial da polissemia, Lakoff (1987) postula, conforme assinalado no capítulo 3, que as Metáforas Conceptuais podem ser abordadas na condição de base experiencial que mapeia os domínios fonte e alvo de dois diferentes MCIs. Desse modo, o significado mais prototípico de uma palavra polissêmica seria designado pelo elemento correspondente ao domínio fonte do primeiro MCI em correspondência com o domínio alvo do segundo MCI. Ou seja, considerando que o MCI Proposicional HOMEM, na condição de *agrupamento de modelos*, é constituído pelos MCI CABRA e MCI HOMEM CABRA, e que as metáforas animais mapeiam o domínio fonte animal e o domínio alvo homem dos MCIs CABRA e o MCI HOMEM CABRA respectivamente, o significado mais prototípico da polissêmica expressão convencional *cabra* seria *animal* e os demais significados metafóricos mais ou menos representativos emergiriam da relação multidimensional entre os vários modelos que formam o agrupamento radial. Dessa forma, o significado não metafórico *animal* ocuparia, na condição de subcategoria, o centro da categoria radial *Cabra* e os demais significados metafóricos se relacionariam com o centro da categoria em função do esquema motivado pelo compartilhamento de entendimento por parte dos membros da comunidade de Fortaleza ou do esquema

motivado pelo compartilhamento dos entendimentos por parte da comunidade rural nordestina em dado momento.

Em suma, ao se combinar com base em mapeamentos metonímicos e metafóricos com os MCIs CABRA e HOMEM CABRA, O MCI proposicional HOMEM formaria o agrupamento radial CABRA cuja estrutura variaria a partir do esquema de falantes fortalezenses e do esquema de membros da comunidade rural nordestina em dado momento.

## **6.2. O Modelo Cognitivo Idealizado Proposicional HOMEM.**

Conforme assinalado na seção 3 do capítulo 2, Lakoff (1987) define os MCIs como construtos gestálticos de caráter experiencial, dotadas de dois tipos de significados que estruturam o nosso conhecimento de forma direta e indireta. Nesse sentido, o primeiro tipo de significado emerge diretamente da nossa experiência corpórea, a exemplo dos esquemas imagéticos e da categorização de nível básico; ao passo que o segundo tipo de significado emergiria de mapeamentos metonímicos e metafóricos.

No que tange aos esquemas imagéticos, eles podem ser definidos, com base em Lakoff (1987), como pré-conceptuais, supersimplificados, que estariam relacionados com nossa experiência com o mundo quando criança, em termos de peso, de equilíbrio, de ligação, de contato, de recipiente, etc. Ademais, conforme assinalado na segunda seção do capítulo 2, Kövecses define esquemas imagéticos como dispositivos que representa, dentre outras:

- (i) Nossa experiência conosco mesmos e objetos na condição de dentro e fora por meio de esquemas como o do *recipiente*, por exemplo, partir dos quais emergiriam os conceitos primários que licenciariam expressões linguísticas como *Estou sem dinheiro*.
- (ii) Nossa experiência em nos movermos mundo afora como esquema de força física a partir dos quais emergiriam conceitos primários que licenciariam expressões linguísticas como *Você está me levando à loucura* ou *Ele acabou de enlouquecer*.
- (iii) Nossa experiência com obstáculos que nos impedem de nos movermos, a exemplo do vento que nos impede de avançarmos, a partir dos quais emergiriam conceitos primários que licenciariam expressões linguísticas como *Aguente essa situação até onde puder*;
- (iv) Nossa experiência com nosso corpo verticalizado como esquema de em cima e embaixo dos quais emergiriam conceitos primários que

licenciariam expressões linguísticas como *Estou me sentido para baixo*. (2010, p. 43-44, Grifo nosso). (Tradução Nossa).

Quanto aos significados que emergem do nível básico de categorização, eles são definidos, com base em Rosch et al (1976), em termos de imagens mentais provenientes da interação perceptual e sensório-motora humana com as entidades de mundo, conforme assinalado na seção 3 do capítulo 2. Segundo Ungerer e Schmid (1996), o nível básico de categorização é o nível no qual percebemos, da maneira mais clara possível, as diferenças entre os organismos e os objetos do mundo. Dessa forma, tanto os esquemas imagéticos como a categorização de nível básico fornecem tanto a estrutura como a ontologia dos MCIs.

No que tange aos significados indiretos, eles emergiriam ora dos mapeamentos metafóricos, que se constituem em correspondências entre MCIs experienciais; ora dos mapeamentos metonímicos, que se constituem em correspondência entre membros ou subcategorias de um determinado MCI de sorte a representar o MCI como um todo em termos mais abstratos, isto é, os mapeamentos metonímicos se constituem em projeção conceptual de um domínio cognitivo sobre outro, no âmbito do mesmo MCI, de sorte que o domínio projetado (domínio fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz a projeção (domínio alvo).

Por outro lado, de acordo com Lakoff (1987), os MCIs Proposicionais representariam os modelos que mais estruturariam nossos conhecimentos em função das seguintes características:

- (i) Embora apresentem aparência objetivista, já que são estruturados a partir de entidades constituídas por propriedades e pelas relações estabelecidas entre essas propriedades, não representam pedaços da realidade e sim entidades mentais.
- (ii) As entidades que os compõem são estruturadas por esquemas imagéticos.
- (iii) As entidades que os compõem são ontologicamente conceitos de nível básico ou conceitos caracterizados por MCIs de outro tipo.

Nessa perspectiva, o MCI Proposicional *HOMEM* seria significado: de forma direta com base nos esquemas imagéticos *em cima e embaixo, dentro e fora e, parte e*

*todo* e com base nos procedimentos contemplados pela conceptualização de nível básico; e de forma indireta com base em mapeamento metonímico com o MCI HOMEM CABRA e o conceito de nível básico HOMEM e com base em mapeamento metafórico com o MCIs HOMEM CABRA e CABRA, formando, assim, um agrupamento de estrutura radial. Em outras palavras, o MCI Proposicional HOMEM, ao ser estruturado por esquemas imagéticos em *cima e embaixo, dentro e fora e, parte e todo* e por procedimentos contemplados pela conceptualização de nível básico, formaria um *agrupamento de modelos* a partir do mapeamento metonímico parte-todo com MCI HOMEM CABRA, de um lado; e, de um outro lado, a partir do mapeamento metafórico entre o domínio fonte *animal* do MCI CABRA e o domínio alvo *homem* do MCI HOMEM CABRA, que emergiria, por sua vez, da metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO e das metáforas complexas SER HUMANO É ANIMAL, PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS e, PESSOAS SÃO ANIMAIS. Dessa forma, pleiteamos que o MCI Proposicional HOMEM do tipo Categoria Radial *Cabra* estrutura a polissemia da expressão convencional *cabra*.

Há que se ressaltar que não construiremos o modelo hipotético da Categoria Radial *Cabra* visto que tal empreitada não se constitui em objetivo de nossa investigação. Contudo, discutiremos, de forma bastante preliminar, aspectos importantes para uma proposta de modelo hipotético de Categoria Radial *Cabra*. Para tanto, salientamos que Lakoff (1987) preconiza que a Categoria Radial seja definida em termos de um modelo constituído pelos seguintes esquemas imagéticos:

- (i) RECIPIENTE, isto é, esquemas imagéticos constituídos de uma FRONTEIRA que distingue um INTERIOR de um EXTERIOR, que emergiriam de experiências como a que temos com nosso corpo na condição de recipiente de alimentos ingeridos e excretados, de oxigênio inspirado e expirado. Ou seja, a Categoria Radial é um RECIPIENTE, e as subcategorias que a constituem também o são.
- (ii) CENTRO-PERIFERIA, isto é, esquemas imagéticos constituídos de CENTRO-PERIFERIA que emergiriam de experiência como a percepção de que o nosso corpo está dividido em tronco na condição de centro e membros na condição de periféricos. Ou seja, tal esquema é

responsável pela distinção entre a subcategoria central e as demais subcategorias.

- (iii) Além de serem constituídos por modelos metonímicos ou metafóricos, os conectores entre as subcategorias podem ser constituídos por esquemas imagéticos de LIGAÇÃO, que emergiriam, por sua vez, de experiências como a de termos nascido preso a um cordão.

Nessa perspectiva Lakoff estima que:

(...) estruturas radiais não são apenas um tipo de estrutura de categorias que produzem efeitos prototípicos. Trata-se, na verdade, de um tipo de categoria que mais radicalmente se afasta das teorias clássicas: Primeiro, porque não há apenas uma única representação para uma estrutura categorial de natureza radial. Pois, é necessário fornecer a representação de uma subcategoria central e demais representações relativas a cada subcategoria não centrais, já que não há como estabelecer princípios que prevejam os casos não centrais a partir do caso central. Segundo, uma teoria da motivação é requerida, já que não há como prevê as subcategorias não centrais a partir da subcategoria central. Terceiro, é necessário formular uma teoria acerca dos tipos de ligações entre as subcategorias não centrais e a central. Quarto, quando a natureza dessas ligações é explicitada detalhadamente, constata-se que uma explicação adequada destas ligações requeira uma teoria experiencialista acerca do pensamento conceptual, da razão e de todos os tipos de modelos cognitivos que mencionamos acima: proposicional, metafóricos, metonímicos e imagem-esquemática. (1987, p. 379). (Tradução Nossa).

Em assim sendo, para discutirmos adequadamente uma proposta de modelo hipotético da Categoria Radial *Cabra*, teríamos que tratar do status da subcategoria central, no caso, o significado não metafórico *animal*, e as demais representações relativas a cada subcategoria não central com base nos vários significados metafóricos de homem, a partir de uma teoria da motivação em relação aos dois esquemas aqui abordados. Teríamos, ainda, que prover explicação mais aprofundada das ligações ou extensões metonímicas e metafóricas entre as subcategorias a partir de considerações acerca da experiência corpórea em ambos os esquemas mencionados à luz dos cinco tipos de MCIs postulados por Lakoff (1987).

Como não asumiremos a tarefa de prover as abordagens necessárias apontadas por Lakoff (1987) para uma proposta de Categoria Radial, por não ser esse nosso escopo, discutiremos, no entanto, de forma bastante preliminar, conforme já assinalado, alguns aspectos para uma proposta de modelo hipotético da Categoria Radial *Cabra*. Nesse sentido argumentaríamos que a polissemia da expressão convencional *Cabra* ao ser estruturada pelo *agrupamento de modelos* que constitui o MCI Proposicional *HOMEM*,

isto é, pelo MCI HOMEM CABRA e CABRA, teria como subcategoria central o significado não metafórico *animal*, que estabeleceria diferentes tipos de extensões com as demais subcategorias não centrais, representadas por significados metafóricos da expressão em foco. Ou seja, ao se conectar por meio do complexo metafórico formado pela metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO e pelas metáforas animais congruentes SER HUMANO É ANIMAL, PESSOAS SÃO ANIMAIS e PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS, a subcategoria central *animal* apresentaria diferentes configurações em função das diferentes formas de organizar o conhecimento experienciado em termos da relação homem e cabra por parte dos falantes fortalezenses na contemporaneidade; e por parte dos membros da comunidade rural nordestina em dado momento.

Dessa forma, sugerimos que, em termos de bases gerais da Categoria Radial *Cabra*, haveria duas diferentes configurações, quais sejam:

- i. A subcategoria *animal* se encontraria ao centro da Categoria Radial *Cabra* e estaria relacionada com as demais subcategorias não centrais, com base no complexo de metáforas PERSISTIR É MANTER-SE ERETO, HOMEM É CABRA, HOMEM VALENTE, RESISTENTE, DETERMINADO É CABRA, HOMEM SERTANEJO, ILETRADO, RÚSTICO É CABRA, isto é, a subcategoria *animal* estaria relacionada por meio de ligações metafóricas com as subcategorias não centrais mais representativas *um homem* (um sujeito), *cabra macho* e *cabra da peste*; e estaria relacionada por ligações metafóricas com as subcategorias não centrais menos representativas *morador ou originário de zona rural*, *mestiço*, *capanga* e *cangaceiro* a partir do esquema dos falantes fortalezense na contemporaneidade.
- ii. A subcategoria *animal* se encontraria ao centro e estaria relacionada com as demais subcategorias não centrais, com base no complexo de metáforas PERSISTIR É MANTER-SE ERETO, HOMEM É CABRA, HOMEM MESTIÇO, ESFORÇADO, VALENTE, SEXUAL, CONFIÁVEL É CABRA e HOMEM IRREQUIETO, ARREBATADO, ENDIABRADO É CABRA, isto é, a subcategoria *animal* estaria relacionada por meio de ligações metafóricas com as subcategorias não

centrais mais representativas *qualquer sujeito, morador ou originário de zona rural, mestiço e cangaceiro*; e estaria relacionada por meio de ligações metafóricas com as subcategorias não centrais menos representativas *cabra da peste, cabra macho e cabra bom* a partir do esquema dos membros da comunidade nordestina rural em dado momento

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme assinalado na Introdução de nossa tese intitulada *A Análise da Expressão Convencional Cabra sob a Perspectiva da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados*, o nosso principal objetivo se constituiu no exame das correspondências entre pensamento metafórico/conceptual, linguagem e cultura a partir da abordagem da polissemia da expressão convencional *cabra* que, por sua vez, se desdobra em três objetivos secundários:

1. Analisar o tratamento polissêmico dado à expressão convencional *cabra* em definições elaboradas por equipe de dicionário geral, por autores dos dicionários de cearês e por especialistas.
2. Analisar os usos e ocorrências da expressão convencional *cabra* em documentos literários (romances regionais, cordeis e peças de teatro).
3. Analisar de que maneira os falantes circunscritos ao perímetro urbano de Fortaleza e com base em suas experiências corpóreas, tanto física e socioculturalmente situadas, fazem emergir conceitos relativos à figura masculina, especialmente aqueles que licenciam a expressão convencional *cabra*.

Nessa perspectiva, consideramos que nosso objetivo foi realizado de forma satisfatória, tendo em vista que, com base no resultado obtido a partir da análise de três diferentes gêneros - definição, documentos literários e questionários -, discutimos quais são os procedimentos cognitivos e culturais que se encontram implicados na estruturação da polissemia da expressão convencional *cabra*. Ou seja, a partir das sete definições acerca da expressão convencional *cabra*, agrupadas, por sua vez, a partir do que classificamos como definição de caráter autorizado, de senso comum e especializado; das 58 ocorrências da expressão em questão identificadas com base na abordagem de cinco documentos literários (CABOCLO, 2000; CASTRO, 2006; OLIMPIO, 1984; RÊGO 1982; SUASSUNA, 2005); e das informações fornecidas por 153 respondentes residentes em Fortaleza a partir de 51 perguntas formuladas em cinco questionários e analisadas à luz de cinco critérios, pleiteamos que a polissemia da expressão convencional *cabra* é estruturada pelo *agrupamento de modelos* que constituem o MCI Prosicional HOMEM do tipo Categoria Radial *Cabra*. Além disso, ainda que de forma introdutória e preliminar,

discutimos uma proposta para bases gerais do modelo hipotético de Categoria Radial *Cabra*.

Em outras palavras, consoante Lakoff (1987), para tratar da relação entre significados disjuntos de um dado item lexical, isto é, do fenômeno polissêmico de um item lexical, numa perspectiva semântico-conceptual, se teria que abordar a organização conceptual de um dado sistema conceptual com base no MCI Proposicional estruturado a partir de um agrupamento radial. Dessa forma, com a análise da polissemia da expressão convencional *cabra* à luz do MCI Proposicional HOMEM do tipo Categoria Radial *Cabra*, argumentamos a favor dos seguintes resultados:

(i) O domínio conceptual fonte *animal* do MCI CABRA mapeia o domínio conceptual alvo *homem* do MCI HOMEM CABRA, motivados por experiências corpóreas físicas e socioculturalmente situadas por parte de membros da comunidade contemporânea de Fortaleza e por parte dos membros da comunidade rural nordestina das quais emergem o complexo metafórico PERSISTIR É MANTER-SE ERETO; SER HUMANO É ANIMAL PESSOAS SÃO ANIMAIS e PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS; e,

(i) O MCI HOMEM CABRA mapeia metonimicamente o MCI Proposicional HOMEM formando, assim, um *agrupamento de modelo*, ou ainda um agrupamento radial *Cabra*.

Em assim sendo, pleiteamos que as correspondências entre pensamento conceptual, linguagem e cultura que envolvem a polissemia da expressão convencional *cabra* se evidenciam na estruturação, de natureza conceptual, dos diferentes significados da expressão convencional em questão no âmbito do *agrupamento de modelos* que constituem o MCI Proposicional HOMEM, cuja base experiencial é motivada, primordialmente, por metáforas de natureza universais ou quase universais, a exemplo da metáfora primária PERSISTIR É MANTER-SE ERETO e da metáfora animal de nível genérico SER HUMANO É ANIMAL; e por metáforas animais de nível específico PESSOAS SÃO ANIMAIS e PESSOAS ABJETAS SÃO ANIMAIS que variam em função das experiências socioculturalmente situadas no que diz respeito à relação entre homem e cabra por parte dos membros da comunidade contemporânea de Fortaleza e por parte dos membros da comunidade rural nordestina em dado momento.

Além disso, por termos verificados a existência de dois esquemas acima assinalados, refinamos nossa análise em prol dos seguintes resultados:

(i) A partir do esquema dos falantes fortalezense na contemporaneidade, o significado não metafórico *animal*, na condição subcategoria central do MCI Proposicional HOMEM de agrupamento radial *Cabra*, a partir do mapeamento do complexo de metáforas PERSISTIR É MANTER-SE ERETO, HOMEM É CABRA, HOMEM VALENTE, RESISTENTE, DETERMINADO É CABRA, HOMEM SERTANEJO, ILETRADO, RÚSTICO É CABRA, se encontraria relacionado com os significados mais representativos e menos representativos, na condição de subcategorias não centrais, *um homem* (um sujeito), *cabra macho*, e *cabra da peste*; e *morador ou originário de zona rural*, *mestiço*, *capanga*, e *cangaceiro*, respectivamente.

(ii) A partir do esquema dos membros da comunidade nordestina rural em dado momento, o significado não metafórico *animal*, na condição de subcategoria central do MCI Proposicional HOMEM de agrupamento radial *Cabra*, a partir do mapeamento do complexo de metáforas PERSISTIR É MANTER-SE ERETO, HOMEM É CABRA, HOMEM MESTIÇO, ESFORÇADO, VALENTE, SEXUAL, CONFIÁVEL É CABRA e HOMEM IRREQUIETO, ARREBATADO, ENDIABRADO É CABRA, se encontraria relacionado, com os significados metafóricos mais representativos e menos representativos, na condição de subcategorias não centrais, *qualquer sujeito morador ou originário de zona rural*, *mestiço*, *cangaceiro*; e *cabra da peste*, *cabra macho*, *cabra bom*, respectivamente

Dessa forma, acreditamos que há evidências no sentido de que para que se possam compreender os procedimentos cognitivos atuantes na conceptualização de homem em termos de cabra, é necessário examinar as correspondências entre pensamento conceptual, linguagem e cultura. Ou seja, a nosso ver, são consistentes os processos de natureza corpórea e socioculturalmente situados que motivam a conceptualização de uma figura masculina compreendida por meio da expressão convencional *cabra* por parte tanto de membros da comunidade de Fortaleza como por parte de membros da comunidade rural nordestina em dado momento.

Por outro lado, é mister destacar que alguns aspectos relativos à correspondência entre pensamento conceptual, linguagem e cultura não foram satisfatoriamente por nós contemplados, quais sejam: os aspectos variacionais

relativos aos usos dos significados polissêmicos da expressão *cabra* em termos de idade, classe social e gênero bem como aqueles que se referem às abordagens mais psicológicas e inconscientes dos processos de conceptualização da relação entre homem e cabra no âmbito da comunidade contemporânea dos falantes fortalezenses. Além disso, conforme já assinalado, o modelo hipotético da Categoria Radial *Cabra* foi apenas aqui tratado de forma introdutória e preliminar. Nesse sentido, avaliamos que merecerá que se discutam, *a posteriori*, os aspectos variacionais relativos aos usos dos significados polissêmicos da expressão *cabra* no âmbito da comunidade dos falantes fortalezenses bem como se investigue de forma aprofundada uma proposta de modelo hipotético da Categoria Radial *Cabra*.

Nessa perspectiva, Freyre ainda nos sugere que:

O homem do povo do Nordeste tem hoje pouco de todas essas figuras, um pouco dos característicos em que se especializou cada uma delas. Do mesmo modo que tem o sangue de todas mais o sangue-azul das casas-grande. E, em certos trechos, é talvez o mestiço brasileiro mais próximo daquela relativa estabilidade de traços, semelhante à do polinésio, que um dia permitirá talvez falar-se de uma raça ou quase-raça brasileira de homem moreno do Nordeste, se alguma massa considerável de imigração estrangeira não vier, em dia mais próximo, perturbar a miscigenação dos elementos tradicionais. Mas pertubá-lo de modo violento, que lhe destrua os característicos já quase assentados, entre traços ainda instáveis e variados. (2004, p. 122).

Ademais, o nosso pensador pernambucano nos faz ainda conhecer e pensar a respeito de um aforismo que circurlava em Pernambuco segundo o qual *Todo doce se converte em cólera*, o que nos faz lembrar de outro que dizia que *Não há doce ruim e cabra bom*, aqui tratado.

À guisa de conclusão, consoante Lakoff (1987), os estudos voltados para a polissemia com base no MCI Proposicional do tipo Categoria Radial, a exemplo de Brugman, mostram que o caráter arbitrário da relação entre significado e forma se encontraria mais distante do léxico mental do que se poderia imaginar. Para Lakoff (1987), o que poderia ser efetivamente arbitrário seria a sequência fonêmica de *cabra*, por exemplo. Mas, o fato de essa sequência fonêmica apontar para as relações conceptuais acima discutidas, tornaria uma abordagem com base numa visada arbitrária bastante inconsistente. Dessa forma, ainda para o pensador californiano, estruturar a relação entre significados disjuntos a partir de MCI Proposicional do tipo Categoria Radial, no âmbito do léxico mental, serviria para reduzir postulações acerca do caráter arbitrário da correspondência entre significado e forma.

Em suma, embora acreditemos que seja necessário que se investiguem os processos psicológicos envolvidos na estruturação da relação dos significados disjuntos da expressão convencional *cabra* com base no MCI Proposicional HOMEM de Categoria Radial *Cabra*, estimamos que, com nosso trabalho, contribuimos, ainda que modestamente, para a discussão acerca da arbitrariedade entre significado e forma tanto no âmbito da Semântica Cognitiva como no âmbito da Semântica Lexical.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981.
- BARCELONA, Antônio. O poder da metonímia. In: SIQUEIRA, Maity (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre. n. 25, p.7-24, jul-dez. 2009.
- BORBA, Francisco Silva da. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora Unesp, 2003
- BRUGMAN, Claudia. **The story of over: polysemy, semantics and the structure of the lexicon**. New York: Garland, 1988.
- BORODISTSKY, Lera. Does language shape thought?: mandarin and english speaker's conceptions of time. **Cognitive Psychology**, Academic Press. n. 43. p.1-22, 2001.
- CAMERON, Lynne. **Metaphor in Educational Discourse**. London: Continuum, 2003.
- CAMERON, Lynne. Confrontation or complementarity: Metaphor in language use and cognitive metaphor theory. **Annual Review of Cognitive Linguistics**. n.5. p.107-135, 2007.
- CAMERON, Lynne; DEIGNAN, Alice. A emergência da metáfora no discurso. In: SIQUEIRA, Maity (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre. n. 25, p. 143-167, jul-dez. 2009.
- CABOCLO, Manoel. **Manoel caboclo**. São Paulo: Editora Hedra, 2000.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Coisas que o povo diz**. 2. ed. São Paulo: Globo Editora, 2009. 1. ed., 1968.
- CABRA RAPARIGUEIRO. Disponível em: [http://www.hipermusicas.com/magnatas\\_do\\_forro/cabra\\_raparigueiro](http://www.hipermusicas.com/magnatas_do_forro/cabra_raparigueiro), acessado em 16 jun 2010.
- CASTRO, Nei Leandro de. **As peijas de ojuara: o homem que desafiou o diabo**. São Paulo: Editora ARX, 2006.
- CLARK, Herbert. Dogmas of understanding. **Discourse Processes**. Ablex Publishing Corporation. n.23. p.567-598, 1997.
- COSTA, Nelson Barros da. **A produção do discurso litero-musical brasileiro**. São Paulo, 2001, Tese (Doutoramento). PUC, 2001.
- COSTA, Sergio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- D'ANDRADE, Roy. **The development of cognitive anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- DEZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna. Introdução: a disciplina e a prática de pesquisa qualitativa. In: DEZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna e col. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2006. p.15-41.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, Adele (Org.). **Conceptual structure, discourse, and language**. Stanford: CSLI/Cambridge, 1996. p. 113-129.

- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Principles of conceptual integration. In: KOENIG, Jean-Pierre (Ed.). **Discourse and Cognition**. Stanford, CA: Center for the Study of Language and Information, 1998. p. 269-283.
- FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: Edipurcs, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5 ed. Editora Positivo, 2004.
- FERREIRA, Luciane Corrêa. **A compreensão da metáfora em língua estrangeira**. Porto Alegre, 2007, Tese (Doutoramento em Letras). UFRGS, 2007.
- FILMORE, Charles J. Semântica de frames. In: SIQUEIRA, Maity (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre. n. 25, p.25-54, jul-dez. 2009.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. 7. ed. São Paulo: Global Editora, 2004. 1. ed, 1937.
- GADELHA, Marcus. **Dicionário de cearês**. Fortaleza: Multigraf, 1999.
- GALLESE, Vittorio; LAKOFF, George. The brain's concepts: the role of the sensory-motor system in conceptual knowledge. **Cognitive Neuropsychology**. n. 21. p.1- 25, 2000.
- GEERAERTS, Dirk. A prática definitória dos dicionários e a concepção semântico-cognitiva de polissemia. In: SIQUEIRA, Maity (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre. n 25. p.55-76, jul-dez. 2009.
- GIBBS, Raymond. **The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding**. New York: Cambridge University Press, 1994.
- GIBBS, Raymond. **Embodiment and cognitive science**. Cambridge: CUP, 2006.
- GIBBS, Raymond. Metaphor and thought: the state of the art. In: GIBBS, Raymond. (Ed.). **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press, 2008. p.3-13.
- GIBBS, Raymond. Porque a linguística cognitiva deveria se preocupar mais com métodos empíricos. In: SIQUEIRA, Maity (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre. n. 25, p.193-215, jul-dez. 2009.
- GIBBS, Raymond. The wonderful, chaotic, creative, heroic, challenging world of researching and apply metaphor. In: LOW, Graham et al. (Ed.), **Researching and applying metaphor in the real world**. Human cognitive processing 26. John Bejamins Publishing Company, 2010. p.1-18.
- GIBBS, Raymond. Evaluating conceptual metaphor theory. **Discourse Processes**, New York: Routlegde. n. 48. p. 529-562, 2011.
- GIBBS, Raymond; O'BRIEN, Jennifer E. – Idioms and mental imagery: the metaphorical motivation for idiomatic meaning. **Cognition**. n.36, p.35-68,1990.
- GRADY, Joseph. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. 1997. PhD Dissertation. Graduate Division, University of California, Berkeley, 1997.

GRADY, Joseph. Primary metaphors as inputs to conceptual integration. **Journal of Pragmatics**, n. 37. p. 591-614, 2005.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

JOHNSON, Mark. Philosophy's debt to metaphor. In: GIBBS, Raymond (Ed.). **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press. 2008. p.39-52.

KLEIN, Devorah E.; MURPHY, Gregory L. The representation of polysemous words. **Journal of Memory and Language**, n. 45, p.259-282, 2001.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture**: universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltán. Variation in Metaphor. In: VIEIRA, Josalba; VEREZA, Solange (Org.). **Ilha do Desterro**. Florianópolis. n. 53. p.13-39, 2007.

KÖVECSES, Zoltán. Universalidade versus não-universalidade metafórica. In: SIQUEIRA, Maity (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 25, p.257-277, jul-dez. 2009.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor**: a practical introduction. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. Cognitive semantics. In: ECO, Umberto; SANTAMBROGIO, Marco; VIOLLI, Patrizia (Org.). **Meaning and Mental Representation**. Indianapolis: Indiana University Press, 1988. p.119-154.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p.202-251.

LAKOFF, G. The neural theory of metaphor. In: GIBBS, Raymond W (Ed.). **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p.17-38.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC e Mercado das Letras, (1980), 2002.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, Ronald. A usage-based model: In: BRYGIDA, Rudzka-Ostyn (Ed.). **Topics in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p.127-161.

LIMA, Paula Lenz Costa. **Desejar é ter fome**: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais. Campinas, 1999, Tese (Doutoramento em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Categorização semântica: uma retrospectiva de teorias e pesquisa. **Revista do Gelne**. v. 4, n. 1/2, 2002.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Cognição e linguística. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto (Orgs.). **Cognição e linguística**: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p.9-37.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**. 4 .ed. Maceió: Editora UFAL, 2008.

MENEZES, Eduardo D de. **Das classificações temáticas da literatura de cordel**: uma querela inútil. s/d. Disponível em: <http://www.bahai.org.br/cordel/default.htm>, acessado em 15 jun. 2010.

MORIN, Edgar. **Introduction à la pensée complexe**. Paris: Ed. Du Seuil, 1990.

NARAYANAN, Srini. **Embodiment in language understanding**: sensory-motor representations for metaphoric reasoning about event descriptions. 1997. PhD dissertation - Department of Computer Science Division, University of California, Berkeley, 1997.

NETO, Lira. **Padre cícero**: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **Diabo no imaginário cristão**. Bauru: EDUSC, 2002.

NUNES, José Horta. **Análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes Editora. São Paulo: Fapesp. São José do Rio Preto: Fapesp, 2006.

OLIMPIO, Domingos. **Luzia homem**. São Paulo: Editora Moderna, 1984.

PONTES, Carlos Gildemar. **Super dicionário de cearensês**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2000.

PRAGGLEJAZ, Grupo. PIM: um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso. In: SIQUEIRA, Maity (Org.). **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre. n. 25, p.77-120, jul-dez. 2009.

RAKOVA, Marina. **The extent of the literal**. Nova York: Palgrave, 2003.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor – a case of frame conflict in our language about language”, in: ORTONY, Andrew (Ed.). **Metaphor and thought**. Nova York, Cambridge University Press, 1979. p. 284-324.

RÊGO, José Lins do. **Fogo morto**. 21. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

RODRIGUEZ, Irene Lopéz. Women, biches, chickens and vixens: animal metaphors for women in English and Spanish. **Revista de Estudios Culturales de la Universitat Jaume I**. v.VII. p.77-10, 2009.

ROSCH, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology**. General. n.104, p.192-233, 1975.

ROSCH, Eleanor et al. Basic object in natural categories. **Cognitive Psychology**, n.8. p.382-439, 1976.

ROSCH, Eleanor; MERVIS, Carolyn B. Family resemblances: studies in the internal structures of categories. **Cognitive Psychology**, n.7. p.573-605, 1975.

SARAIVA, Andréa. **Orélio cearense**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2001.

- SILVA, Augusto Soares da. O sentido múltiplo: polissemia, semântica e cognição. In: FELTES, Heloísa (Org.). Produção de Sentido. **Estudos Interdisciplinares**. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: EDUCS, 2003, p. 91-116.
- SILVA, Augusto Soares da. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (Org.). **Linguagem, cultura e cognição**. Coimbra: Livraria Almedina, 2004. v.1. p.1-18.
- SILVA, Augusto Soares da. **O mundo dos sentidos em português** – polissemia, semântica e cognição. Coimbra: Almedina, 2006.
- SILVA, M. N da. **Os forrozeiros e seu outro feminino**: a constituição discursiva de estereótipos da mulher em canções de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Dominguinhos. Fortaleza. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). UFC, 2008.
- SUASSUNA, Ariano. **Auto da compadecida**. 35. ed. Rio de Janeiro: Editora Agir. 2005. 1. ed, 1927.
- SWINNEY, David A. Lexical access during sentence comprehension: (re)consideration of context effects. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior** 18. Academic Press. 1979. p.645-659.
- TALMY, Leonard. **Toward a cognitive semantics**: concept structuring systems. Cambridge, Mass: MIT Press, 2000.
- TURNER, Mark. **Reading Minds**: the study of English in the age of cognitive science. Princeton: Princeton University Press, 1991
- UNGERER, Friedrich; SCHIMID, Hans-Jörg. **An introduction to cognitive linguistics**. Nova York: Longman, 1996.
- VARELA, Francisco. **Conocer**. 2. reimp. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **The embodied mind**: cognitive science and human experience, Cambridge, Mass: MIT Press, 1991.
- WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado lógico-filosófico/Investigações filosóficas**. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- YU, Ning. Metaphor from body and culture. In: GIBBS, Raymond (Ed.). **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press. p. 247-261, 2008.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Modelos Questionário

#### Modelo Questionário Instrumento

Sexo:

Idade:

Naturalidade (cidade e estado):

Ocupação:

1. O que lhe vem a mente quando você ouve a palavra Cabra? Liste as suas ideias.
2. Você acredita que o termo cabra é utilizado para designar indivíduo do sexo masculino?  
SIM [ ] NÃO [ ]  
Justifique sua resposta.
3. O que é para você verdadeiramente um Cabra. Ordene os termos abaixo numa lista.

Cabra da peste

Cabra Raparigueiro

Cabra Bom

Cabra Macho

Cabra Vei

Um homem

Capanga

Um sujeito qualquer

#### Modelo Questionário 1.

1. Você acredita que o homem e a mulher são animais?
2. Se você acredita que tanto o homem quanto a mulher são animais, qual seria a diferença entre homem/mulher animal e os demais animais?
3. Você acredita que haja diferenças entre o homem brasileiro nordestino e o homem brasileiro no geral? Por quê?
4. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA se refere a:
  - Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino.
  - Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro.
  - Apenas algum tipo de indivíduo/sujeito do sexo masculino brasileiro
5. Você acha que a expressão CABRA DA PESTE e CABRA MACHO se referem a:

- Qualquer indivíduo/sujeito do sexo masculino
  - Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro
  - Qualquer indivíduo/sujeito de sexo masculino brasileiro e nordestino
6. Você acha que CABRA é usado também para se referir:
- Qualquer indivíduo de sexo feminino
  - Qualquer indivíduo de sexo feminino brasileiro
  - Apenas alguns indivíduos de sexo feminino brasileiro
  - Só se refere a indivíduo do sexo masculino
7. Quando você ouve a expressão CABRA BOM, que tipo de imagem lhe vem à cabeça?
8. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um representante da mistura entre mulato e negro?
9. Você concorda com definição segundo a qual CABRA é um jagunço?
10. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um habitante da zona rural?
11. Você concorda com a definição segundo a qual CABRA é um cangaceiro?
12. Você concorda com a expressão que diz que "Não há doce ruim e cabra bom?"
13. "Não me mete medo! Vá dizer a este mata-cachorro que eu agüento. Sou homem, cabra. Sou homem!" Ao ler essa passagem do romance FOGO MORTO, de José Lins do Rego, você acha que essa idéia de homem é adequada, é real?

### Modelo Questionário 2.

1. Você gosta de animais?
2. Você cria algum animal?
3. Você tem ou já teve algum contato direto com *Cabra*?
4. Quando você pensa em *Cabra* o que lhe vem à mente?
5. Você associa *Cabra* a alguma simbologia?
6. Qual seria para você uma característica marcante de *Cabra*?
7. Você conhece alguma historia interessante com *Cabra*?
8. Você acha que *Cabra* estaria mais associada a alguma região do Brasil?
9. Você vê alguma função específica de *Cabra* para o contexto sócio-cultural em que vive?

10. Você acha que *Cabra* tem algum atributo que o relacione com a ideia de companheirismo?
11. Você acha que *Cabra* tem algum atributo que o relacione com a ideia de violência?
12. Você acha que *Cabra* tem algum atributo que o relacione com a ideia de valentia?
13. Você acha que *Cabra* tem algum atributo que o relacione com a ideia de virilidade?
14. Você acha que *Cabra* representa melhor o gênero masculino ou feminino?
15. Você gosta do cheiro de cabra?
16. O que você acha da aparência de *Cabra*? Você a/o acha um belo animal?

### Modelo Questionário 3

1. Você acredita que o homem é um animal? Por quê?
2. Você acredita que o homem possa ser representado por um animal? Qual seria e Por que razão?
3. Você concorda com que a imagem do homem nordestino seja representada por *Cabra*?
4. Você vê alguma diferença quando um homem (nordestino?) é chamado de *Cabra* ao invés de somente “Homem”, “Cara”, “Rapaz”? Qual seria essa diferença?
5. Em sua opinião, qual seria o aspecto físico relativo a *Cabra* que você acredita que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem?
6. Em sua opinião, qual seria o aspecto moral ou comportamental que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem?
7. Você acredita que seus pares (Avô, Pai, Marido, Companheiro, Amigos íntimos e em geral) possam ser chamados por você de *Cabra*? Por quê?
8. Você acredita que homens com os quais você não tem intimidade (Chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio e prestadores de serviços e autoridades de um modo geral) possam ser chamado por você de *Cabra*? Por quê?
9. Você acha que o *Cabra* tem nacionalidade ou naturalidade específica?

### Modelo Questionario 4

1. Você acredita que o homem é um animal? Por quê?

2. Você acredita que o homem possa ser representado por um animal? Qual seria e Por que razão?
3. Você concorda com que a imagem do homem nordestino seja representada por Cabra?
4. Você vê alguma diferença quando um homem (nordestino?) é chamado de *Cabra* ao invés de somente “Homem”, “Cara”, “Rapaz”? Qual seria essa diferença?
5. Em sua opinião, qual seria o aspecto físico relativo a *Cabra* que você acredita que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem ?
6. Em sua opinião, qual seria o aspecto moral ou comportamental relativo a Cabra que, em alguma medida, se assemelharia a de um homem?
7. Você acredita que seus pares (Avô, Pai, Marido, Companheiro, Amigos íntimos e em geral) possam ser chamados por você de *Cabra*? Por quê?
8. Você acredita que homens com os quais você não tem intimidade (Chefe, colegas de trabalho, anônimos na rua e no comércio e prestadores de serviços e autoridades de um modo geral) possam ser chamado por você de Cabra? Por quê?
9. Você acha que o *Cabra* tem nacionalidade ou naturalidade específica?
10. Você se vê representado por algum animal? Qual seria? Por quê?

**APÊNDICE B - Gráficos de Questionário.**Gráficos dos Questionário 1

Gráfico. V1

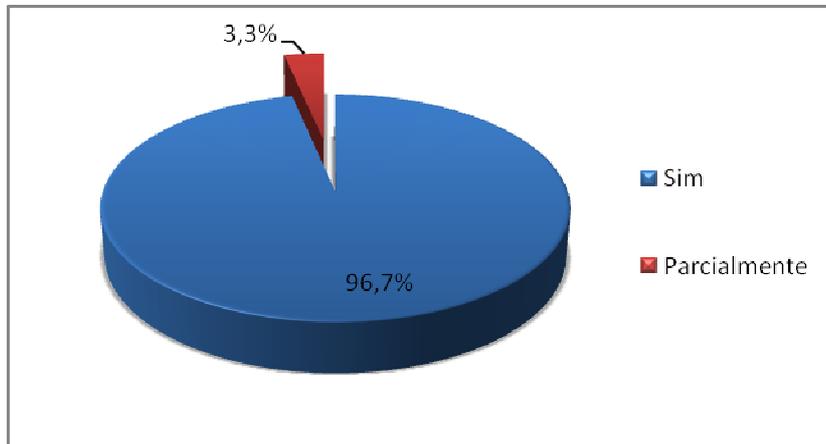


Gráfico. V3.1

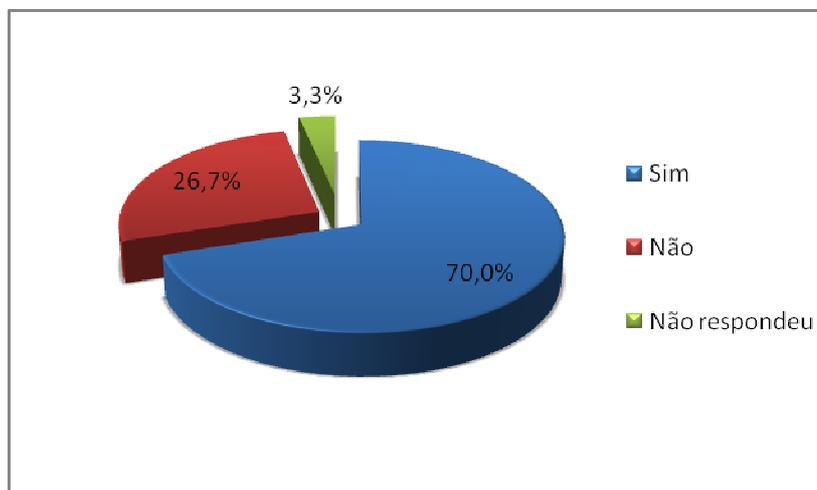


Gráfico.V4

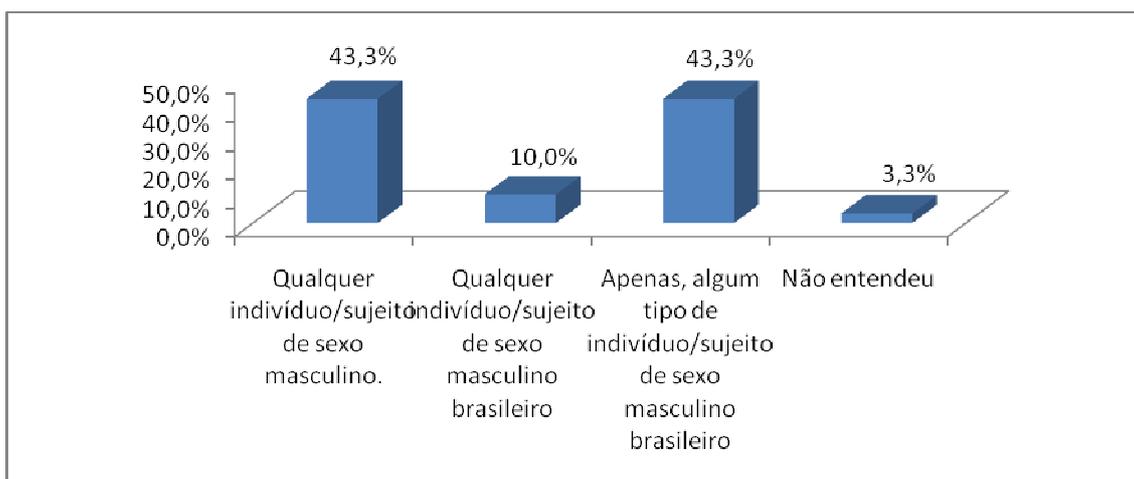


Gráfico. V5

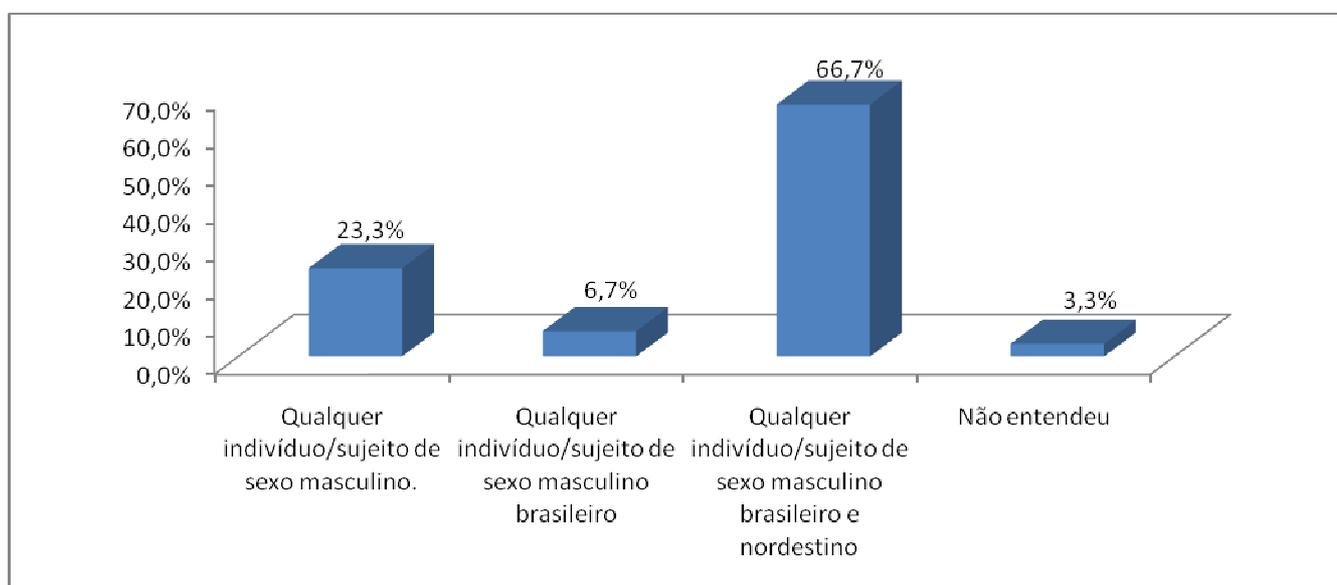


Gráfico. V6

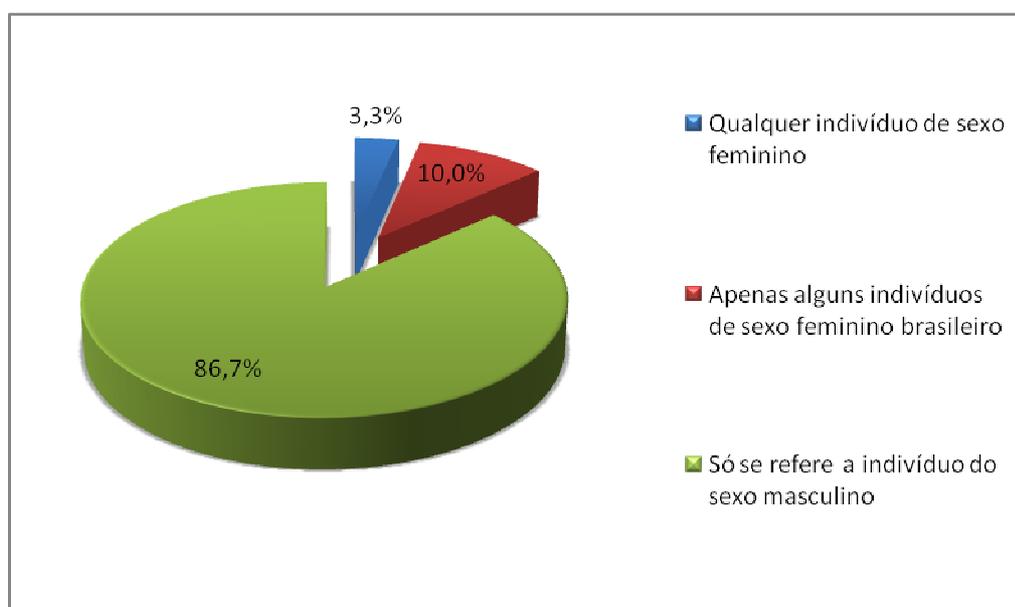


Gráfico. V8

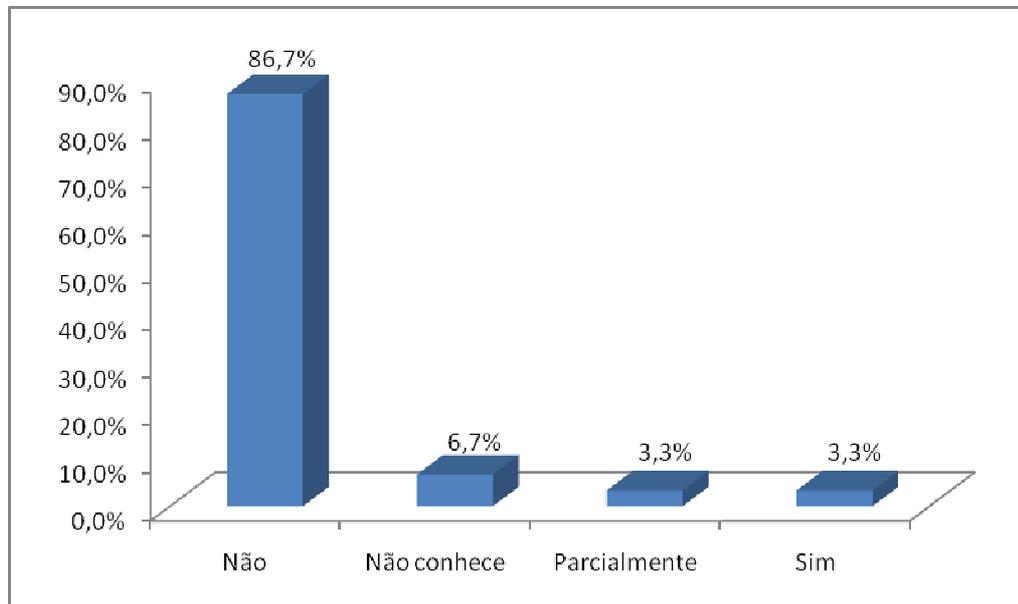


Gráfico. V9

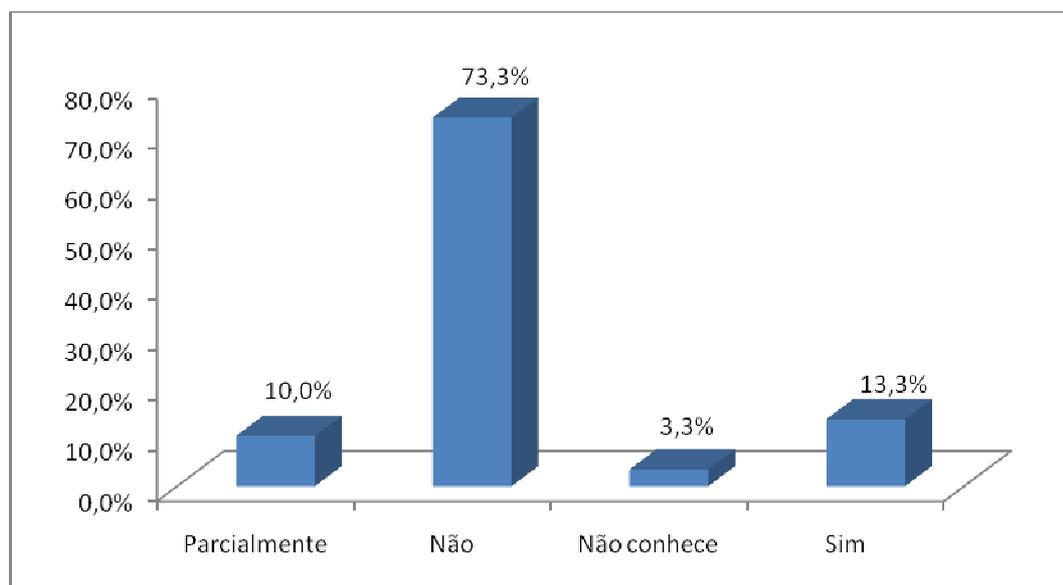


Gráfico. V10

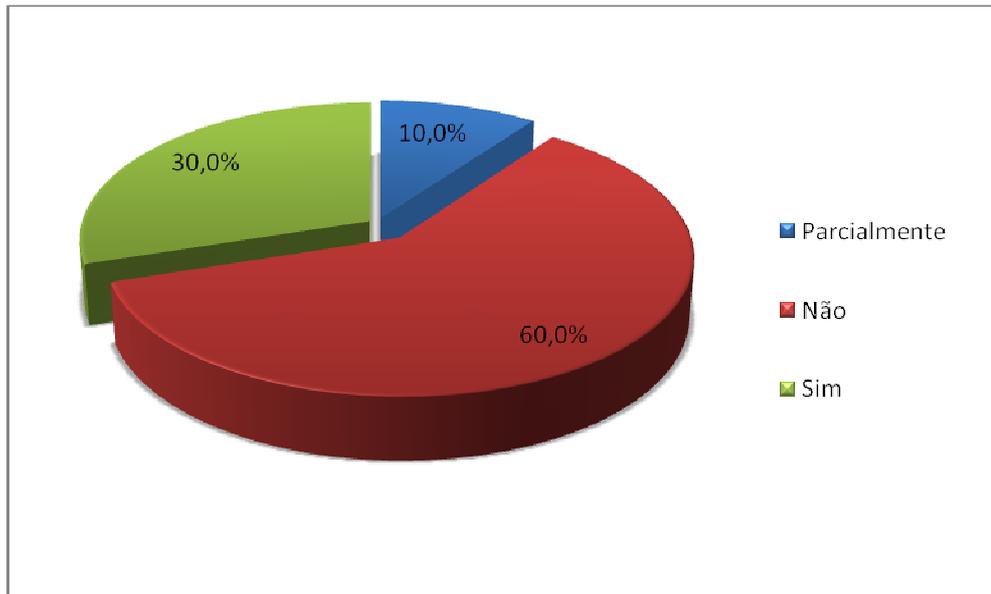


Gráfico. V11

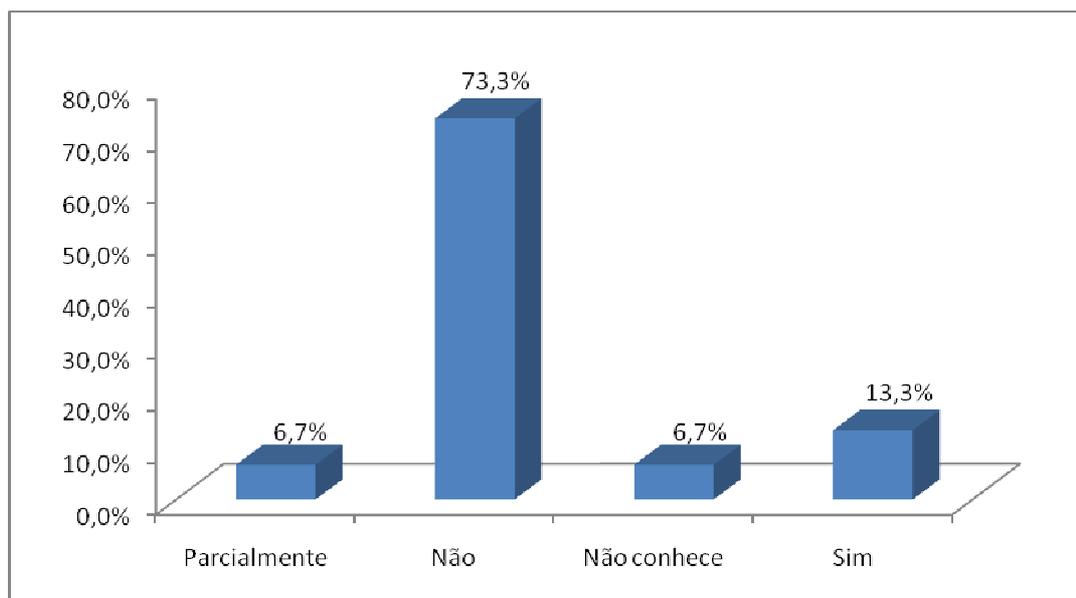


Gráfico. V12

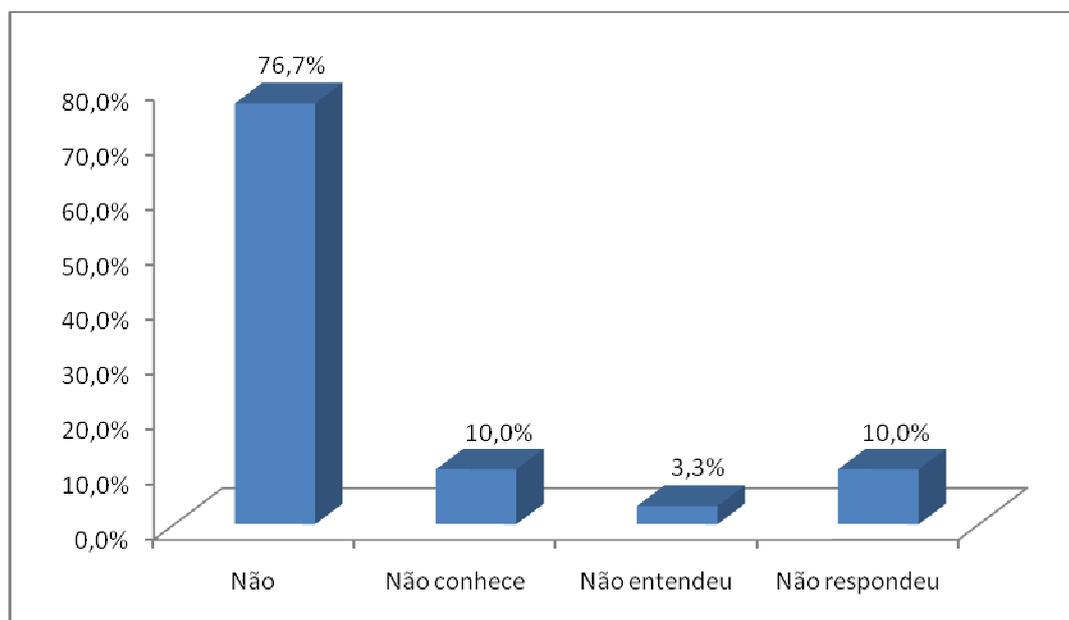


Gráfico. V13

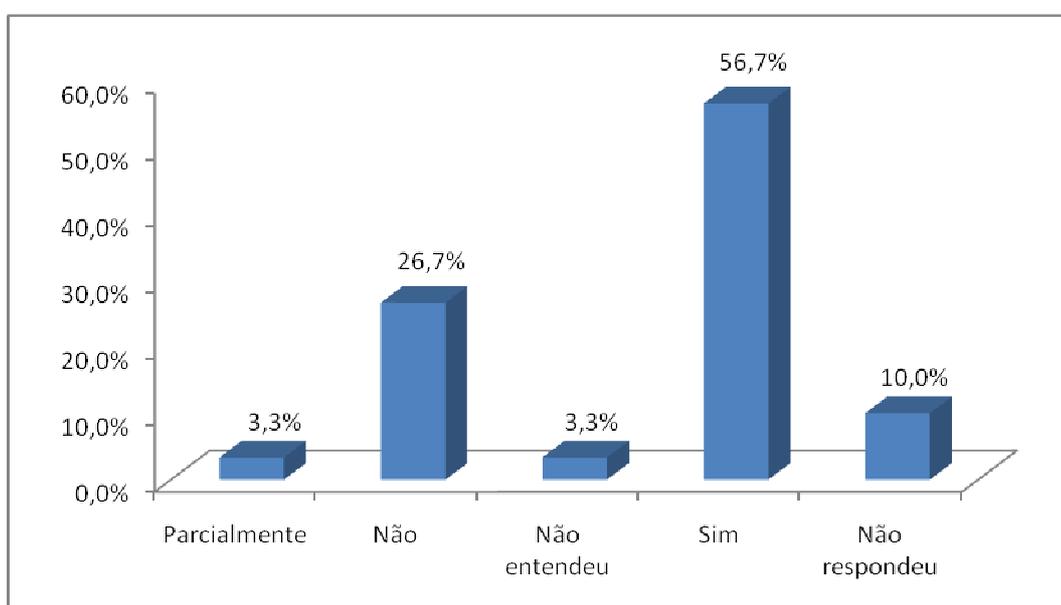


Gráfico dos Questionário 2

Gráfico. V1

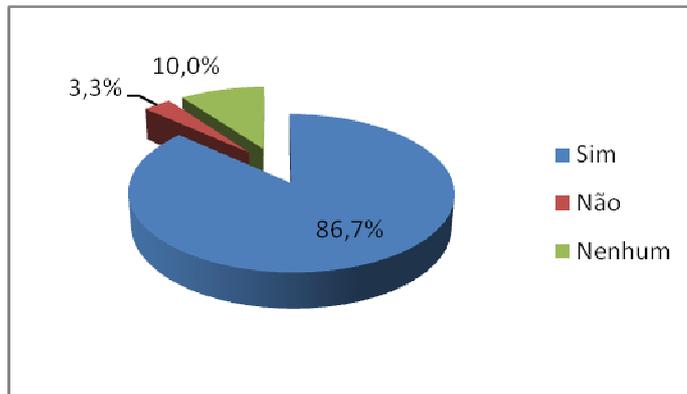


Gráfico. V2

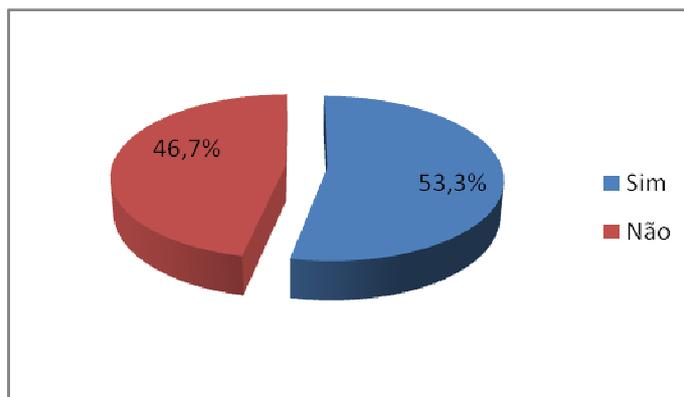


Gráfico. V3

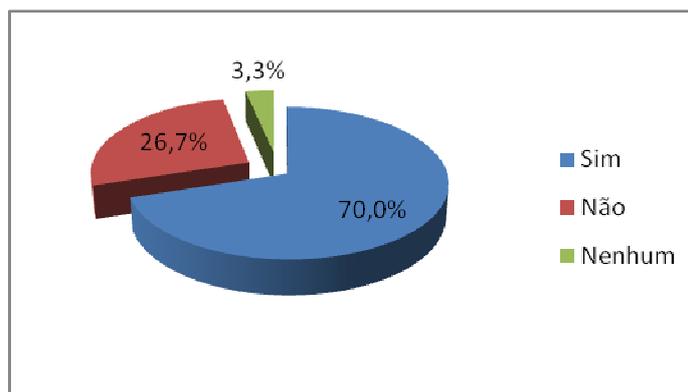


Gráfico. V5.1

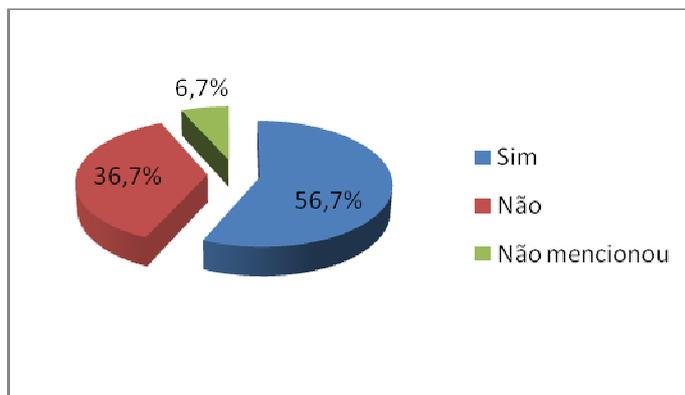


Gráfico. V7.1

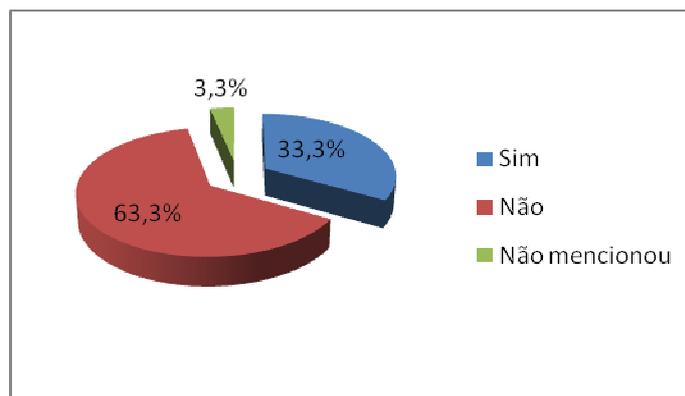


Gráfico. V8.1

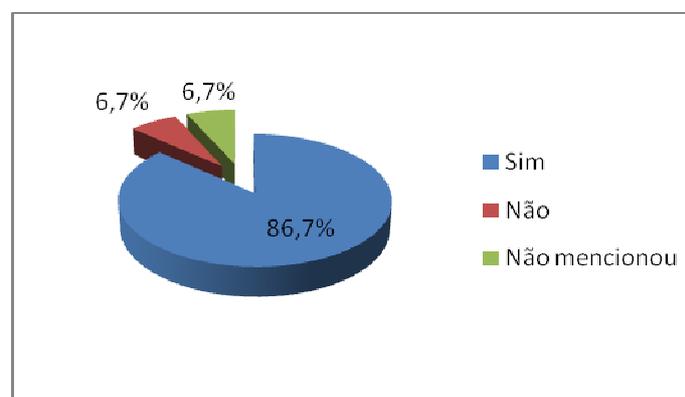


Gráfico. V8.2

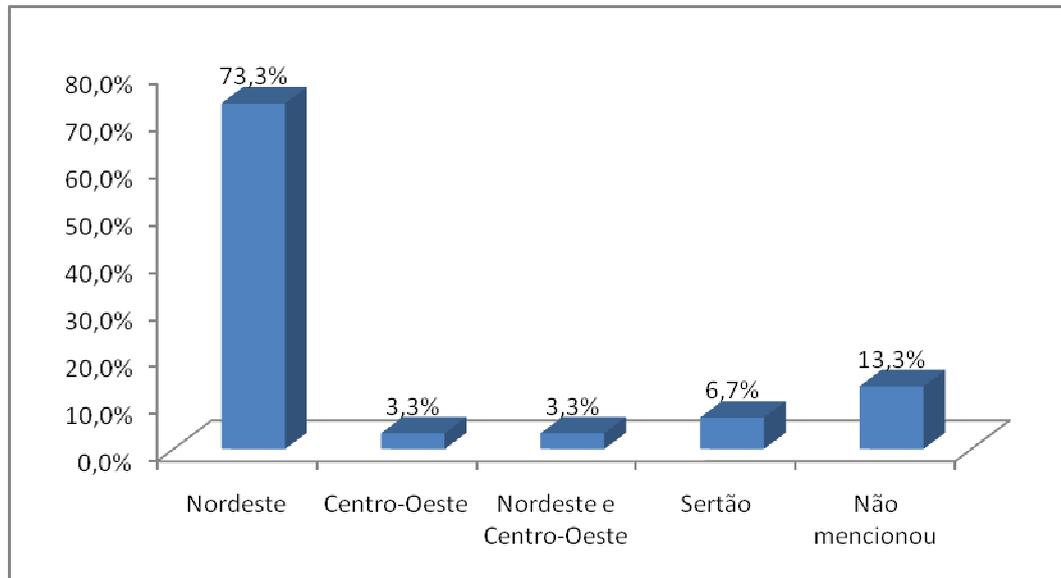


Gráfico. V9.1

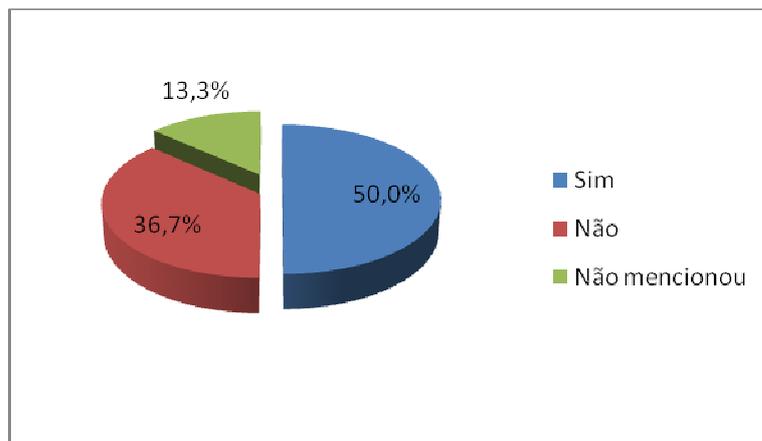


Gráfico. V10

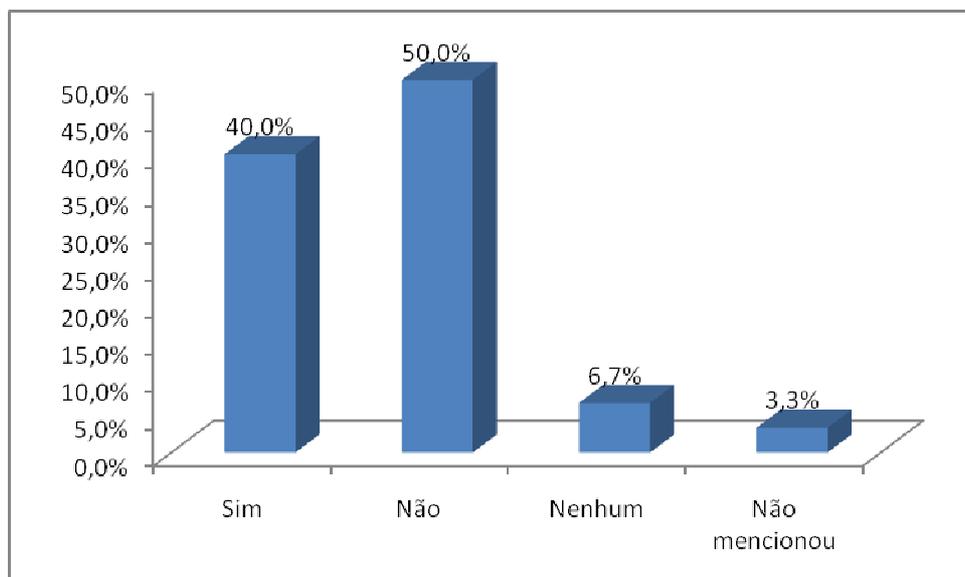


Gráfico. V11

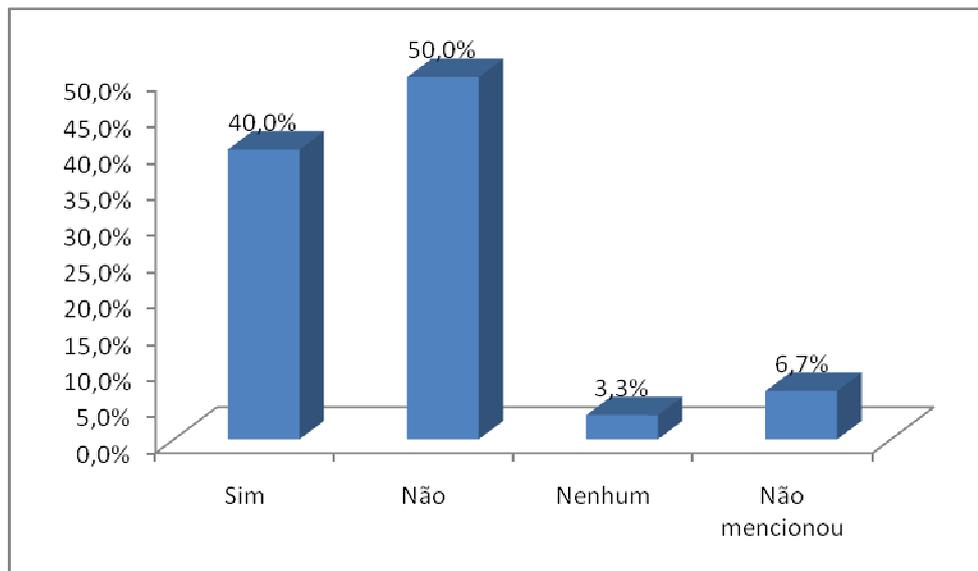


Gráfico. V12

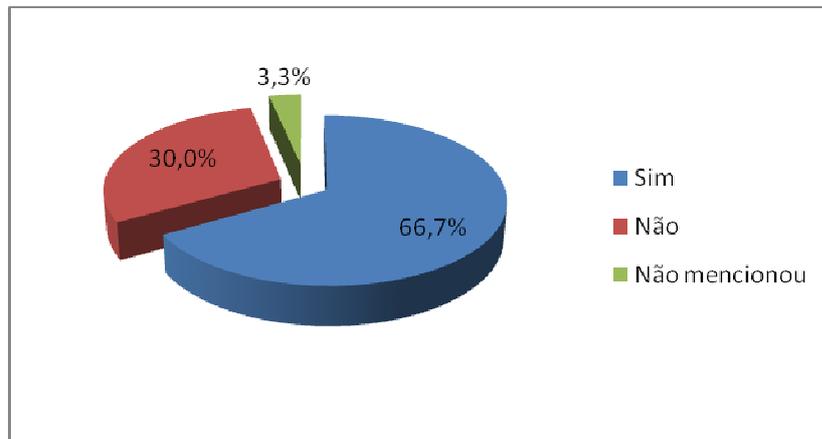


Gráfico. V13

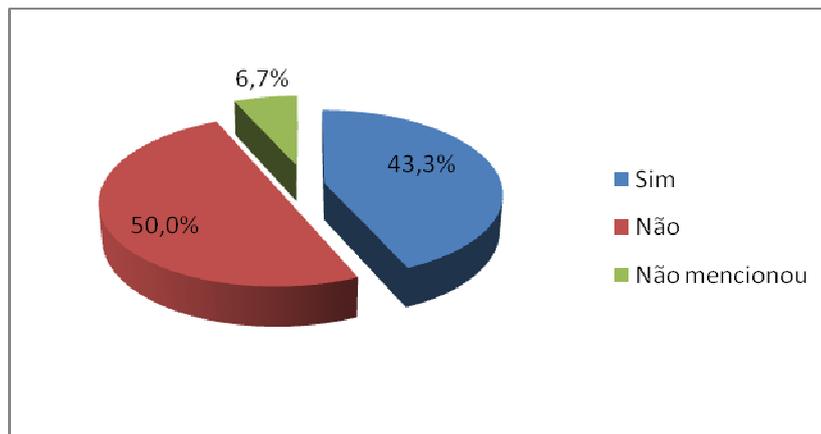


Gráfico. V14

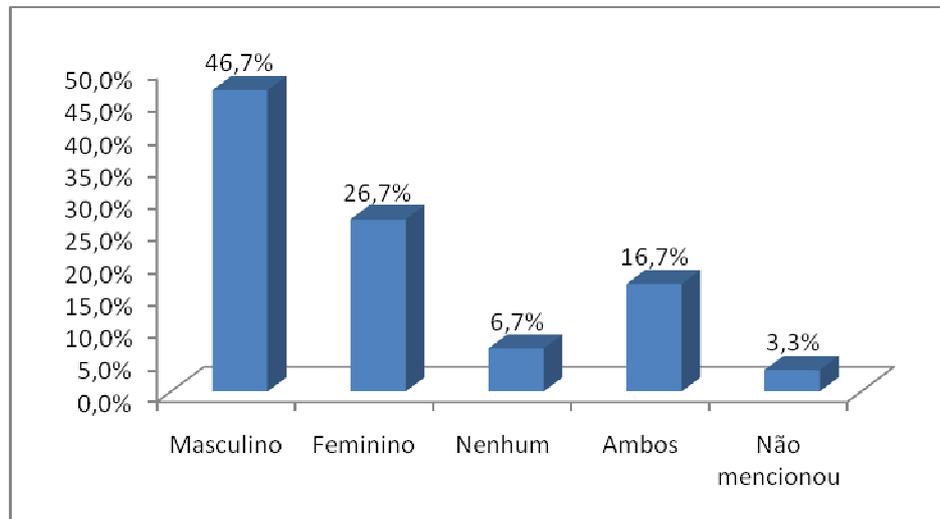


Gráfico. V15

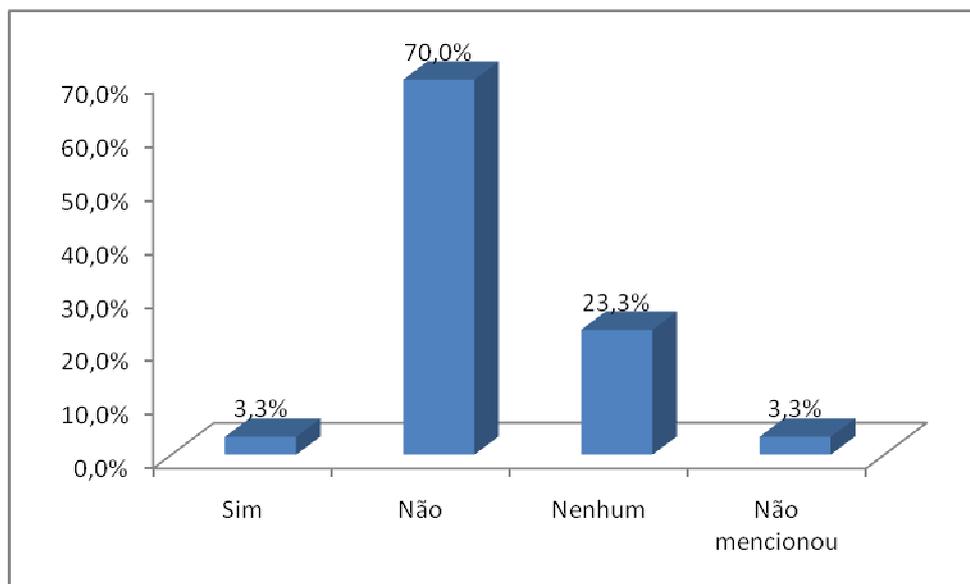
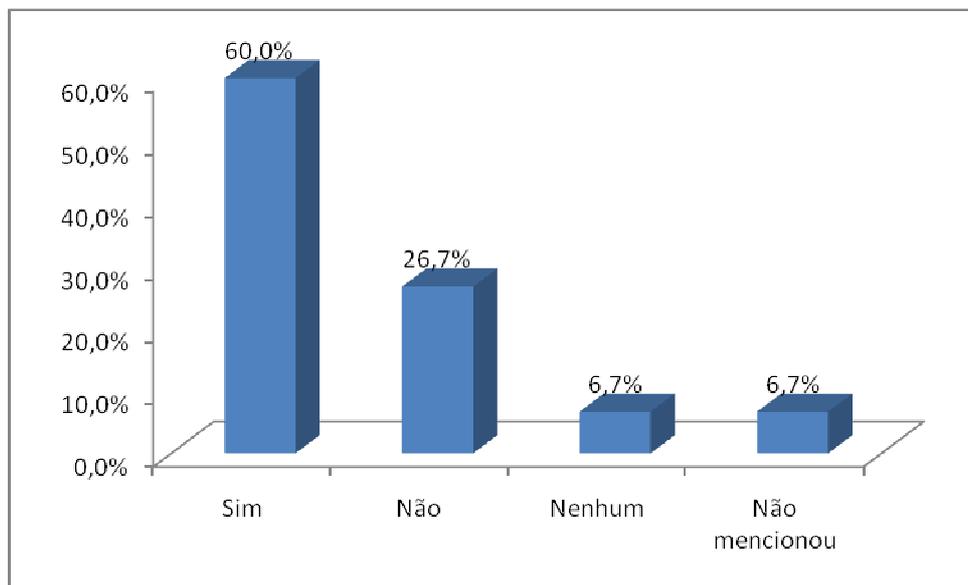


Gráfico. V16.2



### Gráficos do Questionário 3

Gráfico. V1

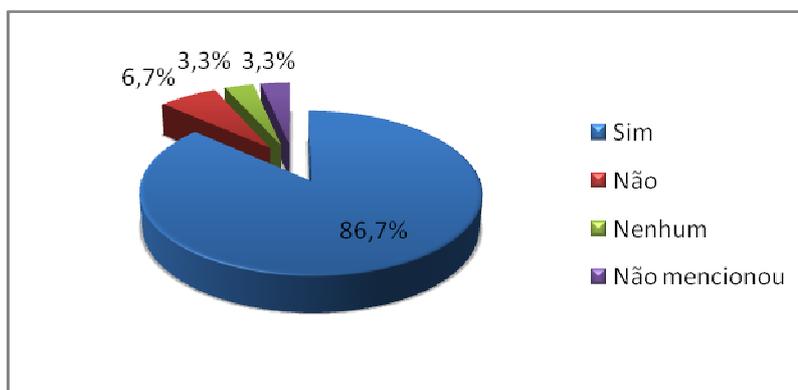


Gráfico. V2.1

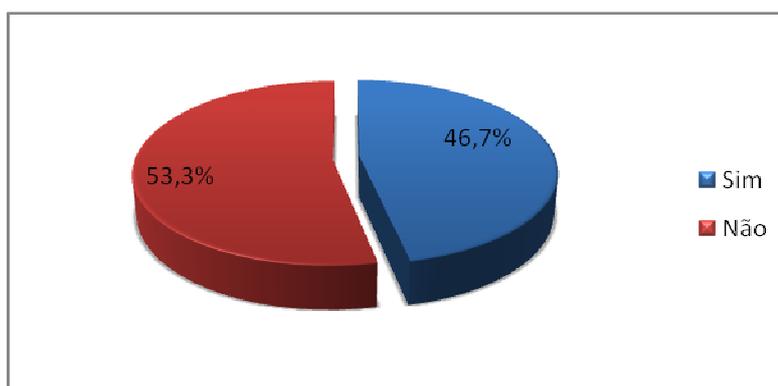


Gráfico. V2.2

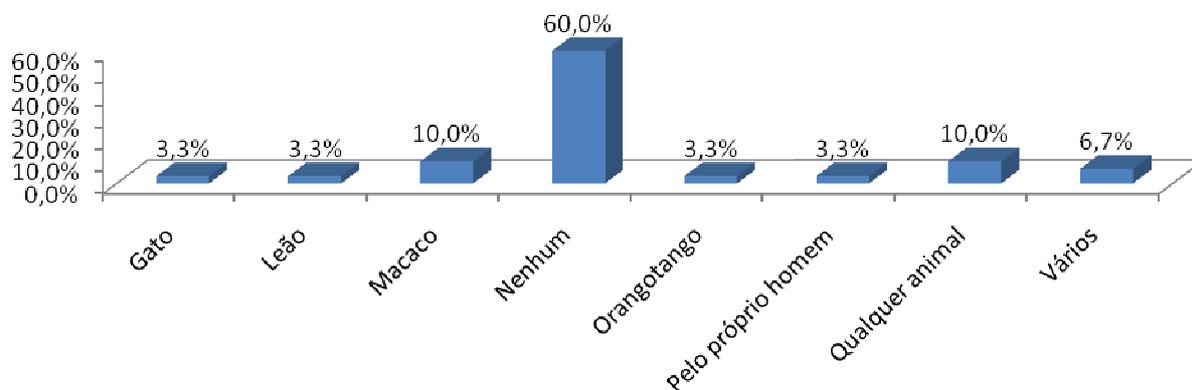


Gráfico. V3

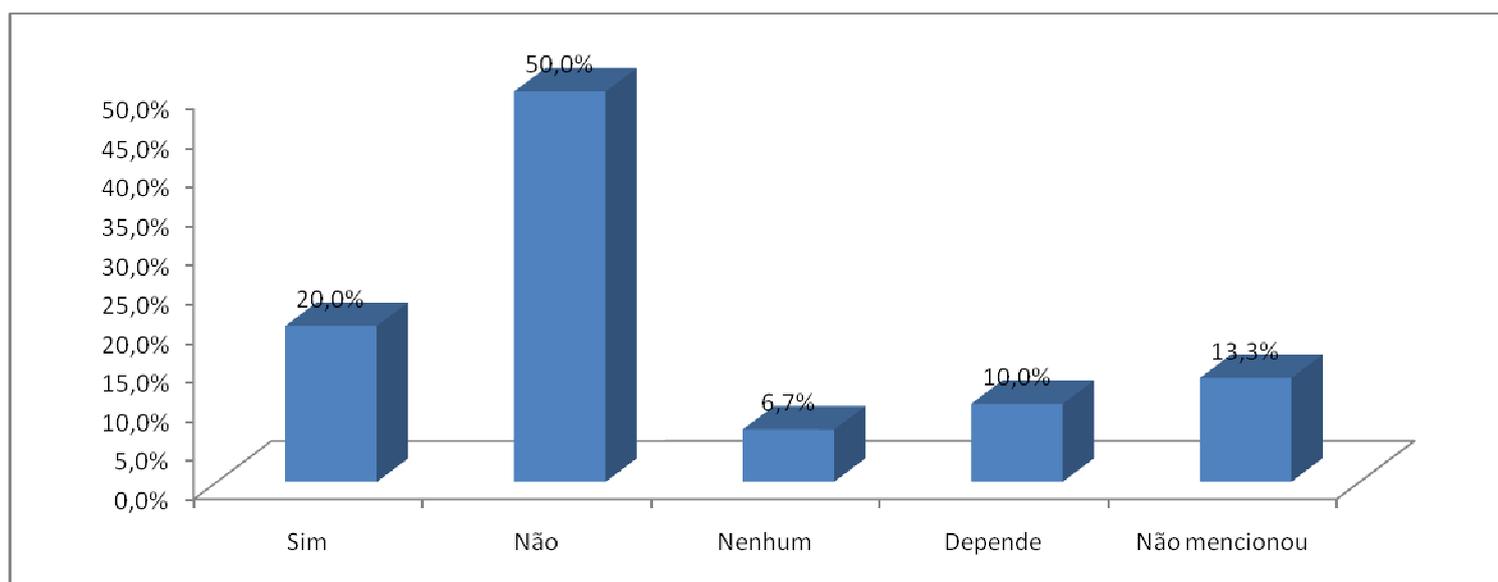


Gráfico. V4.1

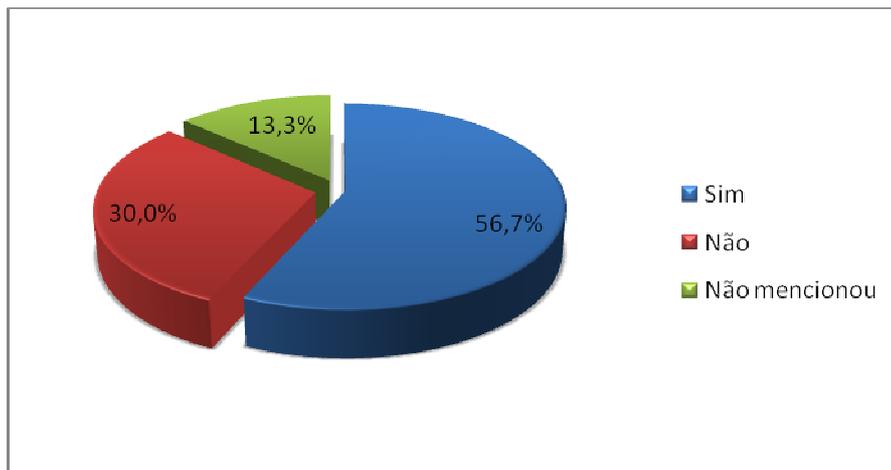


Gráfico. V7.1

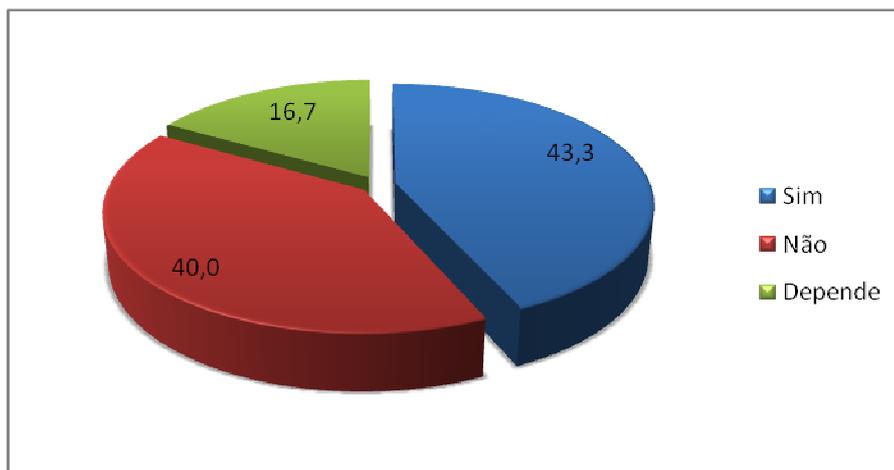


Gráfico. V8.1

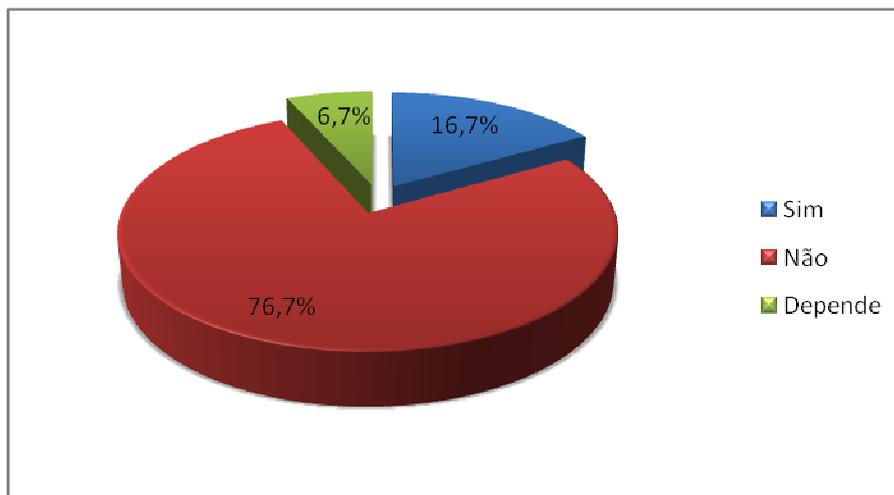


Gráfico. V9.1

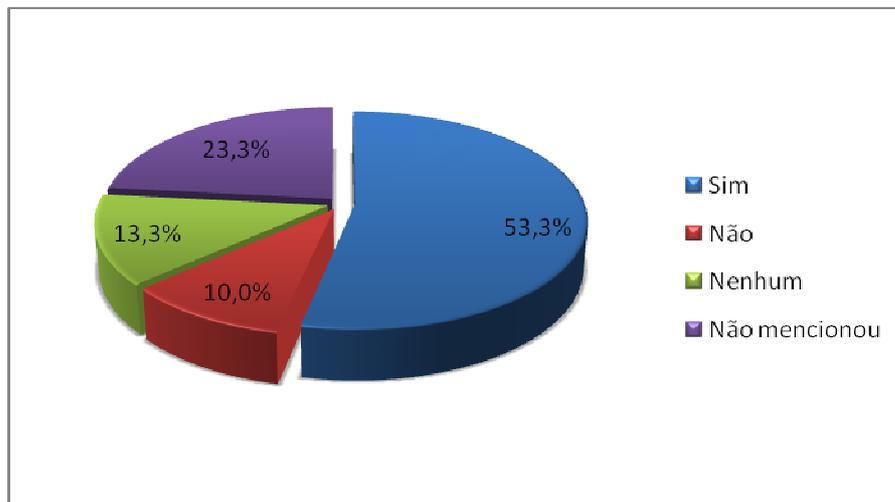
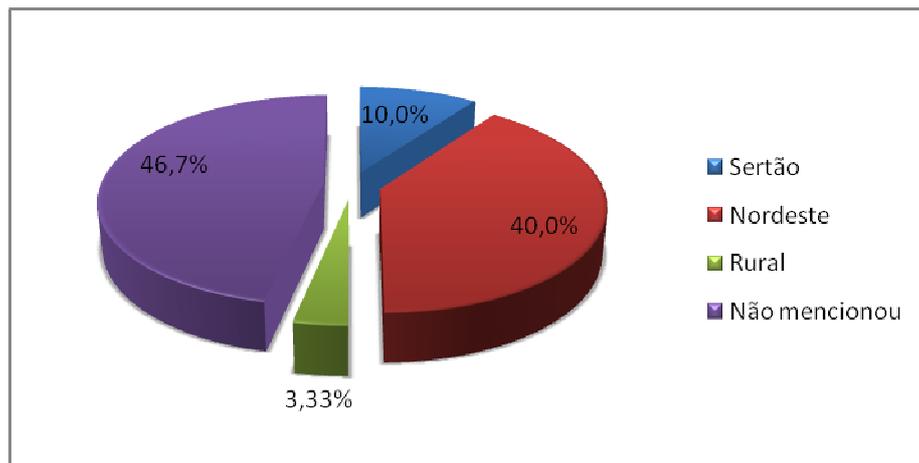


Gráfico. V9.2



## Gráficos de Questionário 4

Gráfico. V1.1

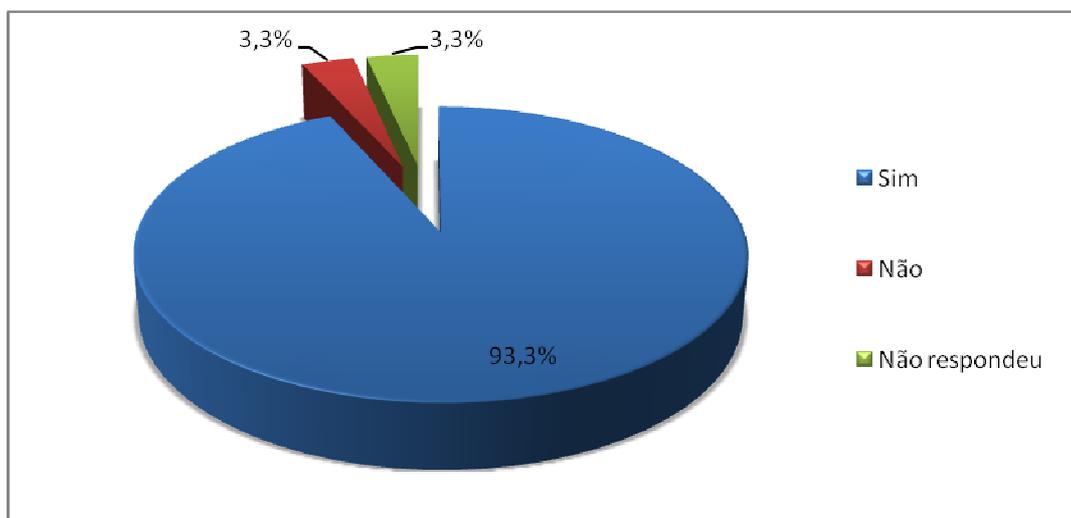


Gráfico. V2.1

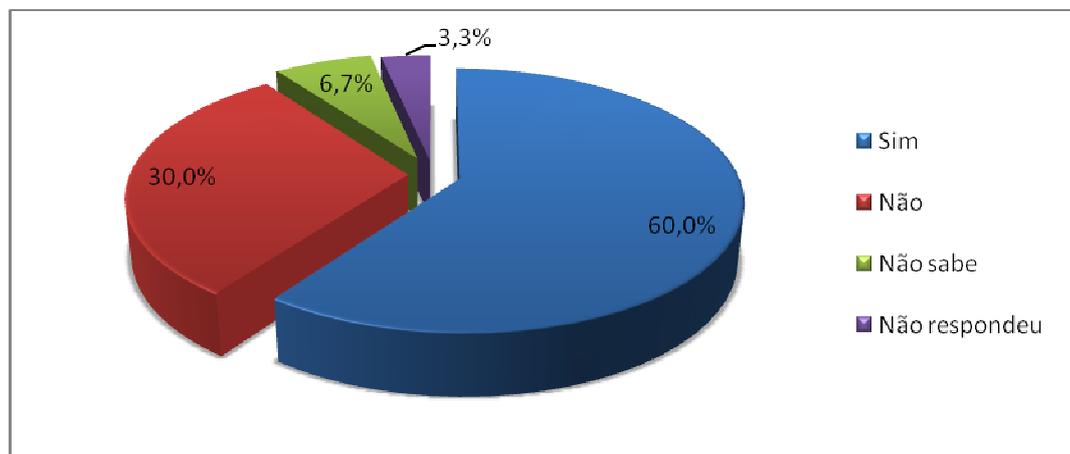


Gráfico. V3

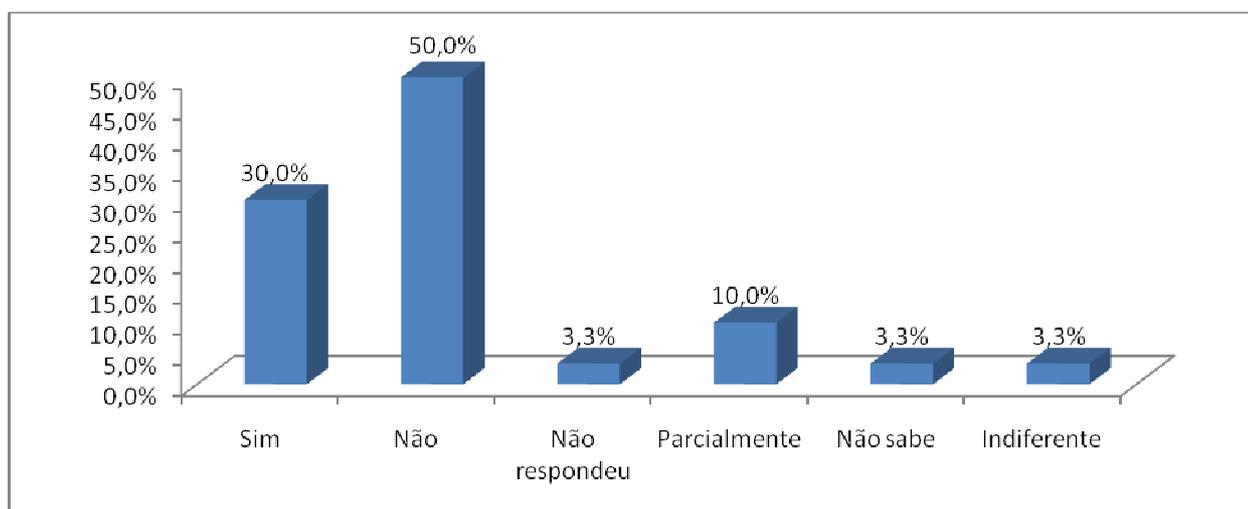


Gráfico. V4.1

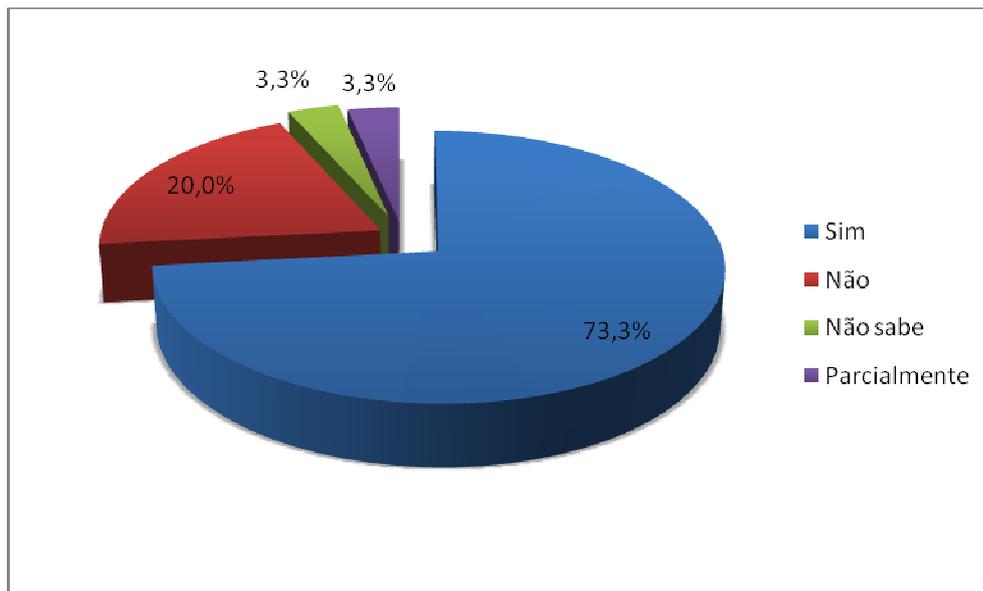


Gráfico. V5.1

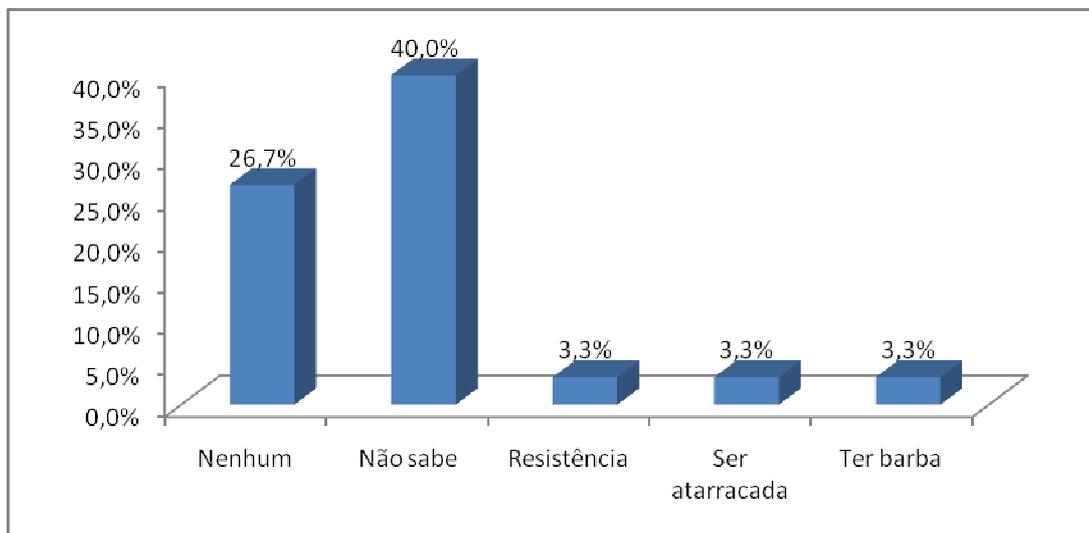


Gráfico. V7

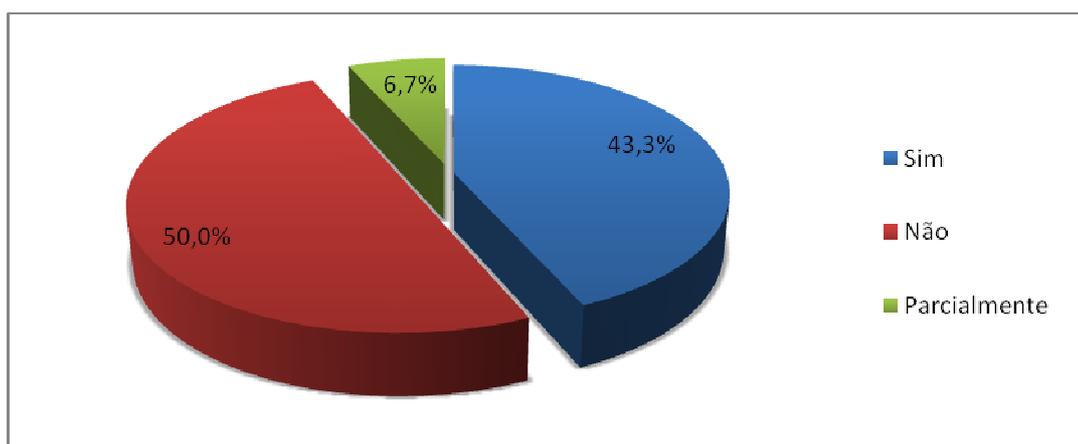


Gráfico. V8.1

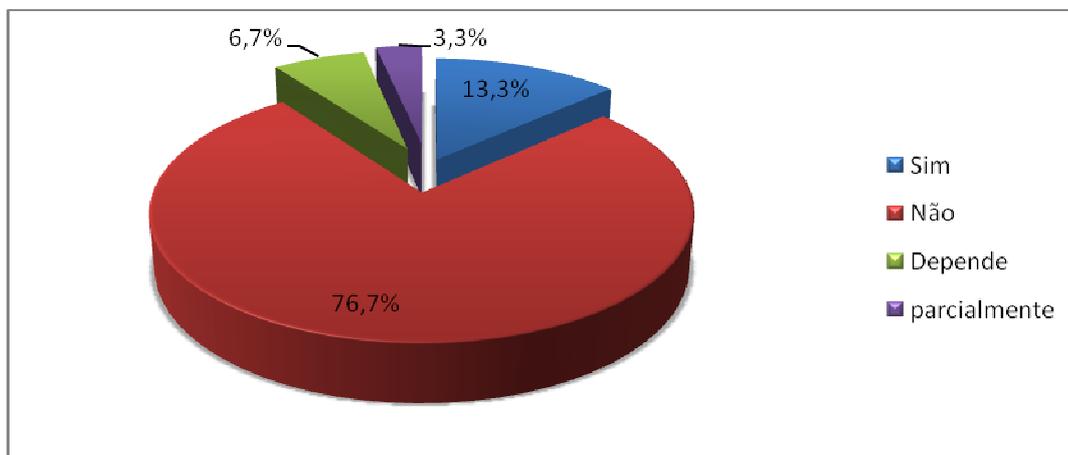


Gráfico. V9

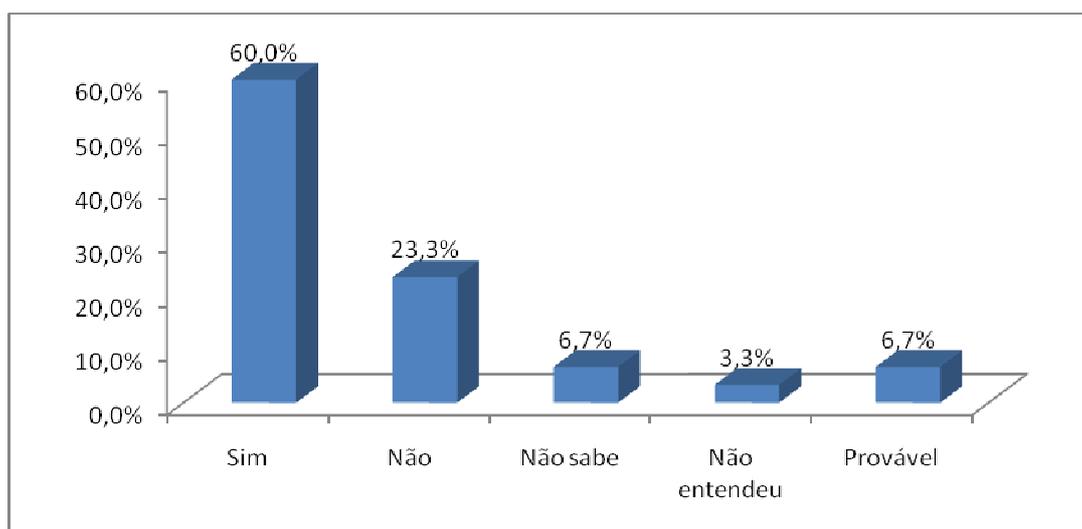
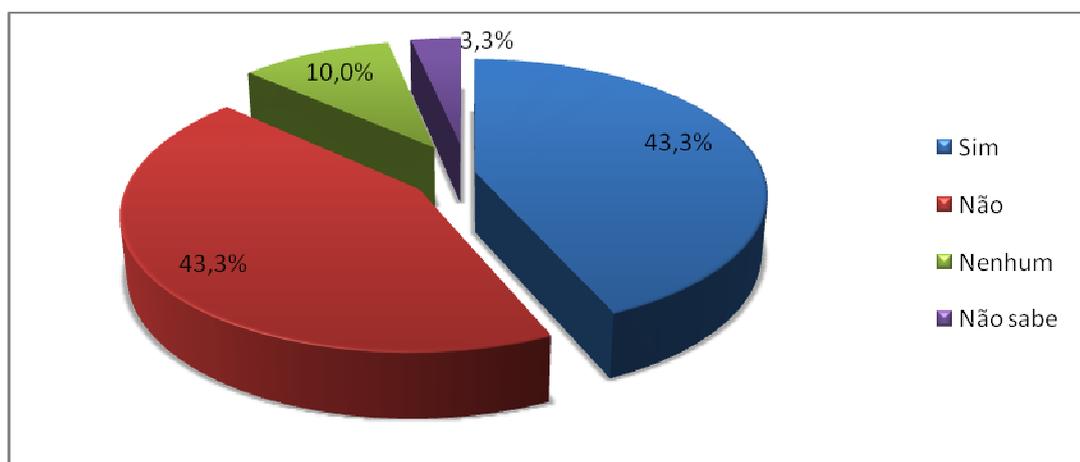


Gráfico. V10.1



## Gráficos do Questionário Instrumento:

Gráfico. V1.1

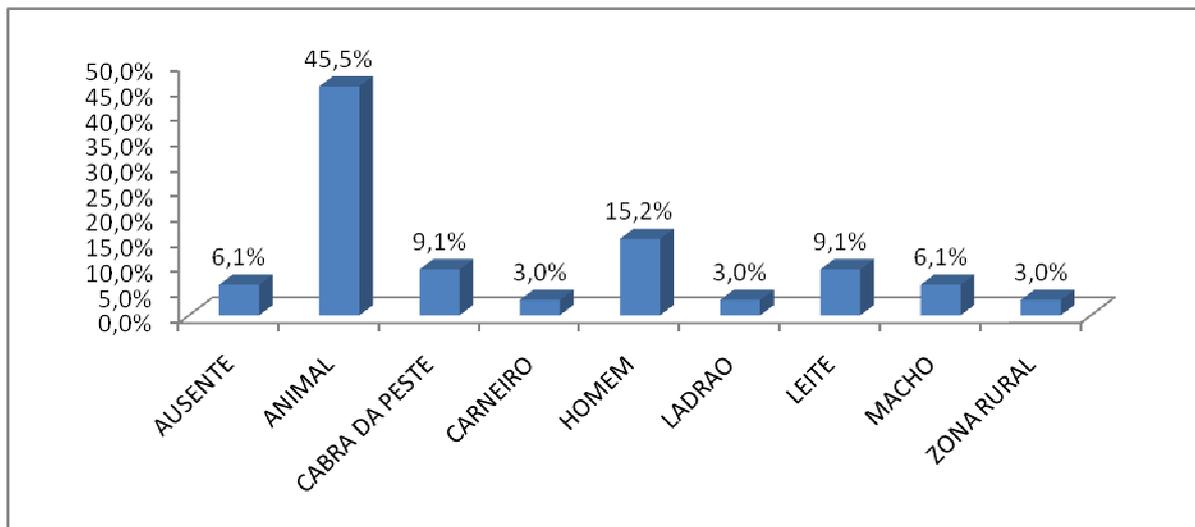


Gráfico. V1.2

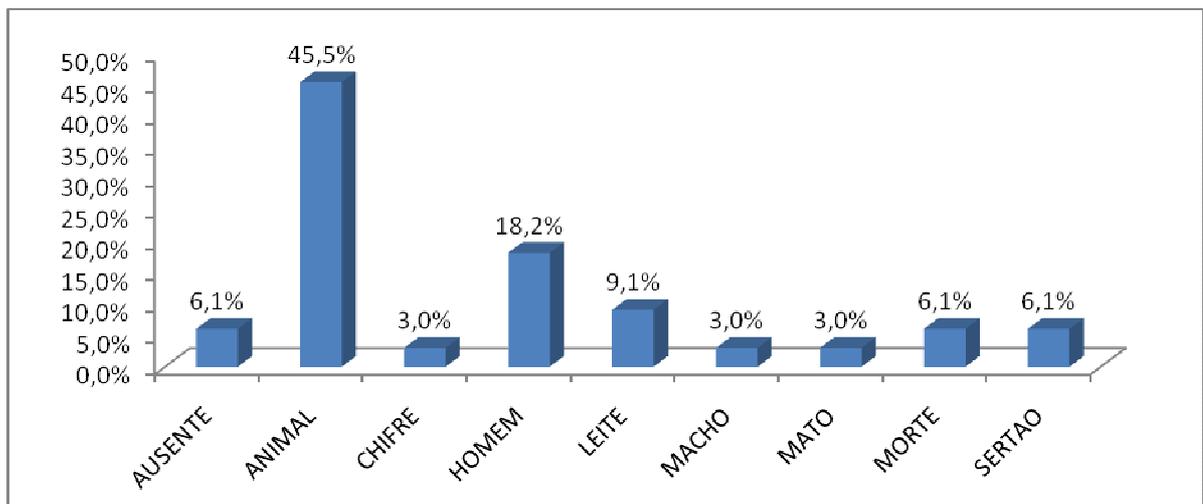


Gráfico. V2.1

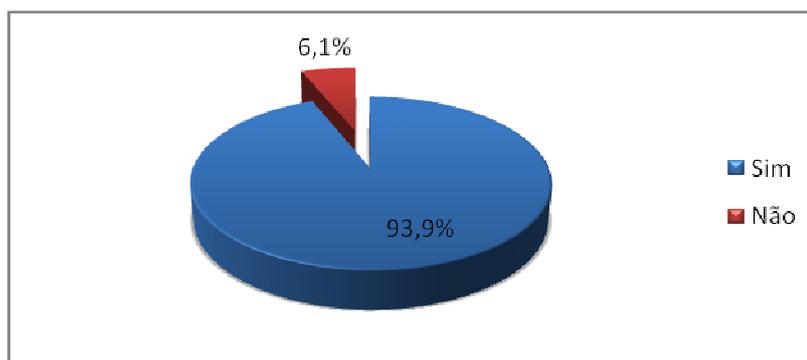


Gráfico V3. 1

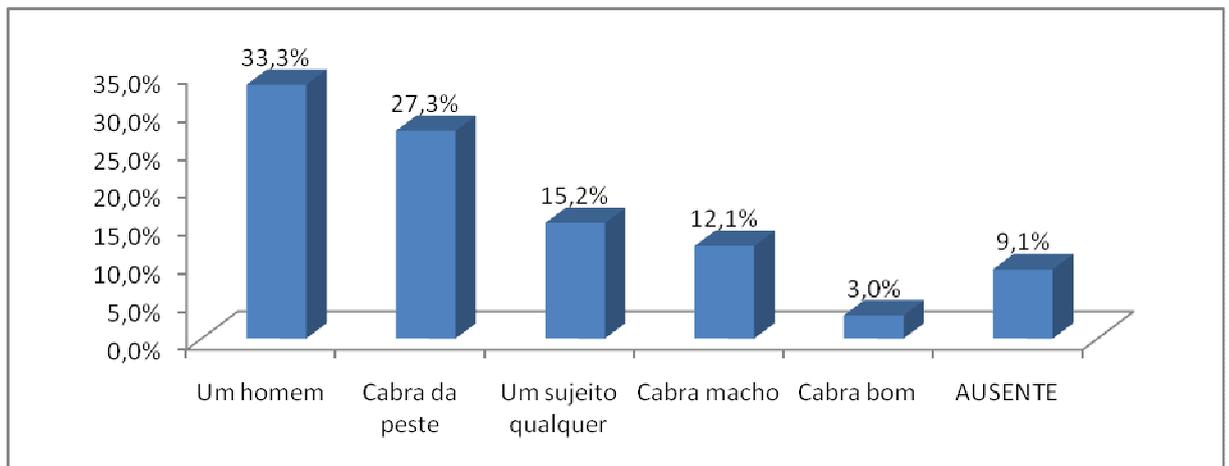


Gráfico V3.2

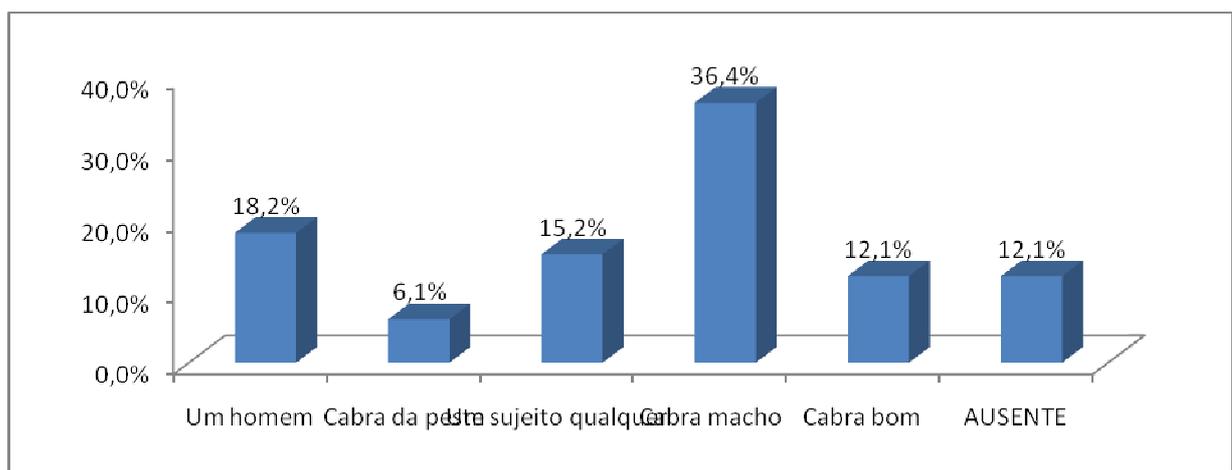


Gráfico V3. 3

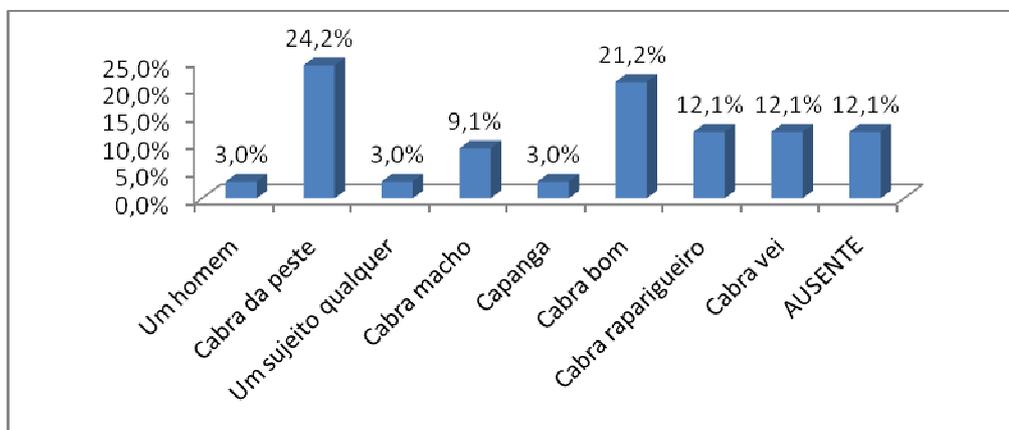


Gráfico V3. 4

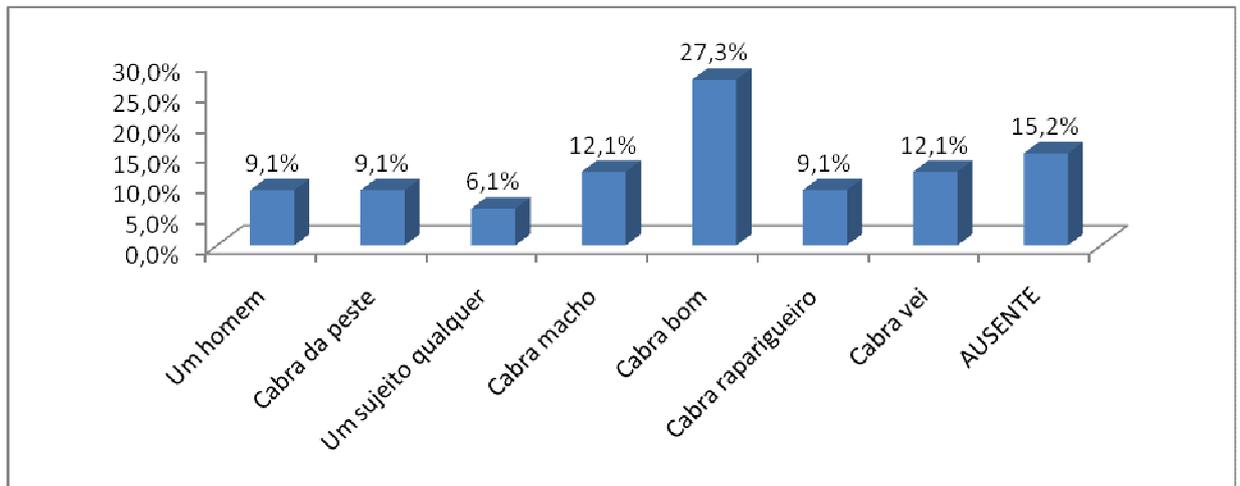


Gráfico V3. 5

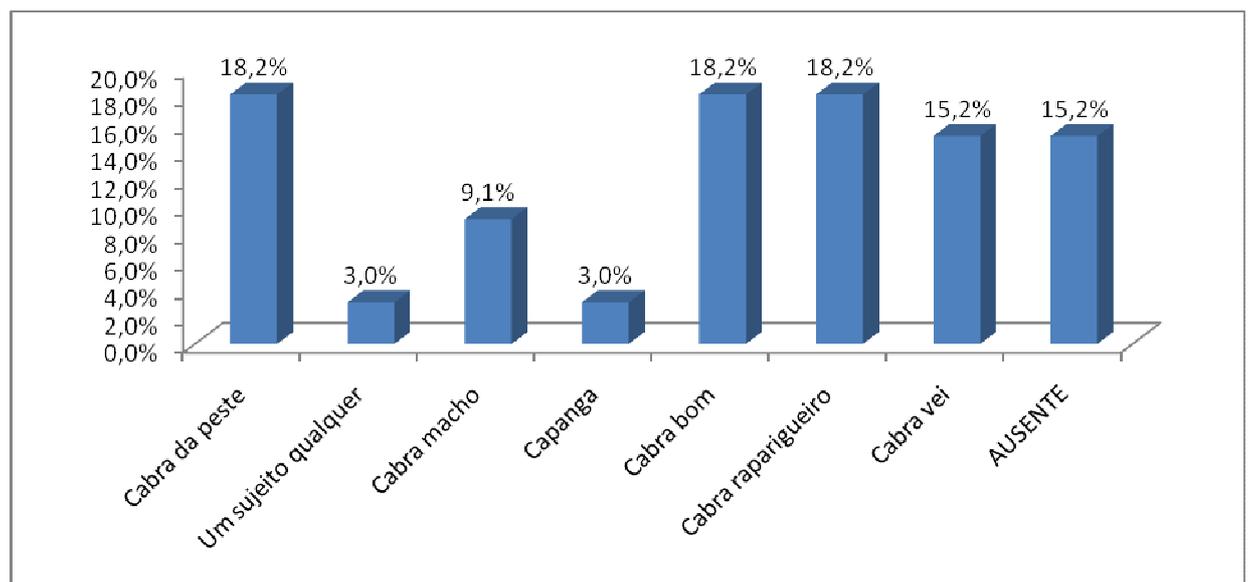


Gráfico V3. 6

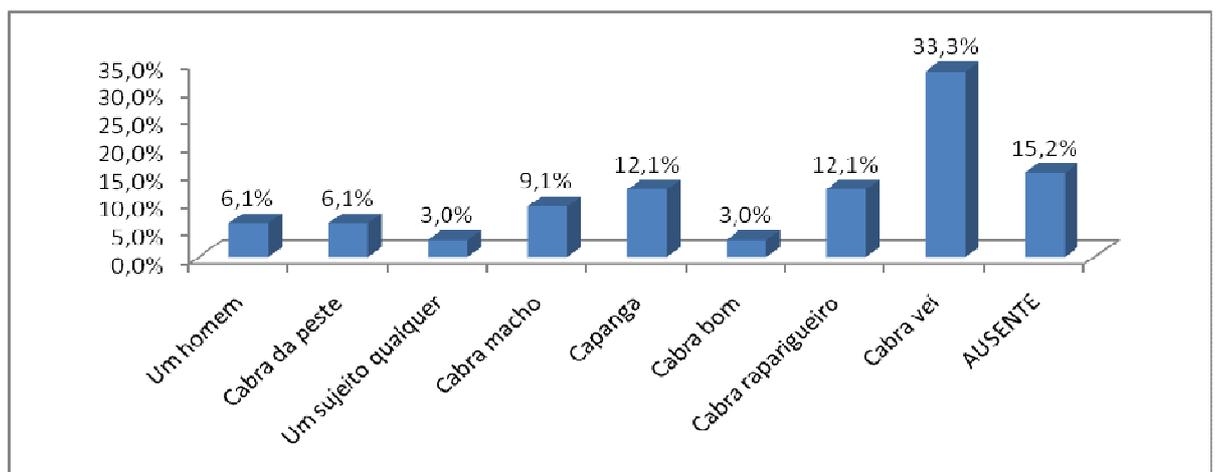


Gráfico V3. 7

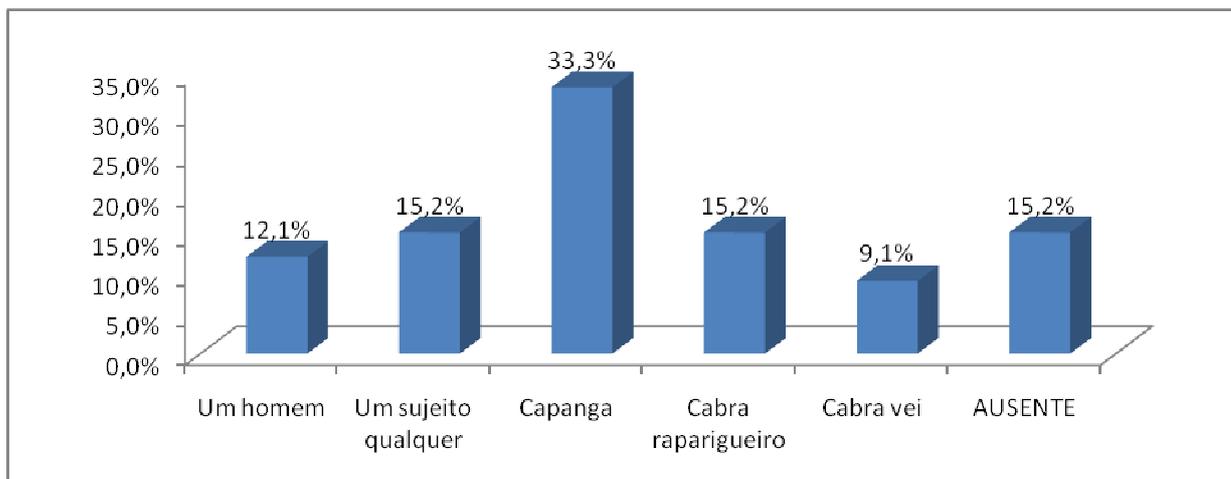


Gráfico V3. 8

